



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

POR UMA LINGUÍSTICA (MAIS) POPULAR:
A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NEUTRO
COMO DISSIDÊNCIA LINGUÍSTICA

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

Robert Moura Sena Gomes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

POR UMA LINGUÍSTICA (MAIS) POPULAR:
A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NEUTRO
COMO DISSIDÊNCIA LINGUÍSTICA

ROBERT MOURA SENA GOMES
Bolsista: CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Análise do discurso

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Coorientadora: Profa. Dra. Julia Lourenço Costa

São Carlos - São Paulo -
Brasil
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Robert Moura Sena Gomes, realizada em 29/06/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

Profa. Dra. Julia Lourenço Costa (USP)

Prof. Dr. Antón Castro Míguez (UFSCar)

Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar)

Prof. Dr. Samuel Ponsoni (UEMG)

RESUMO

Com a efervescência dos movimentos sociais, a compreensão de que a língua é também lugar onde as identidades de uma coletividade se ancora fez com que ela se tornasse também objeto de luta. Conforme o advento e intensificação do uso da internet, e marcadamente das redes sociais online, novas formas de organização dos grupos socialmente minorizados (comunidades indígenas, mulheres, negres, LGBTQIAPN+ e pessoas com deficiência, por exemplo) tornaram-se mais evidentes. Em relação ao uso do gênero neutro como forma de reconhecimento e representação da comunidade LGBTQIAPN+ nos espaços sociais, dentre eles a própria língua, este pode ser interpretado como dissidência linguística - conceito proposto nessa dissertação - como possibilidade de subversão, nesse caso, do sistema linguístico. Como consequência, diversas pessoas linguistas e linguistas populares também têm se posicionado de maneira plural e diversa acerca dos procedimentos discursivos que atuam na relação ou não relação entre a categoria gramatical de gênero e as identidades de gênero. Os textos analisados foram escritos por linguistas profissionais (saber científico) e por não linguistas (saber popular) partindo da hipótese, a qual foi abordada e comprovada, de que é no *continuum* entre o científico e o popular que existem divergências e concordâncias, tanto em relação à validação dos conhecimentos de linguistas populares, como em relação às propostas levantadas para a (re)formulação do aspecto linguístico marcador de gênero na Língua Portuguesa do Brasil. Para tanto, nos pautamos nos estudos desenvolvidos pela Linguística Folk/Popular (ALBURY, 2017; MURILLO, 2008; PAVEAU, 2007; 2018; 2021; PRESTON, 1993; 1994), a qual propõe que os conhecimentos dos não linguistas são importantes e devem ser observados e integrados aos estudos científicos, bem como nas propostas da Análise do Discurso (FOUCAULT, 2014). De maneira conjunta, pudemos identificar, principalmente, uma ordenação religiosa que controla os discursos divergentes sobre a língua, cerceando as pessoas, suas propostas populares e a ordem dissidente, as quais veem na língua a possibilidade de se representarem através de mudanças e, conseqüentemente, a possibilidade de luta por seus direitos enquanto pessoas cidadãs.

Palavras-chave: Gênero neutro; Categoria gramatical de gênero; Identidade de gênero; Comunidade LGBTQIAPN+; Linguística popular; Análise do discurso.

ABSTRACT

With the effervescence of social movements, the understanding that a language is also a place where the identity of a collectivity is anchored has made it also an object of struggle. With the advent and intensification of the use of the internet, and markedly of online social networks, new forms of organization of socially underprivileged groups (indigenous community, women, blacks, LGBTQIAPN+, and people with disabilities, for example) have become more evident. Regarding the use of gender-neutral as a form of recognition and representation of the LGBTQIAPN+ community in social spaces, including the language itself, it was found that there is linguistic dissidence - a concept proposed in this dissertation - as a possibility of subversion, in this case, of the linguistic system. As a consequence, several linguists and popular linguists have also positioned themselves in a plural and diverse way about the discursive procedures that act in the relationship or not between the grammatical category of gender and gender identities. The analyzed texts were written by professional linguists (scientific knowledge) and by non-linguists (popular knowledge) starting from the hypothesis, which was approached and proven, that it is in the continuum between the scientific and the popular that there are disagreements and agreements, both concerning the validation of the knowledge of popular linguists, as concerning the proposals raised for the (re)formulation of the linguistic aspect as a marker of gender in the Portuguese language of Brazil. To this end, we are guided by the studies developed by Folk/Popular Linguistics (ALBURY, 2017; MURILLO, 2008; PAVEAU, 2007; 2018; 2021; PRESTON, 1993; 1994), which proposes that the knowledge of non-linguists is important and must be observed and integrated into scientific studies, as well as in the proposals of Discourse Analysis (FOUCAULT, 2014).

Keywords: Gender-neutral; Grammatical gender; Gender identity; LGBTQIAPN+ community; Folk linguistics; Discourse analysis.

LISTA DE TABELAS		página
Tabela 1	Periódicos com classificação A1 - Qualis (Quadriênio 2013-2016)	14
Tabela 2	Periódicos desconsiderados e respectivos critérios - Qualis (Quadriênio 2013-2016)	19
Tabela 3	Quantidade de artigos por periódico, título dos respectivos artigos, pessoas autoras e ano de publicação	23
Tabela 4	Textos de divulgação científica selecionados	24
Tabela 5	Textos jornalísticos e de blogs sobre o tema	25
Tabela 6	Textos militantes da comunidade LGBTQIAPN+	27
Tabela 7	Relação entre os tipos e posições de atividades linguísticas e os níveis de análise	30
Tabela 8	Informações das obras devolvidas com a busca de <i>gênero neutro</i>	76
Tabela 9	Assuntos Relacionados em Ascensão e seus respectivos Índices de Popularidade (VBR)	111
Tabela 10	Termos de Pesquisas Relacionadas a <i>gênero neutro</i> e seus respectivos índices de popularidades	114
Tabela 11	Tabela apresentada para abordar o gênero enquanto unidade morfológica	132
Tabela 12	Tabela com pronomes propostos pela Universidade do Tennessee	152

LISTA DE GRÁFICOS		página
Gráfico 1	Gráfico de Interesse ao longo dos anos (2004 - 2022) do termo <i>gênero neutro</i>	73
Gráfico 2	Gráfico de Interesse no ano de 2006 do termo <i>gênero neutro</i>	74
Gráfico 3	Gráfico de número de PLs durante 2020, 2021 e 2022	105
Gráfico 4	Gráfico de número de PLs por Assembléia Legislativa <i>versus</i> total de PLs criados	107
Gráfico 5	Número de PLs criados por partidos políticos atuantes nas Assembleias Legislativas Estaduais	108

LISTA DE IMAGENS		página
Imagem 1	Exemplo de busca a partir do termo "gênero"	22
Imagem 2	Tipos e posições de atividades linguísticas	30
Imagem 3	Postagem no <i>Instagram - Criado Mudo</i>	39
Imagem 4	Postagem no <i>Instagram - Serviço de Preto</i>	39
Imagem 5	Verbetes "dissidência" no <i>Dicionário da Língua Portuguesa</i> - Ernani Terra	53
Imagem 6	Verbetes "dissidência" no <i>Dicionário inFormal</i>	54
Imagem 7	Outras opções de busca no Google	76
Imagem 8	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume I</i> , de Freud	83
Imagem 9	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>Noites Brancas</i> , de Dostoiévski	84
Imagem 10	Primeira aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra de Oswaldo Antônio Furlan	85
Imagem 11	Segunda aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra de Oswaldo Antônio Furlan	85
Imagem 12	Terceira aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra de Oswaldo Antônio Furlan	86
Imagem 13	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra de Fávero & Molina (2006)	87
Imagem 14	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>Língua portuguesa Volume 1, Exemplar 14</i>	87
Imagem 15	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> no livro <i>Faculdade de Música Carlos Gomes: retrospectiva Acadêmica</i>	91
Imagem 16	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> no livro <i>A chaga da corrupção</i>	92
Imagem 17	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>O sertão subsídios para a história e a geografia do Brasil</i>	92
Imagem 18	Segunda aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>O sertão subsídios para a história e a geografia do Brasil</i>	93
Imagem 19	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>Jesus, Messias e vivificador do mundo</i>	93
Imagem 20	Aparição da palavra-chave <i>gênero neutro</i> na obra <i>Sobre mulheres e suas representações</i>	94
Imagem 21	Captura de tela das três últimas obras da busca, todas sem indicação do contexto da palavra-chave <i>gênero neutro</i>	94
Imagem 22	Captura de tela das <i>hashtags</i> que contêm <i>gênero neutro</i> na rede social Tiktok	98

Imagem 23	Captura de tela das sugestões geradas pela busca <i>gênero neutro</i> na rede social Instagram	99
Imagem 24	Captura de tela da publicação de @carla.ayres13	100
Imagem 25	Captura de tela da publicação de Gálan	100
Imagem 26	Interesse por sub-região brasileira pelo termo <i>gênero neutro</i>	110
Imagem 27	Observação trazida por Lima sobre os <i>substantivos de dois gêneros, sem flexão</i>	125
Imagem 28	Observação criada por Lima sobre os <i>substantivos de duplo gênero</i>	127
Imagem 29	Observação trazida por Lima sobre os <i>gêneros vacilantes</i>	128
Imagem 30	Lista produzida por Lima sobre os <i>Substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero</i>	129
Imagem 31	Listas produzidas por Carvalho para apresentar a primeira subclasse dos nomes	145
Imagem 32	Lista produzida por Carvalho para apresentar o teste negativo da primeira subclasse dos nomes	145
Imagem 33	Listas produzidas por Carvalho para apresentar a segunda subclasse dos nomes	146
Imagem 34	Lista produzida por Carvalho para apresentar o teste negativo da segunda subclasse dos nomes	146
Imagem 35	Listas produzidas por Carvalho para apresentar a terceira subclasse dos nomes	147
Imagem 36	Exemplos de propostas de <i>gênero neutro</i> abordados por Freitas	155
Imagem 37	Imagem com comentário da web sobre a linguagem não sexista/inclusiva	157
Imagem 38	Escala Kinsey trazida por Teixeira para ilustrar o <i>espectro</i> da sexualidade	162
Imagem 39	Listas produzidas por Carvalho para apresentar a terceira subclasse dos nomes	167
Imagem 40	Frases utilizadas por Teixeira (2018) para defender sua tese de que a única forma a marcar gênero na Língua Portuguesa seria a feminina	169
Imagem 41	Imagem anexada à reportagem de Andressa Muniz na Gazeta do Povo	176
Imagem 42	Foto tirada de uma das placas da rede de supermercados com uso de uma das propostas de neutralidade de gênero	183
Imagem 43	Contextos trazidos por Reis (2019) para mostrar a facilidade e possibilidades de inserção de marcação de gênero para além do binarismo masculino e feminino	187
Imagem 44	Observação trazida por Lima sobre os <i>substantivos de dois gêneros, sem flexão</i>	199

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Objetivos	11
Objetivo geral	11
Objetivos específicos	12
Metodologia e Corpus	12
Estrutura da dissertação	32
CAPÍTULO 1	34
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA: A LÍNGUA QUE SE USA PARA LUTAR E PELA QUAL SE LUTA	34
1.1. Em defesa do conhecimento popular sobre a língua e a linguagem: a Linguística Popular	34
1.2 O discurso e(m) sua ordem	46
1.3 A Dissidência linguística e a Apostasia da linguística	51
1.4 Algumas noções de identidades de gêneros	68
CAPÍTULO 2	71
ESTADO DA ARTE POPULAR: ANÁLISE DA TENDÊNCIA DO TERMO GÊNERO NEUTRO NO BRASIL (2004 - 2022)	71
2.1 Sobre a alta popularidade de gênero neutro em 2006	74
2.2 Sobre a alta popularidade de gênero neutro nos anos 2020 e 2021	95
CAPÍTULO 3	116
AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS ACERCA DA CATEGORIA LINGUÍSTICA DE GÊNERO E DAS PROPOSTAS DISSIDENTES DE NEUTRALIDADE DE GÊNERO: AS GRAMÁTICAS, A CIÊNCIA, AS MÍDIAS E AS PESSOAS DISSIDENTES	116
3.1 Nível 1: O gênero nas gramáticas histórica, prescritiva e descritiva	116
3.2 Nível 2: E a ciência a partir de artigos científicos? O que e como compartilham as pessoas estudiosas da língua entre si seus dizeres sobre gênero?	139
3.3 Nível 3: E na divulgação científica? O que e como divulgam as pessoas estudiosas da língua para além de sua comunidade?	151
3.4 Nível 4: O que dizem as diferentes mídias sobre o gênero neutro?	171
3.5 Nível 5: O que dizem as pessoas dissidentes? Como formulam as propostas de neutralidade na Língua Portuguesa?	183
CONCLUSÃO	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216
ANEXOS	224
ANEXO A - RESULTADO DA BUSCA DE MATERIAIS NA WEB SOBRE "GÊNERO NEUTRO"	224

AGRADECIMENTOS

Eu certamente não poderia iniciar estes agradecimentos sem primeiro dizer o quão grato sou a Deus, desde sempre me apoiando, me dando suporte e me dando forças para lutar contra toda injustiça e estigma social colocados sobre mim e as pessoas à minha volta. Acima disso, demonstrando seu amor e cuidado, diariamente.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, Lucimara e Lau, por todo suporte e apoio ao longo da vida. Sempre à disposição e a postos, contribuindo com o que têm de melhor, vencendo também as amarras que a sociedade os impôs. Esta dissertação é por vocês, que desde jovens lutaram e batalharam, muitas vezes, para sobreviver. Obrigade por tudo que me proporcionaram, amo vocês!

Agradeço ao meu irmão gêmeo Roni, sou eternamente grato a Deus e às entidades por fazerem nossas histórias se cruzarem e, mais do que isso, por me darem um irmão (três minutos mais velho) em quem me espelho, em quem identifico caráter, força e fé. Desde sempre, enfrentou comigo as violências diárias, os ataques lgbtqiapn+fóbicos e nunca saiu do meu lado, nem eu do dele! Nessa dialogia que é a vida, certamente, minha vida está tocada pela dele. Obrigade, Roni, por todas as vezes que choramos juntas e, mais do que isso, por todas as vezes que vencemos juntas. Eu amo você acima de tudo e todos! Agradeço também a você Ariel por toda amizade, companheirismo, por nossas conversas, por toda troca científica que temos vezes ou outras, nossas idas à USP, enfim, por tudo!

Agradeço às minhas irmãs, Lu e Lê, por todo o respeito, carinho e amor. É também por vocês, as quais sofreram com a vida, mas sempre souberam dar a volta por cima. Crescer ao lado de vocês foi único, suportar tudo o que suportamos, não foi nada fácil! Mas, certamente, vocês tornaram a jornada mais tênue. Sou grato por nossa jornada ter se cruzado, por nossas vidas estarem para sempre ligadas. Eu amo vocês!

Aos meus sobrinhos, Mário, Dudu e Léo, aos quais foram distribuídos as três partes do meu coração, divido logo em suas concepções. É por vocês, meu amores! Desejo e luto por uma sociedade mais justa para que vocês conquistem seus sonhos e sigam o coração de vocês sem amarras e grilhões. Serei sempre por e com vocês, pra sempre!

Sou grato a você, amor, Túlio, sou grato por nossa história de amor, de aventuras, de risadas e de preguiça! Ao seu lado, pude vencer esta e outras batalhas, obrigade pelo suporte diário, pelo ombro amigo forte e pela escuta fácil, obrigade por todas as vezes que você sentou para ouvir eu lendo empolgade a maior parte desta dissertação, esta é uma das felicidades que posso dizer: dividi-la com você, foi mágico, foi com amor. Obrigade pelo

companheirismo, pela paciência e por estar comigo. Meu amigo, meu companheiro, meu amor. Obrigade por estar comigo nesta jornada de luta e de vitórias, obrigade por cada abraço, por cada risada - e foram e serão tantas! Que todas as pessoas possam amar e ser amadas, mas jamais subjugadas por seu amor!

Às pessoas amigas do grupo *Pastel*, desde muito cedo fomos expostas às injustiças sociais - machismo, lgbtqiapnfobia, racismo, mas seguimos lutando, com algumas vitórias! Obrigade por existirem, por terem feito o Ensino Médio ser menos pesado, amo vocês!

Agradeço, em especial, àquela que se foi, mas que ainda habita meu coração e cada lágrima diária que derrubo, são de saudades! Obrigade, Mana, por mostrar o valor de uma amizade disposta, baseada no amor, no respeito e, primeiramente, na cumplicidade. Talvez, apenas Deus e eu saibamos o impacto que você causou e causa em minha vida diariamente, obrigado por estar comigo nos momentos difíceis, obrigado por nossa amizade fácil, descomplicada e regada à música pop, vocais e muita, mas muita risada! Eu te amo, sinto seu amor diariamente. É por você, é em sua memória, é em amor a você!

Agradeço também à Lislá, por todo amor e carinho, por cada troca que temos, por cada ensinamento que passamos lado a lado. Obrigade pela risada fácil, pelos papos no *Mega*, por cada casco seco! Obrigade por seu riso frouxo, pelo ouvido fácil e atento. Você me inspira, me mostra como é importante rir e buscar a alegria no simples! Te amo pra sempre!

Não poderia deixar de citar vocês, Vitória, Carla, Bianca, Andresa e Laura. Lembro-me de quando conferi no site do PPGL minha aprovação no mestrado, antes mesmo que eu pudesse sentir qualquer coisa, vocês já estavam gritando, chorando, me abraçando e me dando os parabéns. Mulheres incríveis, fortes, inteligentes e destemidas!

Sou eternamente grate às pessoas que me ensinaram e educaram na base, docentes das escolas *Dona Francisca Ribeiro dos Reis* e *Escola Estadual Professora Dinah Lúcia Balestrero* - sou eternamente discente! Sou grate a cada pessoa que trabalhou para que hoje eu pudesse estar aqui, tentando voos ainda mais altos. Em especial, às professoras, guerreiras, mulheres, Juliana e Tania, não apenas pela influência positiva em seguir estudando a língua e a linguagem, mas por terem me ensinado a ler o mundo de maneira crítica, observadora e atenta! Para sempre em minha memória, agradeço por suas dedicações, pelos seus trabalhos, pelos ensinamentos e pela disposição!

Ao meu orientador, Professor Baronas, e à minha coorientadora, Julia! Certamente, minha trajetória acadêmica foi positivamente impactada por seus conhecimentos, ajudas, leituras, sugestões e companheirismo. Sou eternamente grate pelos votos de confiança! Julia, uma pessoa que admiro, que me inspiro e que muito fez, esta dissertação é o que é também

graças ao seu esforço, sempre a postos, à disposição - obrigade por toda paciência, principalmente porque eu estava apenas começando. Você acreditou em mim, isso é muito valioso! Vida longa às mulheres na ciência, na política, em todos os espaços que desejarem!

Não poderia deixar de agradecer ao Cursinho Pré-vestibular da UFSCar por todo ensinamento e suporte para que eu pudesse adentrar à academia e nela seguir. À todas as pessoas docentes e coordenadoras, meu eterno agradecimento! Longa vida aos projetos sociais que impactam a vida de milhares de pessoas.

Sou grato à *Universidade Federal de São Carlos* (UFSCar) por toda experiência, conhecimento e mudança de vida! Sou uma pessoa velha apaixonada! Lembro-me do primeiro dia que fiquei frente a frente à entrada sul, imponente, misteriosa e, com toda certeza, apaixonante! Obrigade por mudar minha vida, minha história! Vida longa às universidades públicas e de qualidade, que toda investida negativa siga sendo destruída, vencida pela ciência! Agradeço às pessoas que nela atuam, em todas as áreas, obrigade!

Agradeço às pessoas docentes do *Departamento de Letras* (DL) e do *Programa de Pós-Graduação em Linguística* (PPGL), pessoas fundamentais para minha formação! Obrigade pelo trabalho dedicado e por todo ensinamento a mim passado!

Agradeço à *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual eu não poderia ter chegado até aqui. Vida longa às instituições de fomento e pesquisa no Brasil, força!

Esta dissertação foi, além de tudo, o processo em que me encontrei, em que me nomeei, em que falei da minha existência - e de tantas outras pessoas. Foi, portanto, uma descoberta! Que outras pessoas negras, pobres, indígenas, pessoas com deficiência, LGBTQIAPN+, em especial, pessoas trans e neurodivergentes, possam ter a oportunidade de se encontrar também na ciência!

In memoriam de Amanda Silva Santos, Amiga, Irmã, Mana.
Eternizada.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa os diferentes discursos sobre o tema *gênero neutro*, tema dos debates contemporâneos sobre as identidades de gênero e de revisão da flexão de gênero na Língua Portuguesa brasileira por parte de pessoas falantes engajadas. Essa luta discursiva e política pela autorização do dizer acontece de diversas formas, sendo uma delas a hierarquização (PAVEAU, 2018), a qual cria, portanto, a valorização de certos dizeres, autorizados a serem proferidos, e a desvalorização de outros, colocados em oposição àqueles, os quais são não apenas desautorizados, mas invalidados.

Além disso, ela se atualiza e se materializa no pensamento científico vigente de que o conhecimento popular é oposto à ciência e é, portanto, tudo aquilo que a ciência não é, e a luta se deve, principalmente, a estes julgamentos lançados à produção popular sobre a língua e a linguagem. Na Linguística, ciência que se preocupa com a língua/linguagem em seus diversos aspectos e modos, esse pensamento muitas vezes não é diferente.

Os fundamentos da disciplina não foram questionados, mas problematizados a partir do ponto de vista contemporâneo, no que diz respeito à produção linguística popular de linguistas populares. Presentemente, parece que as pessoas, como as pessoas não binárias, parcela da comunidade *LGBTQIAPN+*, contribuem na condução das ciências da linguagem à percepção de que a língua, sua organização e seu funcionamento, não está longe - e, na verdade, nunca esteve - da competência das pessoas falantes. Nos mostram, portanto, que é uma atividade quase analógica, esta de repensar as formas, substituí-las, analisá-las, propondo novas soluções, muitas vezes, do ponto de vista militante, mais acessíveis e inclusivas, como é o caso das *propostas dissidentes de gênero neutro*.

Dentre as propostas populares, podemos destacar a existência da linguagem inclusiva de gênero (também chamada de linguagem não sexista) e a linguagem não binária. Ambas as propostas surgiram a partir de demandas sociais, a primeira propõe o uso de termos e palavras já existentes na Língua Portuguesa para se referir e retratar pessoas, já a segunda propõe a inserção de novas marcas de gênero na Língua Portuguesa. Assim, a título de exemplo, a linguagem inclusiva de gênero indica usos como “pessoa desenvolvedora de software” ao invés de “desenvolvedor de software”, já que a segunda marca o gênero masculino. A linguagem não binária, no que lhe concerne, parte de algumas propostas, mas todas visando a

inserção de uma nova forma de marcação de gênero na língua, como “menine”, “menin@”, “meninx” e “menin*”.

Assim, estudar essas propostas nos pareceu mais do interessantes, se fez uma necessidade, justamente por essas pessoas verem a língua não apenas como um meio de comunicação e de transmissão de ideias, mas também como forma de defini-las e de serem inseridas na e por meio da língua, ou seja, como identidade. Além disso, diversas informações sobre essas propostas, principalmente, em relação às propostas neutras de gênero, são produzidas e circulam entre a sociedade, contudo, muitas vezes, desalinhadas e desvirtuadas das intenções das pessoas não binárias, o que passa a ser indicador importante para os discursos que circulam sobre a temática na sociedade brasileira.

Pensando nisso, observamos materialidades textuais diversas, as quais foram produzidas por pessoas de diferentes posicionamentos político-linguísticos: gramática histórica, gramática normativa e gramática descritiva, artigos científicos, textos de divulgação científica, textos de blogs e mídias no geral e textos produzidos por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Objetivos

Nosso objetivo principal foi observar como se organizam e ordenam os discursos de linguistas profissionais e linguistas populares acerca da relação ou da não relação entre a categoria gramatical de gênero no Português brasileiro estruturado a partir do par masculino e feminino. Assim, buscamos observar e descrever o que e como orientavam estes diferentes tipos e gêneros textuais acerca das propostas de *gênero neutro*.

Objetivo geral

- Analisar os argumentos e contra-argumentos, científicos e populares, acerca do *gênero neutro*, procurando salientar como eles delimitam determinado posicionamento político e ideológico, que segue por uma ordem de poder (FOUCAULT, 2014). Em certa medida, tangenciamos, inclusive, as consequências deste debate em nível social.

Objetivos específicos

- Apresentar uma possibilidade de abordagem do *gênero neutro* em uma relação escalar, composta por cinco níveis;
- Dialogar os níveis propostos com a escala de Paveau (2018);
- Propor o conceito de dissidência linguística para refletir sobre a atividade e o papel de linguistas populares militantes no que concerne a temática do *gênero neutro*;
- Contribuir, a partir das ciências da linguagem, com o debate contemporâneo acerca das identidades de gênero.

Metodologia e Corpus

Para compor o corpus desta dissertação, foram analisados, como já enunciado, diferentes materiais escritos e disponibilizados na internet. Para tanto, analisamos cinco diferentes níveis discursivos, (1) partindo de três gramáticas: histórica, prescritiva e descritiva, (2) dois artigos científicos que descreviam a categoria de gênero na Língua Portuguesa, uma vez que, até o momento de coleta do corpus da pesquisa, não haviam artigos científicos discutindo especificamente as propostas de neutralidade, dois artigos de divulgação científica que promoveram visões científicas acerca do fenômeno *gênero neutro*, (3) dois artigos de divulgação científica sobre as propostas populares, (4) dois (2) textos populares que visavam informar a sociedade sobre *gênero neutro* e, por fim, (5) dois (2) textos de linguistas populares dissidentes da comunidade LGBTQIAPN+ que descreviam e defendiam o uso do *gênero neutro*. Com exceção do primeiro nível, em que analisamos três gramáticas diferentes, os demais níveis de análise contêm dois exemplares. Os cinco (5) níveis provêm de espaços discursivos diferentes e contextos marcados temporalmente:

- (1) gramáticas normativas;
- (2) artigos científicos;
- (3) textos de blogs de divulgação científica;
- (4) textos jornalísticos e blogs e
- (5) textos de blogs de coletivos LGBTIAPN+.

Para esta pesquisa, analisar esses diferentes níveis de materialidades textuais foi importante para podermos compreender também se havia diferenças entre o tratamento do assunto em gêneros textuais e tipos textuais diferentes, os quais, por sua vez, são produzidos e circulam de maneiras e em espaços diferentes. Em resumo, além de observarmos os diferentes discursos em materialidades textuais diversas, buscamos observar se havia maneira(s) específica(s) ou diferente(s) entre os próprios níveis de cada materialidade textual na exposição da visão e discurso sobre o gênero neutro.

Desta forma, ao todo, foram analisados onze (11) materiais textuais¹, diferentes tanto enquanto gêneros e tipos textuais quanto entre suas formas de circulação e uso. Esperávamos que, a partir desta metodologia, pudéssemos compreender como as propostas de neutralidade e identidades de gênero eram abordadas, de modo que pudesse ser factível, alinhado com o principal objetivo desta dissertação, tecer observações e análises dos argumentos e contra-argumentos sobre a construção e circulação do *gênero neutro* na Língua Portuguesa brasileira.

Em relação às (1) gramáticas normativas analisadas, selecionamos para esta dissertação a gramática *Pontos de Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, de 1938, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, de 2011 e *A Gramática do Português revelada em textos*, de Maria Helena de Moura Neves, de 2018.

Para a seleção dos (2) artigos científicos, consideramos como objetos de consulta e análise os periódicos brasileiros com classificação A1, uma vez que são os mais bem avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É importante destacarmos que trata-se aqui apenas de uma questão metodológica e que traz um movimento atual da ciência brasileira à tona: a de classificação de periódicos por meio de notas (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5, B6 e C), as quais revelam questões editoriais e de impacto da ciência, mas, apesar disso, não imprimem juízos de valor de outra ordem. Para tanto, consideramos a *Classificação de Periódicos Quadriênio 2013-2016* (até o momento, última classificação realizada e disponível para consulta na *Plataforma Sucupira*²). Além disso,

¹Chamamos de “materiais textuais” toda construção linguística em forma de texto produzida por pessoa ou grupo de pessoas para exprimir suas concepções, ideias e visões acerca daquilo que escrevem e descrevem - seja a si mesmas ou suas realidades, por exemplo. No caso desta dissertação, são “materiais textuais” os textos divergentes e convergentes em relação às propostas de gênero neutro. Assim, podemos também ler “materiais textuais” como toda produção, seja científica ou popular, que visa abordar questões linguístico-político-social a partir de determinado lugar discursivo e ideológico, considerando suas formas de produção, circulação e reprodução - haja visto que existem textos publicados e compartilhados nas redes sociais e em outros meios, suportes e plataformas.

²Para ter acesso à Plataforma, acesse: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Data de acesso: 12 de out. 2020.

consideramos como *Área de Classificação* aquela designada como *Linguística e Literatura*, uma vez que analisamos a visão de pessoas linguistas profissionais acerca da categoria gramatical de gênero e se e como elas relacionam essa categoria linguística com as expressões de identidades de gênero, bem como qual seu posicionamento diante das propostas de *gênero neutro* levantadas pela comunidade LGBTQIAPN+³.

A busca inicial resultou em oitenta e oito (88) periódicos avaliados com classificação A1, como nos apresenta a Tabela 1, a seguir, a qual traz uma lista que parte da ordem apresentada pela *Plataforma Sucupira*. Como nosso intuito foi observar o que as pessoas linguistas brasileiras produzem e compartilham cientificamente sobre a questão da categoria gramatical de gênero, sobre sua relação com as identidades de gênero e sobre as propostas de *gênero neutro* e, se o fazem, como o fazem, desconsideramos: periódicos que não estavam em Língua Portuguesa e que não foram publicados no Brasil, periódicos impressos (aqueles sem possibilidade de consulta online), os periódicos que não deram resultados na busca, aqueles com a base indisponível e os periódicos exclusivos da área de *Literatura*, apresentados na Tabela 2. Alguns periódicos atenderam a mais de um critério de exclusão, como, por exemplo: intercultural *Pragmatics*, *Journal Of Speech, Language and Hearing Research*, *Language Policy*, *Language Variation and Change*, *Literatura y Linguística*, *Syntax*, e *Target*, todos estes publicados em outros idiomas e impressos; já o periódico *Critical Discourse Studies* foi excluído por ser um periódico em outro idioma, impresso e por ter a base indisponível.

Tabela 1: Periódicos com classificação A1 - Qualis (Quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1807-0299	ALFA : ESTUDOS NEOLATINOS (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0002-5216	ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1981-5794	ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1678-5320	ARS (SÃO PAULO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2176-4573	BAKHTINIANA: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1

³ A sigla LGBTQIAPN+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e Não binárias. O sinal de "+" representa outras sexualidades e identidades de gênero. Essa sigla foi empregada ao longo do texto desta dissertação com a finalidade de designar essa comunidade.

1981-8122	BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. CIÊNCIAS HUMANAS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2178-2547	BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. SÉRIE CIÊNCIAS HUMANAS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0093-934X	BRAIN AND LANGUAGE	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0102-5767	CADERNOS DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS (UNICAMP)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2175-7968	CADERNOS DE TRADUÇÃO (FLORIANÓPOLIS. ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1414-526X	CADERNOS DE TRADUÇÃO (UFSC)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1471-6844	CLASSICAL QUARTERLY (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1464-5076	CLINICAL LINGUISTICS & PHONETICS (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2317-1782	CODAS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0936-5907	COGNITIVE LINGUISTICS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0123-4641	COLOMBIAN APPLIED LINGUISTICS JOURNAL	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1740-5904	CRITICAL DISCOURSE STUDIES (PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1678-460X	DELTA. DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGUÍSTICA TEÓRICA E APLICADA (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0102-4450	DELTA. DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGUÍSTICA TEÓRICA E APLICADA (PUCSP. IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0870-8967	DIACRÍTICA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0807-8967	DIACRÍTICA (BRAGA)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0163-853X	DISCOURSE PROCESSES	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0951-0893	ELT JOURNAL	LINGUÍSTICA E	A1

		LITERATURA	
1806-9592	ESTUDOS AVANÇADOS (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0103-4014	ESTUDOS AVANÇADOS (USP. IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2316-4018	ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1518-0158	ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0104-026X	ESTUDOS FEMINISTAS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1806-9584	ESTUDOS FEMINISTAS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1519-311X	GALÁXIA (PUCSP)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1982-2553	GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2175-8026	ILHA DO DESTERRO	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0101-4846	ILHA DO DESTERRO (UFSC)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1612-295X	INTERCULTURAL PRAGMATICS (PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0165-2516	INTERNATIONAL JOURNAL OF THE SOCIOLOGY OF LANGUAGE	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1645-4537	JOURNAL OF PORTUGUESE LINGUISTICS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2397-5563	JOURNAL OF PORTUGUESE LINGUISTICS (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0378-2166	JOURNAL OF PRAGMATICS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0075-4358	JOURNAL OF ROMAN STUDIES	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1092-4388	JOURNAL OF SPEECH, LANGUAGE, AND HEARING RESEARCH (PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0892-1997	JOURNAL OF VOICE	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1535-0665	LANGUAGE	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0271-5309	LANGUAGE & COMMUNICATION	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1

1749-818X	LANGUAGE AND LINGUISTICS COMPASS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0097-8507	LANGUAGE (BALTIMORE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1568-4555	LANGUAGE POLICY (PERIODICAL. PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0388-0001	LANGUAGE SCIENCES (OXFORD)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0261-4448	LANGUAGE TEACHING	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0954-3945	LANGUAGE VARIATION AND CHANGE (PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0094-582X	LATIN AMERICAN PERSPECTIVES	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1415-1928	LINGUAGEM & ENSINO (UCPEL. IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1518-7632	LINGUAGEM EM (DIS)CURSO (IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1982-4017	LINGUAGEM EM (DIS)CURSO (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2079-312X	LINGUÍSTICA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1132-0214	LINGUISTICA (MADRID)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0024-3949	LINGUISTICS (BERLIN)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0268-1145	LITERARY AND LINGUISTIC COMPUTING	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0123-5931	LITERATURA: TEORÍA, HISTORIA, CRÍTICA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2256-5450	LITERATURA: TEORÍA, HISTORIA, CRÍTICA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0716-5811	LITERATURA Y LINGUÍSTICA (IMPRESA)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1983-6821	MACHADO DE ASSIS EM LINHA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1092-6488	METAPHOR AND SYMBOL	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0167-806X	NATURAL LANGUAGE AND LINGUISTIC THEORY	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1053-8135	NEUROREHABILITATION (READING, MA)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0719-5176	NUEVA REVISTA DEL PACÍFICO (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1414-1906	PANDAEMONIUM GERMANICUM (IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1982-8837	PANDAEMONIUM	LINGUÍSTICA E	A1

	GERMANICUM (ONLINE)	LITERATURA	
0031-8388	PHONETICA (BASEL)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1878-9722	PRAGMATICS AND SOCIETY	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1878-9714	PRAGMATICS AND SOCIETY	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0921-4771	PROBUS (DORDRECHT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1657-0790	PROFILE	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1468-7941	QUALITATIVE RESEARCH	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1984-6398	REVISTA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA APLICADA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1676-0786	REVISTA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA APLICADA (IMPRESSO)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1983-2400	REVISTA LINGUAGEM & ENSINO (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0718-4883	RLA. REVISTA DE LINGÜÍSTICA TEÓRICA Y APLICADA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0037-1998	SEMIOTICA (BERLIN)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1613-3692	SEMIOTICA (ONLINE)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0097-9740	SIGNS (CHICAGO, ILL.)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0378-4177	STUDIES IN LANGUAGE (AMSTERDAM. PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1368-0005	SYNTAX (OXFORD. PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0924-1884	TARGET (AMSTERDAM. PRINT)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0001-4966	THE JOURNAL OF THE ACOUSTICAL SOCIETY OF AMERICA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
1665-1200	TOPICOS DEL SEMINARIO	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
2175-764X	TRABALHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1
0103-1813	TRABALHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA (UNICAMP)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A1

Fonte: Tabela retirada e adaptada do site *Plataforma Sucupira*. Data de acesso: 21 de março de 2021.

Tabela 2: Periódicos desconsiderados e respectivos critérios - Qualis (Quadrênio 2013-2016)

Título	Periódico em outro idioma/periódico estrangeiro	Periódico Impresso	Periódico Sem resultados	Periódico com base indisponível	Periódico exclusivo de Literatura
ALFA: REVISTA DE LINGÜÍSTICA (Impressa-UNESP)		x			
BRAIN AND LANGUAGE:	x				
CADERNOS PAGU (UNICAMP.		x			
CLASSICAL QUARTERLY (ONLINE)	x				
CLINICAL LINGUISTICS & PHONETICS (ONLINE):	x				
CODAS:			x		
COGNITIVE LINGUISTICS>	x				
COLOMBIAN APPLIED LINGUISTICS JOURNAL:	x				
CRITICAL DISCOURSE STUDIES (PRINT):	x	x		x	
DELTA. DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA (PUCSP.		x			
DIACRITICA:	x				
DISCOURSE PROCESSES:	x				
ESTUDOS AVANÇADOS (ONLINE):			x		
ELT JOURNAL:	x				
ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA:				x	
ILHA DO DESTERRO:			x		
INTERCULTURAL PRAGMATICS (PRINT):	x	x			
INTERNATIONAL JOURNAL OF THE SOCIOLOGY OF LANGUAGE:	x				
JOURNAL OF PORTUGUESE LINGUISTICS:	x				
LINGÜÍSTICA E LITERATURA	x				
JOURNAL OF ROMAN STUDIES	x				

JOURNAL OF SPEECH, LANGUAGE, AND HEARING RESEARCH (PRINT)	x	x			
JOURNAL OF VOICE	x				
LANGUAGE	x				
LANGUAGE & COMMUNICATION	x				
LANGUAGE AND LINGUISTICS COMPASS	x				
LANGUAGE (BALTIMORE)	x				
LANGUAGE POLICY (PERIODICAL. PRINT)	x	x			
LANGUAGE SCIENCES (OXFORD)	x				
LANGUAGE TEACHING	x				
LANGUAGE VARIATION AND CHANGE (PRINT)	x	x			
LATIN AMERICAN PERSPECTIVES:	x				
LITERATURA: TEORÍA, HISTORIA, CRÍTICA LINGUÍSTICA E LITERATURA	x				
LITERATURA Y LINGUÍSTICA (IMPRESA) LINGUÍSTICA E LITERATURA	x	x			
METAPHOR AND SYMBOL LINGUÍSTICA E LITERATURA	x				
NATURAL LANGUAGE AND LINGUISTIC THEORY LINGUÍSTICA E LITERATURA	x				
NEUROREHABILITATION (READING, MA)	x				
MACHADO DE ASSIS EM LINHA:					x
PANDAEMONIUM GERMANICUM (ONLINE):			x		
PHONETICA (BASEL):	x				
PRAGMATICS AND SOCIETY:	x				
PROBUS (DORDRECHT):	x				
PROFILE:	x				
QUALITATIVE RESEARCH:	x				
SEMIOTICA (BERLIN)	x				
SEMIOTICA (ONLINE)					x

SIGNS (CHICAGO, ILL.)	x				
STUDIES IN LANGUAGE (AMSTERDAM. PRINT)	x				
SYNTAX (OXFORD. PRINT)	x	x			
TARGET (AMSTERDAM. PRINT)	x	x			
THE JOURNAL OF THE ACOUSTICAL SOCIETY OF AMERICA	x				
TOPICOS DEL SEMINARIO	x				

Fonte: Tabela retirada e adaptada do site *Plataforma Sucupira*. Data de acesso: 21 de março de 2021.

A partir desta primeira estratificação do corpus, ao todo, fizemos busca nos trinta e seis (36) periódicos que cumpriram as exigências para esta pesquisa (periódicos em Língua Portuguesa e de origem brasileira, arrolados como periódicos na área de *Linguística e Literatura* na *Plataforma Sucupira*, com classificação A1, disponibilizados digitalmente e com livre acesso). A partir desta primeira delimitação dos periódicos, realizamos as buscas seguindo os seguintes critérios:

a. buscamos artigos científicos que abordaram a categoria gramatical de gênero, de modo que pudéssemos analisar se e como as pessoas pesquisadoras abordaram tal categoria e se e como relacionaram esta abordagem com a identidade de gênero;

b. artigos que dissertaram sobre o *gênero neutro*, de modo que fosse possível analisar como linguistas abordam a questão. Ressaltamos que os artigos não tinham que necessariamente abordar apenas uma das questões, contudo, até o momento de nossa seleção, não haviam artigos científicos publicados especificamente sobre as propostas de *gênero neutro*.

Elegemos como termos de busca *gênero* e *gênero neutro*. O primeiro termo, mais geral, foi usado em todos os periódicos para que pudéssemos ter um primeiro olhar sobre a produção científica. Em alguns periódicos, o termo *gênero* devolveu artigos fora do escopo do nosso trabalho. Como exemplo, a Imagem 1 a seguir mostra o resultado da busca no periódico *Revista Estudos Feministas*, o qual se apresentou difuso em relação ao tema desta dissertação. A partir desta constatação, foi necessário um olhar atento, por meio da leitura de artigo por artigo, de modo a analisar quais iam de encontro com a nossa proposta. Para tanto, nos detivemos à leitura dos resumos desses artigos para compreendermos qual a abordagem e os sentidos que os termos de busca contidos neles. Além disso, criamos o segundo termo de busca *gênero neutro* para facilitar a seleção dos artigos com o tema. Vale destacar que, apesar do segundo termo de busca, todos os periódicos passaram por uma leitura atenta para garantir

que fossem varridos completamente e, conseqüentemente, fossem encontrados artigos que exploravam a temática específica.

Imagem 1: Exemplo de busca a partir do termo "gênero"



Fonte: Periódico *Revista Estudos Feministas*.

Após a mineração desses dados iniciais, nos trinta e seis (36) periódicos, e a leitura atenta de cada resumo dos artigos resultados da busca, o total de oito (8)⁴ periódicos apresentaram pelo menos um artigo sobre o tema. O total de artigos que abordaram diretamente o tema foi de quinze (15). A Tabela 3, a seguir, apresenta a quantidade de artigos por periódico, título dos respectivos artigos e pessoas autoras.

⁴ A pesquisa considerou artigos publicados pelos periódicos até o dia 21 de março de 2021.

Tabela 3 - Quantidade de artigos por periódico, título dos respectivos artigos, pessoas autoras e ano de publicação.

ISSN	Título	Quantidade de artigos	Títulos dos artigos	Pessoa(s) Autora (s)	Ano de publicação
1981-5794	ALFA: REVISTA DE LINGÜÍSTICA (ONLINE)	1	1) A natureza do gênero em português.	1) Nildemir Ferreira de Carvalho.	1) 1989
0102-5767	CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (UNICAMP)	3	1) Concordância de gênero no processamento de formas pronominais; 2) Masculino e Feminino? A categoria gramatical de gênero e a teoria do valor; 3) Estilização de gênero e ideologias linguísticas: conexões teóricas.	1) Leticia Maria Sicuro Corrêa; 2) Jane Ramos de Silveira; 3) Amanda Diniz Vallada.	1) 2001 2) 2010 3) 2020
1678-460X	DELTA. DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEÓRICA E APLICADA (ONLINE)	5	1) Linguagem e Gênero Social: Contribuições da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistemico-Funcional; 2) A flexão nominal em Mattoso Câmara e Outras Análises; 3) Gêneros na teoria sistemico-funcional; 4) O traço de gênero na morfossintaxe do português; 5) Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro.	1) Débora de Carvalho Figueiredo; 2) Geraldo Cintra; 3) Edna Cristina Muniz da Silva; 4) Danniell Carvalho; 5) Luiz Carlos Schwindt	1) 2009 2) 2004 3) 2018 4) 2018 5) 2018
0104-026X	ESTUDOS FEMINISTAS	1	1) Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical	Rodrigo Borba e Ana Cristina Ostermann	1) 2008
1982-2553	GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE)	1	1) Operação semiótica da categoria gênero: proposta de um modelo teórico-metodológico	Adriana Tulio BaggioI	1) 2020
1415-1928	LINGUAGEM & ENSINO	2	1) Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar; 2) A predominância do conceito semântico nas definições de gênero de alunos do ensino fundamental.	1) Rodrigo Borba e Adriana Carvalho Lopes. 2) Fabiana Poças Biondo, Edson Carlos Romualdo e Geiva Carolina Calsa.	1) 2018 2) 2007
1676-0786	REVISTA BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA APLICADA (IMPRESSO)	1	1) Educados no sexo neutro: a construção discursiva de sexualidade e de gênero em um texto da revista Veja	1) Dânic Marcelo de Jesus.	1) 2014

2175-764X	TRABALHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA	1	1) Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero	1) Rosane Rocha Pessoa e Maria José Hoelzle.	1) 2017
Total de artigos		15			

Fonte: Elaborada pela pessoa autora a partir das buscas realizadas nos periódicos.

Assim, após a leitura atenta dos resumos apresentados pelos artigos, os dois (2) textos científicos selecionados, com maior proximidade, foram os seguintes: *A natureza do gênero em português*, de Nildemir Ferreira de Carvalho, publicado na *ALFA - Revista de Linguística* em 1989, e *Masculino e Feminino? A categoria gramatical de gênero e a teoria do valor*, de Jane Ramos de Silveira, publicado na *Cadernos de Estudos Linguísticos* em 2010.

O total de textos selecionados para o terceiro nível de análise, artigos de divulgação científica, foram dois (2), todos disponíveis gratuitamente e com livre acesso na internet. Para a busca dos textos, foram utilizados os mesmos termos da pesquisa anterior, *gênero* e *gênero neutro*, no buscador Google. A partir do resultado da busca, foi necessária a identificação de textos que fossem escritos por estudantes de linguística ou linguistas do Brasil no formato de divulgação científica, de modo que pudéssemos analisar o que e como linguistas falam sobre o tema e divulgam as visões científicas da linguagem sobre o tema para linguistas populares. A Tabela 4, a seguir, apresenta as informações dos textos selecionados.

Tabela 4 - Textos de divulgação científica selecionados

Título do site	Títulos dos artigos de divulgação científica	Pessoa Autora	Ano de publicação
Cientistas Feministas	<i>Brasileirxs e brasileiras: um ponto de vista da linguística sobre gênero neutro</i>	Monique Amaral de Freitas	2017
Médium de Guilherme Teixeira	<i>A Linguística e o gênero neutro no Português</i>	Guilherme Teixeira	2018

Fonte: Elaborada pela pessoa autora.

O primeiro texto selecionado é intitulado como *Brasileirxs e brasileiras: um ponto de vista da linguística sobre gênero neutro*, foi escrito por Monique Amaral de Freitas, doutora em linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para o site *Cientistas Feministas*, em 2017. O segundo, *A Linguística e o gênero neutro no Português*, tem como autor o então estudante de graduação do curso de linguística, Guilherme Teixeira, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sendo publicado em 2018.

Para compor o quarto nível de análise, consideramos textos jornalísticos e de blogs produzidos por pessoas distintas, de diferentes tipos e posições de atividades linguísticas. A busca desses textos se deu também por meio do buscador *Google* e pelos termos *gênero* e *gênero neutro*. Ao todo, foram pré-selecionados quatorze (14) diferentes textos, apresentados pela Tabela 5 a seguir, com informações acerca dessas produções. Ao final, foram selecionados os textos *Refutando o Pronome Neutro*, escrito em 2022, por Flávia Mello, e *Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino cujo subtítulo é De acordo com a linguística, substituir masculino e feminino por um gênero neutro não funciona*, escrito por Andressa Muniz, de 2018.

Tabela 5 - Textos jornalísticos e de blogs sobre o tema

Suporte	Título do site	Título do Texto	Ano de publicação	Seção	Pessoa Autora	Profissão
Jornal eletrônico	Bonifácio	"Machista" e "heteropatriarcal", a língua portuguesa	2015	Idioma	João Veloso	Jornalista
Jornal eletrônico	Exame	A língua portuguesa é machista? Veja a resposta de um professor	2017	Carreira	Diogo Arrais	Professor de Língua Portuguesa
Revista Eletrônica	Consumidor Jurídico	A linguagem jurídica de gênero neutro	2018	Opinião	Luiz Sergio Fernandes de Souza	Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Direito da PUC/SP e coordenador da área de Filosofia do Direito na Escola Paulista de Magistratura.
Jornal eletrônico	Gazeta do Povo	ideologia Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino	2019	Educação/ Ideologia	Andressa Muniz	-
Revista Eletrônica	Marie Claire	Língua para todes: um ensaio sobre o gênero neutro	2019	Comportamento	Jana Viscardi	Doutora em Linguística e Youtuber
-	Politize!	Linguagem inclusiva e linguagem neutra: entenda a diferença!	2020	Conceitos	Regiane Folter	Contadora de histórias e Jornalista

Portal eletrônico	Guia do Estudante	Linguagem neutra: bobagem ou luta contra a discriminação?	2020	Atualidades	Wender Starlles e Luccas Dias	Jornalistas
Portal eletrônico	Tab UOL	Linguagem neutra: proposta de inclusão esbarra em questões linguísticas	2020	Sociedade	Marie Declercq	Reporter
Jornal eletrônico	#Colabora	Para todes: a reinvenção da língua portuguesa sem masculino ou feminino	2020	Diversidade	Luiza Lunardi	Estudante de Jornalismo
Jornal eletrônico	gauchazh	UMA COISA É UMA COISA, OUTRA COISA É OUTRA COISA Por que a distinção entre gênero social e gramatical na língua portuguesa é necessária ao idioma	2020	Notícias	1) Gisela Collischonn 2) Luiz Carlos Schwindt	1) Doutora em Linguística 2) Doutor em Linguística
Portal eletrônico	Justificando	Por uma reforma não gendrada da língua portuguesa	2021	Artigos	Bruna Alves Gonçalves	-
Portal eletrônico	Terra	Pronomes neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas	2021	Cidades	Rafael Moraes Moura	-
Blog	Medium	Refutando o Pronome Neutro	2021	-	Flávia Mello	-
Site	maktraduzir	Traduzindo em miúdos o gênero neutro na Língua Portuguesa	2021	Língua Portuguesa	Marie-Ann e Kremer	Tradutora

Fonte: Elaborada pela pessoa autora.

O quinto nível de análise é composto por textos produzidos por militantes da comunidade LGBTQIAPN+ acerca das propostas de neutralidade da categoria gramatical de gênero. Compreendemos militância como a "prática da pessoa que defende uma causa, busca a transformação da sociedade através da ação: militância política, social, estudantil" (AURÉLIO, online). Ao todo, foram pré-selecionados oito (8) textos, também pesquisados no *Google*, a partir da leitura atenta de cada um deles. Para a seleção dos dois (2) textos deste

nível, optamos por analisar textos produzidos por pessoas diferentes, já que muitos foram produzidos por uma mesma pessoa. Assim, o primeiro selecionado foi publicado em 2017, por Maira Reis, intitulado *Carrefour Comete o Erro Clássico ao Tentar Usar a Linguagem Neutra de Gênero*, e o segundo em 2016, *Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero*, por Juno.

Tabela 6 - Textos militantes da comunidade LGBTQIAPN+.

Suporte	Título do site	Título do Texto	Ano de publicação	Seção	Pessoa Autora	Profissão
Portal eletrônico	Partido Pirata	"Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero", por Juno	2016	-	-	-
Portal eletrônico	Maira Reis	3 Dicas (+ Bônus) para Usar a Linguagem Neutra de Gênero	2017	-	Maira Reis	Jornalista
Portal eletrônico	Maira Reis	Carrefour Comete o Erro Clássico ao Tentar Usar a Linguagem Neutra de Gênero	2019	-	Maira Reis	Jornalista
Blog	QG Feminista	Escrever com "x" não é linguagem neutra	2019	-	Furiosa	-
Blog	Blog pessoal	Manual sobre a linguagem de pessoas não-binárias em mídias traduzidas	2020	-	Oltiel	-
Blog	Alternative	Neolinguagem	2021	Textos do Blog	Oltiel	-
Blog	Alternative	Neolinguagem: pensamentos sobre as neoflexões	-	Textos do Blog	Oltiel	-
Blog	Asterismos	Sobre mal denominação e impactos na saúde mental	-	-	Aster	-

Fonte: Elaborada pela pessoa autora.

Conforme explicitado anteriormente, para esta pesquisa, definimos cinco (5) níveis de análise de diferentes textos: (1) gramáticas normativas, (2) artigos científicos, (3) textos de divulgação científica, (4) textos de sites e blogs gerais e (5) textos de pessoas militantes da comunidade LGBTQIAPN+, de forma a superarmos o jogo dicotômico que favorece um lado (o científico) e invalida outro (o popular). Paveau (2018, p. 24) propõe uma "visão escalar das coisas", dessa forma, os conhecimentos das pessoas linguistas não estariam acima do conhecimento popular, mas num "[...] *continuum* entre aqueles que fazem da linguística ciência una e aqueles que não" (PAVEAU, 2018, p. 25). Dessa maneira, a pessoa linguista popular é vista como uma "*posição discursiva* por definição transitória e desajustada das identidades sociais, profissionais ou culturais" (LABOV, 2001[1975] *apud* PAVEAU, 2018, p. 25).

Paveau (2018) propõe, ainda, nove (9) tipos e posições de atividades linguísticas. Em resumo:

- a. as pessoas *linguistas profissionais* são aquelas que, nos dias de hoje, possuem uma formação acadêmica, por exemplo, em nível de graduação, em cursos de linguística e letras, formação de nível de pós-graduação em linguística;
- b. as pessoas *cientistas não linguistas* são aquelas que também possuem formação acadêmica, mas trabalham na intersecção entre a linguística e outra ciência;
- c. as pessoas *linguistas amadoras* são as que "fornecem descrições e prescrições" (PAVEAU, 2018, p. 26-27);
- d. as pessoas *logófilas, glossomaniacas e outras afeiçoadas⁵ da língua*, as que se valem de intervenção na língua, como o escritor brasileiro João Guimarães Rosa;
- e. as pessoas *preparadoras-revisoras-redatoras* são as que se ocupam, por exemplo, da preparação, revisão e correções em textos;
- f. as pessoas *escritoras, ensaístas*, como José Saramago e Henry David Thoreau;
- g. as pessoas *ludolinguistas*, a exemplo, "humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre as palavras" (PAVEAU, 2018, p. 27), como Paulo Gustavo e Samantha Schmutz, e os jogos como *A língua do 'i'* e *A língua do 'p'*;
- h. as pessoas *falantes engajadas, militantes ou apaixonadas, juristas*, geralmente, são pessoas militantes que, assim como a comunidade LGBTQIAPN+, repensam sua

⁵ Paveau (2008) utiliza o termo *loucos da língua*, contudo, optamos por trazer outro termo que pudesse exprimir melhor e de maneira não capacitista a posição das pessoas que produzem intervenções na língua, dessa forma, optamos pela palavra *afeiçoadas*, pessoas que, a partir de sua paixão e interesse sobre a língua, trazem novas formas de organização linguística e neologismos, por exemplo.

língua de modo a reformular aspectos linguísticos que servem de opressão e injustiças;
e
i. as pessoas *falantes comuns*, as pessoas que usam a língua para se comunicar, numa conversa via *WhatsApp*, numa postagem nas redes sociais e até mesmo numa conversa do trabalho.

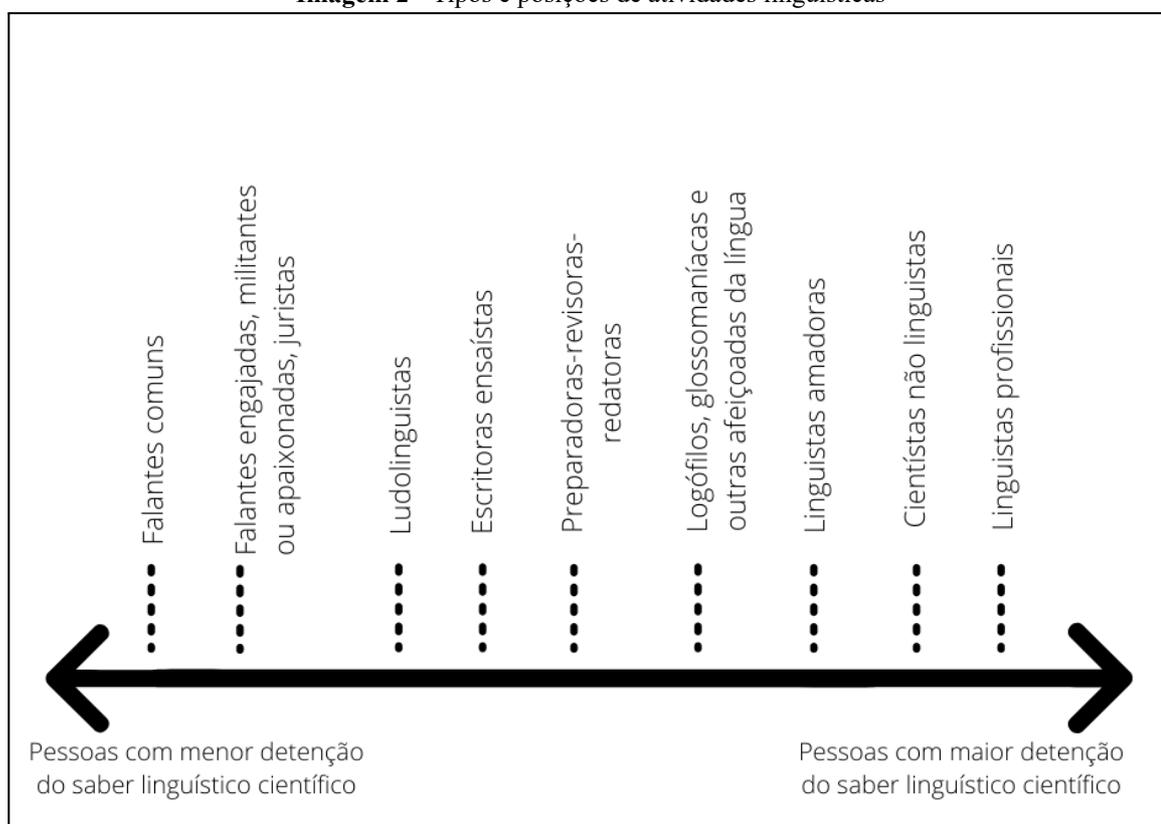
Nesta dissertação, observamos a atividade de linguagem de linguistas profissionais e linguistas populares, considerando que essas posições (e os espaços discursivos que publicam seus saberes sobre a língua) não são estanques, uma vez que a pessoa falante⁶ pode "passar de uma posição a outra" (PAVEAU, 2018, p. 27). Para ilustrar essa alternância de posições, a exemplo, a autora traz Saussure, que foi o "[...] primeiro linguista profissional na teoria do signo, glossomaniaco, beirando a posição de ludolinguista em seus Anagramas" (PAVEAU, 2018, p. 27).

Além dessa possibilidade de se transitar entre posições, Paveau (2018, p. 28) mostra que há também o trânsito de conhecimento entre as posições, afirmando que "os saberes linguísticos são transmitidos para os da linguística popular⁷, e vice-versa", uma vez que "[...] os saberes linguísticos ditos 'estudados' ou 'científicos' não são neutralizados da consciência epilinguística dos falantes" (*Ibidem*). Na Imagem 2, apresentamos uma adaptação da proposta de Paveau (2018):

⁶ É importante destacar que, ao utilizarmos nesta dissertação o termo "falantes", não estamos nos referindo apenas às pessoas oralizadas, mas referimos às pessoas que possuem uma língua, seja ela oralizada ou de sinais, como a LIBRAS no contexto brasileiro.

⁷ Por questões linguísticas, adotamos nesta dissertação o nome em Português da Linguística *Folk: Linguística Popular*. É importante destacarmos que aqui a palavra popular assume um valor de representação das ideias e produções das pessoas não linguistas acerca da sua própria língua e atividade de linguagem, desconsiderando "os mal entendidos" que a palavra popular pode receber, como nos mostra Paveau (2018, p. 21-23).

Imagem 2 - Tipos e posições de atividades linguísticas



Fonte: Adaptado pela pessoa autora com base em Paveau (2018, p. 26-28).

A Tabela 7 a seguir expõe como os níveis de análise são considerados nesta dissertação e os respectivos textos que se encontram nos tipos e posições que Paveau (2018) elencou.

Tabela 7 - Relação entre os tipos e posições de atividades linguísticas e os níveis de análise

Tipos e posições de atividades linguísticas (PAVEAU, 2018).	Níveis de Análise
(1) Linguistas profissionais	(2) Artigos científicos/(3) Textos de divulgação científica
(2) Cientistas não linguistas	-
(3) Linguistas amadoras	(1) Gramática Normativa/(5) Textos de pessoas militantes da comunidade LGBTQIAPN+
(4) Logófilas, glossomaniacas e outras afeiçoadas da língua	-
(5) Preparadoras-revisoras-redatoras	-
(6) Escritoras, ensaístas	(4) Textos de sites e blogs gerais
(7) Ludolinguistas	-
(8) Falantes engajadas, militantes ou apaixonadas, juristas	(5) Textos de pessoas militantes da comunidade LGBTQIAPN+
(9) Falantes comuns	(4) Textos de sites e blogs gerais

Fonte: Elaborada pela pessoa autora.

Relacionando os tipos e posições de atividades linguísticas propostos por Paveau (2018) com os níveis de análise elencados nesta dissertação, verificamos que o segundo e terceiro tipo (linguistas profissionais e cientistas não linguistas) são compostos, respectivamente, por artigos científicos e artigos de divulgação científica, considerados atividades linguísticas produzidas por linguistas profissionais, ou seja, pessoas estudiosas e pesquisadoras científicas, além das gramáticas normativas. Os textos do quarto nível de análise (textos de sites e blogs em geral) são as atividades linguísticas realizadas tanto por pessoas escritoras quanto por falantes comuns. Por sua vez, os textos de pessoas militantes da comunidade LGBTQIAPN+ são produzidos por pessoas linguistas amadoras, também chamadas de linguistas populares.

Tanto as gramáticas como os textos de pessoas militantes apresentam, em certa medida, prescrições: as gramáticas são produzidas por pessoas institucionalmente autorizadas a prescrever ou descrever, em resumo, formas consolidadas e prestigiadas de uso da língua e os textos de militantes realizam também uma prescrição à medida que instituem formas mais neutras para a categoria gramatical de gênero, apesar de não ser como fazem as gramáticas e nem possuírem o estatuto e o aval que as pessoas gramáticas possuem para falar de língua.

Os textos militantes, contudo, foram produzidos por pessoas falantes engajadas e militantes, no caso, pessoas não binárias da comunidade LGBTQIAPN+⁸ que empregam o *gênero neutro* procurando defender sua própria identidade e da comunidade à qual pertencem. Elas possuem, portanto, também relação com o oitavo tipo elencado por Paveau (2018), ilustrando como são fluídas e nada cristalizadas as posições que diferentes pessoas podem ocupar e em suas produções e atividades linguísticas.

Observando o quarto nível de análise, textos de sites e blogs gerais, sua relação está também ligada à atividade linguística de linguistas profissionais, mas a principal diferença em relação, por exemplo, aos níveis 2 (dois) e 3 (três), é que foram produzidos também por falantes comuns, como jornalista, discente de cursos de jornalismo, repórter, pessoa tradutora, pessoa desembargadora e pessoa contadora de histórias (Tabela 5).

Os níveis de análise e seus respectivos textos foram analisados à luz da Análise do Discurso Foucaultiana, a partir dos conceitos abordados principalmente na obra *A ordem do Discurso* (2014), de Michel Foucault. Nosso objetivo foi observar como se organizam e ordenam os discursos de linguistas profissionais e de linguistas populares acerca da relação ou

⁸ É importante destacarmos que dentro da própria comunidade não há uma convergência em relação às propostas dissidentes, isso porque há nela pessoas que não validam e reconhecem a existência de identidades, como a identidade não binária, e pessoas também preconceituosas que colocam em prática o machismo, transfobia, homofobia, racismo, preconceito de classe, entre outros.

da não relação entre a categoria gramatical de gênero, no Português brasileiro, estruturado a partir do par masculino e feminino.

Nesse contexto, o foco dessa dissertação foi analisar as abordagens em torno do uso do *gênero neutro*, tema dos debates contemporâneos sobre as identidades de gênero e de revisão da flexão de gênero na Língua Portuguesa brasileira por parte de pessoas falantes engajadas. Além dessa teoria, os textos foram observados a partir da Linguística Popular, principalmente, por meio da teorização de Marie-Anne Paveau (2007; 2018).

Estrutura da dissertação

A dissertação está dividida em três (3) capítulos, nos quais são abordadas as construções discursivas que permeiam as propostas de neutralidade da categoria gramatical de gênero na Língua Portuguesa falada no Brasil.

No Capítulo 1 - *Pressupostos teóricos e as duas faces da mesma moeda: a língua que se usa para lutar e pela qual se luta* - discorremos sobre a fundamentação teórica que norteia e suporta as análises a serem realizadas. Nele, são apresentadas as teorias da Linguística Popular e da Análise do Discurso Foucaultiana e suas contribuições para nossa dissertação. Discutimos e propomos uma expansão da visão teórica que vem sendo utilizada por parte da linguística, advinda da linguística moderna saussuriana, de que as pessoas falantes não têm capacidade suficiente para repensar estruturas e formas estruturais do sistema linguístico (SAUSSURE, 2012) - no caso desta dissertação, a categoria gramatical de gênero.

Apresentamos um breve histórico sobre as lutas da comunidade LGBTQIAPN+, mostramos como a Linguística Popular se apresenta enquanto teoria que visa transcender o pensamento saussuriano, a partir da discussão de Paveau (2007; 2018), ao colocar não de forma hierárquica, mas em um gradiente os conhecimentos científicos, de um lado, das pessoas linguistas profissionais, e de outro, os conhecimentos populares acerca da língua e linguagem pelas pessoas linguistas populares.

Além disso, movimentamos alguns conceitos foucaultianos primordiais para entendermos as ordens discursivas que selecionam, silenciam uns e elegem outros discursos como verdadeiros ou falsos. Outrossim, passamos a analisar as atividades epilinguísticas e metalinguísticas da comunidade LGBTQIAPN+ como uma dissidência linguística, ou seja, que se rebela e vai além do pensamento fundante e permanente em parte da linguística brasileira pautado na linguística moderna saussuriana.

Ainda, realizamos uma retomada breve sobre as noções e significados da expressão *identidades de gênero*. Para tanto, visitamos pessoas autoras como Butler (2003), Gordon; Buhle e Dye (1976), Foucault (1978), Lobo (2017) e Scott (1976; 1990) para entendermos como se deu as construções teóricas e sociais acerca das *identidades de gênero*, também colocadas, muitas vezes, como *gênero*.

De modo geral, as pessoas autoras citadas nos ajudaram a entender como a construção das *identidades de gênero/gênero* passou de uma construção ligada ao sexo e à diferença sexual a uma pauta importante para a luta feminina/feminista e como essa construção se expande quando somada às questões de classe e raça. E, ainda, como a ciência, ao se valer da palavra *gênero*, cogita atingir maior objetividade nos estudos relacionados ao tema. Assumimos como ponto de partida para esta dissertação a visão de que as *identidades de gênero/gênero* são construções sociais, ou seja, independente do sexo biológico, para além duma visão chamada de *natural*. Em contraponto, conforme asseveramos anteriormente, foi feito um primeiro nível de análise, composto também por três gramáticas diferentes, de modo a observarmos como elas propõem a compreensão da categoria gramatical de gênero e se fazem ou não sua relação com a identidade de gênero.

No Capítulo 2 - *Estado da Arte Popular: análise da tendência de busca do termo gênero neutro no Brasil (2004 - 2022)*, apresentamos algumas análises quantitativas e qualitativas sobre as buscas do termo-chave *gênero neutro* no buscador mais utilizado por pessoas brasileiras, o *Google*, durante o período de 01 de janeiro de 2004 a 19 de fevereiro de 2022. Nossas análises foram divididas a partir dos resultados obtidos em dois períodos: 2006 que, como veremos, foi o primeiro momento em que houve expressiva tendência de busca por parte da população brasileira no buscador e, no segundo momento, entre os anos 2020 e 2021, em que houve altíssimo interesse de busca do termo no buscador. Apresentamos também algumas informações e dados fornecidos pelo *Google Trends* relacionados à geografia da busca e em relação à variação linguística identificada nas formas de nomeação das propostas de *gênero neutro*, além dos discursos em volta dessas formas.

No último capítulo, o Capítulo 3 - *A construção científica e a dissidência linguística da comunidade LGBTQIAP+ sobre a categoria gramatical, identidade de gênero e propostas de gênero neutro*, apresentamos nossas análises dos seguintes níveis e de seus respectivos textos: (1) gramáticas, (2) artigos científicos, (3) textos de blogs de divulgação científica, (4) textos jornalísticos e blogs em geral e (5) textos de blogs de coletivos LGBTQIAPN+.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA: A LÍNGUA QUE SE USA PARA LUTAR E PELA QUAL SE LUTA

1.1. Em defesa do conhecimento popular sobre a língua e a linguagem: a Linguística Popular

O campo científico, fundado na máxima especialização e profissionalização de determinado conhecimento, gera um intenso diálogo e mesmo a imbricação entre "saber e poder", processo em que "os leigos se vêem expropriados de competências cognitivas" (SANTOS, 2010, p. 37). Neste contexto, há certa compreensão de que as pessoas que se encontram fora do universo acadêmico e, conseqüentemente, suas falas "[...] carecem de fundamentação científica" (BARONAS e CONTI, 2019, p. 4286). Inevitavelmente, esse afastamento entre saber popular e saber científico funda a oposição, já naturalizada, que retoma e atualiza dizeres difundidos como "o povo não sabe o que fala", "o saber popular está pautado na opinião", "de nada científico e, portanto, nada de confiável e verdadeiro há no saber popular".

Além disso, é importante considerarmos que esta relação de "saber-poder" estabelece não apenas as verdades sobre determinado objeto, mas constitui o próprio objeto. Por conseguinte, o que é posto como diferente da ciência é valorado como uma inverdade ou, ao menos, compreendido no sentido da incompletude, uma vez que sua argumentação "não passa da simples opinião" ou "ainda reside no campo da sensibilidade, não da objetividade da razão", opiniões que circulam também em forma de dizer popular.

Para estudarmos os caminhos que a ciência tomou como campo, foi importante fazermos um rápido recuo histórico e revisitarmos os pensamentos que percorreram alguns filósofos pré-socráticos⁹, uma vez que alguns, de uma perspectiva científica, buscavam melhor compreender, analisar e explicar os diversos fenômenos do mundo à sua volta. A busca pela verdade encaminhou, por exemplo, a filosofia de Heráclito (535-475 a.C.), Parmênides (515-445 a.C.), Sócrates (469-399 a.C.) e Platão (428/427-348/347 a.C.).

⁹ Aqui, optamos por utilizar o gênero masculino pois tratava-se exclusivamente de homens, oriundos de determinada classe social, abastada e hegemônica.

Heráclito (535-475 a.C) acreditava que abandonar o caminho da opinião, da *doxa*¹⁰, é se aproximar do pensamento lógico, o *logos*¹¹, visto que este seria o caminho para se chegar à verdade. Em resumo, a oposição entre a opinião e a lógica (*doxa x logos*) marcava seu pensamento. Além disso, postulava que tudo muda, que existe a mudança, chamada de *arkhé*. Os filósofos pré-socráticos acreditavam na *arkhé* como sendo um elemento primordial, algo que fosse o princípio e a origem de tudo. Divergiam entre si sobre o que seria a *arkhé*, Tales acreditava ser a água, por exemplo. Para Heráclito, era a eterna transformação e que tudo flui.

Outro filósofo importante que se debruçou sobre a busca pela verdade foi Parmênides (515-445 a.C.), o qual postulou conhecimentos sobre o *ser*; o qual é tudo aquilo que todas e tudo têm em comum e que compartilham, sendo impossível o *não ser*. Em outras palavras, o que é, é; e essa afirmação impossibilita algo ser pela metade ou ser mais que outra. Ademais, ao contrário do que Heráclito dizia, Parmênides não acreditava que as coisas mudavam, afinal, se elas mudam, admite-se um *não ser*. Assim, para Parmênides, a mudança, postulada por Heráclito, é que deveria ser considerada uma opinião, residir na *doxa*. Parmênides foi pioneiro sobre o conceito de *ser*.

Quando analisamos parte do pensamento de Sócrates (469-399 a.C.), sua prática não é a que visa refutar as antíteses às suas teses. Como temas centrais, destacou a ética e o conhecimento; Sócrates foi considerado como divisor de águas pois se preocupou em se debruçar sobre questões ligadas à humanidade. Além disso, para sua filosofia, a verdade é a essência das coisas. O método utilizado por Sócrates para alcançar a verdade, conhecido como *método socrático*, consiste em: (1) levar a pessoa ouvinte a filosofar e (2) usar da indagação para comentar aquilo respondido pela pessoa com quem conversa. A função desta indagação é fazer com que os preconceitos (podemos aqui ler como *achismos*, isto é, opiniões sem fundamento científico) de sua interlocutora viessem à tona, de modo a ajudá-la a chegar à definição que procurava.

A indagação se divide, por sua vez, em duas fases: na primeira, ficam expostos os preconceitos e achismos. Sócrates, usando de perguntas, vai colocando a pessoa interlocutora em sinucas, mostrando que ela não sabe muito sobre o que supõe que sabe. Na segunda fase, começa-se a construir o conhecimento, busca-se a verdade, sempre por meio de perguntas. O

¹⁰ "Doxa é uma palavra emprestada do grego e designa a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A doxa corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente" (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 176).

¹¹ Heráclito apresenta três sentidos para o *logos*: (1) a razão que compreende a verdade, (2) uma razão da própria realidade, (3) aquilo que ordena o universo e o discurso sobre essa ordem.

objetivo não é ganhar o argumento, mas que ambas as pessoas interlocutoras alcancem a verdade, a essência das coisas.

O diálogo, segundo Sócrates, não era uma luta de opiniões, mas a busca pela verdade, pelo saber verdadeiro, sempre através da razão. Mas, muitas vezes, alguns diálogos eram impossíveis de se concluírem ou terem uma resposta, apesar disso não significar a inexistência de verdade(s); estes tipos de diálogos foram chamados de *aporia*. Além disso, Platão (428/427-348/347 a.C.), por sua vez, afirma que o mundo se divide em duas partes: o mundo das ideias (mundo das formas), em que reside a razão e a alma, e o mundo material, da razão e da sensibilidade. E, como o mundo material é uma cópia do mundo das ideias, a razão deve prevalecer sobre a intuição.

A partir do seu conhecido *Mito da Caverna*¹², podemos entender que para Platão existe uma verdade externa e que ela existe objetivamente, mas que é inalcançável se se permanece no mundo da opinião. Em resumo, a ideia que essa alegoria, esse mito, passa é: na busca pelo conhecimento verdadeiro, na busca da verdade, é preciso deixar a *caverna* e as *ilusões* que acreditamos e que acreditamos serem a verdade. Segundo o *Mito*, essa passagem, essa saída, é difícil e tortuosa, pois não é um caminho largo e, uma vez fora da caverna, a luz do Sol gera incômodos, metáfora para indicar o conhecimento, a luz do conhecimento sobre os *achismos*. O Sol, portanto, representa a fonte que emana a verdade e a saída da caverna é como um parto, o nascer para vida.

Essa trajetória filosófica sobre a verdade e sobre o conhecimento da verdade nos mostra que existem algumas tradições filosóficas ainda presentes atualmente, principalmente:

- 1) A busca pela verdade;
- 2) Os jogos duais, dicotômicos: uma relação de exclusão entre o conhecimento verdadeiro *contra* a opinião e, para alcançar a verdade, a razão *em comparação ao* sentido;
- 3) Conseqüentemente, o abandono e desqualificação da opinião.

A partir desse breve quadro geral de algumas das grandes trajetórias filosóficas, podemos entender alguns caminhos que a ciência seguiu e que persistem presentemente: a necessidade de se afastar da opinião e predicá-la necessariamente como inverdadeira. Não muito distante, observamos o afastamento do conhecimento científico e a sua oposição ao conhecimento popular. Assim, o conhecimento científico é aquele que se preocupa em buscar

¹² Para a leitura e conhecimento do Mito da Caverna, ler *Convite à Filosofia*, de Marilena Chauí.

a verdade, se opondo à opinião, alinhada, comumente, ao conhecimento popular e às suas propostas - como as propostas de *gênero neutro*.

De uma perspectiva da linguística moderna, desde o *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*), publicado originalmente em 1916, por Ferdinand de Saussure (2012), muitas vezes, também permanece se opondo a tudo aquilo que deriva do conhecimento popular sobre a língua e a linguagem. Ainda que o dizer científico procure estar pautado numa verdade, ele reside também num verdadeiro de nossa época (FOUCAULT, 2014), portanto, está sob o regime daquilo que é permitido e, ainda que com objetivos, métodos e experimentos, os desvios ainda acontecem.

É importante destacar que estes desvios fazem parte da pesquisa científica e não a desqualifica ou invalida seus avanços. Ao contrário, os questionamentos só reforçam o seu compromisso e validam sua importância. Entretanto, quando observamos o que é dito sobre o conhecimento popular, um tratamento diferente é posto em prática.

Essa luta discursiva e política pela autorização do dizer acontece de diversas formas, sendo uma delas a hierarquização (PAVEAU, 2018), a qual cria, portanto, a valorização de certos dizeres, autorizados a serem proferidos, e a desvalorização de outros, colocados em oposição àqueles que são não apenas desautorizados, mas invalidados. Essa luta se atualiza e se materializa no pensamento científico vigente de que o conhecimento popular é oposto à ciência e é, portanto, tudo aquilo que a ciência não é, e a luta se deve, principalmente, a estes julgamentos lançados à fala e ao conhecimento popular. Na linguística, ciência que se preocupa com a língua/linguagem em seus diversos aspectos e modos, esse pensamento muitas vezes não é diferente.

É comum na linguística que a comunidade LGBTQIAPN+ também ocupe um lugar de objeto de análise, mais especificamente, que suas línguas se tornem objetos de análise linguística. Porém, quando se passa a olhar as atividades epilinguísticas e metalinguísticas¹³ dessas pessoas, a linguística atualmente se mostra ainda ligada aos princípios dos estudos saussurianos e retoma, muitas vezes, a ideia de que a língua é uma estrutura que a pessoa falante apenas acessa, como "um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro" (SAUSSURE, 2012, p. 45).

¹³ Tomamos a atividade epilinguística como "[...] essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações." (FRANCHI, 1991, p. 36) e a atividade metalinguística como "[...] um sistema de noções e uma linguagem representativa (na verdade, uma nomenclatura) para poder falar de certos aspectos da linguagem" (FRANCHI, 1991, p. 24).

Outro princípio saussuriano que parece ainda dominar o pensamento científico na linguística é a inconsciência das pessoas falantes¹⁴ (nomeadas pelo *CLG* como *indivíduos*) acerca do funcionamento sistêmico da língua, sublinhado, por exemplo, na afirmação de "que os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das leis da língua; e, se não as percebem, como poderiam modificá-las?" (SAUSSURE, 2012, p. 113). Esse pensamento fundador da Linguística coloca a língua quase como independente de suas falantes, como um exterior passível de ser estudado enquanto tal. Nesta concepção, a língua é imperceptível e as pessoas falantes não teriam o porquê e nem como refletir acerca da sua língua, justamente porque uma língua constitui um sistema e, segundo Saussure (2012, p. 113), "este é o lado pelo qual a língua não é completamente arbitrária e no qual impera uma razão relativa, é também ponto em que avulta a incompetência da massa para transformá-la [...]" .

É certo que para a Modernidade tal visão era necessária, uma vez que era preciso estabelecer a linguística enquanto ciência. Não foi nosso objetivo questionar os fundamentos da disciplina, mas problematizá-los a partir do ponto de vista contemporâneo, no que diz respeito à produção linguística Popular de linguistas populares. Atualmente, parece que a comunidade LGBTQIAPN+ contribui na condução das ciências da linguagem à percepção de que a língua, sua organização e seu funcionamento, não está longe - e, na verdade, nunca esteve - da competência das pessoas falantes. Nos mostram, portanto, que é uma atividade quase analógica, esta de repensar as formas, substituí-las, analisá-las, propondo novas soluções, muitas vezes, do ponto de vista militante, mais acessíveis e inclusivas, como é o caso das *propostas dissidentes de gênero neutro*, visão que propomos nesta dissertação.

Ao longo da história da humanidade, as pessoas, falantes das mais variadas línguas, criaram conhecimentos sobre sua própria atividade de linguagem e essa atividade linguística se tornou ainda mais forte frente aos fenômenos e acontecimentos sociais (GOMES, 2022). A exemplo dessas criações, temos a *Torre de Babel*¹⁵, passagem bíblica que narra, do ponto de vista religioso cristão, como as línguas se formaram e são diferentes. A comunidade negra¹⁶ no Brasil, por exemplo, devido ao próprio uso das redes sociais, tem difundido e promovido uma reflexão sobre a língua, aportando diversos conhecimentos sobre expressões racistas, inclusive empregadas nos nomes de objetos do nosso dia a dia.

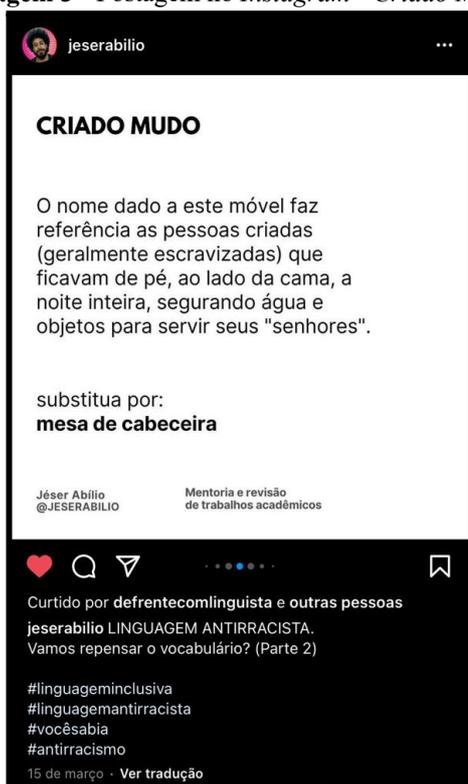
¹⁴ Ao dizer "pessoas falantes" nos referimos às pessoas que possuem uma língua e que a utiliza para se comunicar, para se fazer entender, para compreender e se identificar, seja ela, por exemplo, a Língua Portuguesa ou a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

¹⁵ Para consultas, ler Gênesis 11:1-9.

¹⁶ Fazemos o uso de *negre* para nomear esta coletividade com base na Rede de Pesquisadores Negres em ciências da linguagem (Repense). Disponível em: < <https://www.facebook.com/repenseling/>>. Acesso: 31 ago. de 2021.

A título de exemplo de como a língua é objeto de reflexão por parte das pessoas falantes, observamos no perfil de Jéser Abílio (@jeserabilio) na rede social *Instagram* uma série de imagens explicitando formas linguísticas que possuem significado racista, como mostram as Imagens 3 e 4 a seguir. Os exemplos apresentam o nome do móvel definido como *criado mudo* (Imagem 3) ligado às pessoas escravizadas que eram obrigadas a permanecer ao lado da cama de seus opressores, portanto velas e copos de água, propondo novo nome: *mesa de cabeceira*. A Imagem 4 apresenta outro exemplo de expressão repensada no espectro antirracista, a saber, dizer que um serviço é *serviço de preto* para se referir às atividades desenvolvidas de maneira preguiçosa e errada. Existem outras expressões na língua não racistas que podem ser usadas para indicar um trabalho realizado de maneira precária, sem precisar revisitatar ou criar significados racistas derivados de um passado colonialista e escravagista, tais como: *serviço mal feito*, *serviço feito porcamente*, *serviço feito errado* etc. Observemos:

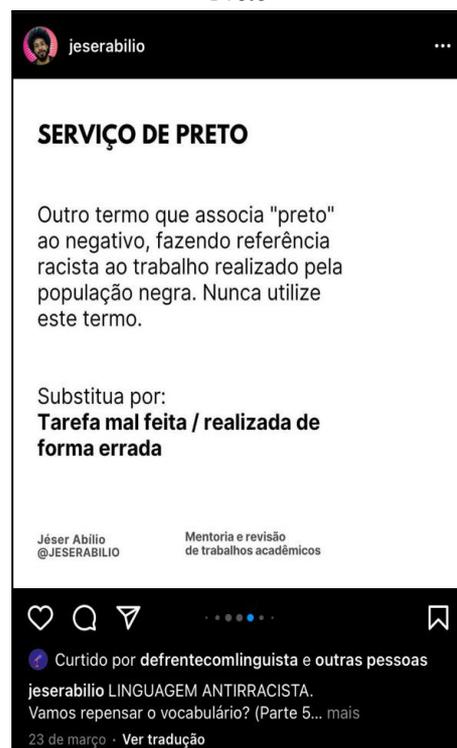
Imagem 3 - Postagem no *Instagram* - *Criado Mudo*



Fonte:

<<https://www.instagram.com/p/CMbucywARWk/?igshid=pby06nmwadyc>>. Data de acesso: 21/03/2021.

Imagem 4 - Postagem no *Instagram* - *Serviço de Preto*



Fonte:

<<https://www.instagram.com/p/CMwW8-kguwr/?igshid=vhyf21q76tn9>> Data de acesso: 21/03/2021.

Desse modo, ainda num caminho contrário à chamada Linguística moderna - que, devido também às contingências históricas, deixou de lado todo aspecto social e histórico¹⁷ - para a Linguística, presentemente, os movimentos sociais, políticos e históricos são importantes não apenas para compreendermos o funcionamento interno da língua, mas também para entendermos como os esses movimentos e a ciência transformam a língua, para refletirmos sobre as forças que estão ordenando a língua e quais são suas formas de ordenação.

Dessa forma, podemos observar que nos estudos linguísticos não são apenas as forças e leis internas da língua que ditam, controlam, permitem ou preveem transformações. Elas ocorrem, portanto, também por ordens externas, discursivas, sociais, históricas, ideológicas, que nem sempre atendem aos requisitos previstos da língua - em sentido amplo. Esta é a outra face que parte da linguística precisa encarar e, acima de tudo, descrever, é a parte que algumas pessoas linguistas precisam aceitar como componente dos estudos linguísticos. A língua é língua não apenas por seu *sistema interno* (SAUSSURE, 2012), mas também por seu uso, o qual prevê reflexão por parte das pessoas, as quais deixam de ocupar o lugar de falantes para ocuparem o lugar de linguistas populares com consciência linguística. Ademais, a língua é o lugar em que se constrói e se negocia sentidos, identidades, espaço de conflitos e de construção da vida em sociedade.

Como observamos, no contexto brasileiro, a tomada de consciência da atividade de linguagem das pessoas brasileiras frente à sua língua foi intensificada também com a efervescência dos movimentos sociais e do maior acesso, ainda que não completamente democratizado, à internet. Em resumo, a comunidade LGBTQIAPN+, historicamente, reivindica o seu direito à igualdade e respeito perante a Lei, perante a sociedade e, em sua atividade de linguagem, perante e por meio da língua.

A luta pelos direitos LGBTQIAPN+ no Brasil, como nos mostra Canabarro (2013), ganhou força no final da *Ditadura Militar no Brasil* (1985). Nesse momento, o movimento LGBTQIAPN+ era retratado como *Movimento GAY* - somente em 2008, após a *1ª Conferência Nacional GLBT*, realizada em Brasília, no período de 5 e 8 de junho de 2008 (CANABARRO, 2013, p. 2), que pessoas lésbicas, bissexuais e transsexuais tiveram sua existência inserida na sigla, de modo a trazer mais visibilidade para essas outras vivências.

¹⁷ Para mais detalhes da teoria, veja o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, *Introdução: Capítulo V Elementos Internos e Elementos Externos da Língua*. "Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema: tudo quanto se designa pelo termo 'Linguística externa'" (SAUSSURE, 2012, p.53).

Para a comunidade, então chamada GLBT (atualmente, chamada de LGBTQIAPN+, ainda mais abrangente), a década de 1980 foi um marco também devido à epidemia da *Síndrome da Imunodeficiência Adquirida* (mais conhecida como aids), a qual se disseminou em parte desta comunidade, trazendo perdas para o movimento (FRY, 1993). Além disso, esse momento na história é também marcante pelo fato de que a aids foi noticiada, preconceituosamente, pelo mundo e no país todo, como uma *doença gay*.

Apesar da atribuição preconceituosa, sabe-se, graças ao avanço da ciência, que não existe relação natural alguma que relacione o vírus à comunidade gay e às demais pessoas da comunidade. Como se sabe, as *Infecções Sexualmente Transmissíveis* (IST)¹⁸, nas condições específicas de transmissibilidade, são disseminadas entre as pessoas, independente de qualquer outra variável, como a orientação sexual e/ou identidade de gênero. Mesmo com todo avanço científico, o pensamento preconceituoso de relacionar a aids à comunidade gay, e que se estende à toda comunidade LGBTQIAPN+, ainda se faz presente na sociedade.

Outro momento importante para o movimento LGBTQIAPN+ foi a retirada do termo *homossexualismo* pelo *Conselho Federal de Medicina* do catálogo de doenças em 1985 e, em 1990, a retirada pela *Organização Mundial de Saúde* (OMS)¹⁹. Estes fatos são importantes pois são compreendidos como reconhecimentos institucionais de que o termo promove a estigmatização das pessoas desta comunidade.

Nos dias de hoje, dentre as pautas da comunidade LGBTQIAPN+, está a representação do gênero na língua, principalmente das pessoas que não se sentem abarcadas pelo sistema binário de identidade gênero, o qual se vê representado nas formas linguísticas masculinas e femininas. Esse sistema, como aponta Butler (2003, p. 38-39), está ligado à *heterossexualização*, ao ser *masculino* ou *feminino*, ainda ligado ao conceito de *macho* ou *fêmea*. Além disso, essa compreensão está assentada somente na compreensão biológica da relação entre sexo e gênero e exclui as identidades que não se estabelecem com base no "[...] sexo e aquelas em que a prática do desejo 'não decorrem' nem do 'sexo' nem do 'gênero'" (BUTLER, 2003, p. 39).

Parte dessa questão instalou a necessidade de refletirmos sobre o que interfere, inclusive, na Língua Portuguesa do Brasil²⁰, de forma a abranger todas as expressões de

¹⁸ Conforme o site do Ministério da Saúde, "a terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas".

¹⁹ A obra *A construção da cidadania homossexual no Brasil*, de Luiz Mott, faz uma retomada e apresenta uma cronologia dos fatos importantes para a comunidade LGBTQIAPN+.

²⁰ Ressaltamos que, no Capítulo 3, analisamos também como a categoria gramatical de gênero é descrita pelas gramáticas histórica, normativa e descritiva.

gênero por meio da Língua e de sua categoria gramatical de gênero. Apesar de parte da comunidade científica dos estudos da linguagem dizer que a categoria gramatical de gênero²¹ não está ligada ou difere das identidades de gênero, hoje, para as pessoas, para a comunidade LGBTQIAPN+, a flexão de gênero dialoga com as identidades de gênero, logo, ambas as categorias se relacionam, ainda que uma pertencente à estrutura interna da língua e outra ao funcionamento social e político da língua.

Essa busca por representatividade se intensificou graças à internet e se estendeu às redes sociais online - espaços e formas de organização e encontro para a construção da dissidência linguística, conforme proposta desta dissertação. A exemplo, o Facebook, rede social presente na maioria dos países, como no Brasil, com diversas páginas de grupos e comunidades de pessoas que se aproximam para discutir diversas questões, dentre elas, questões políticas e sociais, como as que enfrentam a comunidade LGBTQIAPN+. A exemplo desses grupos, a página *LDRV [oficial]*²², criada em outubro de 2017, cuja sigla representa *Lana Del Rey Vevo*, formada majoritariamente por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, seu conteúdo varia entre humor e questões políticas, mas está ligado, principalmente, a temas relacionados àquela comunidade. Além dela, também há a página *LGBTQI+ Resistência pela Democracia!*²³, criada em setembro de 2018, com o intuito de aproximar pessoas LGBTQIAPN+ e demais pessoas que apoiam a causa da comunidade, de modo que possam discutir questões importantes, como políticas públicas, violência contra às pessoas LGBTQIAPN+, entre outros temas.

Ao lado dessa atividade de linguagem, o conhecimento linguístico científico, atividade linguística institucionalizada e com sua chancela já alcançada e que, em alguns casos, atua tendo uma visão dura e pautada na linguística moderna acerca da atividade linguística de linguistas populares, isto é, uma postura de escamoteamento. Desse modo, é também esta atividade de poder que analisamos nesta dissertação, com a finalidade de demonstrarmos as formas linguísticas e conhecimentos que esta comunidade constrói e como procura também consolidar seu poder.

Na contramão do pensamento moderno, a linguística possui áreas de estudos já consolidadas que descrevem o funcionamento da língua frente à sociedade, como a sociolinguística, linguística *folk*/popular e a análise do discurso, dentre tantas outras. Como

²¹ Nesta dissertação, adotamos a expressão *categoria gramatical de gênero* para nos referirmos às formas linguísticas previstas pelas gramáticas e pela Língua Portuguesa e *identidade de gênero* para representar as expressões de gênero.

²² Link para a página: <<https://www.facebook.com/groups/ldrvera14/about>>.

²³ Link para a página: <<https://www.facebook.com/groups/2306440552913351/about>>.

nos mostra Murillo (2008, p. 57, tradução nossa), a linguística popular "[...] compartilha objetivos com dois ramos estabelecidos da linguística: etnolinguística e sociolinguística"²⁴.

Numa superação do pensamento dicotômico que parece ainda dominar as ciências e, em particular, a linguística, Paveau (2007) nos mostra a importância e a necessidade da ciência da linguagem em observar o conhecimento popular sobre a língua e a linguagem. Histórica e socialmente colocados como opostos, conhecimento científico *versus* conhecimento popular, Paveau (2007) nos propõe superar essa oposição e defende que ambas as atividades linguísticas têm sua validade e importância, cada uma à sua maneira.

Nos Estados Unidos, o campo da linguística popular se mostra já sólido (PAVEAU, 2007, p. 94), característica que atribui validade aos estudos que se dedicam a entender e caracterizar o que dizem as pessoas falantes sobre sua língua e linguagem. Além dos Estados Unidos, na França, há pouco mais de quinze anos (PAVEAU, 2018, p. 23), este debate vem se tornando cada vez mais relevante. Para que o conhecimento popular seja compreendido como uma tarefa importante para a linguística, não apenas para o empoderamento das pessoas que falam e refletem sobre sua linguagem, mas para sociedade como um todo, precisamos entender como esses conhecimentos se caracterizam e como podem caminhar juntos, cada um à sua maneira. Para Paveau (2007, p. 104-105), existem três formas de olhar para o conhecimento popular, compreendendo que elas:

- 1) são teorias falsas;
- 2) ainda que falsas, são importantes;
- 3) são teorias verdadeiras.

A primeira resposta, a de que são teorias falsas, se caracteriza como oposta ao conhecimento popular, retira daquilo que advém das pessoas qualquer palavra ou sentido que atribuiria valor de verdade. Já a segunda resposta, a de que ainda que falsas, são importantes, nos leva a olhar para o conhecimento popular como importante para observarmos como as pessoas se relacionam com a língua e linguagem, mas não enquanto uma "teoria da linguagem", apenas "[...] admissível como uma descrição perceptual e organizadora da linguagem [...]" (PAVEAU, 2007, p. 105, tradução nossa)²⁵.

²⁴ Excerto conforme original em Língua Espanhola: "[...] comparte objetivos con dos ramas consolidadas de la lingüística: la etnolingüística y la sociolingüística" (MURILLO, 2008, p. 57).

²⁵ Excerto conforme o original em Língua Francesa: "[...] La linguistique populaire serait alors admissible comme description perceptive et organisatrice du langage mais non comme théorie du langage" (PAVEAU, 2007, p. 105).

A terceira resposta, a de que são teorias verdadeiras, se mostra favorável ao conhecimento popular, uma vez que compreende que linguistas populares "têm conhecimento sobre a língua" (PAVEAU, 2007, p. 105)²⁶. Além disso, segundo a pesquisadora, "estamos nos movendo para uma concepção prática e não mais lógica da verdade: há um conhecimento linguístico que independe de suas propriedades científicas e esse conhecimento tem um tipo de operacionalidade" (PAVEAU, 2007, p. 105, tradução nossa)²⁷. Para a linguística popular, interessa estudar e compreender os conhecimentos populares sobre a língua e linguagem, sem lançar um olhar que visa observar e caracterizar verdades e inverdades, mas compreender como e de onde partem os conhecimentos produzidos.

Ressaltando a importância dos estudos sobre a linguística popular, Albury (2017, p. 39, tradução nossa) nos mostra que a questão deste conhecimento popular não está relacionada a um juízo de valor que procura determinar "[...] se o que as pessoas afirmam saber é correto ou confiável de qualquer perspectiva positivista que centraliza a autoridade do conhecimento"²⁸. Dessa maneira, não existe lugar na linguística popular para que se diga que "determinado conhecimento é incorreto", "essa gente não sabe o que fala" ou que "a comunidade LGBTQIAPN+ não tem capacidade para decidir o que é correto e melhor para a língua", afirmações recorrentemente encontradas nos comentários em redes sociais. Ao contrário, o saber popular nos permite entender "os processos de seu pensamento [de linguistas populares] sobre a Linguagem" (PRESTON, 1993, p. 285, tradução nossa)²⁹ e nos permite compreender os "processos dinâmicos que permitem que não especialistas forneçam relatos sobre seus mundos [...]" (PRESTON, 1994, p. 195)³⁰ e, portanto, a linguística popular nos permite compreender o pensar popular sobre sua língua e linguagem.

Assim, a linguística popular promove um movimento de trazer para o interior da ciência "quaisquer produções imaginárias e representacionais dos falantes" (PAVEAU, 2018, p. 23). Essas produções se manifestam principalmente nos diversos lugares sociais,

²⁶ Excerto conforme o original em Língua Francesa: "[...] "car les « nonlinguists » possèdent des savoirs sur la langue" (PAVEAU, 2007, p. 105).

²⁷ Excerto conforme o original em Língua Francesa: "[...] On passe à une conception pratique et non plus logique de la vérité: il existe des savoirs linguistiques qui sont indépendants de leurs propriétés scientifiques et ces savoirs ont un type d'opérationnalité" (PAVEAU, 2007, p. 105).

²⁸ Excerto conforme o original em Língua Inglesa: "The point about folk linguistics is not whether what people claim to know is correct or reliable from any positivist perspective that centralises knowledge authority" (ALBURY, 2017, p. 39).

²⁹ Excerto conforme o original em Língua Inglesa: "A folk linguistics will not ignore these (e.g. 'still waters run deep'), but a modern research program will present respondents with problems and areas which expose the processes of their thinking about language, even taking them down paths which they have not previously trod upon" (PRESTON, 1993, p. 285).

³⁰ Excerto conforme o original em Língua Inglesa: "Folk belief reflects dynamic processes which allow nonspecialists to provide an account of their worlds" (PRESTON, 1994, p. 195).

majoritariamente na "imprensa, escola, fóruns de internet, guias de conversação, conversa cotidiana etc." (PAVEAU, 2018, p. 23) e também nas redes sociais online, como Facebook, Twitter, Instagram, Tiktok, blogs e sites de notícias, por exemplo.

Os perfis das pessoas linguistas populares não são identificados como os de linguistas (profissionais): "pela existência de cursos, diplomas, especialidades universitárias [...] e de uma literatura disciplinar relativamente bem circunscrita e balizada por dicionários" (PAVEAU, 2018, p. 24). E este é um dos motivos que torna a atividade linguística de linguistas populares quase imprópria por aquelas pessoas, uma parcela, calcadas na lógica saussuriana, ou seja, por essa parcela de pessoas linguistas de formação universitária (muitas vezes, sem saber ou pensar que estão).

Parece quase óbvio observar que sem a chancela da profissão, sem a aval da formação e duma prática mais laboral, a percepção e as considerações da pessoa linguista popular sobre sua língua e linguagem são desconsideradas. Para ilustrar essa visão, Paveau (2018, p. 24) nos apresenta o seguinte exemplo e reflexão:

O escritor é um linguista folk? E o revisor de gralhas das mídias escritas e das editoras? E o jurista, que analisa as palavras tão escrupulosamente quanto um lexicólogo profissional? Sim, ficamos tentados a afirmar absolutamente; mas a comparação com o falante comum, o "homem das ruas", que admira a beleza do léxico ou se lamenta quanto à degradação da língua (um tipinho bem típico na França, um país cuja língua é constantemente objeto de polêmicas inflamadas) relativiza imediatamente esse julgamento: os três primeiros parecem, de todo modo, mais "linguistas" que o último, o falante comum, que ocupa mais um espaço verdadeiro de "linguista de final de semana", uma figura meio ingênua e, no fundo, bem inculta".

Para que superemos esse jogo dicotômico, que favorece um lado (o científico) e invalida outro (o popular), Paveau (2018, p. 24) propõe uma "visão escalar das coisas"³¹, dessa forma, os conhecimentos das pessoas linguistas não estariam acima do conhecimento popular, mas num "[...] *continuum* entre aqueles que fazem da linguística ciência una e aqueles que não [...]" (PAVEAU, 2018, p. 25). A pessoa linguista popular é vista como uma "*posição discursiva* por definição transitória e desajustada das identidades sociais, profissionais ou culturais" (LABOV, 2001[1975] *apud* PAVEAU, 2018, p. 25).

Dessa forma, a linguística popular se estabelece enquanto área de conhecimento importante para a linguística e para os estudos sobre os conhecimentos populares da língua e da linguagem. Concomitantemente, as pessoas de um modo geral e a comunidade LGBTQIAPN+, "[...] também podem reivindicar conhecimento epistêmico sobre tópicos

³¹ A imagem 2 apresenta um esquema para melhor visualização - página 28.

linguísticos" (ALBURY, 2017, p. 39)³², justamente porque são as que usam a língua, "[...] falam sobre ela e tomam decisões sobre a linguagem, não são lingüistas treinados." (ALBURY, 2017, p. 39)³³. Se a língua é das pessoas, ela deve verdadeiramente pertencer às pessoas, as quais devem ter o direito de falar sobre sua língua e linguagem, de refletir e repensar todo aspecto discriminatório, preconceituoso e excludente que se efetiva também no discurso.

1.2 O discurso e(m) sua ordem

A obra *A ordem do Discurso*, do autor francês Michel Foucault, é produto de uma de suas conferências/aulas no *Collège de France*, em 2 de dezembro de 1970. Nela, em resumo, o autor trabalha o discurso enquanto objeto de estudo, observando sua forma e seu controle. Para Foucault (2014, p. 9), o discurso está "longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes", ou seja, é no discurso e pelo discurso que os poderes se manifestam, sendo ele também o objeto de luta.

Desse modo, a luta das pessoas não binárias da comunidade LGBTQIAPN+ em poder se fazer presente e se representar, seja em relação à ordem política, social ou linguística, está longe de ser vazia de significação e vazia de militância. Ao contrário, sua busca em poder falar e se reconhecer representada nas formas linguísticas é uma luta carregada de sentidos que ainda busca maneiras mais justas e igualitárias para que todas as pessoas possam se fazer parte efetiva do corpo social, inclusive, linguisticamente.

Partindo, assim, da ideia de que o discurso não só materializa as lutas, como é objeto delas, Foucault propõe que existem formas de controlá-lo. Esta é sua primeira hipótese, a de

que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Assim, coube-nos nesta dissertação explorar como a sociedade científica e também popular controlam, selecionam, organizam e distribuem o discurso sobre a categoria

³² Excerto conforme original em Língua Inglesa: "However, folk linguistics extends beyond perceptual dialectology and has also folk knowledge about a range of other sociolinguistic topics" (ALBURY, 2017, p. 39).

³³ Excerto conforme o original: "After all, the vast majority of people in society who use language, talk about language, and make language decisions, are not trained linguists" (ALBURY, 2017, p. 39).

gramatical de gênero e, não obstante, como atribuem valor de *verdade* a um conhecimento, como o científico, e *falso* a outro(s) conhecimento(s), como o(s) popular(es),

[...] isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.12).

Para tanto, vemos os discursos sobre o gênero gramatical e suas propostas dissidentes de neutralidade como aqueles que também são autorizados a falar sobre e, portanto, cuja verdade é estabelecida. Os discursos que residem no que se considera como análise sobre a língua repousam tanto na gramática histórica, normativa e descritiva quanto na linguística, no caso desta dissertação, por meio de artigos científicos e de artigos de divulgação científica. Dessa forma, analisamos como essas duas instituições de poder controlam e selecionam o que é dito sobre o gênero gramatical - que, conseqüentemente, em nossa hipótese, acaba definindo e delimitando, em certa medida, o que são as identidades de gênero e como elas se expressam ou não na língua.

A partir destes dois discursos, podemos perceber que a gramática normativa, além de um estatuto social de prestígio, discursivamente, ainda apresenta (e prescreve) a *verdade* sobre a língua e a forma verdadeira de se valer da língua. Podemos dizer, inclusive, que é uma *verdade* antes mesmo dos estudos linguísticos no ocidente, a partir dos Gregos (NEVES, 2005). Num outro ponto, as produções sociais, nesta dissertação, os discursos das pessoas não binárias sobre a categoria de gênero na língua e suas propostas de revisão e neutralidade, se apresentam como uma tentativa de ir além desse conhecimento exposto pela gramática e por parte da linguística quando elas se colocam como superiores em relação à compreensão das pessoas, em relação à língua e à linguagem.

A *verdade*, como vimos, não é aquela dita como universal, que antecede tudo e que vai sendo descoberta, ela é tomada como um valor que é desejado, sendo da "ordem daquilo que acontece, das técnicas de produção, da captação mediante rituais e recusas, efeito de jogos de verdade que ocorrem nas práticas concretas" (CANDIOTTO, 2007, p. 205). Foucault (2014) concebe a verdade como uma possibilidade, a qual está fundada no que é considerado *verdadeiro* em determinada época e sociedade.

Para ilustrar essa questão, Foucault (2014) aborda o fato de que não existe simetria (natural) entre o que o discurso pretende proferir e os objetos e conceitos, isso porque, como o

caso dos estudos de Mendel, um discurso que reside no *verdadeiro*, não necessariamente é a *verdade*, mas está incluso naquilo que a sociedade e o contexto atesta.

Além disso, buscamos compreender, com base nos artigos científicos e de divulgação científica analisados, se há e quais são os procedimentos de exclusão que a comunidade científica exerce sobre as pessoas não binárias em sua prática militante e atividade metalinguística, especificamente, a partir do que falam da categoria gramatical e como essa comunidade busca e propõe uma revisão de modo tornar a Língua Portuguesa mais acessível, assim como a relação que estabelecem entre a categoria gramatical de gênero e as identidades de gênero. Foucault (2014) estabelece três tipos de procedimentos de exclusão: (1) *procedimentos externos ao discurso*; (2) *procedimentos internos ao discurso* e (3) *procedimentos de rarefação dos sujeitos que falam*. Cada um desses procedimentos possuem ramificações: em (1), a *interdição*; a *loucura* e a *vontade de verdade*; em (2), o *comentário*; o *autor* e a *disciplina* e em (3), o *ritual*; as *sociedades*; as *doutrinas* e a *apropriação dos discursos*.

A *interdição* é o controle do sujeito que está apto a falar conforme seu desejo e ela age excluindo aqueles discursos que não estão chancelados e investidos de poder (FOUCAULT, 2014). No contexto da interdição, analisamos, primeiro, as gramáticas histórica, prescritiva e descritiva enquanto instituições que estabelecem e descrevem uma norma de uso e as formas linguísticas que devem e podem ser desejadas e alcançadas para uma pretendida verdadeira prática de linguagem. Em seguida analisamos os artigos científicos e de divulgação científica que tratam do tema *gênero neutro*, depois, então, analisamos como a ciência controla os dizeres daquelas pessoas que, pela tradição da linguística moderna, não deveriam, não poderiam ou não teriam capacidade de (re)pensar sua língua.

Nossa hipótese de pesquisa foi a de que, por comparação, assim como os *loucos*³⁴ devem ter sua voz e seus dizeres sobre a língua silenciados, também a comunidade LGBTQIAPN+, especificamente, as pessoas não binárias, deve ser calada tanto nos aspectos social e político quanto no aspecto linguístico. Por sua vez, a *loucura*, contraposta à *razão*, é despida de toda sua validação, uma vez que é esta é investida de poder e autorizada apenas pelo *dizer* que reside no *verdadeiro*, portanto, aquele que possui racionalidade (FOUCAULT, 2014).

No segundo tipo de procedimento, o autor afirma que toda sociedade se divide em duas narrativas: as coisas que são ditas como aquelas que guardam um "segredo ou uma

³⁴ Termos-chaves de teorias aqui utilizadas e que variam em gênero foram mantidos conforme a pessoa autora propôs em sua obra, de modo a marcar que é o uso a partir da teoria construída por ela.

riqueza" (FOUCAULT, 2014, p. 21) e as coisas que são ditas a partir da primeira narrativa. Estas, por sua vez, funcionam como uma espécie de paráfrase dos discursos primeiros, "[...] os retomam, os transformam ou falam deles" (FOUCAULT, 2014, p. 21).

Foucault (2014) destaca, também, a importância de se pensar o papel da pessoa autora e como ela está ligada diretamente às relações, mais ou menos, investidas de poder: por exemplo, para a produção científica e filosófica, é de extrema importância o papel da pessoa autora, além do discurso possuir regularidades passíveis de comprovação, é importante *quem* produz, ou seja, quem é o *autor/autora*, pois esta é uma categoria de poder que, ao mesmo tempo pode cancelar e atribuir poder, pode deslegitimar e invalidar determinada produção.

Dessarte, analisarmos a *autoria* nesta dissertação foi importante, pois esta categoria nos permite observar com maior especificidade quais são as pessoas autoras que são movimentadas para corroborar com os dizeres, principalmente, científicos sobre a língua. Na produção científica, a presença de diferentes vozes é característica importante e que atribui validade e, portanto, coloca o dizer científico como *verdadeiro*.

Nos foi importante também as noções e procedimentos de *rarefação do sujeito*, *ritual*, *sociedades de discurso* e *apropriação social dos discursos*. Foucault (2014, p. 37) descreve e mostra que a *rarefação do sujeito* é um procedimento que organiza e seleciona quem pode falar, o *ritual* é o definidor das qualidades, das formas de dizer e demais circunstâncias do discurso. As pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ são tidas como aquelas que não estão autorizadas a falar, uma vez que, como definiu a linguística moderna, são consideradas incapazes de alterar o *sistema linguístico* (SAUSSURE, 2014). Neste contexto, elas são desinvestidas de poder porque não passaram pelo *ritual* acadêmico, nos dias de hoje, fazendo uma graduação em Linguística ou Letras e, portanto, não possuem aparatos teóricos para validar seus dizeres e nem lançam mão dos procedimentos científicos para analisar a sua língua.

Além do *ritual*, Foucault (2014, p. 37) mostra que as *sociedades de discurso* são grupos que fazem com que a circulação do discurso seja restrita a eles próprios e, por conseguinte, a quantidade de pessoas autorizadas a falar é limitada. Esta é uma característica fundamental quando observamos o estudo da linguagem, pois, pautada na linguística moderna, a ciência da linguagem de hoje passa a permitir apenas certas "interferências" no *sistema linguístico* (SAUSSURE, 2014), por parte das pessoas falantes, principalmente no que concerne os estudos da sociolinguística, área que a linguística popular se relaciona.

Conforme defende Preston (1993, p. 182, tradução nossa), a linguística popular "[...] é essencial para a iniciativa de pesquisa em sociolinguística [...]"³⁵. Mas parece dispendioso, ainda, para a linguística, vista enquanto grupo que restringe os discursos sobre a língua e linguagem, que controla os dizeres sobre elas, conferir aos conhecimentos populares sobre o tema sua validação, sua importância e incorporá-los em seus estudos científicos. É importante ressaltar que essa validação não retira da linguística seu estatuto de ciência ou mesmo divide este estatuto, ao contrário, ela traz novas perspectivas científicas para seus estudos, amplia seus objetos de análise.

A *doutrina*, por sua vez, "tende a difundir-se" (FOUCAULT, 2014, p. 39), pois ela visa a expansão de seus discursos para além do grupo. Mas, ainda que possua esse caráter de expansão, Foucault (2014, p. 41) mostra que a *doutrina* liga e limita os sujeitos a certos discursos. Ao que parece, a linguística permite e atribui lugares específicos de enunciação à comunidade LGBTQIAPN+ quando esta caminha para confirmar suas teorias e servir de objeto de análise, por exemplo. Mas, como doutrina, a linguística tende a delimitar e autorizar o alcance do conhecimento popular.

A partir dessas noções, Foucault (2014) nos mostra que os discursos não são contínuos, mas, ao contrário disso, aleatórios. E é a partir desta compreensão que o autor introduz outras noções, como a de *acontecimento*, segundo a qual o discurso é produzido de maneira aleatória (mesmo que em contexto parecido); a noção de *série*, a qual determina que não há uma continuidade de tempo e, conseqüentemente, não há uma linha evolutiva inquestionável; a noção de *regularidade*, que mostra que não há produção discursiva que siga a imutabilidade e a noção de *condição de verdade* dos discursos

Por fim, Foucault (2014) apresenta quatro princípios para a análise do discurso, sendo importantes a esta dissertação o princípio da especificidade:

1. *Princípio da Inversão*: a partir de um recorte no texto, faz-se necessário inverter o significado, negando-o e colocando seus significados em evidência. Assim, será mais fácil reconhecer estratégias de rarefação, pois "é preciso reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso" (FOUCAULT, 2014, p. 49);
2. *Princípio da Descontinuidade*: este princípio nos mostra que os discursos são descontínuos, nas palavras do autor, "os discursos devem ser tratados como práticas

³⁵Excerto conforme o original em Língua Inglesa "[...] I have tried to dig a little deeper into the enormous amount and variety of folk information about language, hoping to show that it is open to investigation and that it is essential to the sociolinguistic research enterprise" (PRESTON, 1993, p. 182).

descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem" (FOUCAULT, 2014, p. 50);

3. *Princípio da Especificidade*: o discurso produzido por pessoas autorizadas, como pessoas autoras, não torna os significados como verdades absolutas e universais (FOUCAULT, 2014, p. 50);
4. *Princípio da Exterioridade*: é preciso estabelecer fronteiras, inicialmente, no discurso em si e, depois, buscar aquilo que é estabelecido exteriormente e sobreposto ao discurso: a *rede* de significantes.

1.3 A Dissidência linguística e a Apostasia da linguística

A linguística encontra-se sob a redoma da hierarquia de saberes (PAVEAU, 2018) e, conforme já observamos, a principal consequência desta visão é a desvalorização de todo conhecimento que não for o científico, isto é, aquele que não for proferido pela ciência a partir das pessoas que são autorizadas pelo fazer científico. Contudo, concomitantemente à produção de conhecimento científico, acontecem também as produções populares sobre aspectos da língua, tal como o ato de repensar a categoria gramatical de gênero na Língua Portuguesa brasileira por parte das pessoas não binárias da comunidade LGBTQIAPN+.

Essas produções linguísticas populares, assim como as demais, não estão isentas de aspectos extralinguísticos, como a ideologia e os aspectos político-sociais, principalmente, quando consideramos que estas produções de saber são elencadas por um grupo de pessoas que foram, historicamente e socialmente, colocadas à margem da sociedade. Estes grupos, dentre eles a comunidade LGBTQIAPN+, sofrem diariamente não apenas na esfera social, como na esfera política e governamental - nestes dois âmbitos, o processo de exclusão como tentativa de apagamento e aniquilamento foi iniciado há muito, em grande parte do globo.

É importante destacar que, apesar de as próprias propostas populares trazerem a palavra *neutro*, no que diz respeito ao *gênero neutro*, não significa que não haja um propósito de base ideológica, social e político, significa apenas que não há a marcação de gênero algum, como no caso da identidade agênera³⁶. O uso do sintagma *gênero neutro* não tem como objetivo uma delimitação das categorias que flexionam o gênero apenas em masculino ou

³⁶ A ageneridade é uma identidade trans que pode ser expressa de múltiplas formas, como para denotar a ausência de gênero, o *gênero neutro* ou, ainda, gêneros pouco presentes ou fracos.

feminino, há, sobretudo, uma expansão, que procura dar conta de representar na língua outras identidades ou expressões de gênero.

De forma a iniciarmos a explicação do conceito de *dissidência linguística*, é importante observarmos alguns sentidos decisivos sobre *dissidência* e começamos com algumas noções mais populares. O *Dicionário inFormal* (2021) é uma fonte importante quando consideramos esse movimento de ordem popular e civil, uma vez que ele é fruto de uma construção popular e coletiva. Quando observamos essa atividade linguística, notamos mais uma vez como as posições de produção de conhecimento sobre a língua são maleáveis (PAVEAU, 2018), no referido *Dicionário*, por exemplo, a pessoa consulente ignora, até que surja a necessidade de consulta, seu papel de consulente e passa a ser aquela que produz conhecimento, que produz uma descrição dicionarizada de um verbete - esta posição é chamada por Oliveira (2014) de "colaborador-lexicógrafo".

De acordo com Oliveira (2014), iniciativas como a do *Dicionário inFormal* questionam concepções que tomam ainda o dicionário enquanto um produto neutro de produção de sentido. Pautada em Mazière (1989, p. 47), Oliveira (2014, p.?) mostra que essa visão é uma visão *ingênua*, e ela se dá

pelo fato deste ser, antes de tudo, um instrumento de consulta, a definição goza de um estatuto particular: ela é sempre mais ou menos considerada como "boa", "sem restrições de uso", intercambiável de um dicionário a outro. Nós sempre temos um dicionário, e isto apesar das diferenciações teóricas importantes reivindicadas pelos lexicógrafos desde há duas décadas.

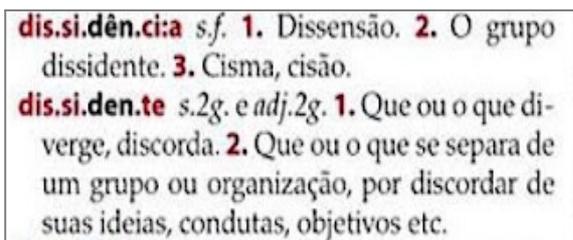
É justamente por seu caráter transformador que o *Dicionário inFormal* se coloca enquanto inovação frente a esta concepção considerada mais *inocente*, uma vez que o dicionário deixa de ser apenas um espaço de consulta e passa a ser um espaço de produção colaborativa, uma vez que ele

chama o falante a reconhecer-se como detentor de um saber sobre a língua, um saber que pode ser transformado em descrição das palavras da língua, e que é legítimo para ser tornado público. Isto não significa que o falante rechace o lugar de saber do lexicógrafo estudioso da língua, ou que substitua o Dicionário "Formal" pelo "inFormal". Significa que a "formalidade" lexicográfica deixa de ser incondicional, e que uma nova relação dos falantes com a língua, com o dicionário e com a escrita é possibilitada (OLIVEIRA, 2014, p. 265).

No *Dicionário inFormal*, o verbete *dissidência* foi construído pela própria equipe do dicionário - a qual é formada também por pessoas da área da linguagem, com formação linguística, e por isso de sua definição curta e muito próxima dos dicionários formais e

tradicionais, conforme observamos no verbete *dissidência* no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Ernani Terra, conforme a Imagem 5 apresentada a seguir.

Imagem 5 - Verbetes "dissidência" no *Dicionário da Língua Portuguesa* - Ernani Terra



dis.si.dên.ci.a *s.f.* **1.** Dissensão. **2.** O grupo dissidente. **3.** Cisma, cisão.
dis.si.den.te *s.2g. e adj.2g.* **1.** Que ou o que diverge, discorda. **2.** Que ou o que se separa de um grupo ou organização, por discordar de suas ideias, condutas, objetivos etc.

Fonte: *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Ernani Terra.

O *Dicionário inFormal*, conforme já explicitado, é produzido não apenas por pessoas da equipe do *Dicionário*, mas também por pessoas diversas, as quais, a partir de um cadastro na plataforma online, podem enviar sugestões de significados e que, posteriormente, serão avaliadas pela equipe do *Dicionário*. Em seu site oficial, é definido como um "dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!" (DICIONÁRIO INFORMAL, 2022, n. p.).

No caso do verbete analisado, *dissidência*, as três acepções e significados são produzidos pela equipe, provavelmente, por se tratar de uma palavra pouco usual e que circula mais em ambientes formais e acadêmicos. O *Dicionário inFormal* disponibiliza informações da pessoa que propôs determinado significado, inserindo, logo abaixo do verbete, o nome da pessoa usuária (que pode ou não ser o verdadeiro nome da pessoa), bem como a região que aquela pessoa reside. Essas são informações importantes e que colocam o *Dicionário inFormal* como um dicionário ainda mais diferente dos demais: podemos considerar as acepções/os sentidos a partir da pessoa e do espaço geográfico ao qual essa pessoa pertence, mostrando a consideração pelas variantes linguísticas e, além disso, dá uma sensação de ser mais síncrono com o atual estado da língua que os demais dicionários.

O verbete *dissidência* no *Dicionário inFormal* (2022, n. p.) é caracterizado como uma fissura, como uma mudança realizada a partir de uma atitude, a partir da discordância de opiniões em relação às várias áreas da vida, ou seja, enquanto (1) *discordância, divergência de opiniões, separação, cisma, cisão dos membros de uma corporação, de uma seita, de um partido* e (2), *discordância de opiniões*. A terceira acepção para o verbete nos leva a vê-lo como uma ação, como algo a ser feito, enquanto (3) *ato de divergir, discordar*. Assim, de

acordo com o verbete, o que faz da dissidência um ato é justamente a necessidade que começa com uma pessoa e que acaba se tornando um desejo coletivo, uma prática e ação coletiva. A Imagem 6 a seguir apresenta a definição em sua completude.

Imagem 6 - Verbetes "dissidência" no *Dicionário inFormal*

Dissidência
3 Definições encontradas.

Definições Sinônimos Antônimos Relacionadas Exemplos Flexões Rimas Reversa

1. Dissidência
Significado de **Dissidência** Por *Dicionário inFormal* (SP) em 02-09-2009
Discordância, divergência de opiniões. Separação, cisma, cisão dos membros de uma corporação, de uma seita, de um partido.
*Houve uma **dissidência** entre as cores vermelho e verde.*

50 0

2. Dissidência
Significado de **Dissidência** Por *Dicionário inFormal* (SP) em 21-01-2012
Discordância de opiniões
*Grupo ou partido de **dissidentes***

22 2

3. Dissidência
Significado de **Dissidência** Por *Dicionário inFormal* (SP) em 21-08-2018
Ato de divergir, discordar.
*A **dissidência** do candidato de esquerda no debate foi notável.*

1 0

Fonte: *Dicionário inFormal* (2022).

Outro espaço de construção de saberes, no qual pessoas especialistas e não especialistas produzem conhecimento, é a plataforma *Wikipédia*. Ela funciona como um espaço colaborativo de saberes - saberes estes que também podem ser populares. De acordo com Primo e Recuero (2008, p. 55), a *Wikipédia* pode ser lida como um "hipertexto cooperativo", uma vez que "no hipertexto cooperativo todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento". De acordo com seu site oficial,

a Wikipédia é um projeto de enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue estabelecido na internet sob o princípio wiki. Tem como propósito fornecer um conteúdo livre, objetivo e verificável, que todos possam editar e melhorar. O projeto é definido pelos princípios fundadores e o conteúdo é disponibilizado sob a licença Creative Commons BY-SA e pode ser reutilizado sob a mesma licença, desde que respeitando os termos de uso. Todos podem publicar conteúdo on-line desde que criem uma conta e sigam as regras básicas, como verificabilidade ou notoriedade. Todos os editores da Wikipédia são voluntários e integram uma comunidade colaborativa, sem um líder, onde coordenam esforços em projetos temáticos e espaços de discussão. Dentre as várias páginas de ajuda à disposição, estão as que explicam como criar um artigo ou editar um artigo. Em caso de dúvidas, não hesite em perguntar. Debates e comentários sobre os artigos são bem-vindos. As páginas de discussão servem para centralizar reflexões e avaliações sobre como melhorar o conteúdo da Wikipédia (WIKIPÉDIA, 2021b, n. p.).

É justamente por esse caráter colaborativo, no qual "todos os colaboradores têm direito de escrever e reescrever qualquer texto" (PRIMO; RECUERO, 2008, p. 55), que julgamos importante trazer à discussão da construção atual³⁷ do conceito de *dissidência*, que é proposto nesta dissertação para refletir sobre a atividade e o papel de linguistas populares militantes no que concerne à temática do *gênero neutro*.

Quando observamos aquilo que a plataforma diz sobre *dissidência*, o sentido construído parte do campo político. De acordo com a Wikipédia (2021a, n. p.), a dissidência é marcada por uma decisão e ação contrária à determinada construção, seja no "[...] ato de discordar de uma política oficial, de um poder instituído (ou constituído) ou de uma decisão coletiva" e são, portanto, chamadas de *dissidentes* as pessoas que "[...] optam pela dissidência" (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.). É importante destacarmos, ainda, que a dissidência é construída enquanto fruto de uma escolha pensada e calculada a partir de uma discordância a algum regime político (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.).

A dissidência é também uma ação de minorias e, de acordo com a *Wikipédia*, um termo análogo à *dissidência* é o termo *oposição* - contudo, a página faz questão de dizer que o termo *dissidência* "[...] não é sinônimo para oposição" (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.), justificando essa diferença a partir da quantidade de pessoas que fazem parte desses grupos, representados na língua pelos termos *oposição* e *dissidência*.

De acordo com a plataforma, apesar desses grupos concordarem em discordar, enquanto *oposição* presume a presença de um grupo com maior número de pessoas e com caráter mais estável, a *dissidência* é formada por minorias, as quais, "[...] muitas vezes, optam por se excluir do enfrentamento, abandonando o país e denunciando-o no exílio" (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.). Assim, enquanto o grupo de oposição é visto como aquele que se

³⁷ Como descrito, a *Wikipédia* é construída e atualizada sempre a partir da alteração de uma pessoa ou grupo, também a partir de um registro de conta na plataforma. Assim, consideramos o texto produzido até a data de sua consulta, 04 dez. 2021.

impõe e que permanece se impondo, os grupos dissidentes são aqueles que, apesar de também enxergarem a necessidade de mudança, se colocam à parte, em outras palavras, que deixam seu país e buscam refúgio em outros lugares.

Outra diferença entre os termos é que *dissidência* é um termo utilizado para as dissidências de "regimes autoritários e totalitários" (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.), enquanto o termo *oposição* é usado em regimes democráticos, como marca daqueles que discordam de uma "política oficial, poder instituído (ou constituído) ou de uma decisão coletiva" (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.). A construção estende ainda a ocorrência da *dissidência* em outras instâncias da vida social, ocorrendo também "em partidos políticos, em clubes, em empresas, em religiões, como, por exemplo, nas igrejas, e etc." (WIKIPÉDIA, 2021a, n. p.). Portanto, apesar de partir de um conceito da área política, o texto nos permite estender a concepção de *dissidência* a outras áreas da vida humana.

Observando outros sentidos para *dissidência*, é importante nos debruçarmos também nas construções formais e tradicionais de saberes e conhecimentos. A *dissidência* nesta dissertação é tomada a partir da concepção de *desobediência civil*, pautada em Henry David Thoreau, a partir de sua obra *A desobediência civil* (2012), e a partir da obra *Desobedecer* (2018), de Frédéric Gros.

A primeira característica da *desobediência/dissidência civil* parte da demanda não da supressão de determinado governo, mas da necessidade de um governo "[...] que seja melhor *agora mesmo*" (THOREAU, 2012, p. 8). Há uma necessidade emergente para a *dissidência* e quando pensamos na *dissidência linguística* há também uma emergência na construção e reconstrução de certos conhecimentos e de certas estruturas linguísticas, muitas vezes, já consolidados e considerados padrões e partes de uma estrutura quase imutável. O objeto da dissidência, no caso desta dissertação, as propostas de flexão gramatical de *gênero neutro*, pode ser pensado e estendido a toda e qualquer manifestação popular e não popular de revisão de formas linguísticas que excluem, oprimem e reforçam todo e qualquer tipo de preconceito e violência por meio da língua, da linguagem e das diferentes linguagens. Assim, A dissidência linguística não trata da extinção da língua ou de sua destruição, mas busca formas linguísticas, estruturas linguísticas e formas de linguagem que considerem as múltiplas existências, como a existência das pessoas não binárias.

Uma forma linguística a serviço da opressão pode não ter sido pensada originalmente de modo a excluir ou oprimir – afinal, uma língua não vive apenas de etimologia – os sentidos vão sendo (r)estabelecidos ao longo da história e as relações de poder vão trabalhando para a manutenção de certas estruturas discriminatórias, tal como o racismo, lgbtqiapn+fobia,

machismo, xenofobia, capacitismo e a aporofobia. Entretanto, a pessoa dissidente, como linguistas populares, promovem outro movimento dentro da linguística: repensar estruturas da língua que podem e são usadas para a opressão de pessoas – como observado anteriormente, independentemente do que dita a etimologia ou a dita arbitrariedade da estrutura linguística (SAUSSURE, 2012).

É importante destacar que a *dissidência linguística* não tem lugar, hora ou época, uma vez que ela ocorre em diversas formas e em diversos espaços, ainda que a internet seja um espaço majoritariamente deslegitimado. Apesar disso, espaços como a internet e as redes sociais on-line funcionam como espaços de encontro e de organização de dissidentes, podendo ser propício a tornar novas pessoas dissidentes. As redes sociais trazem novas formas de interação e de produção de conhecimento - ainda que haja nelas também diversas organizações, grupos e estratégias de silenciamento de pessoas e grupos.

Ao passo que a ciência alcançou patamares e espaços consolidados e chancelados de promoção de seus saberes, como periódicos nacionais e internacionais, eventos científicos, espaços midiáticos diversos, como TV e jornais e livros, podemos dizer que a internet é um espaço de encontro dessa *dissidência linguística* e de outras tantas. Assim como a prisão é lugar de encontro de *dissidentes civis* (Thoreau, 2012, p. 20) que se opõem minimamente às injustiças sociais, de forma consciente, no tempo presente e sem participar de jeito algum das injustiças, a internet e as redes sociais são tomadas por *linguistas profissionais* e *linguistas populares dissidentes* para se encontrarem e promoverem a produção e propagação de saberes populares e científicos, sejam eles da língua e linguagem ou outros temas³⁸. A internet e as redes sociais são alguns dos espaços de produção popular de saber, pois nelas encontram-se as pessoas que estão impedidas, por variadas razões, de produzir e promover saberes em espaços mais institucionalizados, tal como aqueles utilizados pela ciência.

Este encontro no espaço da internet não é homogêneo, principalmente quando consideramos que diversos grupos, com diversas demandas, buscam na rede seu contato com as demais pessoas dissidentes. Conforme descrito no *Dicionário inFormal*, esses agrupamentos são formados justamente por pessoas que antes concordavam e faziam parte de um mesmo grupo, alinhado aos valores e formas linguísticas oficiais.

Na internet, diversos conhecimentos dissidentes se encontram, há uma disputa entre pessoas dissidentes, e seus saberes, e aquelas pessoas que fazem parte do saber tido como tradicional, social e linguisticamente aceito como padrão. Os espaços de circulação em que

³⁸ Assim como descrito anteriormente no *Dicionário inFormal* e na *Wikipédia*, a *dissidência* está ancorada na separação de um grupo que discorda de algo tido como padrão e oficial.

lutam e disputam esses e os conhecimentos tidos como tradicionais ou quase imutáveis são diversos: seja em *blogs*, sites de notícias, vídeos em plataformas de compartilhamento de vídeos e chamadas on-line. Talvez, a internet seja eternamente esse lugar, esse espaço de encontro e disputa, de produção e de destituição de saberes.

Thoreau (2012, p. 8-9) chama a atenção para a necessidade de cada pessoa se enxergar enquanto fundamental para a mudança de leis injustas que governam a sociedade, postulando que "cada homem faça saber qual é o tipo de governo capaz de conquistar seu respeito". Assim, quando observamos a categoria gramatical de gênero na Língua Portuguesa, apesar do consenso majoritário ser o uso binário das formas masculina e feminina, as quais são, supostamente, pensadas à parte das identidades de gênero, isso não a torna mais justa, ao contrário, só quer dizer que existe um grupo de maior número de pessoas que se vê representado a partir dessa binariedade.

Pensando numa caracterização para *maioria*, Thoreau (2012, p. 9) nos mostra que não existe, obrigatoriamente, uma relação de justiça na decisão da maioria, segundo ele, é "porque ela é fisicamente mais forte", o que corrobora para a ideia de que, ainda que a maioria das pessoas se sintam representadas pelas atuais formas previstas de marcação de gênero, isso não as tornam mais justas e igualitárias. Além disso, este fato não implica que esta parte da língua tenha sido ou não pensada, em algum momento, sem carregar o sentido de exclusão daquilo que vai além dela.

Para trazer à discussão acerca da importância da consciência individual, a qual é totalmente diferente da consciência individualista, o autor traz o questionamento "será que o cidadão deve, ainda que por um momento e em grau mínimo, abrir mão de sua consciência em prol do legislador?", para tal pergunta, Thoreau (2012, p. 9) diz que "[...] devemos ser primeiro homens, e só depois súditos". Quando trazemos esse questionamento para a discussão central desta dissertação, podemos nos perguntar: será que as pessoas devem, ainda que por um momento, abrir mão de sua consciência linguística em prol das regularidades linguísticas previstas e em prol de pessoas da linguística? Por que cada pessoa e grupos dissidentes teriam consciência de sua língua se não fosse para também pensarem e repensarem aspectos linguísticos que não previram suas existências? Nós, linguistas profissionais, somos e devemos ser pessoas e só depois linguistas, só assim estaremos abertos a entender a construção de saberes populares e evitar, contra todas nós também, as consequências da hierarquização que rege a atual linguística. Nós não devemos cultivar tanto respeito às leis linguísticas quanto pelo direito de as pessoas falarem sobre sua língua, ainda que não sob os métodos científicos.

Para pensarmos a questão da *dissidência cívica*, Frédéric Gros, em sua obra *Desobedecer* (2018), no capítulo 10, *Dissidência Cívica*, inicia seu apontamento trazendo sua leitura daquilo que Immanuel Kant (2011) responde à questão "o que é Esclarecimento?", de acordo com Gros (2018, p. 160), "o Iluminismo não é uma época a ser circunscrita, uma corrente ideológica a ser definida, mas uma exigência ética no cerne do sujeito crítico". Essa leitura já nos permite entender que o centro do Iluminismo é justamente a pessoa ligada ao desejo ético.

Ainda, em uma única palavra, Gros (2018, p. 160) nos mostra aquilo que seria o que ele chama de "atitude do Iluminismo: maioria". Essa *maioria*, por sua vez, não seria caracterizada por determinada grande quantidade de pessoas, mas é definida por aquilo que ele chama de "capacidade de emancipação, de independência, de autonomia. Capacidade de dissensão" (GROS, 2018, p. 160), em outras palavras, *maioria* é significada pela autonomia que leva a pessoa a pensar e repensar de forma independente, de fazer escolhas sem ser levada pela simples influência. Assim, podemos ler a comunidade LGBTQIAPN+ a partir dessa concepção de *maioria* trazida por Gros (2018, p. 160), enquanto um conjunto de pessoas que veem as estruturas da língua e que não veem a língua apenas a partir da prescrição/visão sistêmico-linguística - conforme descrito no *Dicionário inFormal* e na *Wikipédia*, ela é esse grupo que produz um conhecimento que discorda de pessoas membras de uma organização e instituição, como parte da linguística.

A hierarquização do saber coloca a comunidade as pessoas não binárias como uma minoria, devido ao seu número e sua influência social, entretanto, quando observamos e trazemos essa coletividade para dentro da linguística e para fora dela, ela passa a ser vista como possuidora de capacidade de pensar sua língua de forma autônoma.

Falamos aqui, portanto, também de um *Iluminismo linguístico popular* prático, em que (1) as pessoas falam e mudam os aspectos linguísticos excludentes, sem que outras pessoas impunham como e porquê, ou, ainda mais importante, sem que precisem ser autorizadas a isso - "*Sapere aude* - Ouse saber!" (GROS, 2018, p. 161) - e (2) a partir do qual essa parte da linguística reveja suas concepções de língua, que ela não seja controlada pela redoma da hierarquia, mas que abandone esse lugar de única e detentora dos saberes sobre a língua.

Não defendemos que as pessoas da linguística sejam ignoradas ou que esqueçamos o que essa parte da ciência diz sobre a língua, mas que toda pessoa se questione: de que lugar essa pessoa linguista diz o que diz? Acima de tudo, é possível obedecer desde que se saiba o que e porque se obedece (GROS, 2018, p. 162). De acordo com Gros (2018, p. 161), o

primordial é que as pessoas tenham coragem, inclusive coragem para saber, uma vez que "[...] saber requer audácia". A dissidência linguística requer coragem, requer audácia.

Esta dissertação, por sua vez, não tem como intuito pensar pela comunidade LGBTQIAPN+, ainda que sua autoria seja de alguém que faz parte desta comunidade e considerando que não há uma homogeneidade dentro da própria comunidade. Esta dissertação é, na realidade, uma abordagem e uma proposta para que outros grupos socialmente marginalizados continuem revendo e propondo formas menos excludentes na língua, busca, portanto, abordar a questão da neutralidade de gênero com essa comunidade de pessoas. De modo que não precisem de produções acadêmicas, e forças de outras ordens, que autorizam o pensar e repensar em relação à língua e todo aspecto que lhes exclui. Faz-se importante para que não se permita pessoas que visam a imposição de pensamentos, de atos e de condutas que retiram desses grupos seus conhecimentos e propostas dissidentes.

O que a hierarquização pretende, em resumo, é manter essas pessoas dissidentes à parte, ou seja, quando uma ciência, ou parte dela, como a linguística, pode dizer "vocês não sabem o que tão falando" ou "a língua não foi pensada assim", até mesmo quando se apela, em alguns casos, à etimologia, o que se quer é reforçar, em certa medida, são dizeres como "[...] os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das leis da língua; e, se não as percebem, como poderiam modificá-las?" (SAUSSURE, 2012, p. 113).

Quando pensamos em estruturas da língua, acabamos por esbarrar, muitas vezes, em compreensões já consolidadas sobre a língua e que, quando postas lado a lado às demandas dissidentes, podem ser impostas pela linguística, ou por parte dela. Quando uma pessoa com formação linguística faz afirmações alinhadas à compreensão de que não há nada de excludente na estrutura da língua, pois a flexão de gênero na Língua Portuguesa não tem a ver com as identidades de gênero, uma vez que o masculino na língua já atua como neutro, como uma marca geral e coletiva, ela parte de uma concepção de língua que está à parte das questões históricas, sociais e políticas. Essa constatação tende a ser questionada, uma vez que a linguística considera, a depender do estudo e dos objetivos, essas questões na produção do discurso, já que ele é

[...] aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 2014, pág. 10-11).

Um fato que parece incomodar algumas pessoas é justamente as pessoas dissidentes questionarem aquilo que há de mais precioso e no centro da redoma da hierarquização de saberes sobre a língua: a própria língua e sua ordenação.

Dessa maneira, como outras instituições, determinadas alterações na língua podem ser autorizadas, enquanto outras, com os crivos que a hierarquização de saberes cria, impõem às pessoas linguistas regras específicas de uso. É muito comum, nos exemplos da linguística, a narrativização da disputa entre linguistas e jornalistas - e outras pessoas que usam a língua como instrumento de trabalho. Essa hierarquia reforça aquilo que Foucault (2014) já nos indicou: que não são todas as pessoas que estão autorizadas a falar, neste caso, sobre a língua, muito menos em qualquer lugar. Esta disputa revela a necessidade da linguística de se colocar e se reafirmar enquanto ciência ainda nos dias de hoje.

É importante destacar que essa parcela da linguística que se põe contrária às propostas de neutralidade da categoria gramatical de gênero e que acaba expurgando o conhecimento popular acaba indo contra seus próprios princípios. Um dos princípios da linguística é de que o papel da pessoa linguista é "[...] descobrir como a linguagem funciona por meio do estudo de línguas específicas, considerando a língua um objeto de estudo que deve ser examinado empiricamente, dentro de seus próprios termos[...]" (PETTER, 2015, p. 18). A esta pessoa, portanto, recai o dever de nunca olhar para um fato ou acontecimento linguístico e se questionar sobre o que há de certo nele ou válido - na famosa comparação da pessoa linguista com a pessoa bióloga³⁹.

Na comparação citada, quando a pessoa bióloga observa, por exemplo, a passarada com um comportamento não previsto, sua função não é a de lançar um olhar julgativo, ao contrário, ela deve buscar compreender os fatores que levaram àquela mudança de comportamento. Da mesma maneira deveria se desenrolar o papel da pessoa que estuda a língua: observar como as mudanças ocorrem, mas não somente aquelas consideradas e tidas como imotivadas ou naturais⁴⁰, mas também aquelas que os grupos sociais minorizados começam a perceber.

Assim como qualquer disciplina acadêmica preza pela sua cientificidade, há certa resistência por parte da comunidade linguista em se desvencilhar desse lugar de poder, afinal, apesar da redoma da hierarquia limitá-la, às vezes, sem que se perceba, ela traz também

³⁹ Esta comparação foi publicada em setembro de 2009, pelo Prof. Dr. Sírio Possenti (Unicamp), contudo, o texto não se encontra mais disponível na internet. Originalmente, foi publicado sob o link: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3955146-EI8425.00-Bagno+fatos.html>>.

⁴⁰ É bastante comum encontrarmos pessoas na internet dizendo que as mudanças linguísticas têm de ser naturais, mas, afinal, o que seria esse "natural"? Partiria de uma concepção naturalista, já excluída e abandonada, inclusive, pela Linguística Moderna, de que a língua é um outro reino da natureza?

benefícios. Conforme destacamos anteriormente, a linguística ainda busca por ser conhecida socialmente enquanto ciência que estuda e que fala sobre a língua e a linguagem - lugar este, muitas vezes, ocupado por outros profissionais que têm a língua como objeto de estudo ou trabalho, como jornalistas. É exatamente aí que a redoma da hierarquização se apresenta às pessoas linguistas de forma tentadora, como uma forma de alcançar o único e possível lugar para se falar da língua, a partir de uma ferida e chateação egocêntrica.

Se fôssemos pensar numa relação ecológica, poderíamos dizer que a hierarquização mimetiza uma relação com a linguística de mutualismo, em que ambas se beneficiam, mas, na prática, o que ocorre é quase uma antibiose, uma vez que a linguística acaba sendo limitada e delimitada pela hierarquização - marginalizando determinados objetos, tal como os saberes populares. Esta sim poderia ser uma relação de verdadeiro mutualismo, em que tanto linguistas e linguistas populares se beneficiam. A Linguística Popular apresenta, em certa medida, um antibiótico, uma solução para tudo isso, postulando que a linguística deve também observar essas produções, incorporá-las (PAVEAU, 2018), estar junto das pessoas na luta por uma sociedade também linguisticamente mais justa.

Outro fato que seria importante de parte da linguística encarar, inicialmente, para posteriormente poder mudar, é se ela se sente provocada por qualquer construção popular, principalmente quando coletivos de minorias sociais passam a propor saberes e (re)construções sobre a língua e linguagem por outras áreas da ciência ou por profissionais que trabalham com a linguagem. É neste momento que podem perceber que as leis linguísticas, as estabilidades na língua que são percebidas e criadas, não tornam pessoas linguistas mais justas por dizerem, por exemplo, que, na língua, a categoria gramatical de gênero não foi pensada e não possui relação com as identidades de gênero e, conseqüentemente, não é excludente. Ao contrário, é partindo desse respeito que possuem pela língua que até as pessoas mais bem-intencionadas "[...] são convertidas diretamente em agentes de injustiça" (THOREAU, 2012, p. 9).

O fato de parte da linguística, ou seja, de parte das pessoas linguistas profissionais questionarem as propostas de *gênero neutro* tem como resultado um grande número de linguistas se direcionando contra um próprio preceito da disciplina, o de descrever os acontecimentos da língua, não o de prescrever ou dizer o que é permitido. Além disso, esse embate deixa de incorporar esses conhecimentos populares dissidentes, como as propostas de *gênero neutro*, em seus estudos, uma grande perda para a ciência, já que ela poderia, por exemplo, incorporar esses dados em suas análises e estudos, além de conhecer a percepção das pessoas sobre sua própria língua (ALBURY, 2017).

Quando linguistas do mundo todo percebem o quão ruim e limitadora é a hierarquização de saberes, novos objetos de estudos são incorporados, como a própria abordagem apresentada nesta dissertação. A hierarquia de saberes age de formas diversas, e nosso papel enquanto linguistas é o de não permitir que o conhecimento popular seja silenciado, apagado e extraído dos estudos linguísticos.

A hierarquia dá uma falsa sensação de posse sobre ela. As pessoas que se opõem aos conhecimentos populares - as quais não são apenas linguistas, mas pessoas sem ou com formação em áreas diversas - acabam, muitas vezes, achando que têm controle sobre essa hierarquia. Ela é o que comanda, aprova e desaprova o que e como pode ser dito e falado, conseqüentemente, o que e como a linguística e qualquer outra área da ciência deve aprovar. Contudo, a própria constituição da hierarquia criou nela uma limitação: seu maquinário tem fricção (THOREAU, 2012) - o que é bom, já que a fricção promove a necessidade de manutenção, conserto e substituição de partes desgastadas.

A *pessoa linguista dissidente* (que pode ser tanto a pessoa linguista popular, quanto linguista de formação) é essa fricção ao maquinário da hierarquia, o qual, por sua vez, é todo conhecimento proposto que exclui e invalida os saberes populares. As comunidades minorizadas no tocante à linguagem promovem e nos mostram a necessidade de revisão, de reformulação e de quebra do pacto que se tem com a hierarquização dos saberes.

Se outrora a comunidade de falantes decidiu⁴¹ que a Língua Portuguesa contaria apenas com um sistema binário, masculino e feminino, e que nada teria a ver com as identidades de gênero, hoje, a relação entre a categoria gramatical de gênero e as identidades de gênero já é posta e firmada - e se encontra, inclusive, pautada no discurso gramatical, conforme destacamos em nossas análises de primeiro nível.

Seria uma observação incorreta dizer que a língua não é utilizada também para referenciar aquilo que está no mundo ou que aquilo que está no mundo é referenciado e nomeado linguisticamente. Às pessoas da linguística, há apenas uma possibilidade dentre as opções: ou trazemos para dentro da linguística esses conhecimentos populares e os estudamos e os descrevemos ou nos colocamos a serviço da hierarquização, o que nos põe contra nossos próprios princípios.

A *dissidência linguística* acontece diariamente, quando cada pessoa reflete e toma decisões pensando e repensando sua língua, seja a pessoa dona de casa que, ao escrever a lista de compras para seu filho ir à feira, decide anotar *mandioca* ao invés de *macaxeira* por estar

⁴¹ Partimos daquilo que Saussure (CLG, 2012) chama de "arbitrariedade do signo", justamente como algo que foi fruto de uma convenção social.

morando agora em São Paulo e não mais em Salvador, seja, ainda, a pessoa que conserta e arruma sapatos que decide se o "correto" para sua placa seria *Conserta-se sapatos* ou *Conserto sapato*.

A *dissidência linguística* acontece quando cada pessoa reconhece em si a capacidade de pensar e repensar sua língua, porém não só na ordem do diário, do corriqueiro, mas em busca também de mudanças na língua de forma que ela represente sua comunidade. Ainda que não se tivesse pensado em determinado aspecto, como a questão do *gênero neutro*, como uma proposta de marcação da identidade de gênero das pessoas que não se identificam com a notação binária homem-mulher/masculino-feminino, hoje, passa-se a pensar e a lutar por essas mudanças, ainda que não se faça parte da comunidade e da minoria social que luta pela mudança.

Assim, a luta popular e suas propostas, a *dissidência linguística*, afinal, não são "erradas" (ALBURY, 2017), ao contrário, elas procuram compreender o que as pessoas produzem, desde que são dotadas de linguagem, seus conhecimentos sobre sua língua, sejam eles motivados por questões ideológicas ou por questões políticas e sociais. De toda forma, elas não deixam de ser o que são: produções e conhecimentos populares que devem ser observados à sua maneira, não mais com as lentes binárias do certo ou errado. É preciso que esses conhecimentos sejam postos sob análise e que a parte da linguística que ainda reluta e invalida as propostas populares, tais como as abordagens de *gênero neutro* no português brasileiro, faça parte nessa prática.

Quando as pessoas têm sua língua tomada como objeto de estudo por parte da ciência e esta passa a falar sobre de suas línguas e linguagens, não é muito cedo para revermos posturas em tom hierárquico nem para observarmos esses conhecimentos populares como válidos. Ainda que outrora esses conhecimentos não tenham tido algo de semelhante ou previsto na e pela língua, como, supostamente, o caso da não relação da categoria gramatical de gênero com as identidades de gênero, hoje, essa relação existe. É um novo fato sobre a língua, apesar de ser uma antiga realidade, que deve ser observado como é e nunca lido ou inserido a partir do ponto de vista positivista, o qual caracteriza a hierarquização de saberes.

O que *linguistas populares dissidentes* querem, tal como a comunidade LGBTQIAPN+, a comunidade negra antiescravagista e antiracista, a comunidade feminista, comunidade indígena, comunidade de pessoas com deficiência e comunidade imigrante, entre outras, é se verem, respeitosa e verdadeiramente, integradas e representadas na sociedade também pela língua, não apenas por meio de políticas públicas e sociais.

Assim como às pessoas, à linguística pode ser que não recaia a obrigação de exterminar todas as injustiças existentes na sociedade, entretanto, "[...] é seu dever, pelo menos, manter suas mãos limpas e, mesmo sem pensar no assunto, recusar o apoio prático ao que é errado" (THOREAU, 2012, p. 15). Assim, Thoreau (2012) nos chama atenção para a necessidade de não termos parte alguma com injustiças, quando pensamos na língua e na linguagem, cabe, como uma obrigação, a linguistas, a observação constante e cuidadosa de não promoção ou cooperação para a perpetuação de injustiças, seja em seus grupos de estudos, na sala de aula, na postagem supostamente despreziosa, seja em suas produções de conhecimento, em resumo, em sua vida como um todo.

À comunidade linguista, não basta dizer *Somos contra as injustiças*, ela deve, minimamente, promover seus estudos e suas práticas de modo a não estar "[...] pisando nos ombros [...]" (THOREAU, 2012, p. 15) de outras pessoas, como da comunidade de pessoas não binárias, ela deve sair de cima dessas pessoas para que elas possam construir e caminhar em busca de seus objetivos. Em resumo, cabe à linguística produzir seus saberes e conhecimentos sem rechaçar e oprimir a produção popular de saberes.

Em resumo, a dissidência linguística se dá por meio da desobediência linguística, a qual demanda:

- 1) Ter consciência do porque se obedece ou não uma estrutura linguística com potencial uso discriminatório e excludente;
- 2) Ação de um *eu* que, na impossibilidade de obedecer, desobedece;
- 3) Ação *aqui e lá*, independente do lugar, a luta dissidente deve acontecer;
- 4) Lutar *agora* contra toda injustiça que se materializa na e pela língua;
- 5) Talvez, tão importante ou mais que as quatro anteriores, não ser quem tem parte nas injustiças - direta ou indiretamente.

Ao passo que a ciência alcançou patamares e espaços consolidados e chancelados de promoção de seus saberes, podemos dizer que a internet é um espaço de encontro dessa *dissidência linguística* e outras tantas. Assim como a prisão é lugar de encontro de *dissidentes civis*, como nos mostra Thoreau (2012, p. 20), que se opõem minimamente às injustiças sociais, de forma consciente e no tempo presente, sem participar de jeito algum das injustiças, a internet e as redes sociais são tomadas por *dissidentes* para se encontrarem e promoverem a produção e propagação de saberes populares, sejam eles da língua e linguagem ou outros temas. A internet e as redes sociais são espaços de produção popular de saber pois ali

encontram-se as pessoas que estão impedidas de produzir e promover saberes em espaços como os utilizados pela ciência.

Dessa maneira, a *pessoa dissidente* é Aquela que, tomada pela necessidade moral, pela consciência, é impossibilitada de obedecer uma lei injusta - seja ela ligada a um governo, lei/característica linguística ou a qualquer outra instituição, e que, acima de tudo, não tem ligação alguma com práticas injustas.

De acordo com Gros (2018, p. 163), não se trata de um *eu* que é oposto a *você* ou *nós*, mas oposto ao *a gente*, um *eu indelegável* que não pode ser simplesmente substituído. Ainda, a *pessoa dissidente* é aquela que recusa "[...] ser uma simples dobra, uma ondulação do mar dóxico, e opor à covardia o eu insubstituível" (GROS, 2018, p. 163). Assim é a *pessoa dissidente na língua*, seja ela linguista de formação ou popular: aquela que se posiciona enquanto parte principal e fundamental para a fricção das máquinas produtoras de desigualdade, exatamente onde está, seja virtual ou presencialmente. Ela é

esse eu indelegável é o sujeito ético-político do universal - uma universalidade intempestiva, não a dos consensos covardes, a universalidade como ruptura, transgressão, exigência de humanidade, que decide sobre a verdade, essa verdade entendida como o que ninguém quer entender (GROS, 2018, p. 164).

Enquanto a *dissidência* pode ser construída, por exemplo, conforme explicitamos anteriormente, como uma espécie de abandono de seu país (WIKIPÉDIA, 2021, n. p.), a *pessoa dissidente* é aquela que não foge, que possui coragem para pensar por si própria. Gros (2018) nos mostra que é um "[...] exercício do juízo [...]" e, conforme proposto por Platão (1987), é um *exame*: Sócrates, ao ser preso injustamente, encontrou-se em uma situação de possibilidade de fuga de sua prisão e se pôs a um "exame", a partir do qual ele chega a conclusão que, ainda que livrasse sua pele, seu corpo, ao optar pela fuga, sua alma seria arruinada.

Gros (2018, p. 166) nos mostra a grandeza que a escolha de Sócrates pela permanência na prisão revela: há algo de subversivo em sua permanência. E esse algo é justamente o cerne, o resumo, a principal característica da *dissidência*, "o inquietante de sua escolha de continuar preso é que ele alega que até sua condenação é ele quem a decide. No cerne dessa aceitação, afirma-se uma força de pensamento, de responsabilidade" (GROS, 2018, p. 166). Assim é a *dissidência linguística*, é subversiva, é uma escolha consciente, um *exame*, sabe-se do início ao fim ou porque se obedece ou desobedece uma lei linguística ou um aspecto linguístico tido como estável, mas injusto.

São as pessoas que, na confusão de um fato, escolhem observá-lo, entendê-lo para que, portanto, não sejam agentes de injustiças. Isso não quer dizer que não se confundam, não comentam erros ou que podem mudar completamente tudo, ao contrário, são pessoas que estão preocupadas em fazer o certo, inclusive revisitar produções antigas injustas, nas palavras de Thoreau (2012, p. 18), "[...] o fato de não poder fazer tudo não o obriga a fazer alguma coisa errada". A *prática dissidente* não é obrigatoriamente, reconhecidamente e/ou necessariamente grande, "o que é bem feito é pra sempre" (THOREAU, 2012, p. 19). É a pessoa que toma para si a responsabilidade de mudança, aquela que sente que, apesar das possíveis represálias, lhe "custaria menos, em todos os sentidos, sofrer as penas decorrentes da desobediência "[...] do que [obedecer]" (THOREAU, 2012, p. 23). A vida da *pessoa dissidente*, seja na prática da *dissidência cívica* ou *dissidência linguística*, não vale mais do que a forma como escolhe viver - é mais importante pensarmos em como viver do que viver propriamente dito. É importante ressaltar que o mais importante à *pessoa dissidente* é a necessidade "[...] de fazer o que lhe cabe, e no tempo certo" (THOREAU, 2012, p. 30), seja qual for o *espaço*, ou seja, no *agora* e no *aqui*.

Isso não significa que a pessoa dissidente é marcada, principalmente, pela desobediência, mas, sobretudo, que essas pessoas também seguem regras e, no caso da *dissidência linguística*, das *pessoas dissidentes na língua*, ou *dissidentes linguistas*, seguem as regras de funcionamento da língua, seja no nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, enunciativo, pragmático ou discursivo, desde que elas não sejam perpetuadoras ou criadoras de distinção, exclusão e opressão na e pela língua. Afinal, não poderiam propor mudanças na língua se, primeiro, não a conhecessem e, segundo, se não a utilizassem e a seguissem.

Assim, a linguística não superará a redoma da hierarquia caso não integre aos seus estudos os saberes populares sobre a língua e a linguagem e se não retirar de si as lentes da invalidação do conhecimento popular - muito menos qualquer outra ciência. Jamais será justa se continuar a se pautar, ainda que apenas uma parcela, numa linguística que tira das pessoas sua capacidade de pensar e repensar a língua e a linguagem. Ela precisa quebrar com essa barreira. Esta é a apostasia necessária à linguística e às pessoas linguistas profissionais.

1.4 Algumas noções de identidades de gêneros

Quando pretende-se estudar a língua, um comum pensamento é tomado por quem pesquisa, aquele de que

o objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados aos quais dá nome pela primeira vez (BAKHTIN, 2003, p. 299-300).

Quando passamos a estudar as questões de gêneros, esse senso comum, essa doxa, tem impacto direto e profundo no tema e é inevitável não nos debruçarmos sobre os estudos realizados até o momento, de modo a evidenciarmos, ou melhor dizendo, de modo a identificarmos como "está ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele[s] se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes" (BAKHTIN, 2003, p. 299 - 300).

As questões de gêneros passaram a ser discutidas com maior intensidade na década de 1980, graças ao movimento feminista estadunidense, cujo objetivo principal era relatar a realidade existente na sociedade: as "distinções baseadas no sexo" (SCOTT, 1990, p. 72). A autora nos mostra que a palavra *gênero* era utilizada de modo a diferenciar e rejeitar o uso de "sexo" e "diferença sexual" - sentidos estes, comumente implicados na palavra *gênero*. Além disso, Scott (1990) salienta que a palavra "gênero" foi utilizada para mostrar que os estudos dos sexos não poderiam ser feitos de maneira separada, mas através de uma relação de implicação.

A proposta de *gênero* continha, ainda, uma força e intuito maior, "era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares" (SCOTT, 1990, p. 73). Somado à esta força, Gordon et al. (1976) defendem a importância do estudo sobre os gêneros por mulheres, uma vez que

aprendemos que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que, por mais hesitantes que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história (GORDON, BUHLE, DYE, 1976, p. 89).

Dessa forma, a mulher é colocada não mais apenas como objeto de estudo (feito por homens), mas passa a ser atuante historicamente e socialmente e narrativiza sua própria história - transformando não apenas a sua, mas toda a história. Outras questões próximas aos gêneros passaram também a ser observadas, como as questões de classe e raça (SCOTT, 1976, p. 73). A estas três categorias Scott (1976) chama de *litania*, uma espécie de lutas e definições que passaram a caminhar de maneira conjunta. Nesta mesma direção, o feminismo negro norte-americano é pioneiro na chamada interseccionalidade, trabalhado, sobretudo, por Hill Collins (2019) e Crenshaw (2002).

Na busca por delimitar e descrever o que gêneros são, diversas pessoas pesquisadoras se valeram de outras perspectivas para tal tarefa (SCOTT, 1976, p. 74). Dentre essas perspectivas, Scott (1976) destaca duas: uma partindo com objetivo descritivista, a qual "[...] se refere à existência de fenômenos ou de realidades, sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade" (SCOTT, 1976, p. 74-75) e outra "de ordem casual", caracterizando a natureza de "fenômenos e das realidades", cujo objetivo, num caminho diferente da primeira, é o de compreender esses fenômenos e realidades e mostrar como e porque são como são (SCOTT, 1976, p. 75).

Outro valor⁴² adicionado a *gênero* se aproxima de uma pretendida neutralidade, a qual "[...] visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho" (*Ibidem*), e parte dessa escolha, afasta das pesquisas a palavra *mulher*, que contém em si um sentido mais político, "supostamente ruidosa" (*Ibidem*). Essa suposta escolha neutra por *gênero* em detrimento de *mulher* se dá pois, segundo esse pensamento, a palavra *mulher* está associada à uma "posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo '*gênero*' inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir forte ameaça" (*Ibidem*).

Essa escolha pautou-se no fazer ciência do século passado de se afastar de qualquer falta de objetividade, segundo o pensamento vigente, este era o sentido que a palavra *mulher* trazia, e buscava atribuir maior "legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80" (*Ibidem*). Ainda, esta preferência por *gênero* se dá pois, como nos mostra Scott (1976), não se pode estudar "o mundo das mulheres" sem se estudar "o mundo dos homens", já "que ele [o mundo das mulheres] é criado nesse e por esse mundo masculino" (*Ibidem*).

Nesse jogo de sentidos, a palavra *gênero* passa também a ter um valor muito próximo do que temos nos dias de hoje, sendo uma construção cultural. E enquanto tal, seu sentido passa a excluir qualquer "explicação biológica, como aquelas que encontram um denominador

⁴² Por valor, aqui nesta dissertação, tomamos como sinônimo de "sentido", "significado", "acepção".

comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior" (*Ibidem*). Esse uso que a palavra gênero passa a ter, ainda segundo a autora, "[...] enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade" (SCOTT, 1976, p. 76).

Apesar dessa pretendida representação do gênero como uma solução neutra e desprovida de toda luta social, política, ideológica e, não obstante, linguística, vemos que, na verdade, no discurso, aquilo que se diz sobre o gênero está "longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes" (FOUCAULT, 2012, p. 9).

Nos dias de hoje, a noção de gênero pode ser debatida para além dessa relação de imbricação cis e heteronormativa e binária homem-mulher e/ou mulher-homem e, nas palavras de Foucault (1978, p. 104) "não há uma verdade do sexo", ou, ainda, nas palavras de Lobo (2017, p. 125) "o sexo deixou de ser uma questão "natural" para se tornar uma artimanha de poder na sociedade e na cultura, objeto de uma biopolítica".

A partir dos estudos feministas no final do século passado, novas formas de olhar as questões de gênero foram surgindo, provando, mais uma vez, que nada de natural, cristalizado e transparente há na língua, a qual é opaca e fluida como um todo.

CAPÍTULO 2

ESTADO DA ARTE POPULAR: ANÁLISE DA TENDÊNCIA DO TERMO *GÊNERO NEUTRO* NO BRASIL (2004 - 2022)

Para que pudéssemos ter um panorama geral das buscas que as pessoas vêm realizando sobre o tema, nos pareceu importante considerarmos o *Google Trends*⁴³ - uma das ferramentas mais utilizadas nos últimos anos para análise de tendências devido ao fácil acesso, gratuidade e fácil disposição das informações, bem como a variedade de informações que fornece "em consultas reais dos usuários, geolocalizados, com categorias temáticas (notícias, saúde, ciência, entre outras) e com delimitações temporais" (SANTOS, PIRES, ROCHA, 2021, p. 2).

De acordo com o material instrucional disponibilizado pelo próprio *Google Trends* (2021), a ferramenta não nos mostra integralmente o volume da pesquisa daquele termo, uma vez que "[...] os dados são normalizados e apresentados em uma escala de 0 a 100, onde cada ponto no gráfico é dividido pelo ponto mais alto, ou 100". Para entendermos o funcionamento do algoritmo, Passos, Vasconcellos-Silva e Santos (2020) nos mostram que a plataforma

normaliza dados a partir de um número total de buscas em determinada região/período em uma escala que oscila entre 0 (volume de buscas menor que 1% em relação ao pico de popularidade) e 100 (pico de acessos) apresentados como Volumes Relativos de Busca/s (VRB).

Portanto, por padrão, o VRB é medido na escala 0 - 100, em que 0 representa total de 0% de popularidade e 100 representa 100% de popularidade de pesquisa por determinado termo em dado período e localidade geográfica. Dessa forma, observamos um estado da tendência da palavra-chave *gênero neutro* dentro destes recortes destacados e também explicitados no parágrafo a seguir.

Quando realizamos a busca por um termo no *Google Trends*, podemos ter uma noção da popularidade daquele termo quase que em tempo real, isso porque as pessoas estão constantemente utilizando o buscador, assim, o resultado mostra um recorte a partir das seleções que se pode fazer para a pesquisa, como, por exemplo: espaço geográfico, recorte temporal, por categoria (*Animais de estimação e Animais, Artes e entretenimento, Automóveis e veículos, Casa e jardim, Ciência, Comercial e Indústria, Comida e bebida, Compras,*

⁴³ Para ter acesso ao *Google Trends*, basta acessar o endereço a seguir: <<https://trends.google.com.br/trends>>.

Computadores e aparelhos eletrônicos, Comunidades on-line, Condicionamento físico e beleza, Empregos e educação, Esportes, Finanças, Hobbies e lazer, Imóveis, Internet e telecomunicações, Jogos, Lei e governo, Livros e literatura, Notícias, Pessoas e sociedade, Referência, Saúde e Viagens - além de suas subcategorias⁴⁴) e modalidade de pesquisa (se na *web*, se por *imagem*, se por *notícia*, se por *compra* ou se no *Youtube*).

No caso desta pesquisa, valendo-nos do mesmo termo de busca para a seleção de textos e gêneros textuais que compõem nossos cinco níveis de análise, *gênero neutro*, consideramos o Brasil enquanto recorte geográfico, uma vez que nosso intuito foi entender como se encontrava a tendência de busca pelo termo aqui e, conseqüentemente, pelo assunto. Consideramos como recorte temporal a data de início dos dados disponibilizados pelo *Google Trends*, 01 de janeiro de 2004 até o dia em que realizamos esta etapa da pesquisa, 19 de fevereiro de 2022, selecionando todas as categorias e considerando as buscas na *web*.

Brevemente, a questão da neutralidade de gênero vem sendo estudada por linguistas e pessoas estudosas da linguagem há muito tempo - muitas vezes, não da forma dissidente como a comunidade não binária o faz; no Brasil, algumas obras estruturalistas e prescritivistas são comumente citadas para a abordagem da questão do Latim e/ou Língua Portuguesa, bem como a questão da flexão de gênero, como em Almeida (1992), Bechara (2009), Cardoso (2003), Faria (1958) e Santos Sobrinho (2013).

Nosso intuito aqui não é repetir dizeres pautados em um único estatuto de língua, muito comumente ligado à estrutura dura (presença real e atual do estruturalismo linguístico, bem como seu poder de reverberar e se atualizar) e normativa da língua (através da criação de gramáticas de cunho prescritivista) - isso seria uma tarefa repetitiva e mais do mesmo, essas visões e discursos são facilmente encontrados pela internet. Interessa-nos, portanto, questionarmos: de onde falam o que falam? Não podemos deixar de destacar que são, em sua maioria (apenas Cardoso (2003) é uma autora mulher comumente referenciada), homens, brancos, heterossexuais, cis e de classe abastada, que sempre tiveram posição de destaque e oportunidade de estudar a língua, muitas vezes, fora do Brasil, com direito à bolsa e financiamentos, sejam de ordem pública ou familiar, e, portanto, sempre foram autorizados a falar sobre ela.

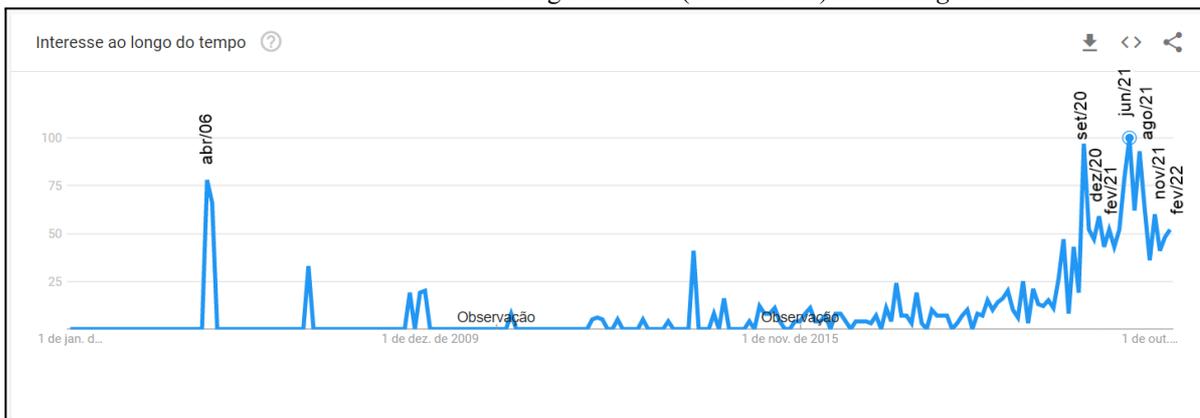
Dessa forma, é inegável chegar à conclusão de que suas produções, das mais variadas formas, meios e intuítos, são carregadas e representam os privilégios que detêm. Para maior compreensão destas e outras pessoas pautadas na lógica masculina, brancas, heterossexuais,

⁴⁴ As subcategorias podem ser consultadas diretamente no site do *Google Trends*: <https://trends.google.com.br/trends/?geo=BR>.

cis e da classe abastada, Rodrigues (2004) faz uma reunião das formas como algumas pessoas teorizaram e veem a questão da flexão nominal no Português brasileiro, em específico, na flexão de gênero e grau.

O Gráfico 1, apresentado a seguir, foi produzido a partir do site do *Google Trends* e, observando cronologicamente, o primeiro momento no tempo em que o termo de busca *gênero neutro* obteve um significativo interesse foi em abril de 2006 (no gráfico, *abr/06*). Como sabemos e destacamos no parágrafo anterior, pensar em *gênero neutro* não é uma invenção da atualidade, como muitas pessoas acham - apesar de existirem diferenças entre os períodos, conforme mostraremos mais à frente.

Gráfico 1 - Gráfico de Interesse ao longo dos anos (2004 - 2022) do termo *gênero neutro*



Fonte: *Google Trends*. Acesso em: 19 fev. 2022.

Podemos dizer que, primeiramente, os estudos sobre a flexão de gênero na língua surgiram a partir dos estudos e do caso do Latim, o qual contava com três formas de flexão nominal de gênero: masculino, feminino e neutro - Rodrigues (2004), conforme já explicitamos, fez uma compilação das principais formas de como a flexão de gênero no português podia ser visto, a partir de pessoas autoras estruturalistas e gramáticas como Câmara (1981) e (1985), Coutinho (1938), Ali (1965), Melo (1980), Luft (1979), Bechara (1999), Macambira (1978), Laroca (1994) e Arnould e Lancelot (1992). Não é ao acaso que muitas destas citações têm sido usadas para fundamentar os discursos contrários às formulações de neutralidade no português brasileiro - isso faz com que não apenas as concepções estruturalistas e prescritivistas fossem reafirmadas, mas também a ordem cultural das coisas: a cisheteronormatividade branca da linguística.

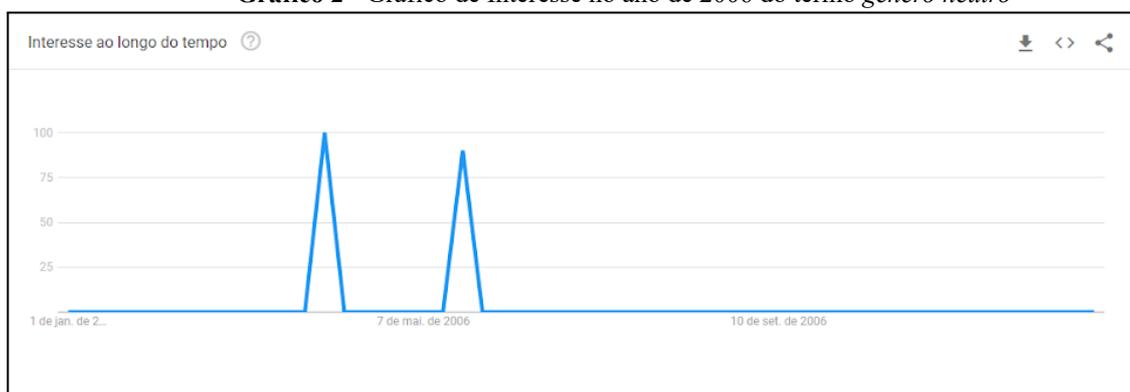
Contudo, observando o Gráfico 1, nos pareceu importante buscarmos informações e compreendermos 3 momentos de popularidade: 2006, 2020 e 2021 - isso porque foram os

períodos em que a popularidade ficou acima da média (≥ 50). A seguir, apresentamos as informações e conclusões a que chegamos a partir dos dados disponibilizados e por nós analisados.

2.1 Sobre a alta popularidade de *gênero neutro* em 2006

De modo a entendermos melhor o contexto de tendência no ano de 2006, realizamos uma busca no *Google Trends* (Gráfico 2) com a palavra-chave *gênero neutro* apenas neste ano, mas não obtivemos outras informações que pudessem nos fornecer pistas do porquê o termo estava em um número médio-alto de popularidade ($\geq 50 \sim 100$), como: o interesse por sub-região, assuntos relacionados e pesquisas relacionadas⁴⁵. Todavia, pudemos observar que, tendo como comparação apenas os meses daquele ano, além da alta de interesse acima da média no mês de abril, houve um aumento também no mês seguinte, maio⁴⁶.

Gráfico 2 - Gráfico de Interesse no ano de 2006 do termo *gênero neutro*



Fonte: *Google Trends*. Acesso em: 19 fev. 2022.

Conforme salientamos anteriormente, a plataforma nos dá como opção algumas seleções para a pesquisa, como a *categoria*⁴⁷. Essas *categorias* são disponibilizadas de modo

⁴⁵ Nas páginas seguintes, abordaremos outras metainformações que a plataforma disponibiliza para a análise de tendência de forma detalhada. Contudo, inicialmente, optamos por apenas citá-las, de modo que pudéssemos, primeiro, concluir esta etapa de análise e, num segundo momento, abordar essas outras metainformações juntamente com os dados que elas fornecem. Em resumo, nos pareceu ser uma melhor organização para discutirmos as etapas da pesquisa.

⁴⁶ O mesmo termo de busca *gênero neutro* foi apresentado nos Gráficos 1 e 2: no Gráfico 2 (=100 em abril e =90 em maio do mesmo ano), ele aparece com uma diferença significativa em relação ao valor de popularidade que apresenta o Gráfico 1 ($\cong 75$), essa diferença se dá pois o VRB considerou, no primeiro gráfico, a popularidade do termo em comparação com o mesmo termo e outros termos durante período de tempo selecionado (01/01/2004 - 19/02/2022), já no caso do Gráfico 2, considerou apenas o termo em comparação com os demais meses e outros termos durante o período.

⁴⁷ Arrolamos as categorias disponíveis nas páginas 72 e 73 desta dissertação.

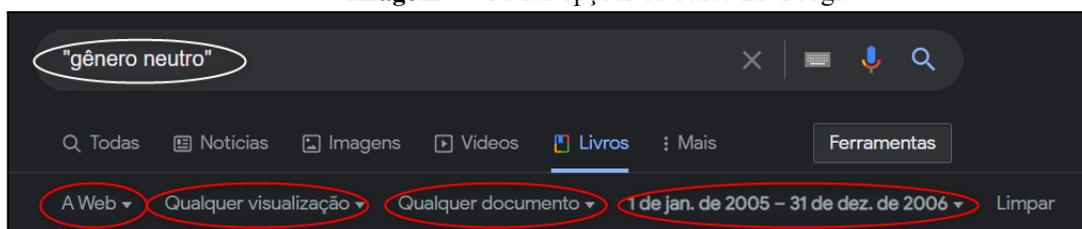
que possamos especificar a busca da palavra-chave em contextos mais específicos. Por exemplo, se uma pessoa usa a palavra-chave *puma*, ela pode selecionar a categoria *Animais de estimação e Animais* para ter acesso à popularidade da palavra-chave neste contexto, ou seja, sobre o animal e não sobre uma marca, por exemplo - para esta opção, basta selecionar a categoria *Compras*.

Observando-a, notamos que a cada vez que mudávamos os itens da *categoria*, os demais metadados alteravam sua aparência, no geral, para zero ou sem informações relevantes diante daquele novo critério estabelecido na busca. Contudo, apenas uma categoria apresentou os dados mostrados no Gráfico 2, a categoria *Livros e literatura*. Diante desta informação, nos pareceu que estávamos mais perto da confirmação de nossa hipótese: de que, neste período, as pesquisas feitas pelas pessoas usuárias seriam movidas pela busca de livros e obras em geral escritas (artigos, revistas e jornais) com relação ao termo de busca num contexto linguístico de categorização na Língua Portuguesa e em contexto de descrição da mudança dessa característica na variação do Latim à Língua Portuguesa.

A partir disso, valemo-nos de outra ferramenta disponibilizada pelo buscador, a de buscar por livros e materiais escritos que foram publicados e que, conseqüentemente, podiam ser buscados e lidos pelas pessoas interessadas no assunto. Assim, através da busca pela palavra-chave *gênero neutro*, foi possível realizarmos a busca por materiais - é importante destacarmos que a palavra-chave foi pesquisada entre aspas para que o buscador devolvesse apenas resultados com o sintagma *gênero neutro*, uma vez que poderiam haver alguns resultados indesejados, como: materiais ligados aos *gêneros textuais*, materiais que discutem apenas as questões de *gênero*, materiais que falassem de *gêneros do cinema* e assim em diante.

Pudemos inserir alguns filtros na busca: na *Web*, já que as demais opções, *Páginas em Português* e *País: Brasil* não resultaram em material algum, *Qualquer visualização*, considerando obras disponibilizadas parcial ou totalmente na *web*, *Qualquer documento*, considerando as opções disponíveis pelo buscador (*Livros, Jornais e Revistas*) e considerando o período de 01 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2006 - conforme indicam os destaques na Imagem 7. Contudo, consideramos apenas materiais em Língua Portuguesa e de origem brasileira.

Imagem 7 - Outras opções de busca no Google



Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

A busca retornou vinte e dois (22) materiais ao todo (Anexo A - Resultado da busca de materiais na web sobre *Gênero Neutro*). A Tabela 8 a seguir apresenta as principais informações das obras. Dos vinte e dois (22) materiais resultantes da busca, seis (6) são relacionados à linguística, três (3) são da área da teologia, dois (2) da área de estudos de gênero, um (1) da psicanálise, um (1) da área de literatura, um (1) material da área de ciências sociais e políticas, um (1) outro ligado à área da música, um (1) outro ligado às áreas de história, geografia e antropologia, além de um (1) ligado apenas à área de Antropologia e um (1) exemplar relacionado ao direito. Por conta das poucas informações disponibilizadas pelo *Google*, quatro (4) materiais não forneceram informações suficientes para conseguirmos enquadrá-los em alguma área.

Tabela 8 - Informações das obras devolvidas com a busca de *gênero neutro*

Nº do Material	Nome do material	Autoria/Colaboração /Organização	Ano	Tipo/Gênero textual	Área do conhecimento	Assunto
1	<i>Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos</i>	Viviane Maria Heberle e Ana Cristina Ostermann	2006	Livro físico	Linguística/ Análise do Discurso	Obra que reúne uma série de textos de pesquisas relacionadas ao campo linguístico/discursivo e de gênero social.
2	<i>O verdadeiro Deus</i>	Luis Francisco Lalaria Ferrer	2005	Livro físico	Teologia	Obra religiosa com intuito de promover discussões acerca do perfil de Deus e sua constituição.
3	<i>Ler os atos dos apóstolos: estudo da teologia lucana da missão</i>	Alberto Casalegno	2005	Livro físico	Teologia	A obra religiosa que tem como ideia discutir as fases missionárias, realizadas pelas primeiras pessoas que seguiram a Jesus, que visavam evangelizar, aquelas descritas no livro bíblico <i>Atos dos Apóstolos</i> , além de falar e discutir sobre a <i>Teologia Lucana</i>

						(discípulo do apóstolo Paulo).
4	<i>Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume I</i>	Sigmund Freud	2006	Livro físico	Psicanalise	O livro é parte de um volume de 24 livros publicados, os quais visam reunir as principais ideias de Freud e seus estudos.
5	<i>Noites brancas</i>	Fiodor Mikhailovitch Dostoievski	2005	Livro físico	Literatura	O livro narra o romance vivido por duas personagens, Sonhador e Nástienka.
6	<i>Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa</i>	Oswaldo Antônio Furlan	2006	Livro físico	Linguística	Discute a questão da mudança linguística que se deu do Latim até a Língua Portuguesa, abordando textos literários para ilustrar questões de língua e gramaticais.
7	<i>As concepções lingüísticas no século XIX a gramática no Brasil</i>	Leonor Lopes Fávero e Márcia Antonia Guedes Molina	2006	Livro físico	Linguística	-
8	<i>Língua portuguesa Volume 1, Exemplar 14</i>	- ⁴⁸	2005	-	-	A obra não possui informações para que pudéssemos preencher algumas das categorias desta tabela.
9	<i>Diga-me: o que significa gênero</i>	Marie-Victoire Louis	2006	Revista científica	Ciências Sociais e Políticas	A autora visou compreender os sentidos que a palavra <i>gênero</i> possuía em seu campo de estudos, a <i>Ciência Social e Política</i> .
10	<i>Lingüística histórica uma introdução ao estudo da história das línguas</i>	Carlos Alberto Faraco	2005	Livro físico	Linguística	Aborda as diversas formas de fundamentação teórica para a caracterização do campo científico da mudança linguística.

⁴⁸ O símbolo "-" indica a ausência de informação de determinada categoria.

11	<i>A língua portuguesa na Revista Brasileira, Volume 1</i>	Ana Maria Barbosa e João Luiz Lisboa Pacheco	2005	Livro físico	Linguística	O livro reúne diversos textos sobre a Língua Portuguesa que foram publicados na <i>Revista Brasileira</i> .
12/13	1) <i>Pelas telas, pela janela: o conhecimento o dialogicamente situado;</i> 2) <i>Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?</i>	1) Carla Giovana Cabral; 2) Juliana Schwartz, Lindamir Saete Casagrande, Sonia Ana Charchut Leszczynski, Marília Gomes de Carvalho	2006	Artigo científico	Estudos de Gênero	1) O primeiro artigo visou discutir a suposta neutralidade de gênero atribuída à ciência; 2) O segundo artigo visou abordar o desenvolvimento computacional feminino, ou seja, a contribuição e desenvolvimento de <i>softwares</i> desenvolvidos por mulheres e, conseqüentemente, enquanto gênero ativo no desenvolvimento computacional.
14	<i>Faculdade de Música Carlos Gomes: Retrospectiva Acadêmica</i>	Sonia Albano de Lima	2005	Livro físico	Música	O livro foi uma edição comemorativa em razão dos 100 anos da Faculdade de Música Carlos Gomes.
15	<i>A chaga da corrupção</i>	Eliana Yunes e Luiz Cavalieri Bazilio	2005	Livro físico	-	- ⁴⁹
16	<i>O sertão subsídios para a história e a geografia do Brasil</i>	Carlota Carvalho, Adalberto Franklin e João Renôr Ferreira de Carvalho	2006	Livro físico	História, Geografia e Antropologia	O livro traz histórias e dados importantes sobre a vida sertaneja no estado do Maranhão, no norte do Tocantins, no sul do Pará, no estado do Amapá e na região do Parnaíba.
17	<i>Madrugada da Modernidade e 1926</i>	Paula Ramos	2006	Livro físico	-	O livro reúne alguns assuntos publicados na então revista <i>Madrugada</i> .
18	<i>Jesus, Messias e vivificador do mundo</i>	Cláudio Vianney Malzoni	2005	Livro físico	Teologia	-
19	<i>Sobre</i>	Francisco Venceslau	2005	Livro físico	-	-

⁴⁹ Não pudemos encontrar muitas informações sobre a obra, como a área do conhecimento a qual ela se fundamenta (apesar de podermos criar algumas hipóteses, preferimos não construir informações somente com inferências).

	<i>mulheres e suas representações</i>	dos Santos				
20	<i>Quinhentos anos de história lingüística do Brasil</i>	Suzana Alice Cardoso, Jacyra Mota, Rosa Virgínia Mattos e Silva	2006	Livro físico	Linguística	O livro faz um apanhado geral de trabalhos que tinham como intuito analisar e mostrar como se deu, até então, os estudos sobre a língua e a linguagem no Brasil.
21	<i>Toda feita o corpo e o gênero das travestis</i>	Marcos Renato Benedetti	2005	Livro físico	Antropologia	O livro foi resultado da pesquisa de mestrado de Marcos Renato Benedetti, na qual acompanhou a vida de travestis, visando abordar suas práticas sociais ligadas à questão do gênero.
22	<i>Direitos de personalidade e e sua tutela</i>	Elimar Szaniawski	2005	Dissertação de mestrado	Direito	A pessoa autora faz uma análise histórica sobre o conceito, natureza jurídica e caracterização da teoria geral dos direitos da personalidade.

Fonte: Elaborada pela pessoa autora a partir da pesquisa feita no buscador *Google*.

Com este primeiro levantamento, ressaltamos que não era nosso foco analisar de forma profunda cada uma das obras, nem mesmo darmos conta de sua totalidade. Desejamos mostrar apenas que a questão do *gênero neutro* já era amplamente disseminada entre áreas de estudos diferentes no ano de 2006, em relação aos materiais impressos⁵⁰: em nosso mapeamento, pelo menos doze (12) áreas do conhecimento abordaram a questão do *gênero neutro*. A seguir, a partir dos trechos disponibilizados e escaneados pelo *Google*, faremos uma breve análise⁵¹ do contexto em que a palavra-chave *gênero neutro* aparece nessas obras.

A partir da leitura do resumo da primeira obra, *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos* (HEBERLE, OSTERMANN E FIGUEIREDO, 2006), pudemos observar que a questão abordada pelas pessoas autoras está ligada à disputa entre os gêneros binários e construídos como norma, homem e mulher. Ou seja, discute não a questão do gênero na língua, mas gênero enquanto identidade e relação entre os gêneros masculino e

⁵⁰ Isso porque em 2006 não tínhamos tantos recursos computacionais e digitais que pudessem fornecer, de forma disseminada e popular, outros formatos de textos, como os digitais.

⁵¹ Seguimos a mesma ordem de aparição dos resultados da busca, tanto para a confecção da tabela quanto para nossas breves análises.

feminino. A plataforma do *Google* não permitia acesso ao contexto neste caso, desta forma, pudemos contar apenas com as informações que encontramos nos dados outros disponibilizados.

Já a segunda obra, a partir da identificação e busca da palavra *gênero neutro*, a qual se faz presente na obra, a pessoa autora discute uma questão de cunho religioso, a representação da unidade de Deus Pai e Deus Filho, não com uma visão de pessoas diferentes, mas enquanto um ser coletivo. Para demonstrar a superioridade destas entidades, Ladraria (2005) mostra que a característica de *ageneridade* divina e a marcação de *gênero neutro* na língua são marcas superiores e que atestam também sua divindade. Nas palavras do autor, essas entidades "[...] são uma mesma coisa, e se usa o *gênero neutro*. Os Padres deram a esse fato grande importância, porque esse neutro elimina o perigo do sabelianismo, ou do patripassianismo (uma só coisa, mas não uma só pessoa) [...]" (LADRARIA, 2005).

Ladraria (2005) vê a grandiosidade da aplicação da neutralidade de gênero na língua para marcar *Aquele* não é um ou outro, mas vários, um ser coletivo. Apesar de partir duma concepção de neutralidade considerando a norma vigente de sua época, de que a neutralidade é uma característica marcada na Língua Portuguesa pela flexão do gênero linguístico masculino, coloca o *gênero neutro* para além desta construção linguística, coloca-o como uma marca da essência e característica da unidade e ageneridade de Deus. Ou seja, não é homem ou mulher, não é apenas um ou outro, mas um coletivo, que não se encaixa nem por um ou por outro, mas de outra forma, é neutro e é representado na Língua pela neutralidade de flexão de gênero. Aqui, portanto, *gênero neutro* é utilizado para trabalhar a questão da identidade de gênero de Deus na língua.

Essa neutralidade constitui parte daquilo que caracteriza a superioridade de Deus, em seu "[...] amor desinteressado [...]" (LADRARIA, 2005). Dessa forma, a superioridade e a unidade divina são construídas como aquelas que não podem ou precisam se limitar, se caracterizarem de forma binária. Discursivamente, essa leitura sobre a unidade divina, especificamente, sobre Sua ageneridade e flexão de gênero neutra (ainda que partindo do "masculino genérico"), coloca em cheque todos e a maioria dos discursos religiosos, manifestados de diferentes formas, como na criação de Projetos de Leis que têm, na atualidade, a visão de ageneridade e *gênero neutro* (enquanto estas novas formas de se marcar linguisticamente a ageneridade - bem como todo espectro desta identidade) como "[...] uma tentativa absurda de subverter os mecanismos naturais de funcionamento da língua pátria [...]" (SÃO PAULO, 2021a)" ou que contraria "[...] os valores da Família e os preceitos Cristãos [...]" (ALAGOAS, 2020).

Contudo, a partir dessa construção presente em Ladraria (2005), podemos identificar um comum e generalizado desconhecimento daquilo que é Deus por parte de pessoas religiosas, enquanto fundamento religioso cristão, de Sua essência. Isso coloca em cheque alguns princípios religiosos e que foram materializados na bíblia, como a criação das primeiras pessoas imbricar duas possibilidades, *homem e mulher*, como únicas possibilidades, como única possibilidade aquela que é cisnormativa e orientada de forma heteronormativa.

Ainda, coloca em cheque a fácil condenação infernal e eterna às pessoas que não se identificam de maneira cisgênera e heteronormativa, como homem e mulher. Podemos nos questionar: como poderia Deus condenar ao inferno pessoas que possuem uma característica próxima a Dele, vista por teólogos, como o caso de Ladraria (2005), como aquilo que faz a essência de Deus? Seria, no mínimo, inconsistente, além de um caso de blasfêmia condenar pessoas que propõem e se veem para além da binariedade identitária e que materializa em forma(s) linguística(s); blasfêmia enquanto "[...] enunciado ou palavra que insulta a divindade, a religião ou o que é considerado sagrado [...]" (DICIONÁRIO GOOGLE, 2022) ou, partindo do exposto bíblico, "[...] Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens [...]" (BÍBLIA ONLINE, Mateus 12,8).

Assim, se somos à imagem de Deus, por que condenar as pessoas que possuem uma característica divina, neste caso, de ageneridade ou de não conformidade com a hetero e cisnormatividade? Nos dias de hoje, vemos, portanto, que o intuito das pessoas religiosas em estancar o movimento LGBTQIAPN+ em relação às propostas de *gênero neutro*, além de outros movimentos sociais, como o movimento Feminista, Movimento Negro, Movimento Indígena e tantos outros, não é o de proteger sua Língua ou, ainda, de seguir a essência da criação divina - a qual, como vemos, é defendida por pessoas teólogas como uma característica divina e que, assim, veem a Deus como um ser agênero - tratado nas escrituras de forma neutra e não masculina (ainda que se utilize o masculino que é tido também como marcador neutro de gênero na Língua Portuguesa).

A estrutura presente no discurso de pessoas religiosas não é a busca de sua religião com Deus, mas de reafirmação de seus privilégios e invalidação das necessidades das pessoas que não são constituídas por suas características cis, heteronormativas, geralmente, brancas e de classe média - mesmo, como já dissemos, que as pessoas que lutam pelas propostas de *gênero neutro* possuam uma característica divina, afinal, disse Deus: "[...] Façamos o homem [ser humano] à nossa imagem, conforme a nossa semelhança[...]" (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 1,26).

Podemos também pensar: se o discurso religioso toma a natureza da entidade suprema e superior como o que devemos seguir, como norma e padrão, logicamente, será que não seriam desviantes da natureza divina e da vontade divina as pessoas que não se identificam de maneira agênera (representadas na Língua pela flexão neutra de gênero) em relação às suas identidades de gênero? Isso é importante não apenas do ponto de vista linguístico para observarmos apenas os usos da flexão linguística de gênero, mas também para observarmos a relação de imbricação social que existe entre identidade de gênero e a flexão de gênero na língua e como a sociedade manipula os discursos e os determina a serviço daquelas pessoas que tomaram para si o poder. Em outras palavras, como essas sociedades de poder religiosas tomam para si e tentam construir-se como únicas autorizadas a falar. Neste caso, a identidade de gênero de Deus (unidade constituída também por Deus Filho - Jesus Cristo, e Deus Espírito Santo), sua ageneridade, é marcada como uma essência imutável, já que Ele é Aquele que "[...] é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente" (BÍBLIA DO CRISTÃO, Hebreus 13,8).

Quando observamos o terceiro livro identificado na busca, *Ler os atos dos apóstolos* (CASALEGNO, 2005), a palavra-chave *gênero neutro* aparece num sentido muito próximo do proferido por Ladraria (2005), também por ser uma obra de base teológica. De modo a descrever um dos atos missionários do apóstolo Paulo em uma de suas visitas aos epicureus e estóicos, Casalegno (2005, p. 316) destaca uma de suas frases (de Paulo) usadas para convencer essas pessoas de que as demais divindades que eram cultuadas por elas estavam "abaixo" do poder de Deus e que adoravam a divindade de Deus de forma despreziosa, sendo ela, a divindade Deus, "o que adorais sem saber" e complementa com a seguinte explicação "A frase de Paulo, 'o que adorais sem conhecer', referida a Deus e dirigida aos filósofos, no grego, está no *gênero neutro* e não no masculino, indicando genericamente a divindade, não a um Deus pessoal" (CASALEGNO, 2005, p. 316).

Nesta forma de ver a identidade de gênero de Deus e como é marcada na fala de Paulo, a pessoa autora nos mostra que Deus, justamente, é um ser que vai além das possibilidades binárias, Ele é um ser agênero e que, linguisticamente, é representado por formas linguísticas neutras. Hoje, como já observamos, muitas pessoas se opõem às novas propostas de marcação linguística de *gênero neutro* não por ser uma variante linguística que entra em dissonância com o pretendido *masculino genérico*, mas porque veem a ageneridade como algo impossível e antireligiosa, como algo pecaminoso e diabólico e que, ao ser trazido para a língua, para a palavra - assim como fez Deus, através da palavra e da língua criou o mundo - teria como efeito criar e, portanto, normalizar aquilo que não deveria existir para esse grupo de pessoas - e é também por isso que tentam não apenas evitar, mas também (1) tomam

para si a autoridade e o legislar sobre a língua e (2) legislar de modo a proibir a existência dessas propostas de revisão da categoria de gênero no Português brasileiro.

Não é sem motivos que vemos diversas pessoas ocupando cargo de deputadas estaduais criando diversas leis rechaçando as propostas de *linguagem neutra* - e, infelizmente, encontrando respaldo inclusive na linguística para seus preconceitos, suas práticas de silenciamento e de apagamento das necessidades e desejos da comunidade LGBTQIAPN+. Ao passo que a língua foi utilizada por Deus para criar tudo e todas as pessoas, as pessoas que se colocam contrárias ao movimento do *gênero neutro* pretendem barrar mudanças na língua partindo dessa primeira função religiosa e fundante da língua, a de criar, de gerar e de normatizar o que pode ou não existir, além da forma como pode ou não existir. Elas acreditam que permitindo a criação de nova flexão de gênero, cria-se e naturaliza-se outras identidades de gênero que não são permitidas e previstas por elas, e é por isso também que legislam, ainda que sejam identidades próximas e semelhantes a de Deus.

O quarto livro, o qual faz parte de uma série de livros publicados com intuito de discutir e abordar as principais teorias de Freud, contém a palavra-chave *gênero neutro* apenas para discutir as escolhas feitas pelo tradutor da obra originalmente publicada em Língua Alemã. Como a obra não se encontra em domínio público, não pudemos investigar melhor seu contexto; contudo, pudemos verificar que aparece apenas para explicitar a linha de raciocínio da pessoa que traduziu e mostrar o ponto de partida, como nos mostra a Imagem 8.

Imagem 8 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume I*, de Freud

6 Aqui convém fazer uma ressalva para os casos de "W" e "Er". Verificar-se-á que elas às vezes substituem, respectivamente, "Wahrnehmungsbild" e "Erinnerung". A única maneira de decidir com exatidão a forma por extenso correspondente depende do fato de que os termos mais longos pertencem ao gênero neutro, ao passo que os mais curtos são femininos. Em geral, há um artigo ou adjetivo que facilitam a identificação; mas esse é um dos casos em que o leitor tem que se fiar no critério do tradutor, e que também propicia eventuais divergências entre a presente versão e a dos Anfänge.

Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

Na quinta obra de nossa busca, chamada *Noites brancas*, escrita por Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, a questão do *gênero neutro* aparece apenas em duas situações, ambas para falar sobre uma criatura chamada de "sonhador": na primeira, no pós-fácio feito por Nivaldo dos santos, em que se constrói uma explicação sobre a obra e retoma o trecho da

segunda aparição. Já na segunda, aparece em uma fala de uma das personagens que descreve uma criatura como de *gênero neutro*, chamada de "sonhador". No trecho, uma das personagens, tida como uma mulher, questiona a outra personagem, representada na figura de um homem mais velho, sobre sua identidade e, diante do questionamento, a pessoa mais velha questiona se ela sabe o que é um "sonhador" - indicando ser esta sua identidade.

De modo a caracterizar um "sonhador", a personagem mais velha descreve que em Petersburgo existem lugares poucos conhecidos e tidos como esquisitos. Além disso, a personagem mais velha descreve que existem grandes diferenças entre os estilos de vida destes espaços em Petersburgo e que, portanto, "sonhador", advindo dessas regiões esquisitas, não é homem, mas "[...] uma criatura de gênero neutro" (DOSTOIÉVSKI, 2005, p. 30). Aqui, neste caso, *gênero neutro* aparece como estratégia de descrição do que é desconhecido ou diferente, mas ainda opondo-se ao que é considerado padrão, ser "homem", como nos mostra a Imagem 9.

Imagem 9 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *Noites Brancas*, de Dostoiévski

— Vai ouvir, Nástienka (parece que nunca me cansarei de chamá-la de Nástienka), vai ouvir que nesses recantos vivem pessoas estranhas: os sonhadores. Um sonhador, se é necessária uma definição detalhada, não é um homem, mas sim, sabe, uma criatura de **gênero neutro**. Na maioria das vezes ele habita um recanto inacessível, como se quisesse esconder-se até da luz do dia, e uma vez que se recolhe a sua casa, gruda-se em seu canto como um caracol; ou pelo menos nesse aspecto ele se parece muito com aquele animal interessante, que é animal e casa ao mesmo tempo e que se chama tartaruga. Por que a senhorita acha que ele ama tanto as suas quatro paredes, pintadas infalivelmente de verde, defumadas, melancólicas e insuportavelmente enegrecidas pela fumaça?

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

A obra de Oswaldo Antônio Furlan, *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*, por sua vez, aborda a questão do *gênero neutro* em três momentos - através da visualização do Google, tivemos acesso somente a estes momentos:

- 1) a mostrar que o Latim, assim como outras línguas, opõe os gêneros masculino e feminino ao gênero neutro, sendo este "[...]nenhum dos dois" (FURLAN, 2006, p. 61), parte, assim, duma concepção estruturalista, por meio da visão negativa, em que um é aquilo que o outro não é (SAUSSURE, 2012). Além disso, o autor nos mostra uma

relação existente entre o gênero na língua e a questão do sexo, visto neste dissertação como identidade de gênero, e em outras línguas, mas, ao que ele diz respeito ao Latim, o autor mostra que "[...] segue esse critério em partes [...]" (FURLAN, 2006, p. 61). Infelizmente, não tivemos acesso ao restante da citação, como nos mostra a Imagem 10. Apesar disso, pudemos perceber que existia já há tempos o questionamento da ligação da categoria gramatical de gênero com a identidade de gênero, abordada pelo autor como "seres sexuados", ou seja, que possuem sexo - nesta dissertação, lido como identidade de gênero;

Imagem 10 - Primeira aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra de Oswaldo Antônio Furlan⁵²

I. Gênero – O latim (assim como o grego, o alemão e outras línguas)
contrapõe ao masculino e feminino o **gênero neutro**, de *neutrum* (< *ne, uter*), “nenhum dos dois”. Mas, enquanto, em outras línguas, o masculino e o feminino correspondem a seres sexuados e o neutro a seres assexuados, o latim segue esse critério apenas em parte. Ele indica o gênero

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

- 2) Num segundo momento, a obra discute como se deu a passagem da flexão de gênero do Latim para o Português no caso de alguns substantivos que tinham na primeira Língua a flexão neutra e, na segunda, a flexão masculina, com o que ele chama de "[...] evolução do latim ao português [...]" (FURLAN, 2006, p. 76). Ele cita os seguintes exemplos: "[...] nomes em **-us** (*aurum, tempus, lignum, caput*, "ouro, tempo, lenho, cabo") [...]" (FURLAN, 2006, p. 76) (Imagem 11).;

Imagem 11 - Segunda aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra de Oswaldo Antônio Furlan

sistiu no português.^{4,3,2} Note-se, porém, que, na evolução do latim ao português, a maioria dos substantivos de gênero neutro assumiu o gênero masculino dos nomes em **-us** (*aurum, tempus, lignum, caput*, “ouro, tempo, lenho, cabo”); mas os poucos plurais da 2ª declinação assumiram o gê-

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

- 3) Além disso, o autor mostra que as formas de flexão de gênero masculino e feminino, na "[...] evolução do latim ao português [...]" (FURLAN, 2006, p. 76), de maneira geral, mantiveram o mesmo gênero que o Latim, exemplificando com "[...] *serva*,

⁵² Conforme explicitado, nos falamos dos recortes disponibilizados pela biblioteca do buscador *Google* e, infelizmente, não pudemos acessar a obra em sua totalidade ou de forma mais ampla para descrevermos o contexto e analisarmos a forma como aborda a questão a pessoa autora. Como pode-se notar, ainda os trechos liberados, possuem cortes e recortes secos, muitas vezes, impedindo uma análise mais completa (ainda que com as limitações estabelecidas pelo buscador).

servo, virtude" (FURLAN, 2006, p. 323) e reafirma que os nomes que no Latim eram de *gênero neutro* passaram, em português, a assumir o gênero masculino (Imagem 12).

Imagem 12 - Terceira aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra de Oswaldo Antônio Furlan

Os nomes remanescentes de gênero masculino e feminino conservaram,
em geral, o mesmo gênero do latim: *serva, servo, virtude*. Já os nomes
de **gênero neutro** assumiram em geral o gênero masculino: *cabo < caput;*
corno < cornu, nome < nomen.

O fato de que, nas formas de **gênero neutro**, a do nominativo se repete

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

Apesar de não termos tido acesso à obra completa, os três trechos trazidos pelo buscador permitiram concluirmos que a obra discute a questão do *gênero neutro* (1) como era no Latim, ou seja, havia no Latim três formas de marcação/flexão de gênero na língua, o masculino, o feminino e, sendo aquilo que os dois primeiros não são, o neutro, abordam (2) como a flexão de gênero se atualizou e passou a ser estaturada na Língua Portuguesa, sendo o gênero masculino o responsável por abarcar as palavras que tinham como marcação linguística de flexão de gênero de origem (no Latim) o neutro e (3) nos dá indícios de que, ao contrário do que dizem muitas pessoas linguistas profissionais, a flexão de gênero possui sim sua ligação com a questão do *sexo*, ou, a partir da nossa leitura nesta dissertação, possui ligação com a *identidade de gênero*.

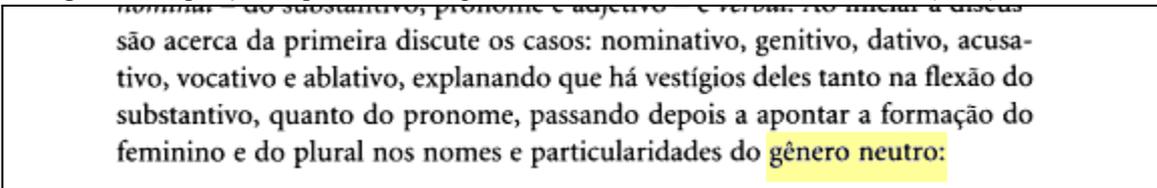
Logo, concluir que não há ligação entre a marcação linguística de *flexão de gênero* e *identidade de gênero*, além de demonstrar pouco conhecimento sobre os estudos de Língua Latina e como se deu o processo de mudança do Latim para o Português, acaba por corroborar para que pessoas ideologicamente pautadas na intolerância e desrespeito continuem a achar suporte teórico e ideológico para lidar não apenas com a questão das propostas de *gênero neutro*, mas também com as demais demandas da comunidade LGBTQIAPN+. Quando trabalhamos com a *língua* de comunidades postas à margem da sociedade, é preciso não apenas analisá-las, é preciso atentar-se para que a análise científica não seja, em si, perpetuadora e reprodutora de marginalização, é preciso, portanto, uma *análise sensível-linguística*, uma *análise linguística a partir da sensibilidade*.

Outro texto resultante da busca foi da área de linguística, de Fávero & Molina (2006), chamado *As concepções lingüísticas no século XIX a gramática no Brasil*. Neste texto, as autoras discorrem sobre os estudos sobre a língua no Brasil, especificamente sobre os estudos gramaticais. Como é de se esperar e confirmando nossa hipótese inicial, em 2006 ainda havia preocupação em mostrar como a Língua Portuguesa passou a ser uma língua derivada do

Latim, em outras palavras, havia preocupação em construir/mostrar o processo de mudança linguística que se iniciou no Latim e gerou outras línguas, como o Português.

Dessa forma, as autoras também usaram a palavra-chave *gênero neutro* apenas para mostrar que o Latim possuía a flexão de gênero no masculino e no feminino, além do *gênero neutro*, o qual abarcava tudo aquilo que não se enquadra nos dois primeiros, a Imagem 13 nos dá esse indício.

Imagem 13 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra de Fávero & Molina (2006)

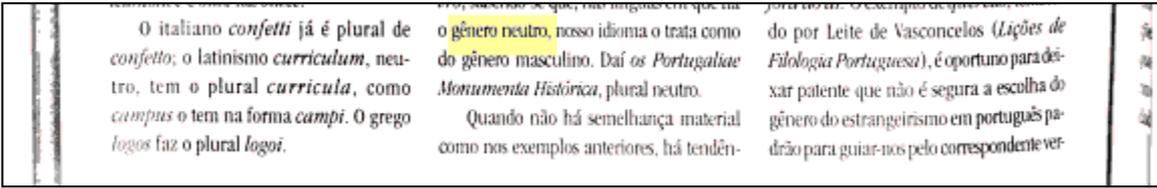


são acerca da primeira discute os casos: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo, explanando que há vestígios deles tanto na flexão do substantivo, quanto do pronome, passando depois a apontar a formação do feminino e do plural nos nomes e particularidades do gênero neutro:

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

O material chamado *Língua portuguesa, Volume 1, Exemplar 14*, nome dado de forma automática pelo buscador, não nos permitiu identificar ou encontrar o texto com o nome dado inicialmente, nem autoria, tipo/gênero textual e área do conhecimento, apesar de indicar ser de área interessada em estudar a Língua. Apesar disso, pudemos identificar o contexto em que nossa palavra-chave aparece na obra. Assim como as obras voltadas à Língua Portuguesa, esta também estabelece uma explicação das origens latinas do Português, além do Italiano (Imagem 14).

Imagem 14 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *Língua portuguesa Volume 1, Exemplar 14*



O italiano *confetti* já é plural de *confetto*; o latinismo *curriculum*, neutro, tem o plural *curricula*, como *campus* o tem na forma *campi*. O grego *logos* faz o plural *logoi*.

o gênero neutro, nesse idioma o trata como do gênero masculino. Daí os *Portugaliae Monumenta Histórica*, plural neutro.

Quando não há semelhança material como nos exemplos anteriores, há tendên-

do por Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia Portuguesa*), é oportuno para deixar patente que não é segura a escolha do gênero do estrangeirismo em português padrão para guiar-nos pelo correspondente ver-

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 19 fev. 2022.

Em relação à Língua Italiana, a obra mostra que a palavra em Latim *curriculum* flexiona em *gênero neutro*, além de discutir as formas de flexão em número no Latim, no Grego e no Italiano. Destacamos na Imagem 14 a presença do termo *gênero neutro* na obra. Conforme salientamos anteriormente, obras voltadas a discutir a questão da Língua Portuguesa e que foram disponibilizadas e pesquisadas no buscador *Google* possuem a característica de mostrar a relação entre o Latim e outras línguas. Em resumo, esta obra acaba mostrando também que as palavras cuja flexão de gênero era a variante neutra no Latim

passaram a se configurar na flexão de gênero masculino na Língua Portuguesa - portanto, essa variante é usada para marcar o masculino e o neutro.

Com o intuito de compreender as concepções de *gênero* dentro de seu campo de estudos, em ciências sociais e políticas, Louis (2006) fez um compilado dessas noções e como foram construídas acerca de *gênero*, ao todo, a autora trouxe 23 noções sobre o tema. Como nosso intuito é observar a ocorrência do termo *gênero neutro* nessas obras, não incorporamos e não nos debruçamos sobre as demais concepções que o termo pode receber.

A primeira ocorrência se dá pela separação do termo, ou seja, como palavras separadas, em que

o gênero masculino não é neutro; que o homem era o gênero dominante, mas que certas pessoas se questionavam a respeito do fato de saber se esse era um gênero em perigo ou um gênero a se eliminar, e mesmo sobre o fato de saber se eles pertenciam ao gênero humano (LOUIS, 2006, p. 718).

Nesse recorte, não podemos afirmar com certeza se a autora encontrou esta concepção, a qual ela parafraseia, relacionada à questão da flexão de gênero na Língua Portuguesa, mas ela mostra que há uma concepção de que o *gênero masculino* possui relação de equivalência com *homem*, em que podemos pensar em pelo menos duas possibilidades: (1) se esta paráfrase menciona *gênero masculino* enquanto flexão de gênero na língua, ela mostra que o gênero na língua possui relação com a identidade de gênero ou, (2) se a paráfrase discute apenas a questão da identidade de gênero, ela mostra como se dá a relação de poder existente entre homem e mulher (de forma binária).

A segunda ocorrência do termo *gênero neutro* ocorre em uma nota criada pela autora. Esta nota está ligada à noção de *gênero* número XXII abaixo:

Acreditei, enfim, ser útil abrir mão aqui do emprego – digamos, ordinário(3) – desse termo na imprensa recente: esse gênero de proposta, um gênero suspeito, um mau gênero, meu gênero preferido, uma carreira de um novo gênero, insultos de todo gênero, esse gênero de leitura, o gênero "menino" e o gênero "menina", ser único em seu gênero, uma foto desse gênero, uma foto de gênero (LOUIS, 2006, p. 720).

Nessa noção, a autora explicita diversas instâncias e perspectivas sobre *gênero*, mas nos parece importante observarmos o trecho "o gênero 'menino' e o gênero 'menina'", palavras que apresentam a forma binária de flexionarmos e representarmos linguisticamente a identidade de gênero, mas ainda ligada à questão biológica, no geral, crianças do sexo biológico masculino e sexo biológico feminino, respectivamente. Isso porque a nota, ligada ao conceito de número XXIII, retoma a questão do *gênero neutro* a partir da gramática e parece estar ligada aos exemplos de "menino" e "menina". Partindo de uma noção gramatical, ela traz

a definição que encontrou no dicionário francês *Dictionnaire Littré* (2021, n. p.), com 10 acepções, focalizamos apenas a noção que considera o

[...] Termo gramatical. Propriedade dos nomes de representar os sexos e, em algumas línguas, a ausência do sexo. O gênero masculino, o gênero feminino, o gênero neutro, aquele que não pertence nem ao macho, nem à fêmea. [...]. * Gênero comum, diz-se algumas vezes do gênero de palavras que possuem uma mesma terminação para o masculino e feminino [...]. * Adjetivo de dois gêneros, que possui uma mesma terminação para o masculino e para o feminino.

Neste dicionário trazido pela autora francesa, uma das noções da palavra *gênero* é pautada no sentido gramatical, como uma característica dos substantivos em representar o gênero como ligado aos *sexos*, bem como com a falta de *sexo*. Mais uma vez, podemos observar a relação existente entre flexão de gênero na língua e identidade de gênero, podendo, neste recorte, a flexão de gênero ocorrer de três maneiras: masculino, feminino e neutro, este, sendo o que não é *macho* ou *fêmea*.

A questão da marcação da flexão neutra de gênero, conseqüentemente, da identidade de gênero, aparece ainda como uma ausência do ser *macho* ou ser *fêmea* e não enquanto uma marcação que possui característica em si. O termo *gênero neutro* é recorrentemente referenciado a partir da falta de características masculinas e/ou femininas, como se fosse um meio nebuloso, sem características próprias ou sem que se possa enxergar características tidas como padrão (macho/fêmea, homem/mulher) - mais adiante, essa discussão será retomada, ainda que diferentemente, por Juno (2016), de modo a mostrar que não existe uma forma na sociedade prototípica em que se diga e classifique determinada pessoa como não binária

Quando não se representa por essa falta binária, o *gênero neutro* é tido como uma categorização de flexão de palavras que não se flexionam no gênero masculino nem feminino, bem como para o caso dos adjetivos. A definição traz, ainda, uma aplicação numa frase⁵³ com sentido figurado "[...] Não sabemos de que gênero ele é, se ele é macho ou fêmea, diz-se de um homem muito contido, de quem não se conhecem os sentimentos" (DICTIONNAIRE LITTRÉ, 2021). Neste exemplo, a pessoa que não apresenta traços, características e comportamentos previstos socialmente para homens ou mulheres, acaba sendo caracterizada como de *gênero neutro*. Aqui, a neutralidade é marcada também pela falta do que se espera em termos de comportamento e de expressão de um homem e de uma mulher, como alguém que não é *um* ou *uma*, mas *algo nesse meio*.

⁵³ Versão extraída em Francês, diretamente da versão online do dicionário "[...] Fig. On ne sait de quel genre il est, s'il est mâle ou femelle, se dit d'un homme très caché, dont on ne connaît pas les sentiments." DICTIONNAIRE LITTRÉ, 2021).

Assim, ainda que a palavra *neutro* carregue um sentido de *isento* ou de *ausência*, devemos nos perguntar: ausência de quê ou de quem? Ausência de quê ou de quem na visão de quem? Afinal, palavra alguma é transparente, os sentidos de palavras estão sendo construídos e constituídos a todo momento, elas são atravessadas por múltiplos significados e lutas (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1979).

Apesar de nossa busca ter trazido a obra *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*, escrita por Carlos Alberto Faraco, não encontramos indícios da palavra-chave *gênero neutro* na obra através do buscador automático, apesar de ser um tópico comumente abordado para tratar de assuntos de pesquisa em linguística histórica. Em relação à flexão de gênero, a possibilidade de existência do *gênero neutro* é usada apenas para mostrar como ocorre a mudança linguística em nível morfológico ao longo da história do Latim à Língua Portuguesa.

Considerando a aparição do termo no livro *A língua portuguesa na Revista Brasileira*, de Ana Maria Barbosa e João Luiz Lisboa Pacheco, temos um contexto de aplicação e explicação em que *gênero neutro* é utilizado para explicar o termo *-nelliro* o qual, "é o gênero gramatical que mais se emprega substantivamente, senão também porque, antes de tais vocábulos, se pode subentender a palavra animal, que, no idioma do Lácio, pertence para o gênero neutro" (BARBOSA E PACHECO, 2005, p. 691). Nesta tomada, o termo *gênero neutro* é utilizado para definir substantivos que denominam animais e suas características, o que vai de encontro com as demais concepções anteriores. No entanto, acrescenta que, quando elas falavam que o *gênero neutro*, seria o que não é o masculino e feminino, não falavam apenas de uma indefinição, mas também de uma retirada da humanidade, como uma característica de seres não humanos.

Já os artigos científicos, *Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado*, de Carla Giovana Cabral, e *Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?*, escrito por Juliana Schwartz, Lindamir Salete Casagrande, Sonia Ana Charchut Leszczynski, Marília Gomes de Carvalho, foram publicados em 2006 pela mesma revista científica, chamada Pagu. Em nossa pesquisa, ambos os materiais aparecem como um só, como se fossem apenas um arquivo e texto, porém, buscando mais informações sobre eles, pudemos compreender que se tratavam de textos diferentes publicados no mesmo ano, revista e volume.

O primeiro artigo analisado, *Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado*, visou trabalhar uma crítica à questão da suposta neutralidade da ciência, como um fator eufórico considerado na produção científica. Apesar de *gênero neutro* nesta obra não referenciar a questão gramatical, o termo é utilizado como crítica ao fazer científico, como

crítica ao pensamento de que "[...] a ciência é de gênero neutro" (CABRAL, 2005, p. 69). Em outras palavras, a questão da produção científica frente às questões de gênero binário (masculino-feminino) é colocada em pauta pela autora para propor que não se veja essa produção neutramente, objetiva e sem lutas e embates, mas que se considere, justamente, os pontos de injustiça e desigualdade que existem e que se fazem presentes na prática científica masculina e feminina. Apesar de uma questão importante e válida para pensarmos a ciência, não nos aprofundamos nas questões outras em que o termo reaparece, já que também permeiam esta outra questão que não é o objetivo desta dissertação.

O segundo artigo, *Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?*, também utilizou a questão do *gênero neutro* para abordar a relação entre a prática científica de pessoas masculinas e femininas a partir da lógica binária. Schwartz (2006) indica um estudo que observou a percepção de cientistas, seguindo a lógica binária, masculinos e femininas. Estas percepções mostraram diferenças significativas acerca da percepção dessas pessoas sobre o fazer e produção científica das mulheres, como: apontaram que elas parecem ser mais minuciosas, mais cuidadosas, possuem um olhar mais detalhista e atuam em campos diversos, geralmente, pouco interessados às pessoas masculinas⁵⁴. Contudo, a autora mostra que este estudo também diz que essas pessoas "[...] cientistas consideram que a ciência deve ser de gênero neutro [...]" (SCHWARTZ, 2006, p. 262).

O décimo quarto material (14) selecionado, o livro *Faculdade de Música Carlos Gomes: retrospectiva Acadêmica*, de autoria de Sonia Albano de Lima, publicado no ano de 2005, não trouxe subsídios suficientes para que pudéssemos observar a ocorrência do termo *gênero neutro*, como nos mostra a Imagem 15, apenas descreve a mudança na Língua Latina de distinção entre os casos nominativos e acusativos.

Imagem 15 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* no livro *Faculdade de Música Carlos Gomes: retrospectiva Acadêmica*

O sincretismo consiste no fato de que, em certas condições, a conjugação entre duas invariantes pode ser suspensa" (HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 93, trad. J. T. Coelho Netto). O autor cita como exemplo a suspensão no latim da distinção entre nominativo e acusativo no gênero neutro. Assim, o masculino nominativo *servus* se distingue do acusativo *servum* e o feminino nominativo *rosa* do acusativo *rosam*, mas o neutro *podium* tem seu nominativo sincretizado com o acusativo, anulando-se sua distinção pelo termo comum *podium*. Na canção em análise, os parâmetros *orientação*, *região*, *duração* e *escansão* assumem, a princípio, valores opostos quando se referem a A ou B. Tal distinção, todavia, é anulada na segunda se-

Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

⁵⁴ O estudo foi dirigido por Gerhard Sonnert e Gerald Holton com 699 cientistas. Para mais detalhes, ver Schiebinger (2001).

Assim como esse, o material de número quinze (15) (Imagem 16), escrito por Eliana Yunes e Luiz Cavaliere Bazilio, intitulado *A chaga da corrupção*, apenas aponta a diferença de uso do gênero masculino no contexto em que foi descrito, deveria ser escrito com *gênero neutro*, tratando-se do uso *probata* (ovelhas) - mais uma vez, não tivemos acesso ao material em sua íntegra para entendermos melhor o contexto mais amplo da obra, apresentamos, portanto, o contexto mais imediato da ocorrência.

Imagem 16 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* no livro *A chaga da corrupção*

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 66
15) , quando deveria estar no **gênero neutro** , pois este é o de probata (ovelhas) . Para esses autores , todos (pantas) no v . 15 está relacionado a ovelhas (probata) e bois (boas) , sendo que as ovelhas , neste versículo ...

Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

O material dezesseis (16), por sua vez, cujo título *O sertão subsídios para a história e a geografia do Brasil*, de autoria de Carlota Carvalho, Adalberto Franklin e João Renôr Ferreira de Carvalho, publicado em 2006, aborda a questão do *gênero neutro* como uma característica inexistente na Língua Portuguesa (Imagem 17), apesar de haver e ser presente, atualmente, enquanto norma gramatical, na flexão masculina e enquanto objeto de reformulação por parte das pessoas não binárias da comunidade LGBTQIAPN+.

Imagem 17 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *O sertão subsídios para a história e a geografia do Brasil*

Nada mais estranho ao latim que a forma pronominal *lhe*.
O português não tem declinação de substantivos e adjetivos, não possui advérbios numerativos, participios do futuro, **gênero neutro** e terminações correspondentes.
O português tem regras de concordância peculiares e a construção é tão

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

A Imagem 18 nos mostra *gênero neutro* no trecho da obra *Madrugada da Modernidade* 1926, de Paula Ramos. Ao abrirmos o décimo sétimo material, não pudemos compreender muito bem o contexto em que aparece a palavra-chave, apenas que foi utilizado em um contexto para descrever a realidade de pessoas que produziam obras de arte e que precisavam divulgá-las, as quais contavam com a ajuda de pessoas que tinham comércio.

Imagem 18 -Segunda aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *O sertão subsídios para a história e a geografia do Brasil*

ENCONTRADO NO TEXTO

A necessidade de espaços para a visibilidade e comercialização de obras de arte era atendida pela ação de alguns comerciantes que abriam seus estabelecimentos aos artistas . Assim é que , aquela que **gênero neutro** ...

Fonte: Criada pelo autor a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

Também num contexto religioso e bíblico, o livro da área de teologia, *Jesus, Messias e vivificador do mundo* traz *gênero neutro*, como ilustra a Imagem 19, apenas para explicitar a diferença linguística na flexão de *gênero neutro* do pronome demonstrativo *-toûto* na Língua Grega - em Português, seu equivalente seria *-isto* - comparando-o com o Síriaco, que utiliza o feminino a partir da palavra (em alfabeto latino, trazido pelo buscador) *-ram*. O Síriaco é uma língua semítica antiga, utilizada, nos dias de hoje, no contexto religioso na Síria. Devido à limitação de disponibilização da obra, não pudemos identificar melhor o contexto ou saber a que trecho da oração se refere esta parte do livro.

Imagem 19 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *Jesus, Messias e vivificador do mundo*

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 299

... esta oração apresenta as seguintes características : a) o tipo de abstração que o grego faz utilizando o pronome demonstrativo no **gênero neutro** (TOÛTO , isto) , o siriaco faz usando a forma do feminino (ram , lit .

Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

Apenas para mostrar como se dava a flexão de nome de certas divindades, tidas como de "[...] categoria inferior e pouco personalizadas" (SILVA, 2005, p. 13), o livro de Francisco Venceslau dos Santos (2005) traz a palavra-chave apenas para mostrar que a palavra *numina* era o plural da palavra em flexão de *gênero neutro* *numen* - conforme expõe a Imagem 20, com captura de tela do contexto. Como vimos antes, o *gênero neutro* é também aqui utilizado para caracterizar uma divindade, ainda que categorizada como "inferior" e de "pouca personalização". Mais uma vez, o *gênero neutro* é posto como uma forma de registrar uma característica divina na língua que se difere das características humanas.

Imagem 20 - Aparição da palavra-chave *gênero neutro* na obra *Sobre mulheres e suas representações*

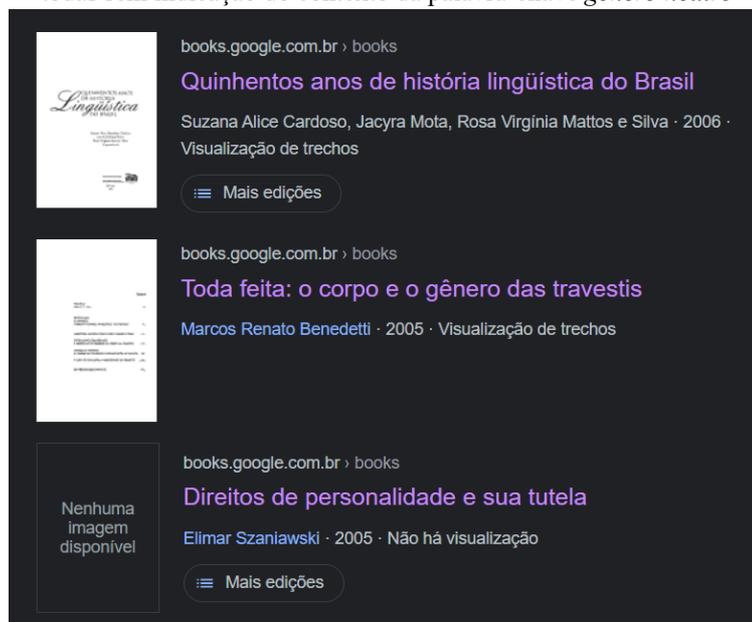
ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 13

... além dos deuses antropomorfos , também conviviam com " inúmeras divindades de categoria inferior e pouco personalizadas " , a quem chamavam numina (forma plural do substantivo numen , palavra do gênero neutro) .

Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

As três últimas obras da busca não trouxeram nenhum resultado ou trecho em que ocorre a palavra-chave objeto de análise na dissertação, como indicado na Imagem 21, a qual revela o trecho disponibilizado pelo buscador, acarretando impossibilidade de análise, ainda que, nesta etapa da dissertação, de maneira não aprofundada. Visando traçar o percurso do uso de *gênero neutro* a partir de uma pesquisa no buscador Google, decidimos apresentar todas as ocorrências de modo a oferecer um panorama mais amplo da pesquisa.

Imagem 21 - Captura de tela das três últimas obras da busca, todas sem indicação do contexto da palavra-chave *gênero neutro*



Fonte: Criada pela pessoa autora a partir do buscador *Google*. Acesso em: 02 mar. 2022.

Em resumo, podemos concluir que, durante o período de 2006, a popularidade do termo estava diretamente ligada à categoria do buscador de "Livros e Literatura", categoria de busca do *Google Trends*, em outras palavras, ao ambiente formal e acadêmico, pouco difundido e acessível em sua época (2005 - 2006). Como observamos, os usos variaram de assuntos, a maioria relacionado à linguística e teologia, e pudemos confirmar que ainda

estavam ligados à questão da comparação de línguas, em sua maioria, mostrando a influência do Latim na Língua Portuguesa e discutindo a característica divina de ageneridade e como essa ageneridade se constitui na língua por meio da flexão de gênero da variante masculina. Ainda que marcada pela flexão de gênero masculina, tida como também com uso genérico, ou seja, que não marca apenas seres masculinos, vemos que nos estudos religiosos, a partir da teologia, Deus, figura divina cristã, e outras divindades possuem como característica e identidade a ageneridade, neste caso, com ausência de gênero.

Além disso, observamos que o uso em Latim para a variante linguística neutra estava muito ligada a seres com características menos humanas e essa característica também foi atribuída a uma pessoa, como na obra de Dostoiévski (2005), mas ampliada para uma questão de identidade de gênero, saindo do campo da linguagem e se conectando à questão social de identidade de gênero e de classe social. Pudemos entender que esses materiais mostram que existe sim relação entre a flexão de gênero na língua com aquilo que ela pode representar no mundo exterior à língua e à linguagem, como as identidades de gênero e construções sociais sobre os sexos.

2.2 Sobre a alta popularidade de *gênero neutro* nos anos 2020 e 2021

Apesar de apresentarmos apenas a popularidade do termo no buscador *Google*, é importante ressaltarmos que existem outros espaços na internet, como as redes sociais, em que as pessoas produzem informação e têm acesso à informação, em termos de redes sociais, em que produzem e consomem conteúdo. Segundo a notícia produzida pelo site *IstoÉ Dinheiro*, os dois (2) aplicativos mais baixados no mundo em 2021 são o TikTok, com 656 milhões de downloads, seguido do Instagram, com 545 milhões (PASSARO, 2021).

Em 2016, uma nova versão do aplicativo *Musical.ly* foi lançada, hoje, o aplicativo é conhecido como *Tiktok*, cuja origem é chinesa e passou a ter este novo nome a partir de 2016. O *Tiktok* é uma rede social voltada à produção e circulação de vídeos e transmissões ao vivo para os mais diferentes fins: humor, educação, saúde, divulgação científica, moda e diversos outros assuntos. Quando pesquisamos por *gênero neutro* na plataforma, não tivemos acesso à quantidade exata de vídeos sobre o tema, contudo, observando os primeiros três vídeos listados, ordenados por relevância, tivemos os seguintes cenários:

- 1) O primeiro⁵⁵, produzido pela pessoa usuária "@coxaloka", foi disponibilizado na plataforma em 04 de novembro de 2021 e possui 48 mil curtidas⁵⁶, além de 1309 comentários. O vídeo discute, em resumo, o fato de a pessoa produtora de conteúdo ter recebido o seguinte comentário em um vídeo anterior "Perdeu um seguidor por usar gênero neutro". A pessoa proprietária da conta comentou que perderia várias pessoas seguidoras, pois tem o costume de dizer "raxani, fedeni, cagani, mijani" e que é seu jeito de falar, não tendo nada a ver com a questão do *gênero neutro*. Ela justifica ser "sapatão das antigas" e que não possui "essas questões de gênero neutro", e ainda diz que a única coisa que considera neutra é a opção da temperatura da água que bebe, tendo como opções "fria, gelada ou neutra". Além disso, um dos comentários mostra que esse falar é uma variante linguística de Minas Gerais, onde as pessoas costumam utilizar o som /i/ para a terminação das palavras;
- 2) O segundo vídeo⁵⁷ foi produzido pela pessoa usuária "@eusudano", disponibilizado na plataforma no dia 04 de setembro de 2021 e conta com 305 mil curtidas, além de 5925 comentários. O vídeo mostra a reação da pessoa usuária a outro vídeo, produzido pela usuária "@drkymyers", em que esta afirma que ela e sua pessoa companheira não adotaram e não designaram um gênero em específico à criança que deu à luz: desde não dizer ou divulgar suas genitálias, afinal, gênero é uma construção social e não biológica, e passaram a usar os pronomes em *gênero neutro* -*they*, -*them* e -*their* (da língua inglesa) até que a criança pudesse dizer sua preferência. Além disso, comentaram que ensinam a criança sobre aspectos ligados à educação sexual e de gênero, de modo que a criança tivesse espaço para ser quem quisesse ser. Posteriormente, o vídeo nos mostra que, aos 4 anos, a criança se entendeu enquanto menino e passou a usar os pronomes *he* e *him*;
- 3) O terceiro vídeo⁵⁸ mais relevante foi produzido pela usuária "@bruna.volpi", com 2327 curtidas e 472 comentários. O vídeo traz como questão norteadora a insistência das pessoas que dizem que *gênero neutro* não existe. A criadora diz

⁵⁵ O vídeo pode ser acessado através do seguinte link: <<https://vm.tiktok.com/ZMLasxA29/?k=1>>. Data de acesso: 20 mar. 2022.

⁵⁶ Para os três vídeos, a data de referência para as quantidades de curtidas e comentários é 20 de março de 2022.

⁵⁷ O vídeo pode ser acessado através do seguinte link: <<https://vm.tiktok.com/ZMLash1Xs/?k=1>>. Data de acesso: 20 mar. 2022.

⁵⁸ O vídeo pode ser acessado através do seguinte link: <<https://vm.tiktok.com/ZMLasx6/?k=1>>. Data de acesso: 20 mar. 2022.

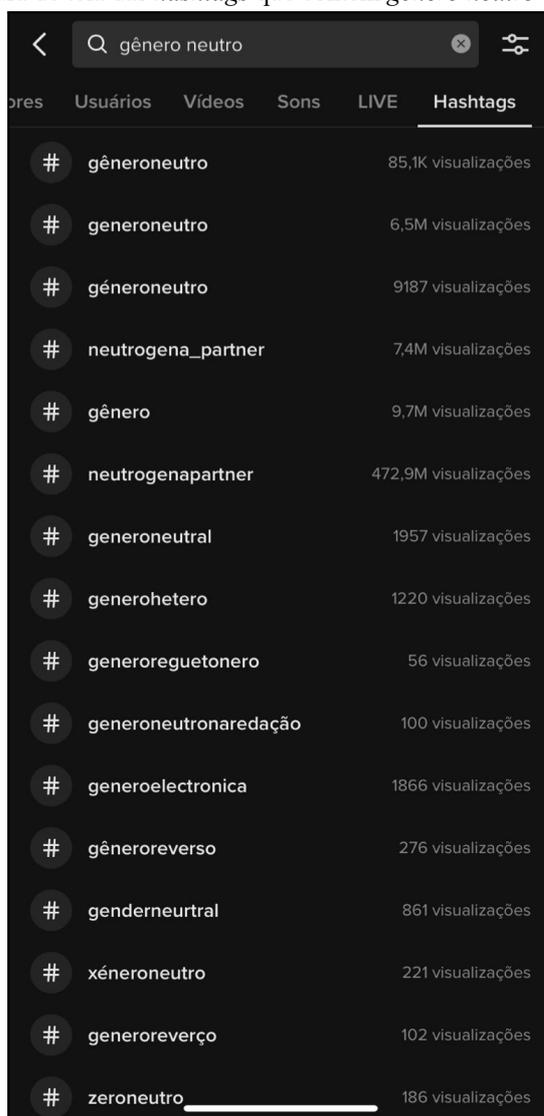
que esta é uma questão recente e que, seguindo essa lógica de ser algo criado recentemente, nenhum gênero existe, pois se trata duma criação humana, e questiona o motivo de não podermos repensar e reinventar identidades de gênero. Além disso, discute a relação que as pessoas fazem com as genitálias e identidade de gênero, como sendo homem a pessoa com pênis e mulher a pessoa com vagina, mas questiona que "cadeira" não possui vulva e flexiona em gênero linguístico feminino. Conclui, portanto, que gênero é uma invenção humana.

Além desses vídeos, a plataforma de compartilhamento de vídeos faz uso de *hashtag* (#), elemento inicialmente utilizado para a rede social Twitter e que passou a incorporar outras redes sociais, como o Tiktok. A *hashtag*, em Português, "cerquilha" ou "jogo da velha", é uma "[...] associação [que] transforma o segmento numa tag clicável, inserida manualmente num tuíte, que permite acessar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a hashtag" (PAVEAU, 2021, p. 223). Assim, por meio desse recurso, as pessoas produtoras de conteúdo podem vincular seus vídeos a outros vídeos que recebem a mesma marcação, criando, assim, um conglomerado de vídeos.

Quando buscamos por *gênero neutro*, encontramos uma lista de inúmeras *hashtags* usando *gênero neutro* como elemento, apresentamos a lista na Imagem 22 abaixo. Nela, há *hashtags* com ligação à questão da proposta flexão de *gênero neutro*, como *#gêneroneutro*, *#generoneutro*, *#géneroneutro* - a primeira ligada à forma mais utilizada em Português brasileiro, a segunda sem acentuação e a terceira com acentuação em Português de Portugal, além de marcas que contêm as palavras "neutro" e "gênero", mas em inglês *#neutrogena_partner* ou *#neutrogenapartner*, ligada à marca de produtos de beleza; tags clicáveis relacionadas ao contexto mexicano, como *#generohetero*, para vídeos que tecem críticas às pessoas homens; também ligados a um dado gênero musical, como *#generorequetonero*, em relação ao ritmo musical *regaton*; outra ligada ao uso da flexão de *gênero neutro* em redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2020 - 2021⁵⁹, *#generoneutronareddação* e também ligado ao contexto anglófono, com *#genderneutral*.

⁵⁹ Nestes dois anos, houve uma polêmica difundida socialmente acerca da notícia de que, suposta e inverdadeiramente, oitenta e sete mil (87.000) estudantes teriam tirado nota zero em suas redações exigida pelo Enem por utilizarem a marcação de *gênero neutro*. Como referência, o texto *Mais um papo reto sobre a linguagem neutra*, disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/mari-rodrigues/2021/04/10/mais-um-papo-reto-sobre-a-linguagem-neutra.htm>>. Acessado em 20 mar. de 2022.

Imagem 22 - Captura de tela das *hashtags* que contêm *gênero neutro* na rede social Tiktok



Fonte: Criada a partir da rede social Tiktok. Acesso em: 20 mar. 2022.

Buscando por *gênero neutro*, a rede social Instagram nos dá algumas opções de conteúdo, tal como apresentado na Imagem 23 a seguir: a primeira sugestão trata-se de uma conta voltada à promoção de conteúdos humorísticos, cujo nome é *Não-binário*, uma conta do tipo "Página de fãs". A conta possui setenta e nove (79) conteúdos publicados⁶⁰, além de ter 607 outras contas seguindo-a. A segunda sugestão trata da *#generoneutro*, que agrupa um conjunto de 3.022 publicações na rede social.

⁶⁰A data de referência para a quantidade de conteúdo publicado e número de seguidores é 20 de março de 2022.

Imagem 23 - Captura de tela das sugestões geradas pela busca *gênero neutro* na rede social Instagram



Fonte: Criada a partir da rede social Instagram. Acesso em: 20 mar. 2022.

Analisando as três primeiras publicações, a primeira foi publicada pela pessoa Carla Ayres (@carla.ayres13), pessoa vereadora da cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, no dia 05 de julho de 2021. Em sua biografia, ela descreve ser uma pessoa lésbica e ligada à defesa dos Direitos Humanos, Mulheres e LGBTQIAPN+. A postagem que aparece no topo da busca na rede social é um *print*, uma foto de tela que fez de sua conta na rede social Twitter, cujo texto versa sobre a proposta de *Ação Direta de Inconstitucionalidade* (ADI) realizada pelo seu partido político, o Partido dos Trabalhadores (PT), sobre um decreto do Governo do Estado de Santa Catarina, o qual visava a proibição do uso da linguagem neutra em ambientes escolares e em órgãos públicos de Santa Catarina. A postagem conta com 849 curtidas e 57 comentários⁶¹, conforme Imagem 24 abaixo:

⁶¹ A data de referência para as quantidades curtidas e comentários é a data de nossa consulta, 20 mar de 2022.

Imagem 24 - Captura de tela da publicação de @carla.ayres13



Fonte: Criada a partir da rede social vereadora. Acesso em: 20 mar. 2022.

A segunda publicação foi realizada pela pessoa cujo nome é Gálan (@covvabunga), ela conta com 1279 curtidas e 28 comentários⁶² - conforme a Imagem 25, logo abaixo. A postagem apresenta a questão do *gênero neutro* a partir do uso de pronomes em Castelhamo falado na Argentina, utilizados por pessoas transgêneras binárias e não binárias que são amigas de Gálan. A postagem conta com uma sequência de 7 imagens: a primeira, traz a pergunta "¿Qué pronombres preferís?", na qual a pessoa marca outra conta, esta pergunta, que em Português poderia ser "Quais pronomes você prefere?", indica a melhor saída que as pessoas poderiam ter para saber a forma pronominal de nos referirmos às demais pessoas.

Imagem 25 - Captura de tela da publicação de Gálan



Fonte: Criada a partir da rede social de Gálan. Acesso em: 20 mar. 2022.

⁶² O número de visualizações corresponde à última data em que acessamos o vídeo, 20 mar. de 2022.

A segunda, terceira e quarta imagem trazem outros desenhos e o pronome *-elle*, além de também marcarem outras contas em cada uma das imagens, contas de pessoas que preferem ser referenciadas por este pronome; a quinta imagem traz como opções dois pronomes, *-elle* e *-él*, além de também marcar uma conta; a sexta imagem traz os pronomes *-él* e *-ella*, além da seguinte observação "Aunque Elle no me ofende", em Português, podemos entender como "Embora o pronome Ele não me ofenda", mostrando a versatilidade presente na posição de pessoas transsexuais binárias e não binárias em relação à sua preferência, sem imposição ferronha, de maneira informativa e amigável; a última imagem traz um desenho com a frase "MMM si, Ella no me incomoda pero...", em Português, "Hum, sim, "Ela" não me incomoda, mas...", indicando que se trata de uma construção, muitas vezes, nada estanque, indicando que muitas pessoas encontram-se ainda num processo de descoberta e de identificação, além de estarem abertas ao diálogo.

A terceira publicação foi realizada por Skarlathe (@skay_rabello), em 20 de junho de 2021, conta configurada como um "Blog Pessoal", possui 117 curtidas e 5 comentários. O termo *gênero neutro* aparece apenas como uma *hashtag*, dentre as outras utilizadas, como uma estratégia de afiliação daquela publicação (PAVEAU, 2021, p. 223). Ou seja, quando as demais pessoas clicarem sobre uma das *hashtags* que foram ali inseridas, a postagem da usuária aparecerá no fio, na linha de postagens que marcaram a tag em questão. Por se tratar de uma publicação com foto pessoal, optamos por não inserir um *print* da postagem.

Trouxemos estes exemplos para ilustrarmos como os conteúdos produzidos e que circulam nas diferentes redes sociais podem não apenas propagar conhecimento, mas fazer com que, a partir deles, as pessoas procurem informações em buscadores, como o caso do *Google*, influenciando, assim, na popularidade do termo em relação às demais buscas efetuadas no buscador. Dessa forma, as redes sociais não funcionam apenas para a criação e divulgação de ideias e conhecimentos, mas esses conteúdos geram também um movimento de busca por mais saberes e materiais em outros espaços da internet. Esta é uma das importâncias que as redes sociais têm para a dissidência linguística, promovem, informam, mas também levam as pessoas a visitarem outros espaços para encontrar referências.

Após a alta popularidade de *gênero neutro* em 2006 (≥ 75), somente em setembro de 2020 que ele obteve popularidade de busca novamente, com um VRB de quase 100, obtendo 97. É importante destacarmos que o volume de popularidade não indica o começo das buscas ou o ano em que pessoas dissidentes passaram a pensar e escrever na internet sobre *gênero neutro*, mas o volume de buscas em dado período em comparação com outros termos de

busca. Em nossa pesquisa, encontramos textos não datados que podem ter sido escritos antes de 2016, como o texto por nós analisado chamado *Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero*, escrito e publicado por Juno em seu blog já extinto *Não binário* e repostado e hospedado no blog *Partido Pirata*. O link referenciando o site original da postagem traz um formato de data podendo indicar ter sido postado em novembro de 2014 (<https://naobinario.wordpress.com/2014/11/01/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-d-e-genero/>).

Esse volume quase alcançou o grau máximo justamente no mês em que o vídeo "TIRANDO DÚVIDAS SOBRE LINGUAGEM NEUTRA!"⁶³ foi publicado pela conta no Instagram @rosalaura_. O vídeo conta com mais de 118.073⁶⁴ visualizações e, a partir da viralização na internet, pudemos observar que o termo *gênero neutro* passou a ter um maior número de popularidade no buscador Google. A promoção e divulgação de materiais informativos sobre esta e outras demandas da comunidade LGBTQIAPN+ cria também um movimento de curiosidade nas pessoas, bem como de busca pela informação. Daí que parte a necessidade desta comunidade estar cada vez mais unida e reunida no ambiente digital, nas redes sociais e demais espaços na web. Em resumo, o conhecimento produzido popularmente e a dissidência linguística popular movimentam a internet em seus múltiplos espaços, atingindo tanto pessoas dissidentes quanto pessoas que ainda ou não fazem parte do movimento.

Dessa forma, a proposta desta dissertação foi também refletir sobre o poder que existe na dissidência linguística quando ela é posta pela coletividade, uma vez que cada pessoa é um nó importante dessa rede. Sendo um ponto de construção, conexão e difusão de conteúdos, principalmente nas redes sociais, cada pessoa usuária da internet é capaz de - num espaço um pouco menos hierarquizado das relações de poder - questionar o maquinário da cisheteronormatividade presente na língua e em outros espaços e instituições de poder.

Os períodos seguintes destacados no Gráfico 1 (apresentado anteriormente na página 73), dezembro de 2020 a fevereiro de 2021, mostram um declínio da popularidade do termo em comparação com o mês de setembro de 2020, entretanto, isso não indica que esteja diminuindo o número total de pesquisa sobre o tema, mas que sua popularidade, em

⁶³ O vídeo pode ser acessado através do seguinte link: <https://www.instagram.com/tv/CEzM37VHu-/?utm_source=ig_web_copy_link>. Data de acesso: 19 fev. de 2022.

⁶⁴ O número de visualizações corresponde à última data em que acessamos o vídeo, 19 fev. de 2022.

comparação a outras pesquisas, diminuiu naquele período, apesar de ter se mantido acima de 50%. O fato da diminuição não indicar, necessariamente, que havia menos pessoas buscando por *gênero neutro*, mas que houve menor procura em comparação com as demais buscas, se confirma, pois em junho de 2021 o termo volta a ter uma alta e alcança a marca de 100% de popularidade. Ainda que com uma queda, o termo continua acima da média (≥ 50) nos períodos de setembro de 2020, dezembro de 2020, fevereiro de 2021, junho de 2021, agosto de 2021, novembro de 2021 e em fevereiro de 2022.

Esses três anos, 2020, 2021 e 2022, principalmente os dois primeiros, foram marcados também por um grande número de Projetos de Leis (PL) criados por pessoas deputadas estaduais eleitas e atuantes nas Assembleias Legislativas estaduais brasileiras, projetos amplamente divulgados e noticiados pelas mídias. Os Projetos de Lei foram criados por pessoas deputadas estaduais, podendo estas atuarem em proposição conjunta ou individual, além de poderem ter sido uma iniciativa por parte de Comissões da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal, além do poder judiciário, como o Supremo Tribunal Federal (STF) e Tribunais Superiores, Ministério Público Federal (MPF), a partir do papel da pessoa Procuradora-Geral da República, de modo a pensar em regras mais gerais que não alteram ou modificam a Constituição Brasileira. Assim, os PLs aprovados na Câmara dos Deputados são direcionados ao Senado Brasileiro, por exemplo.

A partir de nossa percepção dessas notícias, realizamos uma varredura, também através dos motores de buscas nos sites oficiais de cada uma das vinte e sete (27) Assembleias Legislativas Estaduais brasileiras, sendo elas, em ordem alfabética: Assembleia Legislativa do Acre, Assembleia Legislativa de Alagoas, Assembleia Legislativa do Amapá, Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, Assembleia Legislativa da Bahia, Assembleia Legislativa do Ceará, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, Assembleia Legislativa de Goiás, Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Assembleia Legislativa do Estado do Pará, Assembleia Legislativa da Paraíba, Assembleia Legislativa do Paraná, Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, Assembleia Legislativa de Rondônia, Assembleia Legislativa do Estado de Roraima, Assembleia Legislativa do Estado

de Santa Catarina, Assembleia Legislativa de Sergipe, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins⁶⁵.

Para a busca, consideramos também como termo *gênero neutro*, contudo, notamos que o termo *linguagem neutra* era utilizado pela maior parte dos PLs, então, a busca se deu em duas etapas: (1) pela busca do termo *gênero neutro* e (2) pela busca do termo *linguagem neutra*. Como forma de nomeação, percebemos que a mais utilizada para se referir à questão das propostas dissidentes de neutralidade do gênero na Língua Portuguesa brasileira no âmbito jurídico é *linguagem neutra*, ao todo, dos quarenta e cinco (45) PLs identificados, trinta e cinco (35) - aproximadamente, setenta e oito por cento ($\cong 78\%$) - fazem referência e emprego do termo *linguagem neutra*, indicando preferência por esse termo em usos que se posicionam contrariamente às propostas populares da comunidade LGBTQIAPN+.

Além dessa, encontramos outras formas de uso ligadas e muito próximas à *linguagem neutra*, ou seja, variantes desta primeira forma: encontramos uma (1) ocorrência do termo *linguagem neutra não binária*, uma (1) ocorrência do termo *linguagem neutra de gênero* e também uma (1) ocorrência do termo *linguagem não binária*, além de três (3) ocorrências do termo *dialeto não-binário*, justamente numa acepção que usa "dialeto" para caracterizar algo que não é língua e que não pode ser considerado língua, sem estrutura ou previsão na estrutura de uma língua.

Apesar de popularmente o termo *linguagem neutra* ser utilizado para descrever as propostas de neutralidade, é importante percebemos que as pessoas deputadas estaduais contrárias às propostas dissidentes podem utilizar "linguagem" como uma estratégia discursiva muito parecida com a caracterização de "dialeto" - ainda que o termo "linguagem" possa ser compreendido como um conjunto de atividades linguísticas, fisiológicas, sociais e históricas, pode ser também uma estratégia de opor ao que se considera "língua". Assim, esta palavra "linguagem" passa também a ser uma forma linguístico-discursiva para mostrar sua posição ideológica de que não há nada de língua nessas propostas de modo a invalidá-las.

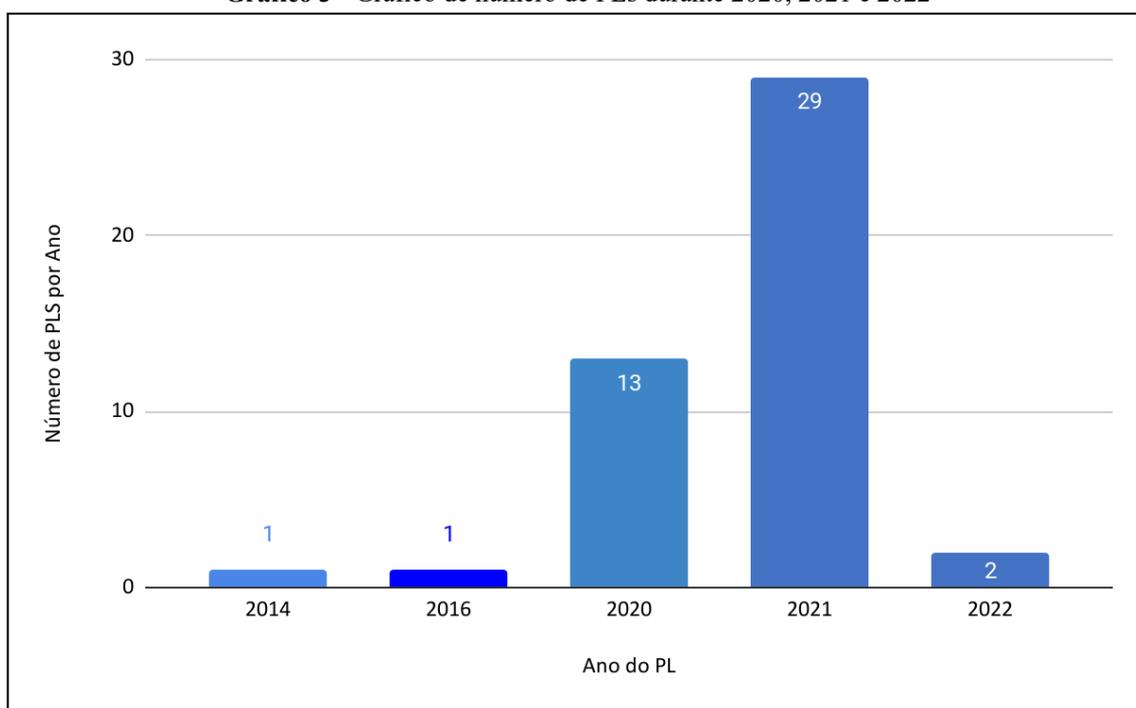
Além de demonstrar formas e preferências linguísticas e discursivas para caracterizar este fenômeno linguístico, podemos observar também um indício de variação linguística em relação às formas de uso e escolha do termo - mais adiante, poderemos observar como esta questão funciona ao compararmos com outros termos utilizados no *Google Trends* nas pesquisas realizadas por pessoas no Brasil. Quando observamos os estudos sobre a língua e linguagem, como em Fiorin (2015), observamos que uma das características da linguagem

⁶⁵ Optamos por acompanhar os nomes dos sites oficiais das Assembleias, os quais variam em conter "Estado" ou não, como podemos notar no rol.

humana e das línguas naturais é justamente sua variação, bem como a coocorrência de variantes linguísticas, dessa forma, seria sem fundamento dizer que a questão do *gênero neutro* não é uma questão de língua e linguagem.

O Gráfico 3, a seguir, traz uma comparação dos três (3) últimos anos, o qual indica que os PLs contra as propostas dissidentes de gênero, criados e propostos por pessoas deputadas estaduais no Brasil, se iniciou em 2020, com um total de treze (13) PLs, cerca de trinta por cento (30%) do total de PLs criados. Além disso, obteve seu maior número de propostas no ano de 2021, ao todo, vinte e nove (29) PLs, cerca de sessenta e seis (66%) do total de PLs nos três anos - não por acaso, como forma de cerceamento dos conteúdos, principalmente, digitais que foram criados e buscados na web em 2020, como nos indica o Gráfico 1 - e, neste ano, 2022, apenas dois (2) Projetos criados e propostos, com quatro por cento (4%) do total - ao todo, foram criados quarenta e cinco (45) Projetos de Leis⁶⁶.

Gráfico 3 - Gráfico de número de PLs durante 2020, 2021 e 2022



Fonte: Criado com base na busca realizada nos sites das Assembleias Legislativas Estaduais dos vinte e sete (27) estados brasileiros. Acesso em: 19 fev. 2022.

Neste último ano (2022), o baixo número se dá justamente por, no momento desta pesquisa, a consulta ter considerado propostas de lei nos dois primeiros meses do ano, além de

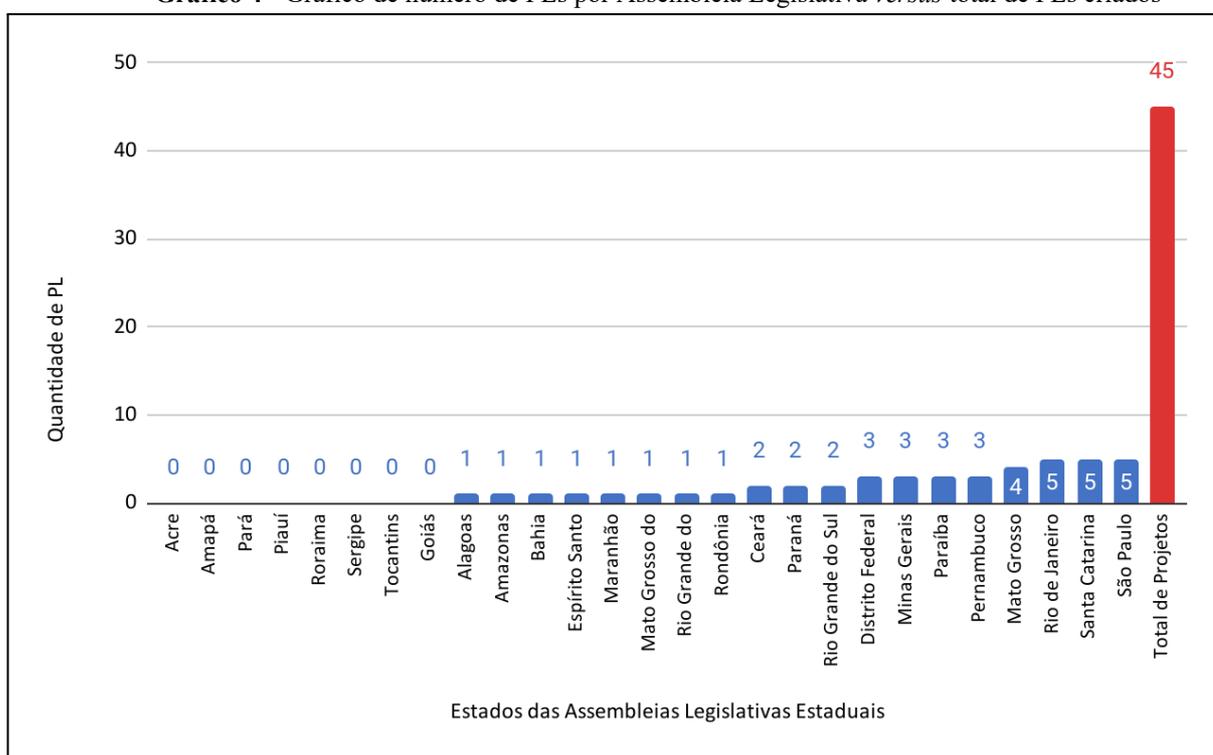
⁶⁶ Nossa busca considerou os Projetos criados e indexados nos sites oficiais das Assembleias Estaduais até o dia 19 de fevereiro de 2022. Ademais, o número de propostas pode ser superior ao número de projetos disponibilizados pelas Assembleias devido ao processo de atualização e disponibilização ao público. É importante salientar que a tendência de criação de Projetos tende a aumentar neste ano (2022) se observarmos o aumento de 2020 em relação a 2021, principalmente por ser um ano eleitoral em que muitas pessoas candidatas conservadoras pautam suas campanhas contrárias à realidade de pessoas LGBTQIAPN+.

que a maioria dos projetos já dava conta da proibição do uso da neutralidade de gênero em áreas importantes para pessoas contrárias à comunidade não binária e suas pautas, em resumo, versavam sobre dois (2) ambientes: (1) o ambiente escolar, proibindo o uso e explicação do fenômeno linguístico de flexão do *gênero neutro*, não a partir do questionamento do tipo masculino genérico, mas proibindo as propostas criadas pela comunidade não binária, e nos (2) ambientes legais e oficiais ligados aos Estados, como Secretarias Públicas, Postos de Saúde e demais repartições públicas.

Além disso, o Gráfico 4, logo abaixo, traz uma comparação do número de Projetos de Lei criados (45) por cada uma das Assembleias Legislativas (AL) estaduais e relaciona estes números ao total de projetos criados. As Assembleias Legislativas com mais Projetos de Leis criados são: a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, cada uma com um total de cinco (5) projetos. É importante ressaltar que São Paulo e Rio de Janeiro foram os estados em que partidos de direita, como o Partido Social Liberal (PSL), conseguiram eleger maioria nas Assembleias, quinze (15) e doze (12), respectivamente, (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, s.d.) o que vai de encontro com os partidos das pessoas deputadas desses estados, em São Paulo, por exemplo, dos cinco (5) PLs que foram criados, quatro (4) foram criados por pessoas deputadas estaduais ligadas ao Partido Social Liberal (PSL) e um (1) outro do Partido Republicanos - o quinto PL foi criado em conjunto, por pessoas desses dois partidos. Já no Rio de Janeiro, por exemplo, dos cinco (5) PLs criados, três (3) foram propostos individualmente por pessoas do PSL, um (1) outro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e um (1) em conjunto por duas pessoas ligadas ao PSL e Partido Republicanos (PR). O estado de Santa Catarina, como boa parte dos estados da região Sul do país, é fortemente conhecido por seu posicionamento ligado à ideologia de direita e extrema-direita, como o movimento "O Sul é o Meu País"⁶⁷, movimento com intuito separatista que visa tornar a região sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) emancipada política e administrativamente do restante do Brasil.

⁶⁷Este movimento de cunho separatista possui um site na internet em que disponibiliza informações acerca de seus propósitos e ideais: <<https://www.sullivre.org/sobre-o-movimento/>>.

Gráfico 4 - Gráfico de número de PLs por Assembléia Legislativa *versus* total de PLs criados



Fonte: Criado com base na busca realizada nos sites das Assembleias Legislativas Estaduais dos vinte e sete (27) estados brasileiros. Acesso em: 19 fev. 2022.

Com quatro (4) PLs criados, a Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso foi a quarta AL com mais projetos criados, seguida da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, Assembleia Legislativa da Paraíba, Assembleia Legislativa de Minas Gerais e a Câmara Legislativa do Distrito Federal, todas com três (3) PLs cada. Com dois (2) Projetos, as Assembleias dos Estados do Ceará, Paraná e Rio Grande do Sul. Com um (1) projeto criado, temos a Assembleia Legislativa de Alagoas, a Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, a Assembleia Legislativa da Bahia, a Assembleia Legislativa do Espírito Santo, a Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte e a Assembleia Legislativa de Rondônia.

As demais Assembleias, a Assembleia Legislativa do Estado do Acre, a Assembleia Legislativa do Estado do Amapá, a Assembleia Legislativa do Pará, a Assembleia Legislativa do Piauí, a Assembleia Legislativa do Estado de Roraima, a Assembleia Legislativa de Sergipe, a Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins e a Assembleia Legislativa de Goiás⁶⁸ não promoveram a criação de PLs acerca das propostas dissidentes de *gênero neutro*.

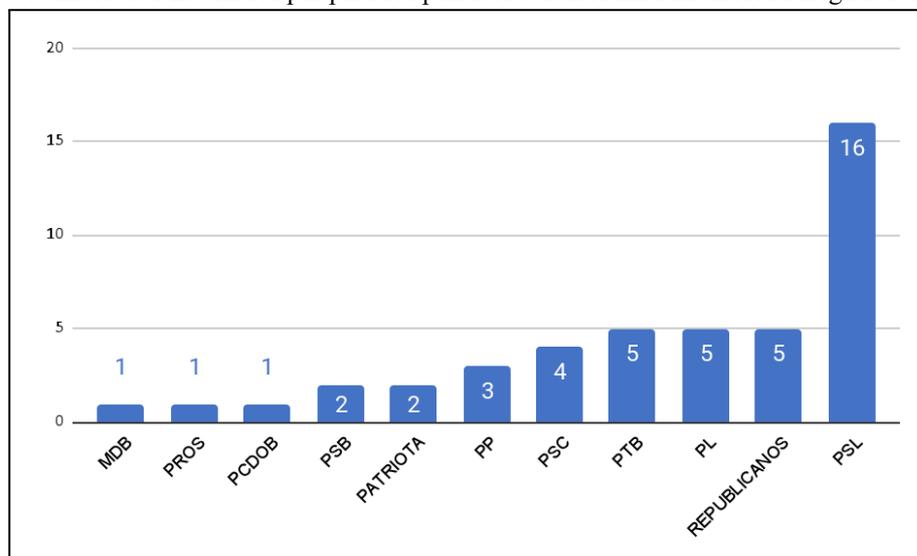
⁶⁸ Assembleia Legislativa de Goiás foi a única que encontramos dificuldades de realizar busca e de encontrar os dados de PLs, dessa forma, contabilizamos como zero (0) o número de Projetos de Lei devido à dificuldade de acesso à informação.

Esses dados são importantes para pensarmos como a sociedade, de uma forma geral, age diante das inovações linguísticas, principalmente aquelas motivadas por grupos socialmente marginalizados, como o caso da comunidade não binária e LGBTQIAPN+ na totalidade. Uma dessas formas de ação é a coibição, a proibição do uso das novas propostas de neutralidade através de Projetos de Lei, por um aparato jurídico.

Através desses Projetos de Lei, pessoas deputadas se colocam não somente enquanto aquelas que podem falar sobre a língua, mas colocam-se enquanto juízas da língua, decidem também o que se pode falar da língua, se colocam enquanto aquelas que podem legislar sobre os espaços que estes conhecimentos e propostas de *gênero neutro* não podem circular - conforme destacamos, os PLs estão majoritariamente voltados à questão escolar e ao uso em repartições e órgãos públicos. Mais adiante, em nossas análises, veremos que o real intuito de pessoas religiosas cristãs não é proteger sua língua, mas seus costumes religiosos, muitas vezes, contrários à própria existência e característica da divindade que cultuam.

No Gráfico 5, abaixo, podemos observar os partidos políticos - ao todo, onze (11) - das pessoas que propuseram os PLs até aqui citados e a quantidade de PLs propostos por cada partido. Aproximadamente, noventa e um por cento (91%) dos partidos das pessoas que propuseram os quarenta e cinco (45) PLs encontrados são de alinhamento político de direita/extrema-direita. Apenas o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) apresentou um projeto próximo da temática do *gênero neutro*, o qual versa sobre a necessidade de utilização da *linguagem inclusiva de gênero* nos espaços da administração pública do Estado de Santa Catarina.

Gráfico 5 - Número de PLs criados por partidos políticos atuantes nas Assembleias Legislativas Estaduais



Fonte: Criado com base na busca realizada nos sites das Assembleias Legislativas Estaduais dos vinte e sete (27) Estados brasileiros. Acesso em: 19 fev. 2022.

2.3 Dados geográficos e variação linguística

Além da visualização das tendências temporalmente, como apresentado nos Gráficos 1 e 2, o *Google Trends* permite a visualização de outros metadados, tais como:

- 1) Interesse por sub-região: nesta categoria, o *Google Trends* disponibiliza uma visualização por região geográfica. No caso desta pesquisa, ele mostra os estados brasileiros e a popularidade do termo em cada um deles - com a mesma forma de medir - em que espaços com tendência próximas a zero (0) indicam que não houve dados suficientes para o termo; cinquenta (50), indicando um local em que houve metade da popularidade e, por último, cem (100), um local em que houve maior popularidade (GOOGLE, 2021);
- 2) Assuntos relacionados: nesta outra categoria, o site de análise de tendências mostra os assuntos relacionados ao termo de busca analisado. Assim, um assunto relacionado ao termo de busca que alcança o VBR de 50 obteve metade de interesse, já com VBR de 100, indica um assunto altamente popular relacionado ao termo de busca. Por sua vez, esta categoria se subdivide em duas: (a) assuntos em ascensão e (b) assuntos principais, em que (a) indica os assuntos pesquisados juntamente à palavra-chave - nesta pesquisa, assuntos que foram pesquisados juntos a *gênero neutro* - assuntos estes que cresceram em volume de maneira significativa durante o dado período analisado, e (b) mostra os assuntos que, colocados juntamente à palavra-chave, numa mesma sessão de pesquisa, são inseridos com maior frequência, seja na categoria, país ou região escolhida. Ainda, no caso de (a), os assuntos são marcados como "Em ascensão", indicando assuntos que tiveram um aumento inesperado e repentino, muito provavelmente por ser um assunto novo e não ter sido pesquisado anteriormente ou pouco pesquisado (GOOGLE, 2021);
- 3) Pesquisas relacionadas: se difere da anterior (2) por considerar não o assunto, mas outros termos ou palavras-chaves pesquisadas por pessoas que pesquisaram sobre o termo analisado. Por sua vez, também se subdivide em (a) pesquisas em ascensão e (b) pesquisas principais, respectivamente, as mais frequentes e as que tiveram um crescimento na frequência de pesquisa em relação ao período anterior. Além disso, neste segundo caso, pesquisas marcadas com "Aumento repentino" tiveram um crescimento inesperado também por serem pesquisas novas ou pouco realizadas anteriormente (GOOGLE, 2021).

Durante o período analisado (01/01/2004 - 19/02/2022), como pudemos observar na Imagem 26, o termo de busca *gênero neutro* no Brasil mostrou maior proporção de consultas, 100% do VBR, em dois estados do Sudeste brasileiro, nos Estados do Rio de Janeiro e em São Paulo (dois dos três estados brasileiros com maior número de PLs acerca do uso da neutralidade de gênero), além desses Estados, Minas Gerais aparece com VBR de 90, também com alta popularidade. Na Região Sul do Brasil, no Estado do Paraná, o VBR foi de 98, também mantendo uma alta popularidade do termo nas buscas pelas pessoas, seguido do Estado de Santa Catarina, no qual a popularidade permaneceu abaixo da metade, num VBR de 41. Na Região Nordeste, o Estado da Bahia manteve uma taxa de popularidade de 88 VBR .

Imagem 26 - Interesse por sub-região brasileira pelo termo *gênero neutro*



Fonte: *Google Trends*. Acesso em: 19 fev. 2022.

Os assuntos com maior frequência que também foram pesquisados pelas pessoas que realizaram a busca pelo termo *gênero neutro* (*Assuntos Relacionados em Ascensão*), conforme observamos na Tabela 9, totalizam um número de vinte e cinco (25) - a Tabela 9 apresenta os assuntos por ordem de frequência. Assim, se compararmos o primeiro assunto da Tabela 9, *gênero neutro*, com o último, *análise*, vemos que as pessoas buscaram mais por *gênero neutro* que por *análise*.

Tabela 9 - Assuntos Relacionados em Ascensão e seus respectivos Índices de Popularidade (VBR)

Assunto	VBR
Gênero neutro	100
Gênero gramatical	74
Gênero	53
Pronome	22
Linguagem	17
Língua portuguesa	17
Gênero não binário	16
Gênero binário	14
Oxigênio	13
Neutralidade de gênero	10
Linguagem neutra de gêneros gramaticais	9
Ageneridade	9
Feminino	9
Texto	9
Gênero-fluido	9
Palavra	6
Portugueses	6
Portugal	6
Ser	5
Substantivo	5
Gêneros de texto	4
Latim	4
Pessoa	4
Análise	4
Gramática	4

Fonte: *Google Trends*. Acesso em: 19 fev. 2022.

O assunto com maior popularidade permanece sendo o próprio termo de busca, *gênero neutro*, com um VBR de 100. É interessante notarmos o segundo assunto com maior popularidade, *gênero gramatical*, o qual nos mostra que a visão da gramática permanece, em comparação com os demais assuntos arrolados, no topo do interesse das pessoas que buscavam por *gênero neutro*, indicando que as pessoas possuíam, no período pesquisado, a gramática e sua visão de gênero gramatical como norteadoras para falar e entender como a língua funciona em relação ao assunto principal.

Dessa forma, a gramática permanece enquanto instituição de base metalinguística para as pessoas, ou seja, o parâmetro utilizado para as pessoas avaliarem a competência e possibilidade das propostas dissidentes de *gênero neutro* é a gramática. Conforme nossa análise mais à frente nos mostrará, as gramáticas apresentam como possibilidade de gênero

apenas o par masculino e feminino, o que já orienta as pessoas a tomarem a questão da neutralidade como uma proposta agramatical (incorretas, já que não se pode achar nas gramáticas) - veremos que, ainda que evitam tocar na relação existente entre o gênero na língua e as identidades de gênero, o fazem pontualmente, relacionando, contudo, apenas a sexo.

Além disso, quando pensamos na relação que *gênero neutro* possui com a questão da *identidade de gênero*, esta aparece com níveis de popularidade muito baixos se comparada à visão gramática: enquanto a visão gramatical permanece com VBR acima da média (74), o volume dos termos relacionados à *identidade de gênero*, a qual aparece representada pelos assuntos e seus respectivos VBR *gênero não binário* (16), *gênero binário* (14), *ageneridade* (9) e *gênero fluído* (9), permanecem baixos.

Isso nos mostra que, ainda que as pessoas busquem sobre as propostas populares de *gênero neutro*, as quais abordam a questão da *identidade de gênero* e sua relação com o gênero linguístico, elas possuem um apego maior às regras gramaticais do que pela diversidade humana. Dessa forma, elas acabam sendo discursivamente orientadas, mais uma vez, a recusarem essas propostas e colocá-las como uma "aberração" ou "erro" - qualificação comumente atribuída a todo acontecimento linguístico não prescrito e previsto pela gramática.

Mesmo que o assunto *gramática* tenha tido um índice de popularidade de 4%, isso não significa que as pessoas não chegaram, em suas buscas, até as concepções gramaticais, mas nos mostra uma tendência de busca pelo que dizem as gramáticas a partir de textos terceiros, já que as gramáticas, do jeito que são formuladas, acabam por valer-se de construções e linguagens ainda pouco acessíveis às pessoas.

Quando relacionamos essas leituras com discurso religioso - muito utilizado pelas pessoas que propuseram os PLs, como vimos anteriormente - as pessoas mais conservadoras e intolerantes acabam achando um espaço de chancela que fundamenta seu preconceito e intolerância. Assim, se as gramáticas não relacionam o gênero da língua com a identidade de gênero, muito menos prescrevem/descrevem e reconhecem, significativamente, sem uma atitude que demonstra evitá-la, o discurso religioso intolerante utiliza dessa instituição em sua argumentação, de modo a realizar apelos, supostamente, preocupados com a língua - o que, em nossas análises posteriores, veremos não ser sua preocupação fundamental.

Essa tendência mostra à comunidade LGBTQIAPN+ que, ao abordar suas propostas dissidentes, seja em textos mais bases ou textos que descrevem seus desdobramentos, continua sendo importante orientar também acerca das múltiplas expressões de gênero, uma vez que o discurso religioso e gramatical frequentemente tentam controlar a língua e, por

consequente, a sociedade. Esta orientação pode ser realizada de diversas formas, seja abordando no próprio texto, ou citando facilmente outros materiais distribuídos na internet.

Notamos também algumas formas utilizadas como sinônimos de *gênero neutro*, como *gênero não binário* (16), *neutralidade de gênero* (10) e *linguagem neutra de gêneros gramaticais* (9), ou seja, as pessoas, demonstrando conhecimento da variação linguística em relação aos nomes que as propostas de *gênero neutro* podem receber, buscaram também por outras formas linguísticas para obterem informações. O assunto *pronome* (22) chama a atenção por vir desacompanhado do seu par *neutro* - como veremos mais adiante, um dos sinônimos utilizados nas propostas de *gênero neutro* é *pronome neutro*.

Já os assuntos *linguagem* (17), *língua portuguesa* (17), *gênero binário* (14), *feminino* (9), *texto* (9), *palavra* (6), *substantivo* (5), *pessoa* (4) e *análise* (4) aparecem em baixo índice de popularidade, contudo, podemos perceber que configuram desdobramentos de assuntos outros procurados: as buscas que, após procurarem por *gênero neutro*, procuraram por *linguagem*, provavelmente, estavam em busca de textos que abordassem esse aspecto por meio da forma atual que a *língua portuguesa*, outro assunto relacionado, varia em gênero; as pessoas que também buscaram por *feminino*, possivelmente, pretendiam saber como se dá a flexão de gênero feminino, motivadas por textos que argumentam ser este o único gênero existente na *língua portuguesa* - visão esta compartilhada por linguistas profissionais, como veremos em Teixeira (2018) - e que, portanto, partem do *gênero binário*.

Por outro lado, as que também buscaram por *texto*, podiam estar em busca de materiais que abordassem a temática, de modo a se informarem, bem como as que buscaram por *análise*, o que nos mostra o quão necessária se faz a incorporação dos conhecimentos populares aos científicos, principalmente aqueles que observam a diversidade de gênero como aspecto a ser considerado em suas análises. Já os assuntos *palavra*, *substantivo* e *pessoa*, podem indicar uma busca por explicação de termos metalinguísticos frequentemente usados em textos que retratam a língua, *palavra*, pois é um vocábulo usado para falar das *palavras que flexionam em gênero*, por exemplo, *substantivo* para uma melhor compreensão do que é exatamente esta classe de palavras e *pessoa*, pois é muito frequente se dizer que existe a *pessoa do singular* ou a *pessoa do plural*, *primeira*, *segunda* e *terceira pessoa do singular e plural*, as quais, assim, variam em gênero e número.

Os assuntos *portugueses* e *Portugal* podem se relacionar, pois as pessoas podem ter tido interesse, ainda que pouco significativo, em entender como se dá a discussão das propostas de neutralidade na língua em território português. Alguns assuntos relacionados à

busca por *gênero neutro* parecem não possuir relações diretas ou que nos permitam inferências e interpretações mais aprofundadas, como *oxigênio* (13) e *ser* (5).

Outros metadados disponibilizados pelo Google Trends são as *Pesquisas relacionadas*, conforme já descrevemos anteriormente, em nossa pesquisa, trata-se de outros termos buscados por quem buscou pelo termo *gênero neutro*. Esta informação nos é importante, pois poderemos compreender as diversas formas e nomes que as pessoas atribuem às propostas de neutralidade de gênero, em outras palavras, podemos compreender como variam os nomes das propostas dissidentes de gênero, e demais assuntos discursivamente interligados. Ao todo, a busca resultou em onze (11) termos, todos apresentados na Tabela 10 abaixo.

Tabela 10 - Termos de Pesquisas Relacionadas a *gênero neutro* e seus respectivos índices de popularidades

Termos	VBR
genero neutro	100
pronome neutro	75
gênero neutro português	36
gênero fluído	31
gênero não binário	26
não binário	26
agenero	19
linguagem neutra de gênero	15
agênero	12
banheiro gênero neutro	10
genero neutro portugues	8

Fonte: *Google Trends*. Acesso em: 19 fev. 2022.

O termo principal de busca e popularidade continua sendo *gênero neutro* (100), o que demonstra ser o nome para esse fenômeno linguístico mais utilizado em pesquisas no buscador. O segundo termo variante para o principal é *pronome neutro*, uma vez que, no início das discussões sociais sobre a existência e representação de gênero das pessoas não binárias, a primeira categoria linguística e classe gramatical que começou a ser repensada (e também a ser alvo de críticas) de modo a expressar também a existência dessas pessoas, foi a dos pronomes relativos, por exemplo, *-ele(s)* e *-ela(s)*, *-el@*, *-elx*, *-iles*, *-il*s* e, atualmente, *-elus*.

O termo *gênero neutro português* (36), bem como sua versão sem acento *genero neutro portugues* (8), ocorreu em buscas de forma a mostrar a especificidade da busca que as pessoas realizaram no período, ou seja, buscavam informações sobre a flexão de gênero na Língua Portuguesa, não em outras. Os termos *gênero fluído* (31), *gênero não binário* (26),

não binário (26), *agenero* (19) e seu par acentuado *agênero* (12) demonstram que as pessoas passaram, ainda que em baixa popularidade, como já destacamos na análise de *Assuntos Relacionados*, a buscar informações sobre as identidades e expressões de gênero que estão diretamente relacionadas com as propostas linguísticas dissidentes de gênero, já que a *ageneridade* é, muitas vezes, vista como um termo englobante para outras identidades, como a *não binariedade*. Além da existência de variantes coocorrendo nas buscas, podemos observar também variação na ortografia desses termos, como a existência de pares acentuados e não acentuados. Essa dupla informação nos mostra que as propostas de *gênero neutro* são tão possíveis linguisticamente que elas seguem um dos princípios da língua, uma característica de língua: a variação.

Notamos outro termo sendo buscado em concomitância ao termo *gênero neutro*, o termo de busca *banheiro gênero neutro*. À primeira vista, pode-se pensar que aparece em relação ao termo principal somente porque o sintagma traz *gênero neutro*, contudo, discursivamente, podemos observar que existe uma relação discursiva entre o termo *gênero neutro* e *banheiro gênero neutro* que vai além de uma partícula em comum. Na sociedade brasileira, felizmente, tem sido comum a discussão da existência de pessoas não binárias nos diversos espaços sociais, bem como em espaços físicos frequentados pelas pessoas, como os banheiros. Socialmente, os banheiros são espaços divididos de forma binária, há, portanto, banheiros femininos e banheiros masculinos, não havendo, por exemplo, banheiros exclusivos para pessoas agêneras/não binárias.

Assim, ao passo que se discute a representação das pessoas não binárias por meio da língua, discute-se também a existência dessas pessoas em outros espaços, como é o caso dos banheiros. Discursivamente, os termos *gênero neutro* e *banheiro gênero neutro* encontram-se na disputa social entre as pessoas cis e heteronormativas que, pautadas por discursos de ódio, majoritariamente ligados, ainda, à religião, tentam a todo custo e nas mais diversas formas e espaços invalidar a existência das pessoas que não se enquadram no padrão binário socialmente imposto e esperado.

Discursivamente, esses dizeres estão ligados pela motivação e desejo de aniquilamento das pessoas que não se encaixam no padrão binário da cis e heterossexualidade. É por isso que não devemos tomar a questão da língua de maneira separada das questões históricas e sociais, afinal, o discurso está "longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes" (FOUCAULT, 2014, p. 9).

CAPÍTULO 3

AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS ACERCA DA CATEGORIA LINGUÍSTICA DE GÊNERO E DAS PROPOSTAS DISSIDENTES DE NEUTRALIDADE DE GÊNERO: AS GRAMÁTICAS, A CIÊNCIA, AS MÍDIAS E AS PESSOAS DISSIDENTES

3.1 Nível 1: O gênero nas gramáticas histórica, prescritiva e descritiva

A primeira gramática analisada foi a *Pontos de Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, de 1938. Uma gramática histórica é aquela que estuda aspectos ligados à língua escrita a partir de textos e documentos escritos temporalmente, tomando um ponto de partida até o momento em que é produzida. Coutinho (1938, p. 13) define a gramática escrita como uma "[...] ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual". A gramática histórica se ocupa, portanto, da descrição das transformações de determinada língua natural. Em relação à Língua Portuguesa, Coutinho (1938, p. 14) diz que, em sua gramática, "[...] encontram-se, por conseguinte, formulados, os princípios e leis, segundo os quais se operou essa evolução".

Explica também que se vale do *Método Comparativo* para a produção da obra *Pontos de Gramática Histórica*, forma de se estudar determinada língua em comparação, lado a lado, a outras línguas de mesma origem ou família linguística. Esta estratégia de estudos direciona suas análises em suas descrições - com a questão do gênero neutro não seria diferente. Esta gramática trata da questão do gênero em 3 (três) momentos:

- 1) *O desaparecimento do neutro*, parte em que Coutinho (1938, p. 213 - 214) realiza uma breve descrição da mudança do gênero neutro do Latim caminhando para a atual forma binária do Português.
- 2) *Justificação das regras referentes às flexões de gênero e número e à graduação*, nesta seção, Coutinho (1938, p. 215 - 2019) trabalha a flexão de gênero dos substantivos e adjetivos;

- 3) *Fatos análogos na morfologia*, neste trecho, Coutinho (1938, p. 268) aborda a questão da analogia, ou seja, a questão da mudança do gênero do Latim ao Português.

Observando o primeiro momento em que aborda a questão do gênero, Coutinho (1938) realiza uma retomada explicativa acerca do desaparecimento do gênero neutro latino em relação ao Português. Nos mostra que no Latim, ao pensar-se de maneira lógica, pertenceriam à flexão neutra de gênero "[...] os seres inanimados [...]" (COUTINHO, 1938, p. 213). Aqui, podemos observar uma clara referência à questão do sexo, uma vez que seres inanimados não possuem como característica um sexo. Contudo, essa ligação não é uma regra geral a ser gramaticalmente seguida, e ocorre que o gênero na língua vai também além do sexo, já que "[...] essas cousas podiam também ser consideradas gramaticalmente masculinas e femininas [...]" (COUTINHO, 1938, p. 213).

Nos mostra que o gênero era uma consciência que "[...] provinha da forma externa" (COUTINHO, 1938, p. 213), forma esta caracterizada como um tema de "[...] causas psicológicas [...]" (*Ibidem*). Essas *causas psicológicas* foram caracterizadas como um equívoco por parte das pessoas escritoras, as quais comumente confundiam o gênero neutro com o gênero masculino (*Ibidem*). Para embasar sua descrição, cita Ernout, evocando duas explicações: (a) ocorre por conta da confusão com o masculino nas ocorrências que não o nominativo, vocativo e acusativo e (b) o emprego do que Ernout (1927, *apud* COUTINHO, 1938, p. 213) chamou de "[...] emprego [...] dum antigo coletivo neutro de tema em -ã-, que forneceu igualmente o nominativo, vocativo e acusativo do plural neutro".

Além disso, aborda como outra causa a questão da mudança fonética da marcação do gênero neutro em algumas palavras latinas terminadas em *-m* e *-s*. Coutinho (1938, p. 213) traz alguns exemplos para mostrar que não se podia mais diferenciar o neutro *-templu(m)* e *-cornu*, nem mais entre as formas masculinas *-hortu(s)* e *-cantu(s)*. Dessa forma, sem a presença do som de *-m* e *-s*, aumentaram-se as chances do desaparecimento do gênero neutro latino na mudança linguística até o Português. Mostra-nos que se pode observar essa alteração também a partir da existência de formas acusativas na terceira declinação⁶⁹ do Latim, fornecendo os seguintes exemplos: *-lactem*, *-sanguinem*, *-marem*, *-pectorem* e *-roborem*.

⁶⁹ A declinação pode ser entendida como a forma que determinadas palavras, de determinadas classes (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais), assumem considerando suas posições sintáticas em uma oração.

Outrossim, mostra que a analogia, a mudança de uma forma a outra, também corroborou para que o masculino acabasse absorvendo o gênero neutro (COUTINHO, 1938, p. 214). Além da analogia do gênero neutro para o masculino, Coutinho (1938, p. 214) mostra que alguns substantivos passaram a ser também considerados como de gênero feminino, uma vez que os nomes que terminavam em *-a*, nos casos nominativo, vocativo e acusativo⁷⁰, passaram a ser identificados na declinação com os nomes da primeira declinação, como em *-ligna*, *-ardet*, *-illae pectora* e *-castra haed vestra est*.

De acordo com Coutinho (1938, p. 214), o Português mantém poucas formas neutras, como nos pronomes *-tudo*, *-isto*, *-isso*, *-aquilo*, *-o*, *-al* e *-algo*. Além disso, mostra que o Português manteve o neutro dos qualificativos latinos substantivados, contudo, apenas na forma singular, como em *-útil* e *-necessário*. Ainda, acontece o mesmo com adjetivos como *-doce* e *-honroso*. Cita Grandgent (1928, *apud* COUTINHO, 1938, p. 214) para situar na história o momento em que a perda do gênero neutro ainda não havia sido total, considerando como limite o primeiro período românico.

Outro momento em que Coutinho (1938) aborda a questão do gênero, é para explicitar as regras acerca da flexão desta variável. Para tanto, caracteriza o gênero enquanto uma "[...] propriedade que tem o nome de indicar o sexo [...]" (COUTINHO, 1938, p. 215). Aqui, explicitamente, podemos observar a relação existente entre o gênero gramatical e a questão do sexo, ainda que ligado à questão biológica, não à identidade de gênero. À questão biológica, chama de "natural", enquanto na gramática, "gramatical". Contudo, cita Darmesteter (1927, *apud* COUTINHO, 1938, p. 215) para mostrar que o gênero na língua não segue qualquer lógica, servindo

[...] de quadros em que a língua distribui a totalidade de seus substantivos, deixando-se guiar mais ou menos obscuramente por analogias exteriores, terminações, sufixos, e algumas razões vagas e contraditórias. Em limitados números de casos, para o nomes de pessoas e algumas vezes de animais, o gênero é determinado pela idéia de sexo, e isso mesmo com desprezo da etimologia.

Aqui, apesar de apresentar o gênero como possuidor de uma característica linguística imotivada, ou seja, nada justifica ou explica o gênero na língua, Coutinho (1938) reconhece a existência da explicação baseada numa característica humana, extralinguística, como o sexo.

Explica ainda que a desinência do masculino em português é representada pela forma *-o*, uma vez que resultou a mudança da segunda declinação *-u(m)*, e, no feminino, pela forma *-a* por conta do acusativo da primeira declinação *-a(m)*, "[...] cujos nomes, por via de regra,

⁷⁰ No Latim, o *caso* diz respeito à posição sintática de uma palavra em uma oração.

eram femininos" (COUTINHO, 1938, p. 216). A essa mudança, o autor atribui como justificativa o Latim popular, ou seja, aquele falado pelas pessoas. Vemos, até aqui, que, apesar de Coutinho (1938) concordar que até mesmo pessoas autoras renomadas utilizavam a língua diferentemente daquela considerada clássica, bem-vista, a boa língua latina, as pessoas eram as responsáveis (talvez, culpadas) por essa mudança que gerou quase que totalmente o apagamento do gênero neutro latino no Português.

Ainda, nos mostra que alguns substantivos femininos no Latim foram considerados masculinos no Português, como o caso de árvores, da segunda declinação: *freixo*, *choupo*, *zimbros* e *olmo*. Ilustra também o caso de alguns substantivos da Língua Grega no Português arcaico, os quais eram comumente considerados femininos, mas foram considerados masculinos: *planeta*, *cometa*, *fantasma* e *estratagema* (COUTINHO, 1938, p. 116). Na esteira do que dizia acerca do gênero de substantivos que sofreram alteração do Latim para o Português por conta do sexo, Coutinho (1938, p. 2017) demonstra algumas palavras que tiveram essa motivação: *infanta*, *parenta*, *freira* e *juíza*.

Em relação aos substantivos que se referem a coisas, a objetos, Coutinho (1938, p. 217) diz que a regra geral é que não apresentam "[...] dualidade de gênero [...]", ou seja, são considerados ou masculinos ou femininos. Apesar desta regra geral, nos mostra que existem algumas exceções que podem apresentar dois gêneros, como os substantivos oriundos do gênero neutro latino: *-lignu*, que se tornou *-lenho*; *-ligna*, que se tornou *-lenha*; *-braciu* por *-braci*, que se tornou *-braço*; *-bracia*, que se tornou *-braça*; *-ovu*, que se tornou *-ovo*, *-ova*, mantendo-se igual em Português. Além disso, outros substantivos, os quais, inicialmente, apresentavam apenas uma das formas de gênero, mas tiveram ambas: *-ramo* e *-rama*, *-barco* e *-barca*, *-madeiro* e *-madeira*, *-jarro* e *-jarra*, *-toldo* e *-tolda*, *-horto* e *-horta*, *-caneco* e *-caneca*, *-cesto* e *-cesta*, *-bacio* e *-bacia* e *-poço* e *-poça*.

Descrevendo a classe dos adjetivos, Coutinho (1938, p. 219), em relação aos adjetivos da primeira classe, escreve que ocorriam em três formas: uma forma para o gênero masculino, uma segunda para o gênero feminino e uma terceira para o gênero neutro, contudo, "[...] com o desaparecimentos deste último gênero, tornaram-se biformes", ou seja, assumiram apenas a variante masculina e feminina, isso porque a desinência do gênero masculino era *-um* e se tornou *-o*, do feminino, *-a(m)* e se tornou *-a*. Em relação aos adjetivos de segunda classe, nos mostra que, seguindo a mesma explicação dos adjetivos de primeira classe, estes passaram a ser uniformes, ou seja, apresentam apenas uma forma de gênero, o gênero masculino (COUTINHO, 1938, p. 219).

No último ponto trazido por Coutinho (1938), há uma espécie de retomada curta das descrições fornecidas nos trechos anteriores. Nesta etapa, nos reapresenta a ideia de analogia, de modo a apresentar a analogia como uma "[...] lei da economia do trabalho" (COUTINHO, 1938, p. 268):

- 1) Devido ao fato de algumas palavras latinas de primeira declinação serem do gênero feminino, terminadas em *-a*, esta desinência passou a ser característica do gênero feminino na Língua Portuguesa. Devido à analogia, nomes masculinos de origem grega terminados em *-a* passaram a ser configurados também como de gênero feminino no Português arcaico, como *-clima*, *-planeta*, *-cometa*, *-fantasma* e *-diadema*;
- 2) Apresenta que os substantivos da segunda declinação latina terminarem em *-us*, os quais eram, no geral, masculinos e, no acusativo (do objeto direto), os substantivos terminavam em *-u* no latim popular, transformando-se na forma atual de desinência do gênero masculino no Português, *-o*. Ocorreu também que alguns nomes latinos femininos foram considerados masculinos justamente por conta da terminação, como: *-louro*, *-pinho*, *-olmo*, *-freixo* e *-choupo*;
- 3) Nomes considerados no latim como uniformes, hoje, na Língua Portuguesa, se apresentam na desinência feminina devido à analogia, como em: *-infante*, *-parente*, *-hóspede*, *-pastor* e *-português*.

Neste texto, pudemos observar uma descrição histórica das mudanças do Latim à Língua Portuguesa no que diz respeito ao gênero, principalmente das classes dos substantivos e adjetivos. A descrição feita por Coutinho (1938) apresenta exemplos fora de um contexto real de uso - o que se justifica pelo fato de o Latim ser, já na época em que a obra analisada foi escrita, como uma Língua Morta, ou seja, uma língua que não possui falantes cuja língua materna seja o Latim. Por se tratar de uma gramática, sua descrição é bastante densa e complexa, o que acaba por definir as pessoas que vão se aproximar da obra: não simplesmente pessoas interessadas no assunto, mas pessoas que, além de interessadas, tenham algum conhecimento metalinguístico prévio. Apesar disso, podemos observar ainda a presença de críticas lançadas à fala popular, sendo ela um dos motivos das mudanças em relação ao gênero linguístico.

A língua das pessoas, expressa pelo Latim popular ou vulgar, é o que gerou a mudança linguística e fez com que o gênero neutro, majoritariamente, desaparecesse no Português. Como de costume, geralmente, as mudanças linguísticas geram desconfortos, principalmente

quando são formuladas pelas pessoas mais preteridas da sociedade, como podemos observar no que Coutinho (1938, p. 219) escreve: "a confusão dos adjetivos da 2.^a classe com os da 1.^a ascende ao latim vulgar, como é fácil verificar da correção dos gramáticos: *-acre non acrum, -pauper mulier nin paupera mulier (Apprendiz Probi)*".

Ainda que absorvida e utilizada por escritores renomados, como pudemos observar anteriormente, a língua e as mudanças linguísticas das pessoas seguem, desde muito antes, incomodando e gerando formas de coerção através da correção. Apresenta a ressalva de que, "[...] por analogia, com aqueles [de primeira classe] vão tomando a desinência feminina *-a*, em português" (COUTINHO, 1938, p. 219). Cita Brant Horta (1923, *apud* COUTINHO, 1938, p. 219) para explicar o motivo que levou a mudança dos adjetivos de segunda classe, em resumo, devido ao uso por algumas pessoas autoras a partir do século XVI.

Analisamos também a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, de 2011. Enquanto a gramática histórica, em resumo, visa estudar a língua em determinado recorte histórico, a gramática normativa, também chamada de gramática prescritiva, fornece "[...] as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta" (LIMA, 2011, p. 38). Sua finalidade é, geralmente, pedagógica, encontra-se presente nas escolas, supostamente, para auxiliar discentes nos estudos linguísticos de sua língua materna.

Conforme já abordado anteriormente, é importante ressaltarmos que a língua prescrita pelas gramáticas normativas é apresentada como um modelo a ser seguido, principalmente, mas não somente, na escrita. Partindo desse ideal e modelo, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* se divide em trinta e cinco (35) capítulos e aborda a questão do gênero em três (3) momentos, resumidamente apresentados a seguir:

- 1) No *Capítulo 5: Substantivo* (LIMA, 2011, p. 115), em que prescreve sua noção acerca da classe dos substantivos;
- 2) No *Capítulo 6: Artigo* (LIMA, 2011, p. 139), apresentando como a flexão de gênero atua nos artigos em Língua Portuguesa;
- 3) No *Capítulo 7: Adjetivo* (LIMA, 2011, p. 141), expondo a flexão de gênero nos adjetivos de origem portuguesa;

Diferentemente da gramática histórica, a gramática normativa analisada apresenta explicações mais curtas e sucintas, justamente por seu caráter prescritivo que focaliza o ambiente escolar. Contudo, se aproxima daquela em suas escolhas de exemplo, retirados de

obras escritas por pessoas reconhecidas e aclamadas, em resumo, porque parte da ideia de que as grandes pessoas autoras são as que, supostamente, dominam a "boa língua".

Assim como a gramática histórica, traz citações de outras pessoas que escreveram gramáticas reconhecidas entre seus pares. Para caracterizar gênero, Lima (2011, p. 115) cita a *Gramática castellana*, de Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña, segundo os quais o "gênero é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante". Ao trazer esta definição, Lima (2011) visa mostrar às pessoas que se vale de conceitos e explicações chanceladas por outras pessoas ligadas à sua área. Nessa citação, o gênero é construído como algo à parte de qualquer assunto ou questão que não seja gramatical, e gramatical passa quase a ser um sinônimo de estrutural, como algo característico da língua e que não é constituído por nada externo à língua. Excluí-se, portanto, qualquer ligação do gênero com a questão do sexo de seres vivos, como o fez Coutinho (1938, p. 213), e, conseqüentemente, à identidade de gênero.

Determina o gênero de forma binária, masculino e feminino, sendo definidos, enquanto regra geral, respectivamente, como "o substantivo que se puder juntar à forma masculina de um adjetivo, ou o artigo *o*; [...] o que se pode juntar à forma feminina de um adjetivo, ou ao artigo *a*" (LIMA, 2011, p. 115). Nesta prescrição, o gênero de um substantivo é estabelecido por sua relação com outras classes gramaticais, como os adjetivos e os artigos - mais adiante, no nível 2 de análise, veremos novamente essa relação de determinação em Carvalho (1989, p. 60).

É comum as gramáticas normativas apresentarem regras gerais e exceções, acontecendo também em Lima (2011, p. 115). Novamente, apoia-se em Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña para definir que a classe dos adjetivos é composta por aqueles que possuem uma única terminação, ou seja, não variam em gênero, como os exemplos apresentados *-jovem*, *-azul* e *-prudente*, os quais, segundo Alonso e Ureña (1943, *apud* LIMA, 2011, p. 115) "[...] não têm acidente de gênero". Podemos ler *acidente*, neste contexto, como sinônimo de flexão, ou seja, são palavras que não possuem formas masculina e feminina.

Sobre este ponto, Alonso e Ureña (1943, *apud* LIMA, 2011, p. 115) dizem que "não se diz que um adjetivo é masculino, ou feminino: prefere-se dizer que tem a terminação masculina, ou a feminina", esta forma de descrever o gênero é também uma tentativa de torná-lo uma característica pura e exclusivamente linguística, como uma tentativa de isolar o que é gramatical de outras questões, como a do sexo - atualmente, a da identidade de gênero. Na época em que foi lançada, a obra de Alonso e Ureña (1943) não se encontrava em um

contexto em que a sociedade discutia questões de identidade de gênero, mas, apesar disso, o manual constantemente apresenta, sem dizer claramente, formas que retiram da gramática, especificamente, da flexão e opções de gênero, as questões sociais.

Em relação aos substantivos, Alonso e Ureña (1943, apud LIMA, 2011, p. 115) chamam de "[...] propriamente masculinos, ou femininos, porque cada substantivo é classificado num ou noutro grupo". A explicação se apresenta para concluir que são um ou outro porque são como são, como se houvesse algo intrínseco aos substantivos que os pré-classifica em uma ou outra forma de gênero. Colocam os adjetivos como *classificadores* que podem possuir uma *terminação masculina* ou *terminação feminina*, ou seja, "[...] indica-se por esse meio a terminação que o adjetivo adota para referir-se aos substantivos masculinos, ou aos femininos" (ALONSO E UREÑA, 1943, apud LIMA, 2011, p. 115). Dessa maneira, enquanto os substantivos possuem o gênero em sua constituição, os adjetivos atuam de modo a se adaptar ao gênero dos substantivos alterando sua forma final.

Apesar de não tocar na questão do sexo ou da identidade de gênero em suas primeiras palavras sobre o gênero gramatical, o faz quando apresenta o que chamou de *Meios de Expressão do Gênero* (LIMA, 2011, p. 116). Nesta parte de sua gramática, Lima (2011) nos apresenta: os (1) *Substantivos de Gênero Único*, os (2) *Substantivos de Dois Gêneros, Sem Flexão*, os (3) *Pares de Substantivos Semanticamente Opositivos*, a (4) *Indicação do Gênero por Meio da Flexão* e (5) *Particularidades*.

Em (1) *Substantivos de Gênero Único*, Lima (2011, p. 116) descreve três tipos de substantivos. Ao descrever o primeiro tipo, mostra uma relação existente entre o gênero gramatical e a questão do sexo, uma vez que são os "substantivos que apresentam um só gênero gramatical para designar pessoas de um e outro sexo" - também chamados por Coutinho (2011) de *sobrecomuns*, representados por: *-o algoz, -o apóstolo, -o conjuge, -o indivíduo, -o verdugo, -a criança, -a criatura, -a pessoa, -a testemunha e -a vítima*. Os de segundo tipo são os "substantivos que apresentam um só gênero gramatical para designar animais de um e outro sexo" (LIMA, 2011, p. 116), chamados de *epícenos*, representados por: *-o albatroz, -o badejo, -o besouro, -o condor, -o gavião, -o jaguar, -o rinoceronte, -o rouxinol, -o tatu, -o tigre, -a águia, -a baleia, -a borboleta, -a cobra, -a codorniz, -a formiga, -a mosca, -a onça, -a pulga e -a tartaruga*. Aqueles do terceiro tipo, representados por: *-o diamante, -o livro, -o navio, -o vento, -o tribunal, -a alma, -a beleza, -a estrela, -a faca e -a rosa*, são definidos como os "substantivos que apresentam um só gênero gramatical para designar coisas (vegetais, minerais, objetos, entidades, instituições, qualidades, etc)".

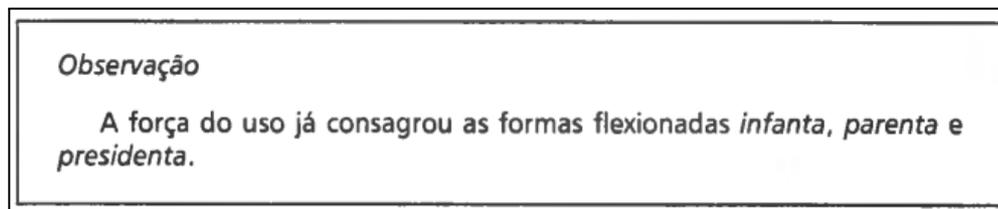
Vemos aqui uma descrição muito parecida com o que observamos sobre as declinações do Latim em Coutinho (1938). Lima (2011) cria uma forma de tipificação dos substantivos de gênero único em camadas, o que nos mostra que essas gramáticas, apesar de possuírem objetivos e métodos diferentes, seguem maneiras de descrição muito próximas, o que podemos ler como uma estratégia de chancelar um estilo gramatical universal que se adapta a cada tipo de gramática - afinal, a gramática normativa não é uma instituição que deseja somente prescrever uma variante linguística, mas que se vale de formas de prescrição semelhantes entre suas variantes.

Apresenta a regra geral para a classificação dos substantivos que independe da presença anterior do artigo, "nomes terminados em *o* átonos são masculinos; e femininos os que terminam em *a* átono" (COUTINHO, 1938, p. 268). Contudo, salienta a existência de substantivos que não seguem essa regra geral, há substantivos que terminam em *a*, mas classificados como masculinos, *-clima*, *-cometa* e *-mapa*, e aqueles que, de origem grega, são terminados em *-ema* ou *-oma*: *-anátema*, *-aroma*, *-axioma*, *-carcinoma*, *-cinema*, *-coma*, *-diadema*, *-dilema*, *-diploma*, *-emblema*, *-estratagema*, *-fibroma*, *-fonema*, *-idioma*, *-morfema*, *-poema*, *-problema*, *-sistema*, *-telefonema*, *-tema*, *-teorema* e *-trema*. O que chama a atenção nesta classificação é que, das três primeiras palavras usadas como exemplo (*clima*, *cometa* e *mapa*), duas delas (*clima* e *cometa*) aparecem em Coutinho (1938, p. 268) no trecho em que descreve os substantivos de origem grega, referência não realizada por Lima (2011).

Ao abordar os (2) *Substantivos de Dois Gêneros, Sem flexão*, Lima (2011, p. 117 - 118) os classifica como aqueles que apresentam apenas uma forma para o gênero masculino e o feminino, ficando a determinação do gênero sobre o artigo e da terminação do determinativo (adjetivos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos, artigos, numerais e locuções equivalentes) que se ligam ao substantivo. Dessa forma, o gênero dos substantivos de dois gêneros que não possuem formas de flexão para cada um dos gêneros binários, masculino e feminino, será expresso pelo uso, por exemplo, de um artigo *-o* e *-a*, respectivamente.

Apresenta uma longa lista de exemplos, da qual retiramos alguns exemplares: *-o aborígene* e *-a aborígene*, *-o agente* e *-a agente*, *-o artista* e *-a artista*, *-o atendente* e *-a atendente* e, por último, o par *-o camarada* e *-a camarada*. Enquanto Coutinho (1938, p. 2017) apresenta os substantivos *-infanta* e *-parenta* para exemplificar casos em que "a necessidade de distinguir o sexo, admitiram, com o tempo, a terminação *-a*, em português", ou seja, nos apresenta a influência do sexo na classificação gramatical, Lima (2011, p. 118), apresenta uma observação ao final da página, num quadro (Imagem 27), sem realizar menção à questão do sexo, define como "força do uso".

Imagem 27 - Observação trazida por Lima sobre os *substantivos de dois gêneros, sem flexão*



Fonte: Lima (2011, p. 118).

Essa é uma descrição gramatical que considera apenas a língua e que cogita explicar a língua por ela mesma. Entre relacionar o gênero na língua com a questão do sexo e com a questão da variação linguística - questão pouco abordada, geralmente, com algumas linhas em capítulos introdutórios, como o faz Lima (2011, p. 36 - 37) e, muitas vezes, evitada pelas gramáticas que possuem o objetivo de prescrever usos prestigiados da língua - Lima (2011, p. 118) opta pelo segundo fator, pela variação linguística, ainda que sem mencioná-la de maneira explícita, quando diz "a força do uso [...]".

Na parte reservada à discussão dos (3) *Pares de Substantivos Semanticamente Opositivos*, Lima (2011, p. 118) apresenta um processo de construção de gênero que não parte da flexão, ou seja, um radical que recebe um sufixo (ao que podemos ler como terminação) que marcará o gênero em um substantivo, mas que parte, assim, da derivação. Dessa forma, Lima (2011, p. 119) caracteriza os *Pares de Substantivos Semanticamente Opositivos* por meio do sufixo derivacional, processo que cria palavras para lidar com sentidos outros, no caso do gênero, para lidar, por exemplo, com seres de sexo ou identidade de gênero diferentes - este exemplo não é fornecido por Lima (2011, p. 119).

Ao representar a maneira que se constituem esses pares, como *Semanticamente Opositivos*, Lima (2011, p. 119) passa a considerar, apesar de não descrever, aspectos do sentido, os quais são construídos morfológicamente, mas também extralinguisticamente. Ou seja, não há uma marca morfológica de flexão, como *-o* ou *-a*, que atribua (através da morfologia flexional) o gênero a um mesmo substantivo, mas utiliza-se a morfologia derivacional, palavras novas que derivam de outras, para ilustrar essa *Oposição*, como podemos notar nos exemplos escolhidos: *-imperador* possui o sufixo derivacional *-dor* somado à raiz *-imper*, enquanto *-imperatriz* pelo sufixo derivacional *-triz*. É importante observarmos que esses exemplos foram retirados de Mattoso Câmara Júnior (1970a; 1970b), textos e autor muito utilizados, atualmente, conforme já mostramos, para embasar PLs e textos que se põem contrários à existência das propostas de *gênero neutro* na Língua Portuguesa.

Em (4) *Indicação do Gênero por Meio da Flexão*, Lima (2011, 119) retoma e explicita como é construída a diferenciação de gênero em substantivos que são diferenciados, em relação ao gênero, flexionalmente, ou seja, uma mesma palavra que altera sua partícula final de modo a indicar o seu gênero. De acordo com Lima (2011, p. 119), esse processo se dá "[...] pelo acréscimo ao masculino da desinência *-a* (com supressão da vogal temática aos nomes de tema em *-o* e em *-em*)". A vogal temática é a partícula de ligação entre o radical e suas desinências, partindo dos exemplos trazidos por Lima (2011, p. 119), *-lob(o)* tem como vogal temática *-o* que se junta ao radical *-lob* e que, para criar o segundo par, o substantivo de gênero feminino, retira-se a vogal temática *-o* e une-se o radical *-lob* à desinência *-a*, formando, portanto, *loba*.

No último capítulo em que trata da questão dos gêneros dos substantivos, (5) *Particularidades*, Lima (2011, p. 121) aborda pontos específicos de dois tipos de substantivos, além de uma *Nota* que apresenta uma lista de substantivos masculinos e suas outras partes dos pares, os femininos. O primeiro tipo é chamado de *Substantivos de duplo gênero ou de gênero vacilante*: aqui, enquadram-se os substantivos que "apresentam duplo gênero" (LIMA, 2011, p. 121), isto é, aqueles que não possuem flexão de gênero ou que constroem o gênero por meio da derivação. Contudo, apesar de se tratar de uma gramática com objetivo de ser utilizada para consulta e estudo, a explicação trazida não explicita ou explica esta primeira *Particularidade*, apenas traz a seguinte explicação "apresentam duplo gênero, entre outros os substantivos abaixo" (LIMA, 2011, p. 121) e a lista dos substantivos que se enquadram na definição.

Pensando na aprendizagem metalinguística, a qual é importante e deve ser fomentada e apresentada, por exemplo, nas escolas, de modo que as pessoas alunas tenham acesso a este conhecimento cobrado no meio social - ela se apresenta de maneira pouco explicativa. A lista de palavras apresentadas é: *-acauá*, *-faringe*, *-inambu*, *-laringe*, *-personagem*, *-pijama*, *-preá* e *-víspora*. Uma saída seria explicar que, por se tratar de substantivos que assumem duas formas de gênero, a especificação de gênero seria feita por um determinante, como um artigo definido (*-o*, *-a*) ou numeral (*-um*, *-uma*). Lima (2011, p. 122) apresenta uma observação em forma de quadro (Imagem 28), em que exemplifica uma possível explicação, mas que demanda abstração por parte da pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista.

Imagem 28 - Observação criada por Lima sobre os *substantivos de duplo gênero*

Observação

Embora seja palavra etimologicamente masculina (o *grama*), diz-se hoje, corretamente, *a grama, duzentas gramas*, etc. Isto não obstante, mantém-se o gênero masculino nos múltiplos e submúltiplos: *o quilograma, um miligrama*.

Fonte: Retirada de Lima (2011, p. 118).

Sobre o *gênero vacilante*, Lima (2011, p. 122) exhibe uma lista dividida em duas colunas, *masculinos* e *femininos* (Imagem 29), com uma breve observação, pouco explicativa, "no uso de alguns substantivos tem havido certa vacilação", sobre os quais "recomenda-se, especialmente a fixação do gênero [...]". O que Lima (2011, p. 122) chama de *vacilação*, poderíamos compreender como uma *oscilação* ou, ainda, *variação*, uma forma de mostrar que o uso toma esses substantivos ora como masculinos, ora como femininos, contudo, não nos apresenta uma base referencial que corrobora com a afirmação. Todavia, em relação à última palavra da lista dos substantivos femininos, insere uma nota de rodapé de modo a nos mostrar sua referência e seu ponto de partida para considerar o substantivo *-usucapião* como parte dos substantivos que sofrem "certa vacilação" (LIMA, 2011, p. 122).

Imagem 29 - Observação trazida por Lima sobre os *gêneros vacilantes*

<i>masculinos:</i>	<i>femininos:</i>
ágape	abusão
alvará	alcíone
antílope	aluvião
caudal	análise
champanha	araquã
clã	áspide
contralto	baitaca
diabete ou diabetes	cal
eclipse	derme
gingibre	fácies
hosana	filoxera
lança-perfume	guriatã
pampa	hélice
praça (soldado raso)	jaçanã
sabiá	jurití
sanduíche	omoplata
soprano	ordenança
suéter	rês
tapa	sentinela
teiró	suçuarana
vau	sucuri
	tíbia
	usucapião ⁴

Fonte: Retirada de Lima (2011, p. 122).

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, ao tratar dos *Substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero*, apenas lista substantivos precedidos dos artigos definidos *-o* e *-a*, deixando a explicação e interpretação do porquê o sentido é alterado quando usa-se um ou outro por conta da pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista (Imagem 30), como uma espécie de conhecimento prévio ou que maturou ao longo dos estudos sobre a questão, pressupondo que a gramática é estudada apenas de maneira completa, não observando, a título de exemplo, pessoas que realizam consultas pontuais.

Imagem 30 - Lista produzida por Lima sobre os *Substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero*

2. SUBSTANTIVOS CUJA SIGNIFICAÇÃO VARIA COM A MUDANÇA DE GÊNERO	
o cabeça	— a cabeça
o caixa	— a caixa
o capital	— a capital
o cisma	— a cisma
o corneta	— a corneta
o crisma	— a crisma
o cura	— a cura
o guarda	— a guarda
o guia	— a guia
o lente	— a lente
o língua	— a língua
o moral	— a moral

Fonte: Retirada de Lima (2011, p. 123).

Ao final deste capítulo, nomeado como *Formas femininas dignas de nota*, traz uma lista de substantivos que não obedecem às regras explicadas anteriormente, sendo sua confecção caracterizada por Lima (2011, p. 123) "[...] de maneira promíscua [...]". Chama-a desta forma pois foi produzida da mesma forma que suas explicações, exemplificando: *-abade* e *-abadessa*, *-ator* e *-atriz*, *-alcaide* e *-alcaldesa*, *-acaidina*, *-aviador* e *-aviadora*, *-bode* e *-cabra*, *-cantor* e *-cantora*, *-cantadora*, *-cantarina* e *-cantatriz*.

Dessa lista de sessenta (60) pares, Lima (2011, p. 124) traz duas notas de rodapé, ambas ligadas à versão feminina do par. A primeira, em relação ao substantivo *-elefante* (do par *-elefante* e *-elefanta*), traz uma referência explicativa do porquê escolheu *-elefanta* e não *-aliá*, por este último substantivo se tratar de uma espécie específica presente no Sri Lanka (DELGADO, 1919, apud LIMA, 2011, p. 124). A segunda, em relação às versões femininas *-embaixadora* e *-embaixatriz* (do par *-embaixador* e *-embaixadora* e *-embaixatriz*), fornece uma nota explicativa que diferencia o sentido de ambas, "[...] a primeira é a mulher de um embaixador; a segunda, a representante diplomática, ela mesma, de um país outro" (LIMA, 2011, p. 124).

Passando ao *Capítulo 6: Artigo*, Lima (2011, p. 139) define o artigo como "uma partícula que precede o substantivo, assim à maneira de "marca" dessa classe gramatical". Aborda a questão do gênero nos artigos de maneira breve, dizendo que, "em certos casos,

serve para assinalar o gênero e o número do substantivo" (LIMA, 2011, p. 139). Traz esse conceito com uma nota de rodapé, em que realiza uma comparação com outras línguas, o Búlgaro e o Albanês, nas quais, "o artigo se pospôs ao substantivo" (LIMA, 2011, p. 139). Aqui, exemplifica a questão do gênero com os pares *-o colega* e *-a colega*, o que vai de encontro com sua regra geral acerca do gênero dos substantivos" (LIMA, 2011, p. 115).

Sobre os adjetivos, no *Capítulo 7: Adjetivo*, Lima (2011, p. 139) divide essa classe em três tipos, os adjetivos uniformes, adjetivos biformes e adjetivos compostos. Os adjetivos uniformes são aqueles que apresentam apenas uma forma em relação ao gênero e "acompanham os substantivos de ambos os gêneros". Quando colocada esta prescrição lado a lado com o que Lima (2011, p. 115) explicita na regra geral dos substantivos, aqui, ele coloca a especificidade de gênero dos adjetivos a partir da relação com os substantivos, os quais, neste caso, acabam, por conseguinte, definidos pelo gênero expresso nos artigos. Especifica que trata daqueles adjetivos terminados em "[...] *a, e, o, l, r, z, m e s*" (LIMA, 2011, p. 141), *-carioca, -breve, -só, -azul, -regular, -feliz, -comum e -simples*. Apesar de colocar enquanto regra, apresenta as seguintes exceções, sem explicações: *-espanhol e -espanhola, -andaluz e -andaluza e -bom e -boa*.

Sobre os adjetivos biformes, podemos compreendê-los como aqueles que dispõem de duas formas de gênero (LIMA, 2011, p. 142). Estes se diferenciam a partir de seis (6) possibilidades de terminação: (1) os que terminam em *-o* átono são substituídos por *-a* na forma feminina, como no exemplos trazidos por Lima (2011, p. 142), *-gordo e -gorda e -belo e -bela*; (2) os que terminam em *-u* recebem *-a* na forma feminina, *-cru e -crua e -nu e -nua*; (3) adjetivos terminados em *-or* recebem na forma feminina de gênero *-a*, *-impostor e -impostora*, com exceção de *-incolor, -multicolor, -anterior, -inferior, -interior*; (4) aqueles terminados em *-es*, recebem a terminação *-a* na forma feminina, como em *-português e -portuguesa*, senão *-cortês, -pedrês, -montês e -descortês*, os quais "são uniformes" (LIMA, 2011, p. 143); (5) os terminados em *-eu*, na forma feminina, terminam em *-eia, -europeu e -europeia, -plebeu e -plebeia, -ateu e -ateia, -hebreu e -hebreia e -pigmeu e -pigmeia*, exceto *-judeu e -judia e -sandeu e -sandia*; (5) os finalizados em *-ão*, finalizam no feminino como *-oa, -ã ou -ona*, por exemplo, *-beirão e -beiroa, -cristão e -cristã e -chorão e -chorona*.

Relativamente aos adjetivos compostos, Lima (2011, p. 143) formaliza que "só o segundo elemento pode assumir a forma feminina", a título de exemplo: *-a guerra russo-americana, -a literatura luso-brasileira e -uma operação médico-cirúrgica*, contudo, não explicita o motivo, exigindo que a pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista esteja atenta e lembre-se das outras regras e exceções, já que os adjetivos compostos concordam em

gênero a depender do substantivo e de suas regras e exceções, conforme analisamos anteriormente.

Traz como exceção o exemplo *-surdo-mudo*, "que tem por feminino *surda-muda*" (LIMA, 2011, p. 143). Como podemos perceber, os exemplos são sempre descolados de qualquer contexto enunciativo e discursivo, porém quebra com a expectativa de fornecer exemplos oriundos de textos de "grandes autores, autores renomados". Outrossim, considerando o ano em que foi publicada, a gramática traz exemplos preconceituosos, como o último abordado, *surdo-mudo*, acerca da comunidade surda.

Esta densa análise-resenha/resenha-análise que apresentamos até aqui nos deu indícios para compreendermos questões realizadas e promovidas, inclusive por linguistas, que defendem a necessidade de distinção entre o gênero gramatical e as questões de sexo biológico e/ou de identidade de gênero, como no texto de divulgação científica de Teixeira (2018)⁷¹:

Assim como é útil distinguir sexo biológico de identidade de gênero – como foi feito acima – é necessário que seja definido o gênero linguístico-gramatical como completamente distinto de quaisquer acepções exteriores à linguagem, sejam elas de cunho biológico ou de cunho social.

Como pudemos observar, do ponto de vista gramatical, ainda que reforcem o oposto, tanto a gramática histórica de Coutinho (1938) quanto a gramática normativa de Lima (2011) reconhecem a existência da ligação do gênero gramatical com o sexo biológico - ao que poderíamos inferir também como identidade de gênero, uma vez que não era um assunto em pauta nas sociedades popular e científica na época em que essas gramáticas foram produzidas.

A terceira gramática⁷² analisada foi *A Gramática do Português revelada em textos*, de Maria Helena de Moura Neves, de 2018. Esta é uma gramática de cunho descritivista, cujo objetivo é "[...] orientar a condução de uma reflexão sobre o uso linguístico que leve à apreensão daqueles mecanismos gramaticais da língua construtores dos sentidos, valores, dos efeitos obtidos" (NEVES, 2018, p. 18). Isto é, parte da realização da língua em uso, a partir de textos escritos e falados para formular e compreender seu funcionamento, de modo a colocar a gramática não mais como regras a serem seguidas e a partir de exemplos extraídos

⁷¹ Apresentamos a análise deste texto no Nível 3 em nossa dissertação, trouxemos este trecho de modo a exemplificarmos a importância da análise da gramática normativa, ainda que seu posicionamento possa parecer, antemão, óbvio.

⁷² Este primeiro nível se diferencia em relação à quantidade de objetos de análise pois nos pareceu importante abordarmos diferentes formas de gramática, as quais foram produzidas em épocas diferentes, por pessoas diferentes e com metodologias de análise e descrição/prescrição diferentes. Além disso, nos pareceu importante considerarmos, ao menos, três gramáticas diferentes pois a gramática, geralmente, é tomada apenas como uma, a prescritiva, sendo as demais excluídas e desconsideradas - até mesmo desconhecidas. Assim, ao passo que este primeiro nível contou com três objetos de análise, nos demais, consideramos dois exemplares.

de corpus "imaculados", mas como um estudo contextualizado e mais próximos das pessoas, produzidos nos mais diferentes textos e contextos.

A Gramática do Português revelada em textos se organiza em três partes, *Parte 1 - Noções básicas*, *Parte 2 - Classes e funções* e *Parte 3 - Para consulta*. Enquanto Coutinho (1938) e Lima (2011) abordam a questão do gênero ao passo que definem e explicam as classes de palavras, Neves (2018) traz a questão do gênero na *Parte 1 - Noções básicas*, no Capítulo 2, *Classes e Unidades*, no ponto 1.2 *As unidades*, parte reservada para o tratamento das unidades que compõem as palavras.

É no trecho em que explica o conceito de morfemas que Neves (2018, p. 60) aborda primeiramente a questão do gênero, na *Parte 1*. Assim, os morfemas

[...] indicam número, indicam gênero, indicam tempo etc. Os morfemas de flexão (número, gênero, tempo etc.), que em português são sempre colocados no final da palavra, recebem o nome de desinências: *-s* é de desinência de plural (de algumas classes), *-a* é desinência de feminino (de algumas palavras), *-rá* é desinência de tempo e modo (futuro do indicativo), etc".

Aqui, Neves (2018, p. 60) aponta gênero, sem trazer exemplos, como um tipo de desinência possível em Língua Portuguesa, selecionando a forma feminina *-a* para exemplificar a desinência de gênero, isso porque a palavra com desinência masculina é comumente tomada como a forma primeira/estado primeiro de uma palavra, sendo a flexão feminina uma flexão propriamente dito.

Na *Parte 2*, o segundo momento em que Neves (2018) explana sobre gênero é no ponto 2. *As palavras, sua estrutura e sua formação*, a partir do texto tomado como exemplo (NEVES, 2018, p. 62). O gênero é apresentado por Neves (2018, p. 63) como uma *unidade morfológica*, ou seja, como um *morfema*⁷³, como uma parte da estrutura que forma uma palavra. A partir da Tabela 11, baseada na apresentada por Neves (2018, p. 63), percebemos, novamente, uma estratégia de apresentar o gênero como uma característica intrínseca da língua.

Tabela 11 - Tabela apresentada para abordar o gênero enquanto unidade morfológica

=	≠
inibid	-o
inibid	-a

⁷³ Neves (2018, p. 62) define morfema enquanto um "elemento (indivisível), que é responsável pela diferença entre as duas palavras, é o que se denomina morfema de uma língua".

exibid	-o
exibid	-a
desinibid	-o
desinibid	-a

Fonte: Neves (2018, p. 63).

Ao trabalhar a tabela acima, Neves (2018, p. 63) coloca os morfemas *-o* e *-a* como componentes opostos que se juntam ao final de determinada palavra, sem citar uma classe em específico. Ao apresentar esses elementos dessa forma, caracteriza-os a partir de "[...] uma distinção apenas gramatical: entre masculino e feminino, ou seja, entre duas categorias gramaticais de flexão (em gênero). Portanto, *-o* e *-a* são, aí, morfemas gramaticais" (NEVES, 2018, p. 63 - 64). Como podemos notar, o adverbio *-aí* localiza no contexto textual apresentado a única noção que pode caracterizar gênero, puramente gramatical, extinguindo, portanto, a possibilidade de ligação do gênero com sexo ou identidade de gênero.

Na *Parte 2*, Neves (2018) versa sobre gênero no ponto 3. *As duas grandes subclasses de substantivo*, nos pareceu importante observarmos uma de suas notas de rodapé em que explica o uso da palavra *-champanha* de um dos textos trazidos para tratar do uso de substantivos que nomeiam espaços como substantivos comuns - os quais são comumente usados para nomear produto cuja origem remonta o seu nome. Apesar de reiterar o gênero enquanto algo intrinsecamente linguístico, evitando qualquer relação com o sexo/identidade de gênero (já que são questões externas à língua e, nessa lógica, não devem ser consideradas), no caso do exemplo trazido, Neves (2018, p. 239) explica que o nome é originário da região francesa Champanhe, já em relação ao produto, mostra que a forma *-champanha* é tida como a forma oficial, ou seja, que aparece em espaços que regulamentam a grafia de palavras em Língua Portuguesa, como o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

Ainda assim, mostra que a variante *-champanhe* é aceita, fragmento em que trata da questão normativa do uso de gênero nos substantivos, "é recomendado normativamente o uso da palavra como masculina, mas ela tem sido usada tanto no masculino como no feminino. Para a forma *champanhe* o Volp registra os dois gêneros" (NEVES, 2018, p. 239). Assim como observamos na gramática histórica, apesar de haver um reforço em considerar a questão do sexo (e, conseqüentemente, a identidade de gênero) enquanto um fator externo à língua e

que, portanto, deveria ser desconsiderada, a questão da variação linguística com base na geografia, questão também externa à língua, acaba sendo considerada.

Em uma segunda nota de rodapé, nesta mesma passagem de sua gramática, Neves (2018, p. 239) desenvolve a explicação para o exemplo trazido, *Quanto ao sexo dos anjos, os leitores tiram um xerox ou uma xérox?*, baseando-se também no VOLP, "as formas *xerox* e *xérox* constam ambas do VOLP, e nos dois gêneros" (NEVES, 2018, p. 239). Nestas duas tratativas, Neves (2018, p. 239) apenas explicita a variação linguística entre formas que coocorrem no *corpus* selecionado, mantendo-se ao que disse serem formas gramaticais (NEVES, 2018, p. 63 - 64). Isso acontece também ao falar sobre a grafia de nomes tribais, estabelecida na *Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais*, determinada na *1ª Reunião Brasileira de Antropologia* (1953), a qual, de acordo com Neves (2018, p. 245), "estabelece que os nomes tribais (SUBSTANTIVOS ou adjetivos) não têm flexão de gênero e de número, a não ser que sejam de origem portuguesa ou morficamente aportuguesados".

A respeito dos advérbios, no *Capítulo 4, 2. A natureza do advérbio/adjunto adverbial*, Neves (2018, p. 350) diz que, "de um ponto de vista morfológico, o ADVÉRBIO é uma palavra invariável (em gênero e em número)", sem embargo, o *corpus* trazido para análise revela a existência de variação de gênero em alguns advérbios, como *-meio* e *-meia*. Ainda que explique a localidade geográfica enquanto contextos extralinguísticos para explicar o motivo de determinadas palavras receberem uma flexão de gênero e não outra, como vimos, anteriormente, no caso do substantivo *-champanha* (NEVES, 2018, p. 239), aqui, não explicita que a variação ocorre por essa forma referir-se a uma mulher e que, no contexto do exemplo, é referenciada pelo gênero feminino. Ou seja, não explicita esse uso que relaciona o gênero gramatical para representar na língua uma pessoa do sexo feminino ou cuja identidade de gênero possa ser assim representada, apesar de seus exemplos estarem também relacionados ao contexto extralinguístico de sexo e/ou identidade de gênero, como nos mostra o exemplo "levantou-se meia tonta, e caminhou até a sala de estar, a tempo de ver Eduard sendo arrastado, enquanto outros chegavam às pressas com seringas preparadas" (VDM-R, apud NEVES, 2018, p. 351).

Podemos perceber, novamente, que Neves (2018) evita tratar o gênero dos substantivos relacionadamente ao sexo ou identidade de gênero. Observando o *corpus* (NEVES, 2018, p. 1353 - 1389) utilizado em sua gramática, ele se constitui de textos disponibilizados em uma larga faixa temporal, o mais antigo é de 1578, *Viagem a terra do Brasil*, de Jean de Léry, os mais atuais são de 2003, como *Concerto para paixão e desatino*, de Moacir Japiassu, período em que as questões de identidade de gênero não eram debatidas

amplamente pela sociedade e os gêneros binários masculino e feminino eram tidos como únicas variantes.

Sequencialmente, há outros pontos⁷⁴ em que Neves (2018) aborda a questão do gênero, contudo ela apenas pontua se há ou não a possibilidade de variação de gênero e apresenta as formas variantes. As páginas correspondentes são: 424, 479, 541, 542, 543, 545, 559, 561, 569, 576, 577, 612, 653, 654, 664, 688, 689, 697, 702 e 714.

Na última parte de sua gramática, *Parte 3 - Para consulta*, no *Capítulo 1 Gênero e número dos substantivos*, diferentemente de Coutinho (1938) e Lima (2011), Neves (2018, p. 1197) traz primeiro o texto exemplar a servir de base para sua teorização para, somente depois, iniciar suas definições, o que permite, positivamente, à pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista primeiro um contato textual e contextual, o que pode suscitar análises por parte dessa pessoa, ajudando-a, conseqüentemente, em seu processo de aprendizagem e compreensão metalinguística. O texto trazido chama-se *Macho e fêmea*, de Murilo Mendes (1970, apud NEVES, 2018, p. 1197), o qual transcrevemos abaixo:

Macho e fêmea
O leão a leonesa
O tigre a tigresa
O piano a pianesa
o martelo a martelesa
O turco a turquesa
O clavicórdio a clavicordesa
O serro a serrotesa
O bordel a bordalesa
O avião a avionesa
O radar a radaresa
O bonde a bondesa
O veronês a veronesa
O pavês a pavesa
O touro a touresa.
O pavão a pavana
O paxá a pachorra
O rei-cláudio a rainha-cláudia
O macho a macha

Outra diferença a ser destacada sobre a *A Gramática do Português revelada em textos* (NEVES, 2018) é que ela fornece os primeiros passos interpretativos sobre o texto e os une à análise metalinguística de modo a situar a pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista não

⁷⁴ Por se tratar de trechos em que Neves (2011) apenas indica a forma de gênero oposta aos exemplos que variam em gênero, optamos por apenas listar as páginas em que se encontram, uma vez que, para nossa análise, não trariam novidades e acabaríamos repetidamente observando um mesmo aspecto de sua gramática.

apenas sobre o funcionamento gramatical, mas também ao contexto semântico. Além disso, apesar de, nos trechos anteriormente analisados, Neves (2018) ter evitado tocar na relação existente entre o gênero gramatical e sexo ou identidade de gênero, aqui, ao trazer o poema acima descrito, o faz, dizendo que

esse texto brinca com a oposição entre masculino e feminino. Embora nem todos os substantivos da série sejam do tipo animado (pessoas ou animais), o poema traz o título "Macho & fêmea", fazendo, pois, uma correspondência entre sexo e gênero: correspondência de macho (sexo) com masculino (gênero gramatical) e de fêmea (sexo) com feminino (gênero gramatical). Sabemos que, para falar de indivíduos sexuados, de fato a linguagem faz essa correspondência, mas, mesmo não se referindo, na sua maioria, a indivíduos sexuados, os substantivos têm gênero gramatical. Em português os gêneros são dois: masculino ou feminino (NEVES, 2018, p. 1197).

Como explicitamos, esta é a primeira vez que Neves (2018) traz em sua gramática o ponto relacional entre a questão gramatical de gênero com sexo, mas ainda não falando sobre identidade de gênero e como esta outra questão e forma de olhar para as pessoas se relaciona e poderia ser explicitada gramaticalmente. Por isso, acaba também criando a ideia e embasando discursos que dizem não haver relação entre as identidades de gênero e formas linguísticas de marcação de gênero.

Aborda pela primeira vez a existência de substantivos "[...] do tipo animado (pessoas ou animais)" (NEVES, 2018, p. 1197) em toda sua obra, os quais podemos compreender, por determinação, como aqueles que possuem "[...] uma correspondência entre sexo e gênero: correspondência de macho (sexo) com masculino (gênero gramatical) e de fêmea (sexo) com feminino (gênero gramatical)". Além disso, a partir do texto abordado, Neves (2018, p. 1197) determina sexo enquanto sinônimo de macho ou fêmea, deixando de lado tantas outras existências, partindo, portanto, duma definição biológica de sexo. Ao passo que determina sexo, também determina sua visão sobre gênero a partir de duas únicas possibilidades gramaticais, masculina e feminina.

Fica clara sua preferência, ao produzir a gramática, por não fazer a relação de gênero gramatical e sexo (ou identidade de gênero), distanciando-se, assim, quase que opostamente à questão de identidade de gênero quando diz "sabemos que, para falar de indivíduos sexuados, de fato a linguagem faz essa correspondência, mas, mesmo não se referindo, na sua maioria, a indivíduos sexuados, os substantivos têm gênero gramatical. Em português os gêneros são dois: masculino ou feminino" (NEVES, 2018, p. 1197).

Em sua análise, no que concerne à construção dos substantivos presentes no poema, Neves (2018, p. 1197 - 1198) caracteriza os substantivos que, gramaticalmente, não seguem

formas previstas de indicação do feminino como "*nonsense*" - palavra em Língua Inglesa para adjetivar algo ou ideia que não faz sentido ou ilógico, ao que explica:

- (1) haver substantivos femininos postos como correspondentes de substantivos masculinos, ainda que muitos não possuam formas femininas correspondentes (NEVES, 2018, p. 1198);
- (2) haver formas de representação feminina de substantivos que não correspondem às formas mais prototípicas, com o sufixo *-esa*.

Contudo, nos mostra que, apesar de o texto poder ser utilizado para compreendermos a Língua Portuguesa, a compreensão do processo de formação de palavras e o funcionamento do gênero, "nada disso importa, porque não se trata de uma lição de gramática, pelo contrário, a extrapolação de fronteiras é o que faz o sentido do poema" (NEVES, 2018, p. 1198).

Traz também o texto *A morte do colibri*, de Millôr Fernandes, para abordar a flexão de gênero em substantivos epicenos, aqueles que possuem apenas uma forma para tratar, por exemplo, indivíduos de gênero masculino ou feminino - consequentemente, não poderíamos, hoje, utilizar para pessoas que não se identificam com os gêneros binários ou com algum gênero, já que são pensados para seres que não possuem essa característica de pluralidade de gênero, como os animais, reconhecidos apenas por meio de seu sexo biológico. O texto de Millôr Fernandes traz formas de marcar o gênero dos pássaros não a partir da flexão de gênero, mas com outras estratégias linguísticas que referenciam e caracterizam o gênero (enquanto sexo biológico), como *-da fêmea*, *-ela*, *-companheira*, *-sua* e *-a*; contudo, como nos explica Neves (2018, p. 1199), "era absolutamente necessário que ele falasse de "uma" colibri, para que se criasse aquela relação de "casal" que deu em "viuvez".

No ponto 1. *O gênero*, Neves (2018, p. 1199) compila sua explicação e compreensão de gênero partindo dos substantivos, os quais possuem uma "natureza referencial", ou seja, marca a classe dos substantivos como a única "[...] que tem em si um gênero gramatical (masculino ou feminino)". Além disso, trata da possibilidade de existência de formas de expressão de gênero que possuem "[...] relação direta com a natureza do indivíduo referenciado" (NEVES, 2018, p. 1199), podendo acontecer por meio "da marca de flexão" ou "de uma palavra diferente que constitua o correspondente de outra para indicação do outro gênero" (NEVES, 2018, p. 1199). Aqui, gênero é utilizado de forma que não é possível saber ao certo se se trata, de maneira objetiva, do gênero "do indivíduo" ou do gênero gramatical, contudo, existem momentos que, ao tratar desta segunda forma, Neves (2018) utiliza o sintagma "gênero gramatical", como nas páginas 1997 e 1198, 1199 de sua gramática. Traz

também uma extensa tabela em que apresenta as formas masculinas de expressão do gênero gramatical e sua forma correspondente de gênero gramatical feminino (NEVES, 2018, p. 1200 - 1214).

Talvez, diferentemente das gramáticas histórica e normativa, por basear suas análises em textos produzidos por pessoas diferentes, em épocas diferentes, em contextos enunciativos e discursivos diferentes, Neves (2018) cria uma descrição linguístico-gramatical que se aproxima mais da realidade da língua. Contudo, ressalta e cria também a norma de que as formas binárias masculino e feminino na Língua Portuguesa são as únicas expressões existentes e possíveis, e que não somente coocorrem, mas que devem ser vistas como únicas características da língua e, portanto, passíveis de descrição. Conforme destacamos, os textos utilizados para a descrição e elucubração das regras gramaticais datam muito antes da presença significativa e expressiva da questão do *gênero neutro* na sociedade digital brasileira.

Entretanto, a gramática, enquanto essa entidade de poder que dita as possibilidades e formas de ocorrência das formas linguísticas da língua, não possui uma imagem de ultrapassada - ainda que novas gramáticas surjam frequentemente. O efeito dessa sensação de que qualquer gramática, de determinada época, não envelhece cria - além da sensação de que a língua é (ou deveria sempre ser e estar n) o estado que é descrita - a exclusão de formas atualizadas e novas expressões e configurações da/na língua.

Assim, a questão que fica é, se essa gramática fosse produzida nos dias atuais, considerando os inúmeros textos - de diferentes tipos e gêneros textuais, produzidos por pessoas das mais diversas origens e intuídos, promovidos nos mais diversos meios e veículos, tanto na forma verbal oral ou escrita - sobre as propostas de *gênero neutro* e/ou que se valem desse conhecimento em sua forma, as formas dissidentes neutras seriam contempladas e, portanto, teríamos esta forma descrita e expressa na gramática, já que Neves (2018) utiliza um *corpus* múltiplo e que parte da realização para sua descrição?

Essa possibilidade se coloca como impossível à medida que os textos utilizados concordam, em sua maioria, com as formas previstas, o que quer dizer que, por mais que haja textos que se valham de formas não previstas, conforme vimos sobre o texto *Macho e Fêmea*, de Murillo Mendes, serão sempre postos como uma liberdade linguístico-poética, o que parece reconhecer a possibilidade, mas é posta como uma produção isolada e com (necessariamente) um objetivo específico, geralmente ligado à arte.

3.2 Nível 2: E a ciência a partir de artigos científicos? O que e como compartilham as pessoas estudiosas da língua entre si seus dizeres sobre gênero?

O artigo *A natureza do gênero em português* foi escrito por Nildemir Ferreira de Carvalho⁷⁵ e publicado na revista *Alfa*, no volume 33, iniciando na página 55 e sendo finalizado na página 88, volume publicado no ano de 1989. Informações biográficas ou curriculares não foram encontradas, de modo que pudéssemos localizar a filiação teórica da pessoa autora.

O autor inicia a reflexão expondo as principais formas de abordar a questão do gênero na Língua Portuguesa ao longo da tradição linguística: (1) a primeira, filiada à tradição de pessoas gramáticas, como "[...] uma categoria semântico-sexual" (CARVALHO, 1989, p. 55), (2) num segundo momento, vista apenas em seu aspecto morfológico, deixando-se de lado qualquer outra questão extralinguística e (3) compilando esta outra forma de ver com base em Mattoso Câmara Júnior (1966 apud CARVALHO, 1989, p. 55), "[...] descarta[ndo] o aspecto semântico-sexual do gênero e passa[ndo] a interpretá-lo como uma categoria morfossintática [...]". Ou seja, vê como uma flexão sintagmática que varia conforme os modificadores do núcleo. Além disso, Carvalho (1989, p. 55) nos mostra que para esta terceira concepção, o gênero de formas irregulares está contido na própria palavra.

Trazendo uma quarta forma de observarmos esta questão linguística, mostra que abandona essa forma de observar o gênero no PT flexionalmente e pretende mostrar que é uma "[...] categoria sintático-semântica que se associa ao valor substantivo do sintagma nominal e do nome[...]" (CARVALHO, 1989, p. 55). Assim, vê o gênero a partir da associação estabelecida com base no que o objeto é nas relações que estabelece no sintagma. Aborda o gênero na Língua Portuguesa como "[...] uma variável sintática que por meio de suas especificações - masculino e feminino - aplica-se a nomes (N, determinantes (Det), adjetivos (A) e pronomes (P)" (CARVALHO, 1989, p. 56), em outras palavras, compreende que a variação de gênero depende de uma questão sintática, que pode variar em classes de palavras diferentes.

O autor critica a abordagem que vê a questão do gênero como inerente das classes de palavras, uma vez que essa metodologia "[...] tende a uma interpretação meramente flexional do gênero, inadequada por se basear num aspecto fragmentário, isolante e marginal do fenômeno" (CARVALHO, 1989, p. 57). Além disso, mostra que já havia indícios da

⁷⁵ Seguindo a descrição trazida pela pessoa autora em uma das notas de rodapé do artigo analisado, utilizaremos a marcação "o autor", "ele" etc para nos referirmos àquilo que foi escrito por essa pessoa autora.

necessidade de outra forma de observar a questão do gênero no Português que não estivesse ligada ao aspecto unicamente flexional, mostrando que parte daí sua forma outra de observar a questão do gênero, a partir do aspecto sintático-semântico. Expande ainda a discussão mostrando que, ao adotar esta nova postura, questões outras poderiam surgir, como "[...] se a concordância de gênero tem o mesmo alcance para determinante e adjetivo, para adjetivo e pronome etc." (CARVALHO, 1989, p. 57).

Para a discussão, retoma a forma como Chomsky (1965) vê a questão do gênero: (1) vê o gênero como característica essencial para as ocorrências dos nomes/substantivos e constitui a unidade básica do léxico e (2) como uma característica que parte dos nomes para outras categorias, como os modificadores (determinantes e adjetivos), fazendo com que seus traços e propriedades internas sejam expandidas. Discute também que a grande problemática em relação à concepção de gênero está ligada ao fato de "[...] centrar-se em demasia no nome[...] e, por isso mesmo, obscurecer a estreita relação que une o gênero do nome ao de seus modificadores" (CARVALHO, 1989, p. 58).

Contudo, Carvalho (1989) nos mostra que, com exceção dos nomes em que a flexão de gênero é clara, ou seja, uma mesma forma linguística varia em masculino e feminino (como *-menino* e *-menina*), os nomes não manifestam em si mesmos o gênero, mas acabam "[...] deixando-o implícito" (CARVALHO, 1989, p. 58). Além disso, nos mostra que imputar o gênero como uma característica faz com que tenha uma relação de dependência com a forma como manifestam o gênero os seus modificadores (CARVALHO, 1989, p. 58).

Contudo, o que parece surpreender em sua análise, e que vai na contramão da escolha que muitas pessoas linguistas fazem, é que ele vê a questão do gênero dos nomes também com uma dependência contextual, ou seja, a depender do contexto em que é empregada, e é com base nisso que descreve sua escolha metodológica, ao que diz "[...] apresenta[r] maiores probabilidades de atender às exigências de adequação operacional, requerida por uma definição objetiva". Apesar do artigo não discutir a questão do *gênero neutro* como fazem as pessoas não binárias, vemos uma forma de olhar para a questão do gênero na Língua Portuguesa a partir do uso, ou seja, a partir das ocorrências, não num caminho contrário, tomando uma definição fechada e enquadrando todas as classes e suas palavras de acordo com uma percepção.

Observar a língua não a partir de regras pré-estabelecidas ou somente a partir dessas estabilidades faz com que a análise linguística se torne mais rica e fidedigna à língua. Dessa forma, nos apresenta uma primeira definição de sua concepção de gênero: para o autor, o gênero é visto não como uma característica de um nome, (CARVALHO, 1989), vai além de

algo pré-existente de uma palavra, mas que depende de suas relações com outros itens, dessa forma, "[...] a propriedade masculina ou feminina do conjunto está automaticamente atribuída a cada constituinte do SN" (CARVALHO, 1989, p. 58).

Além disso, o autor destaca a importância de se diferenciar gênero de formas temáticas que manifestam os gêneros, uma vez que o gênero para o autor é uma "[...] atribuição da competência do falante [...]" (CARVALHO, 1989, p. 58) e demonstra que, partindo disso, a essência do gênero acaba-se deduzindo o próprio gênero quando a vogal temática não expressa necessariamente o gênero. Para ilustrar essas questões e chegar a leis gerais de funcionamento do gênero, Carvalho (1989) traz alguns exemplos: "(2) a. o gato cinzento ... b. a gata cinzenta ..." (CARVALHO, 1989, p. 58-59), nesses dois exemplos, o autor nos apresenta duas formas binárias paradigmáticas (ou seja, duas possibilidades de escolhas) *-o/a*, *-aquele/aquela* e *-cinzento/cinzenta* e explica que, no primeiro caso, o sintagma está "[...] dotado de propriedade masculina [...]" (CARVALHO, 1989, p. 59) e, no segundo, "[...] dotado de propriedade feminina [...]" (CARVALHO, 1989, p. 59), aqui, o que determina o gênero para o autor é o Sintagma Nominal (SN), o qual seleciona as formas masculinas ou femininas.

Além do exemplo anterior, o autor traz outro par de frases "(3) a. aquele indígena valente ... b. aquela indígena valente ..." (CARVALHO, 1989, p. 59), em que o masculino do SN de *a*. seleciona a forma temática masculina para o determinante (*aqule*) enquanto que para os outros constituintes, nome e adjetivo (*indígena*, *valente*), a forma comum, segundo ele, "[...] é própria de cada lexema" (CARVALHO, 1989, p. 59). No segundo sintagma, é exigida a forma feminina do determinante (*aquela*) e acaba, como no exemplo anterior, mantendo-se a forma que implica dois valores de gênero.

Mostra ainda, num terceiro exemplo, que o gênero do SN será masculino nos casos em que o nome possua apenas a forma comum masculina, ainda que os demais constituintes do SN pudessem assumir formas femininas, caso contrário, segundo o autor, "[...] tornaria o SN malformado ou inaceitável[...]" (CARVALHO, 1989, p. 59). Assim, após a exemplificação e suas análises, o autor postula três (3) conclusões parciais sobre o gênero do determinante, nome e adjetivo:

- (i) Do ponto de vista paradigmático, o determinante e o adjetivo têm sempre à sua disposição os dois valores de gênero, masculino e feminino. Isto equivale a dizer que são sempre variáveis em gênero.
- (ii) No entanto, algumas vezes o adjetivo serve-se de uma forma temática única para ambos os valores de gênero.
- (iii) O nome se mostra bastante assistemático na manifestação do gênero: ora se apresenta com dois valores de gênero e duas formas temáticas respectivas, ora com

dois valores de gênero mas uma forma temática única para ambos, ora com uma forma temática única de gênero fixo (CARVALHO, 1989, p. 59-60).

A partir dessa discussão e análise, para o autor, um indício do gênero do SN e do nome seriam a forma de gênero assumida pelo determinante e pelo adjetivo. A partir dessa elucubração, o autor indica o que ele chama de "[...] princípio de manifestação e identificação do gênero do SN e do N: o gênero é a propriedade sintática, que tem o sintagma nominal e o nome, de selecionar a forma temática, masculina ou feminina, do determinante e/ou do adjetivo" (CARVALHO, 1989, p. 60). Assim, o autor reforça a ideia de que é preciso abandonar a concepção de que o gênero de uma palavra, neste caso, de um nome, deva ser visto apenas em si e que o gênero se constitui pela flexão, mas que seja visto através das relações sintáticas que o nome estabelece com o determinante e com o adjetivo.

Para determinar a questão da flexão de gênero dos nomes, Carvalho (1989, p. 61) nos mostra que é característica de um subgrupo de palavras dessa classe, sendo este "[...] um mecanismo parcial de superficialização do gênero", justamente por ver o gênero como um traço sintático, construído através das relações sintagmáticas. Assim, o autor instrui que toda análise morfológica para o estudo da flexão de gênero de um nome deva vir acompanhada de uma análise sintática.

Ainda na esteira de defender o *Princípio de Manifestação e Identificação do Gênero do SN e do Nome*, o qual coloca como central a forma temática do determinante e do adjetivo, Carvalho (1989) inicia sua explanação sobre a *transparência* dessas duas classes em exprimir o gênero do SN e do nome, uma vez que, segundo ele, poderia haver alguma contestação.

Em resumo, a *transparência* diz respeito às formas temáticas exclusivas para cada gênero e essa *transparência* se divide em dois tipos: aqueles que possuem duas formas, no fio do pensamento binário, de especificação de gênero, chamados de *biformes*, e aqueles que contêm apenas uma forma, sendo ela comum para ambos os gêneros, chamados de *uniformes*.

O adjetivo configura um indicador de gênero do SN e do nome juntamente do determinante porque nas ocorrências em que o SN aparece na forma pronominal, sem a presença do determinante, o adjetivo, ocupando a função sintática de predicativo do sujeito, pode ser um indicativo do gênero do pronome, como na frase trazida pelo autor: "Você era nervosa/Nós nos mantivemos alheios à briga". Aqui, pela primeira vez, o autor faz a menção à questão do sexo, ainda de maneira ligada à biologia, também de forma binária e animalesca, com os pares *macho* e *fêmea*, através de uma nota de rodapé:

A rigor, no caso, teríamos um exemplo de concordância dêitica (ou ideológica, no sentido da gramática tradicional): o gênero do adjetivo é determinado diretamente pelo valor semântico substantivo MACHO/FÊMEA (ou pela conjunção de ambos), e não representa uma simples cópia do gênero do pronome. Este, conseqüentemente, não seria dotado de gênero. Como se associa aos dois valores de gênero do adjetivo, preferimos considerá-lo, para efeito de tratamento formal, como variável em gênero, embora tematicamente uniforme. (CARVALHO, 1989, p. 61).

Em relação ao papel do determinante na indicação do gênero do SN e do nome, o autor diz também que esta classe não possui uma transparência absoluta, ou seja, não existe uma forma cem por cento (100%) ligada a apenas um gênero ou a outro. Para mostrar isso, o autor divide esta classe em 3 grupos: (A) os biformes, como o artigo, demonstrativo e possessivo; (B) o uniforme, interrogativo e (C) o misto, com os indefinidos e numerais. O autor nos apresenta que a transparência integral, ou seja, que a existência de duas formas de gênero, uma para cada forma binária de gênero, ocorre majoritariamente no Grupo A, com cerca de noventa por cento (90%) do conjunto de ocorrências levantado. Além disso, ele mostra que o que torna este grupo transparente é porque nele contém os artigos, tanto definidos quanto indefinidos, com um total de sessenta e cinco por cento (65%) das ocorrências (CARVALHO, 1989, p. 62).

Além disso, nos mostra que o Grupo B, o qual abarca o subgrupo dos interrogativos, ocorre em seu corpus com baixa frequência, sendo um por cento (1%) do total, caracterizados como *uniformes*, ou seja, possuem apenas uma forma de ocorrência. Os determinantes interrogativos (*qual*, *quais* e *que*) são utilizados, como a classificação sugere, para fazer perguntas. Contudo, sua observação nos mostra que o terceiro grupo, o Grupo C, é formado por determinantes indefinidos e numerais, nos quais a flexão de gênero não se aplica em todos os elementos (CARVALHO, 1989, p. 62). Para ilustrar, o autor nos dá os seguintes exemplos: na subclasse dos indefinidos, podemos encontrar *-todo* e *-toda*, sendo estes biformes, e também *-qualquer*, o qual não dispõe de duas formas de gênero. Em relação ao determinante do tipo *numeral*, Carvalho (1989, p. 62) nos mostra que ocorre também o *biforme*, como em *-dois* e *-duas*, bem como o *uniforme -três*.

É importante destacar que, para essas regras e leis gerais de caracterização, o autor utilizou dados coletados por ele em sua tese de doutoramento em linguística e considera os fatores: forma do determinante, frequência e coocorrência. Aqui, vemos uma estratégia científica para trabalhar a questão do gênero na Língua Portuguesa: a partir de um *corpus* linguístico, o autor pôde analisar estatisticamente as formas utilizadas na Língua Portuguesa para marcar os determinantes, estudou a frequência que apareciam essas formas, bem como essas formas ocorreram em conjunto, ou seja, em coocorrência.

Esta forma de estudar a língua retoma o princípio linguístico de que não devemos elencar regras e presumir que a língua seguirá determinada regra sempre ou para sempre, ou até mesmo que um fenômeno linguístico possa ser observado apenas de uma maneira. O estudo realizado, apesar de já antigo, apresenta uma abordagem linguística que visa observar a língua posta em uso, muito provavelmente, se tivesse sido colocado em prática nos dias de hoje, o autor iria conseguir observar, inclusive, as formas não binárias de gênero, as quais já são utilizadas em diversos textos na internet e fora dela - a depender de sua disposição e posicionamento acerca do assunto.

Na esteira de formulação dos princípios sobre o gênero na Língua Portuguesa, Carvalho (1989, p. 62) propõe outro argumento: "no padrão biforme, a forma masculina do determinante e do adjetivo constitui aquela que nunca termina em a; a forma feminina correspondente sempre pertence ao tema a". Nos mostra que, em decorrência deste princípio, podemos entender o artigo *-o*, o pronome demonstrativo *-este*, o pronome possessivo *-meu* e o pronome *-todo* como formas masculinas de gênero, enquanto o artigo *-a*, o pronome demonstrativo *-esta*, o pronome possessivo *-minha* e o indicativo *-toda* como formas femininas.

Para abordar as possibilidades linguísticas de suas regras gerais e princípios, Carvalho (1989) se vale do conceito de *intuição do falante e agramaticalidade*, pautando-se, portanto, nos postulados de Noam Chomsky. Em resumo, a partir de sua intuição, uma pessoa é capaz de analisar uma frase ou como possível de ocorrer, de ser aceita como uma frase possível, configurando uma sentença gramatical, ou como *agramatical*, como impossível de existir enquanto possibilidade de formação e estruturação. Traz como exemplo agramatical o sintagma *-aquele ponte*, uma vez que, considerando a intuição, as pessoas considerariam que a forma prototípica e gramatical seria *-aquela ponte*.

Sobre o nome e o seu gênero, Carvalho (1989, p. 67) aborda três (3) subclasses, fornecendo exemplos por meio de duas listas, a primeira em que apresenta os nomes e a segunda formando um sintagma nominal, e apresentando o que chama de *teste negativo*, em resumo, aplicando o determinante/artigo contrário do que o apresentado nas listas iniciais. A primeira subclasse apresentada é aquela que os nomes "aceitam unicamente modificadores (Det e/ou A) na forma masculina: trata-se de nomes puramente masculinos ou de gênero fixo masculino" (CARVALHO, 1989, p. 67) - as listas trazidas para exemplificar esta subclasse são apresentadas na Imagem 31.

Imagem 31 - Listas produzidas por Carvalho para apresentar a primeira subclasse dos nomes

(14) SUBCLASSE I: NOMES MASCULINOS	SINTAGMA NOMINAL MASCULINO DET + N
a. anjo*	a. o anjo
b. grilo*	b. o grilo
c. nervo	c. o nervo
d. capeta*	d. o capeta
e. dia	e. o dia
f. peixe*	f. o peixe
g. balde	g. o balde
h. capim	h. o capim
i. dragão*	i. o dragão
j. feijão	j. o feijão
l. rouxinol*	l. o rouxinol
m. carnaval	m. o carnaval
n. sabiá*	n. o sabiá
o. pó	o. o pó

Fonte: Retirada de Carvalho (1989, p. 67).

Nesse subgrupo, o gênero masculino é definido como uma questão puramente gramatical de ligação dos modificadores (determinante e/ou artigo) *-o* com o nome. Ao descrever essa forma de observar o gênero dos nomes, Carvalho (1989) continua com a visão de gênero pautada única e exclusivamente numa questão linguística, como uma forma objetiva de ver a língua. Apesar de trazer o *teste negativo* (Imagem 32), que considera a intuição da pessoa falante para determinar que uma sentença é gramatical ou agramatical, não considera como fator determinante questões sociais e políticas, questões consideradas, como veremos mais adiante, no último nível analisado, nos textos de linguistas populares militantes. Essa intuição estaria, portanto, ligada à análise objetiva, apesar de poder estar ligada ao conhecimento de mundo que determinada pessoa, ao realizar esse teste, poderia se valer para configurar como gramatical ou agramatical, como a referência de mundo.

Imagem 32 - Lista produzida por Carvalho para apresentar o teste negativo da primeira subclasse dos nomes

(14') c.	*a nervo
e.	*a dia
g.	*a balde
o.	*a pó

Fonte: Retirada de Carvalho (1989, p. 67).

A segunda subclasse abordada é a que "compreende os nomes que só admitem a forma feminina do Det e/ou A: são nomes puramente femininos ou de gênero feminino" (Imagem 33), ou seja, que são precedidas da forma *-a*. Observamos que caracteriza tanto a lista apresentada na primeira subclasse quanto na da segunda subclasse como *puramente*

masculinos e puramente femininas, a fim de mostrar que não existem formas equivalentes no segundo gênero do par. Isso se mostra também pelo teste negativo (Imagem 34).

Imagem 33: Listas produzidas por Carvalho para apresentar a segunda subclasse dos nomes

(15) SUBCLASSE II: NOMES FEMININOS	SINTAGMA NOMINAL FEMININO: DET + N
a. tribo	a. a tribo
b. alma	b. a alma
c. borboleta	b. a borboleta
d. igreja	d. a igreja
e. equipe	e. a equipe
f. árvore	f. a árvore
g. parede	g. a parede
h. desordem	h. a desordem
i. mão	i. a mão
j. devoção	j. a devoção
l. colher (É)	l. a colher
m. noz	m. a noz
n. fé	n. a fé

Fonte: Retirada de Carvalho (1989, p. 68).

Imagem 34 - Lista produzida por Carvalho para apresentar o teste negativo da segunda subclasse dos nomes

(15')	a. *o tribo
	b. *o alma
	f. *o árvore
	h. *o desordem

Fonte: Retirada de Carvalho (1989, p. 68).

Os *testes negativos* realizados por Carvalho (1989) criam uma forma de argumentação que se apresenta como lógica, como passível de testes, quase como se estivéssemos em um laboratório formulando hipóteses e analisando os materiais para conferirmos se (re)agem e são conforme previstos anteriormente. A língua aqui é colocada como próxima das pessoas, bem como contestáveis e verificáveis por qualquer pessoa, ainda que, enquanto gênero textual, circule entre pares, entre pessoas ligadas à linguística academicamente.

O terceiro subgrupo apresentado é relacionado aos nomes "que aceitam tanto a forma masculina quanto a forma feminina do Det e/ou A" (CARVALHO, 1989, p. 68). Ao contrário do que os dois primeiros subgrupos permitem, este grupo traz formas de nomes que podem assumir tanto o gênero masculino quanto feminino, a depender do gênero do determinante e

artigo preposto ao nome, conforme as listas trazidas por Carvalho (1989, p. 68 - 69) (Imagem 35).

Imagem 35: Listas produzidas por Carvalho para apresentar a terceira subclasse dos nomes

(16) SUBCLASSE III: NOMES VARIÁVEIS	SINTAGMA NOMINAL MASC/FEM: DET + N
a. dono	a. o dono a dona
b. fosso	b. o fosso a fossa
c. mestre	c. o mestre a mestra
d. irmão	d. o irmão a irmã
e. ator	e. o ator a atriz
f. poeta	f. o poeta a poetiza
g. colega	g. o)colega
h. servente	h. o)servente
i. líder	i. o)líder
j. fã	j. o)fã a

Fonte: Retirada de Carvalho (1989, p. 68 - 69).

A partir da descrição e exemplificação acima descritas, Carvalho (1989, p. 69) produz a seguinte definição de gênero acerca dos nomes: "um nome será variável em gênero, sempre que em situações contextuais alternantes puder associar-se às formas masculina e feminina do determinante/adjetivo", ou seja, coloca a variação de gênero como a possibilidade de um nome receber, previamente, um determinante e adjetivo *-o* ou *-a*.

Para esta regra geral, apresenta que, para qualificar a alternância de gênero de um mesmo nome, ele deve "[...] comportar uma distinção semântica qualquer (que não é necessariamente de "sexo)" (CARVALHO, 1989, p. 70), assim, um nome será variável em gênero se puder compreender uma diferença semântica que não precisa se basear apenas no sexo, apesar de o exemplo trazido ter essa diferença como base, em *homem* e *mulher*: *-o diplomata* e *-a diplomata*, a primeira forma, comporta a diferença de sentido de "o homem responsável pela representação de um país a outro" (CARVALHO, 1989, P. 70), a segunda forma o sentido de "a mulher que exerce as funções de diplomata" (CARVALHO, 1989, p. 70).

No que tange o gênero dos modificadores do nome, Carvalho (1989, p. 76) nos mostra que o adjetivo copia "o gênero e o número do SN que o controla", ou seja, a flexão do gênero dos adjetivos acontece de maneira passiva, a depender do nome ou do sintagma nominal, ao que Carvalho (1989, p. 77) também chama de "[...] meramente redundante". O que se difere do caso do determinante (ou artigo), em que seu gênero prepondera "para todo o SN" (CARVALHO, 1989, p. 77).

Em relação à classe dos pronomes, Carvalho (1989, p. 78) apresenta 3 (três) grupos: (1) os pronomes Pessoais de terceira pessoa, *-ele* e *-ela*, os quais são variáveis e biformes, (2) os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, *-eu* e *-você*, sendo estes uniformes, já "[...] que requerem tanto a forma masculina quanto a feminina do adjetivo predicativo que a eles se reportam" (CARVALHO, 1989, p. 78), e (3) os pronomes não pessoais, como os demonstrativos *-isto*, *-isso* e *-aquilo*, os indefinidos, como *-alguém* e *-algo*, os interrogativos, como *-quem?* ou *(o) -que*.

Sobre o primeiro grupo, Carvalho (1989, p. 78) levanta o questionamento: "trata-se de saber com que categoria realmente o Pron concorda: com o N núcleo do SN ou com o SN todo?", ao que responde haver uma resposta primeira: de que concordaria com o nome, contudo, adota em seu artigo "[...] que o Pron concorda de fato é com o SN completo e não apenas com o N que o integra" (CARVALHO, 1989, p. 79).

Carvalho (1989, p. 79) toma o seguinte exemplo "O carteiro disse à minha vizinha que o carteiro tinha muito dinheiro guardado" para argumentar que, se partirmos da primeira concepção, de que o pronome concorda com o nome, "[...] que o Pron concorda de fato é com o SN completo e não apenas com o N que o integra", teríamos como resultado a seguinte "frase agramatical": "O carteiro disse à minha vizinha que *o ele* tinha muito dinheiro guardado". Já quando tomamos a segunda forma, de que *-ele* concorda com o sintagma nominal na totalidade, teríamos a seguinte construção: "O carteiro disse à minha vizinha que *ele* tinha muito dinheiro guardado". Em resumo, os pronomes do primeiro grupo "[...] copiam, por anáfora, não só o gênero específico, mas o complexo de traços relevantes da matriz de algum SN pleno anterior" (CARVALHO, 1989, p. 80).

Em relação aos outros dois grupos, Carvalho (1989, p. 81) os classifica como "[...] meros equivalentes funcionais de SN plenos", ou seja, não copiam ou concordam com o gênero de outro sintagma nominal numa mesma sentença. Dessa forma, "[...] ambas as espécies de Pron têm gênero próprio e representam modalidades de SN" (CARVALHO, 1989, p. 81).

Ao final, conclui que o "[...] papel do gênero em português está muito longe da ingênua visão 'flexional' com que vem sendo tratado até agora." (CARVALHO, 1989, p. 87). A partir de sua extensa análise, observamos uma concepção de gênero que se apresenta diferente das demais analisadas até aqui, não se trata apenas duma questão histórica, de passagem do Latim à Língua Portuguesa, ou, ainda, de uma característica intrínseca, natural e interna dos substantivos e demais classes que flexionam em gênero. Apesar de ainda partir de uma visão mais interna da língua como um funcionamento puramente linguístico, se expande à medida que vê esse fenômeno como uma "[...] complexa interação entre o gênero da matriz gramatical (do SN) e da matriz lexical (do N), em vinculação com o classificador substantivo" (CARVALHO, 1989, p. 87).

O segundo artigo analisado se intitula *Masculino e feminino? A categoria gramatical de gênero e a teoria do valor*, foi publicado em 2011 por Jane Ramos da Silveira, na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Como pudemos observar pelo título, Silveira (2011) lançou olhar sobre a questão binária de gênero na língua a partir da teoria saussuriana, de modo a expor como a questão é vista a partir do ponto cerne da teoria cerne do CLG, o *valor*.

Conforme já abordamos no Capítulo 1 desta dissertação, a teoria saussuriana (CLG, 2012) pauta-se num jogo dicotômico de termos, o que, como também nos mostra Silveira (2011), recai sobre a questão do gênero gramatical. Para Saussure (2012, p. 163), o valor de um termo "[...] é determinado por aquilo que o rodeia", isto é, o valor de um termo não existe de maneira isolada, mas a partir da diferença, a partir do valor que outros termos, ao seu lado, assumem.

Citando Hjelmslev, 1976, Silveira (2010, p. 48) coloca que a palavra gênero, em "categoria gramatical de gênero", é posta como o sentido etimológico da palavra, é apresentado como não ligado "diretamente à oposição masculino/feminino", significando, portanto, "classe" ou "tipo". Assim, podemos compreender que a questão do gênero na língua pode ser lida pela teoria saussuriana como independente de outras questões, como o sexo e identidade de gênero. Além disso, apresenta mais uma argumentação em vias de comprovar que gênero se trata de algo próprio e interno da língua, citando Jakobson, 2006 (apud SILVEIRA, 2011, p. 49):

se um russo diz: Ja napisal prijatelju ("Escrevi a um amigo"), a distinção entre o caráter definido ou indefinido do complemento ("o" contraposto a "um") não é expressa, ao passo que o aspecto verbal indica que a carta foi terminada, e o sexo do amigo é indicado pelo gênero masculino. Como, em russo, tais conceitos são gramaticais, não podem ser omitidos na comunicação, ao passo que, diante da mesma frase em inglês: I wrote a friend, as perguntas de se a carta foi concluída e se foi endereçada a um amigo ou a uma amiga podem ser abruptamente respondidas com um "Não é da sua conta"

Silveira (2011, p. 49) faz uma citação indireta também a Antoine Meillet (1965) para embasar o argumento acerca do gênero ser uma categoria que faz parte do sistema linguístico das línguas indo-europeias, nas quais

os gêneros masculino e feminino designavam os seres animados, do sexo macho e fêmea e, o inanimado, compreendia o neutro. Contudo, a distinção entre masculino e feminino não era muito clara, nem entre si, nem entre ambos e entre o neutro; assim o que caracterizava o gênero nessas línguas era a oposição de ordem semântica entre animado e inanimado e não uma distinção formal dos gêneros masculino, feminino e neutro (SILVEIRA, 2011, p. 49).

Aqui, a questão do sexo, macho e fêmea, é abordada de modo a argumentar que nas línguas indo-europeias não havia clareza em relação a essa distinção, mas havia uma distinção semântica de animados e inanimados. Essa forma de classificação é uma forma de tratar a questão do gênero de forma objetiva, com intuito de permanecer na esteira discursiva saussuriana, preferindo aspectos internos, aqueles ligados apenas ao sistema linguístico.

Para mais, de acordo com Meillet (1965, apud SILVEIRA, 2011, p. 49),

(...) as palavras *pater* e *lupus* são masculinas porque se lhes aplica adjetivos das formas *iste*, *bonus*; *mater*, *fagus* são femininos porque se lhes aplica adjetivos da forma *ista*, *bona*. Sem a concordância do adjetivo, a distinção do masculino e do feminino não existiria em indo-europeu. (Meillet, 1965 p. 212; tradução nossa).

Essa citação trazida por Silveira (2011, p. 49) nos mostra que a concordância de gênero no Latim era realizada pelo adjetivo na cadeia sintagmática, forma de observar e caracterizar gênero muito próxima do que Carvalho (1989) nos apresenta, conforme analisamos anteriormente.

Ao comparar as definições de Saussure, Hjelmslev e Jakobson, Silveira (2011, p. 50) conclui que "a categoria gramatical de gênero é senão uma categoria que resulta do próprio funcionamento da língua". Essa formulação se dá pois Hjelmslev e Jakobson se basearam em Saussure para formularem suas teorias, conseqüentemente, suas formulações estariam em consonância (DE LIMA; SIMÕES FELIPETO, 2016).

Dessa forma, na esteira da teoria de Saussure em relação ao valor, o qual se estabelece pela oposição de um termo a outro, por meio de sua relação com outros, podemos entender que as formas masculina e feminina não constituem um gênero se isoladas, mas apenas quando postas em oposição. Ou seja, por meio de um exemplo, *-menino* é tido enquanto substantivo masculino apenas porque possui relação de oposição com *-menina*, não necessariamente por uma questão flexional ou morfológica, ao menos não na superfície da teoria saussuriana. Assim, o gênero na língua se constitui inteiramente por um aspecto do sistema linguístico, como parte da engrenagem, apenas dentro e atuando nessa engrenagem, formada por partes diferentes, as quais se estabelecem e existem.

3.3 Nível 3: E na divulgação científica? O que e como divulgam as pessoas estudiosas da língua para além de sua comunidade?

O primeiro texto analisado foi o *Brasileirxs e brasileiros: um ponto de vista da linguística sobre gênero neutro*, escrito por Monique Amaral de Freitas, linguista de formação e também mestra⁷⁶ em linguística. A liberdade que cientistas possuem em seu texto de divulgação científica é muito maior se comparada à publicação científica em periódicos científicos, a qual tem como característica representar, de maneira mais objetiva, o estudo, área e o trabalho produzido. Obviamente, o título em publicações que visam divulgar e popularizar os resultados de pesquisa e análises científicas também visam apresentar o estudo, área e o trabalho e análise produzida, mas possuem, anteriormente, o objetivo de cativar as pessoas leitoras/estudiosas/consultoras/analistas.

Partindo da leitura do título, pudemos rapidamente observar as propostas de *gênero neutro* abordadas em seu texto são aquelas que propõem os sufixos *-x* e *-e*. Além disso, pudemos observar uma preferência por mostrar e colocar sua abordagem sobre o assunto como sendo "um ponto de vista", o que sugere que existe, pelo menos, outra forma de tratar o tema além da utilizada por Freitas (2017).

De modo a contextualizar, Freitas (2017, n. p.) inicia sua escrita trazendo o caso da inserção do pronome de *gênero neutro -hen* da Língua Sueca em seu principal dicionário, o *Dicionário da Academia Sueca*. Diferentemente do contexto brasileiro, o surgimento do pronome neutro na Língua Sueca surgiu "[...] em meados dos anos 1960 por ativistas pelos direitos das mulheres, embora só tenha passado a ter maior visibilidade na última década". Além disso, pontua que a opinião pública ainda é dividida em relação ao contexto sueco, apesar de ser amplamente utilizado.

Sua argumentação é muito similar àquela produzida por Coutinho (1938), contudo apresenta as formas de expressão de gênero na língua comparando com outras línguas, como o Sueco, Dinamarquês e Inglês. Para tanto, utiliza como citação Pettersson (1996, apud FREITAS, 2017, n.p.), mostrando que a Língua Sueca e a Língua Dinamarquesa possuíam, antes do "processo de dialeção durante a Idade Média" (FREITAS, 2017, n. p.), três (3) formas de gênero, o masculino, o feminino e o neutro. Em proximidade com o pronome de

⁷⁶ Optamos por flexionar no mesmo gênero utilizado em sua biografia junto ao site de divulgação científica em que publicou o texto analisado.

origem inglesa *-it*, citando ainda Pettersson (1996), Freitas (2017, n. p) nos mostra a presença de dois pronomes de *gênero neutro* na Língua Sueca, *-den* e *-det*, os quais "são de gêneros neutros no sentido de não se referirem às categorias de masculino ou feminino, no entanto, raramente são utilizados para se referir a seres humanos".

Baseia-se também em um acontecimento no contexto estadunidense. A Universidade do Tennessee, pensando na realidade de pessoas cuja expressão de gênero não era contemplada pelas formas vigentes de flexão de gênero em relação aos pronomes pessoais, elaborou novas formas para os pronomes existentes *-He* (ele), *-She* (ela), *-It* (forma pronominal neutra para se referir às coisas e animais), e *-They* (eles ou elas), sendo as novas formas: *-Ne*, *-Ve*, *-Ey*, *-Ze* (ou *-Zie* e *-Hir*), *-Ze* (ou *-Zie* e *-Zir*) e *-Xe* - conforme observamos pela tabela abaixo apresentada pela autora (Tabela 12).

Tabela 12 - Tabela com pronomes propostos pela Universidade do Tennessee

	Nominative (subject)	Objective (object)	Possessive determiner	Possessive Pronoun	Reflexive
Traditional pronouns					
He	<i>He</i> laughed	I called <i>him</i>	<i>His</i> eyes gleam	That is <i>his</i>	He likes <i>himself</i>
She	<i>She</i> laughed	I called <i>her</i>	<i>Her</i> eyes gleam	That is <i>hers</i>	She likes <i>herself</i>
It	<i>It</i> laughed	I called <i>it</i>	<i>Its</i> eyes gleam	That is <i>its</i>	It likes <i>itself</i>
They	<i>They</i> laughed	I called <i>them</i>	<i>Their</i> eyes gleam	That is <i>theirs</i>	They like <i>themselves</i>
Invented pronouns					
Ne	<i>Ne</i> laughed	I called <i>nem</i>	<i>Nir</i> eyes gleam	That is <i>nirs</i>	Ne likes <i>nemself</i>
Ve	<i>Ve</i> laughed	I called <i>ver</i>	<i>Vis</i> eyes gleam	That is <i>vis</i>	Ve likes <i>verself</i>
Spivak	<i>Ey</i> laughed	I called <i>em</i>	<i>Eir</i> eyes gleam	That is <i>eirs</i>	Ey likes <i>emself</i>
Ze (or zie) and hir	<i>Ze</i> laughed	I called <i>hir</i>	<i>Hir</i> eyes gleam	That is <i>hirs</i>	Ze likes <i>hirself</i>
Ze (or zie) and zir	<i>Ze</i> laughed	I called <i>zir</i>	<i>Zir</i> eyes gleam	That is <i>zirs</i>	Ze likes <i>zirself</i>
Xe	<i>Xe</i> laughed	I called <i>xem</i>	<i>Xyr</i> eyes gleam	That is <i>xyrs</i>	Xe likes <i>xemself</i>

Fonte: Retirada de Freitas (2017, n. p.).

A proposta acima apresentada é caracterizada por Freitas (2017, n. p.) como

uma alteração mais custosa do que a inclusão do gênero neutro no sueco, tendo em vista a alteração de todos os pronomes existentes na língua inglesa, até o momento, o uso dessas nomenclaturas parece permanecer restrito a comunidades muito específicas, interessadas diretamente na temática das identidades de gênero.

A comparação entre as duas realidades linguísticas, entre o caso da Língua Sueca e da Língua Inglesa, faz com que um caso, o primeiro, seja visto como mais simples, uma vez que

depende de apenas 1 (uma) forma pronominal *-Hen*, e outro caso, o segundo, mais complexo, tendo em vista a reformulação de quatro (4) pronomes e propondo seis (6) outras. Contudo, Freitas (2017) não aborda os empasses sociais e político-ideológicos no contexto estadunidense, apenas atribui à dificuldade de uso ao número de alterações propostas. Mostra-nos que já existe uma forma pronominal neutra preferida no contexto linguístico da Língua Inglesa, o uso de *-they* é feito "[...] regularmente por diversos falantes da língua inglesa em situações em que não se sabe o gênero da pessoa a quem se refere ou se escolhe omitir essa informação" (FREITAS, 2017, n. p.).

Sobre o uso mais disseminado da forma *-they*, Freitas (2017, n. p.) aponta seu sucesso por estar "[...] desvinculado de um projeto ideológico mais específico (como o feminismo, por exemplo) e se encontra relativamente consolidado no repertório de parte considerável da comunidade de falantes", contudo, no fio discursivo, as formas permanecem ligadas a um projeto ideológico ou, ao nosso ver nesta dissertação, a uma dissidência linguística, ainda que seu uso torne sua origem turva ou esquecida pela maioria. Assim, sua argumentação direciona haver mais facilidade de aceitação e uso por parte das pessoas quando (1) são propostas simples e que não demandam reorganizações mais elaboradas da língua e, conseqüentemente, (2) devido ao uso das pessoas, assim, mostra-nos a necessidade de novas formas, novas variantes serem utilizadas em contextos diversos e por um número significativo de pessoas.

Acerca do primeiro ponto anteriormente apresentado, sua leitura é de que as formas de flexão de gênero neutro nas línguas latinas são amplamente discutidas e postas em cheque pois se trata de "[...] um processo mais custoso do que nas línguas em que a flexão de gênero não altera necessariamente os substantivos e adjetivos" (FREITAS, 2017, n. p.). Freitas (2017, n. p.) atribui "[...] a flexão de gênero como traço semântico inerente aos substantivos", diferentemente, por exemplo, do que observamos em Carvalho (1989, p. 57), em que critica essa visão que "[...] tende a uma interpretação meramente flexional do gênero, inadequada por se basear num aspecto fragmentário, isolante e marginal do fenômeno".

A forma de atribuição e definição do gênero na Língua Portuguesa não é um consenso entre especialistas da área, o que é motivado pela base teórico-metodológica em que se inscreve, se se parte de uma análise sintática, o gênero de um substantivo ou sintagma nominal será definido como um atributo do sintagma nominal - como vimos em Carvalho (1989) - enquanto que, partindo-se de uma análise discursiva, como em Freitas (2017) vê-se a questão de gênero como algo inerente, próxima da definição gramático-prescritiva de Lima (2011).

Além disso, vemos diferença também no tratamento das classes que influenciam o gênero linguístico, para Freitas (2017, n. p.) "sendo o gênero demarcado pela vogal temática (a/o) e/ou artigo (a/o)", ou seja, para Freitas (2017) a classe dos artigos determina o gênero de um substantivo, enquanto para Carvalho (1989), não apenas pelo par de artigos definidos *-o* e *-a*, mas por todos os determinantes e também pelos adjetivos. Essa forma de classificação faz com que Freitas (2017, n. p.) coloque a conjugação de gênero dos sintagmas nominais a depender do gênero dos artigos, enquanto Carvalho (1989) atribui o gênero do substantivo ou do sintagma nominal a partir dos determinantes, os quais vão além dos artigos definidos (artigo, pronome demonstrativo, pronome indefinido e numeral) e dos adjetivos.

Assim, partindo da delimitação de gênero como "um traço semântico inerente dos substantivos, sendo o gênero demarcado pela vogal temática (a/o) e/ou artigo (a/o)" (FREITAS, 2017, n. p.), diz que a "incorporação de um gênero neutro na língua portuguesa pode ser um processo mais custoso do que nas línguas em que a flexão de gênero não altera necessariamente os substantivos e adjetivos" (FREITAS, 2017, n. p.). Dessarte, coloca a incorporação das formas dissidentes de gênero como uma dificuldade interna da língua, o que nos mostra também a presença próxima da forma estruturalista de olhar a língua, sempre pensando no *sistema linguístico* (Saussure, 2012).

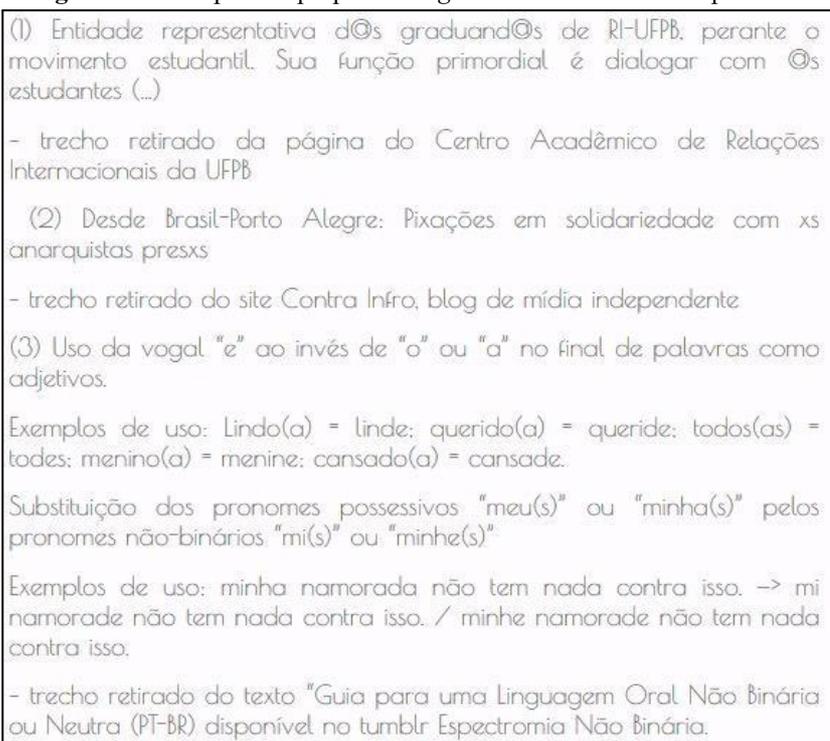
A afirmação de Freitas (2017, n. p.) sobre a incorporação do *gênero neutro* na forma masculina do Português se difere da trazida por Coutinho (1938), apesar de tratarem de um mesmo ponto. Enquanto Freitas (2017, n. p.) diz que "parte das hipóteses a respeito desse fenômeno explica que isso ocorreu devido à confusão com o gênero masculino dos casos nominativo, vocativo e acusativo que possuíam terminações idênticas para ambos os gêneros", a afirmação de Ernout (1927), trazida por Coutinho (1938, p. 213), diz que "a primeira causa da eliminação do neutro é que ele se confundiu com o masculino nos outros casos que não sejam o nominativo, vocativo e acusativo". Assim, ao passo que Freitas (2017) afirma que uma explicação para o desaparecimento é a "confusão" com o gênero masculino nos casos latinos nominativo, vocativo e acusativo, Coutinho (1938) diz o oposto ao escrever que "nos outros casos que não sejam os nominativo, vocativo e acusativo", desse modo, o desaparecimento do gênero neutro do Latim foi causada pela confusão do masculino de outros casos, ou seja, no genitivo, dativo e ablativo.

Sobre o movimento do *gênero neutro* no Português brasileiro, Freitas (2017, n. p.) caracteriza-o como gerado por "[...] movimentos sociais e de alguns grupos de jovens nas redes sociais, o uso de determinadas grafias em busca de uma linguagem com gênero mais neutro". De fato, o que observamos são grupos socialmente organizados, formados por

peças das mais diversas orientações e identidades de gênero, de religiões, de tipos e posições de atividades linguísticas diferentes, principalmente por uma população mais jovem, preocupada com a inclusão na língua e outras demandas sociais importantes.

No que se refere às propostas de *gênero neutro*, Freitas (2017, n. p.) aborda três (3): "[...] aquelas em que se substituiria a vogal temática por "@", por "x" ou por "e"". Para abordá-las, Freitas (2017, n. p.) se vale de exemplos produzidos por um Centro Acadêmico de uma Instituição de Ensino Superior (IES), O Centro Acadêmico de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, em um *blog* na internet e de um guia, todos disponibilizados na internet (Imagem 36).

Imagem 36: Exemplos de propostas de *gênero neutro* abordados por Freitas



Fonte: Retirada de Freitas (2017, n. p.).

A análise de Freitas (2017) considera em sua análise textos reais que abordam as três (3) formas propostas de neutralidade, os quais foram produzidos, como dissemos, no ambiente digital, o que corrobora com nossa visão de que linguistas populares dissidentes ocupam os espaços digitais para se organizarem e promoverem suas ideias. Além disso, acaba por reconhecer que todas as pessoas, de linguistas profissionais a linguistas populares, possuem conhecimento e capacidade de reconhecer as unidades e aspectos de sua língua, independente de concordar ou não com as propostas.

Em relação à primeira proposta, que sugere a marca -@, Freitas (2017, n. p.) diz que parece ter surgido anteriormente às formas outras. Ademais, realiza sua leitura dizendo que a proposta se assemelha "[...] a uma tentativa de marcação simultânea de masculino e feminino (como é possível observar por sua grafia, em que temos um "a" dentro de uma circunferência similar ao "o")" (FREITAS, 2017, n. p.). Relativamente à segunda proposta, a qual aventa o uso da marca -x, responsável pela omissão das "[...] vogais temáticas e parecem tentar neutralizar a conjugação de gênero" (FREITAS, 2017, n. p.), substituíram, assim, as marcas -o e -a.

Outro ponto abordado por Freitas (2017, n. p.) diz respeito à questão fonético-fonológica acerca da produção sonora das marcas -@ e -x, "[...] ambas as grafias se assemelham no sentido de que só podem ocorrer na modalidade escrita, sendo não pronunciáveis no português falado", questionamento frequentemente levantado acerca da improdutividade dessas marcas na língua oral. Essa preocupação se baseia justamente na não normalidade dessas marcas ocorrerem na Língua Portuguesa enquanto sufixos ou no lugar de vogais ao final de palavras, assim, se a forma não encontra precedentes na língua, seu uso se torna inviável. Aborda também a dificuldade que poderia ser encontrada por ferramentas linguístico-computacionais, ao que exemplifica no caso dos leitores automáticos utilizados por pessoas com deficiência visual (FREITAS, 2017, n. p.).

Define essas formas iniciais como "espinhosas" ao dizer que "[...] devido às características morfossintáticas da língua portuguesa, a construção de frases conjugadas a partir das propostas de gênero neutro aqui exemplificadas, implica em um processo espinhoso" (FREITAS, 2017, n. p.). Apesar de abordar a questão da acessibilidade das pessoas com deficiência, podemos notar que Freitas (2017) não apresenta uma argumentação que aborda as diferentes discussões sociais e, portanto, discursivas acerca da língua, parte de uma característica linguística do Português, afinal, trata-se de "um ponto de vista da linguística sobre gênero neutro", um ponto de vista voltado à estrutura, àquilo que já é característico da língua.

Apenas a terceira proposta, o uso de -e, é colocada como possível a partir daquilo que é previsto na língua, principalmente, na realização fonético-fonológica, mas que se tornaria "espinhosa", ou seja, inviável do ponto de vista sintagmático, como no exemplo abordado: *Minha professora é uma ótima pesquisadora*, seria, nesta proposta neutra, *Mi professore é ume ótime pesquisadore*.

Ao final, Freitas (2017) traz o ponto da mudança e variação linguística para abordar como a língua muda. Embora Freitas (2017, n. p.) reconheça que a variação e a mudança

linguística aconteçam de maneira também motivada, ao dizer "embora alteremos e produzamos a língua a cada momento em que nos colocamos em uma situação de comunicação", nos explicita o motivo dessas formas não serem viáveis e possíveis, já que "as alterações mais profundas de suas características estruturais se dão de acordo com as transformações histórico-sociais, por meio de um processo longo e contínuo". Essa visão se diferencia do que observamos, por exemplo, em Coutinho (1938), para o qual, as mudanças (do gênero do Latim para a Língua Portuguesa) aconteceram por "confusão" e na língua falada vulgarmente, ao que chamou de "[...] causas psicológicas [...]" (COUTINHO, 1938, p. 213). Mas se aproxima do que definiu Lima (2011, p. 118) acerca do mesmo fato, por conta "[d]a força do uso [...].

Ainda que reconheça a existência de mudanças e variações linguísticas motivadas, ou seja, que partem das pessoas de maneira pensada e estruturada, e como fruto de "transformações histórico-sociais", essas possibilidades só são factíveis quando obedecem às regras de atualização da língua, "por meio de um processo longo e contínuo", leitura que se aproxima do discurso saussuriano (CLG, 2012).

Apesar do texto falar sobre as propostas de formas neutras que possuem relação, principalmente, com as pessoas não binárias da comunidade LGBTQIAPN+ , com objetivo de marcar na língua uma forma que expresse toda possibilidade de identidade de gênero que não as binárias masculino e feminino, Freitas (2017, n. p.) traz uma imagem inicial (Imagem 37) com uma frase retirada de um comentário deixado por uma pessoa em uma reportagem sobre a linguagem não sexista, também chamada de inclusiva.

Imagem 37 - Imagem com comentário da web sobre a linguagem não sexista/inclusiva



Fonte: Retirada de Freitas (2017, n. p. 122).

O comentário retirado da web traz a seguinte frase: "Se eu tenho 999.999.999 mulheres numa sala e só 1 homem, eu vou apagar essas mulheres todas da frase por causa de 1 homem só?". Apesar de sua conexão com a curta descrição histórica trazida logo no primeiro parágrafo, Freitas (2017, n. p.) parte do princípio de que a pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista já conhece a diferença entre (a) o que motiva a linguagem não binária e a linguagem não sexista, bem como (b) suas propostas de intervenção na língua, forma de descrição linguística semelhante às gramáticas de Coutinho (1938) e Lima (2011).

Se difere desses, de Coutinho (1938) e Lima (2011), em sua forma de produção e circulação, ao passo que as obras criadas por Coutinho (1938) e Lima (2011) circulam em ambientes acadêmicos, em situações de ensino metalinguístico, o texto de Freitas (2017) configura um texto de divulgação científica, com linguagem mais acessível, de fácil acesso às pessoas com conexão à internet e que possuem interesse no assunto. Ainda assim, por ser um texto de divulgação científica, talvez fosse necessário explicitar, ainda que de maneira resumida, a possível diferença entre essas duas formas dissidentes, principalmente devido à confusão que havia entre as formas e ainda existe na sociedade.

Devemos também considerar que, dado o ano em que foi publicado, em 2017, havia pouca informação e delimitação da diferença entre essas propostas no contexto brasileiro e sobre a Língua Portuguesa, o que justifica, talvez, sua escolha por não abordar a diferença, já que se baseia em exemplos retirados de textos da internet. Não obstante, também nos mostra a importância que a integração do conhecimento popular ao saber científico possui no tocante às questões sobre a língua e a linguagem - principalmente, no que diz respeito ao caráter identitário que a língua possui para grupos socialmente minorizados.

Não se trata aqui, em nossas análises, de criticarmos as escolhas tomadas e materializadas por Freitas (2017), mas interessa-nos mostrar o papel importante que a ciência possui e a importância de olharmos as produções de linguistas populares. Os textos de divulgação científica possuem uma importante e ímpar participação neste processo integrativo, já que popularizam e divulgam os conhecimentos científicos às demais pessoas de maneira muito mais acessível. Dessa forma, os textos de divulgação científica se apresentam como uma fenda proposital no muro discursivo que se construiu entre a ciência (e seus saberes) e as pessoas (e seus saberes), sendo também um gênero textual dissidente para uma linguística inserida (ainda mais) no meio popular.

Pensando na diferenciação existente, é importante destacar que as propostas de linguagem não binária sugerem novas formas de marcação de gênero na língua, *-@*, *-x* e *-e*, que rompem não apenas com o binarismo gramatical de gênero, mas rompem com o próprio

sistema da língua (CLG, 2012), uma vez que não apenas desestabilizam formas consolidadas, mas inserem novas. Como pudemos observar em Freitas (2017), este é um dos motivos pelos quais as formas primeiras, *-@* e *-x*, não vingaram na língua. Mas é importante destacarmos, como pudemos observar, que existe também uma tentativa de coerção que visa impedir a difusão desses saberes promovidos por pessoas que, conforme o projeto ideológico extremista e antiprogressista, não deveriam falar sobre a língua ou, antes disso, não deveriam existir e circular em nossa sociedade, ainda que possuam uma característica divina.

Essa visão se materializa e se apresenta em nosso levantamento de PLs criados de modo a coagir a difusão desses conhecimentos, mas não somente. Ao passo que se ganha terreno, ouvidos e seguidores, as PLs fazem mais do que uma política linguística que visa exterminar da língua qualquer forma de representação da comunidade LGBTQIAPN+, especificamente, das pessoas não binárias, mas dá continuidade ao seu projeto de extermínio, segregação e depreciação dessa comunidade.

A linguagem não sexista/inclusiva é mais facilmente aceita pela sociedade não apenas por aproveitar de uma forma linguística já prevista pelo *sistema linguístico* (CLG, 2012), por meio do uso de formas femininas como uma forma de incluir e representar na língua e pela língua todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero. É também mais aceita e não recebe as mesmas críticas que as propostas da comunidade não binária porque já representa linguisticamente uma possibilidade de gênero socialmente aceita, ainda que seja uma forma usada por e para pessoas também oprimidas pela sociedade. No geral, as críticas que recaem sobre esta proposta são direcionadas ao uso da palavra *sexista*, já que também é um projeto social a manutenção das desigualdades e opressões sofridas por mulheres.

A partir de sua leitura de Severo e Mader (2015, apud FREITAS, 2017, n. p.) e do recorrente uso do substantivo *presidenta* no contexto brasileiro, Freitas (2017, n. p.) nos mostra o efeito causado por essas formas dissidentes, já que

[...] instauram variabilidade em um contexto tradicionalmente considerado na linguística como menos propenso à variação e faz emergir novas formas linguísticas com fins de delimitação identitária, marcando a existência de sujeitos não-masculinos (que é um outro jeito de dizer: todas aquelas pessoas que não sejam homens).

Se a linguagem não sexista/inclusiva, que embasou o uso de *presidenta* à ex-presidente Dilma Rousseff, fosse aceita sem ser vaiada, o medo daquelas pessoas que pretendem controlar também a língua é que se crie um *antecedente linguístico* àquelas formas propostas pela comunidade não binária e que, portanto, esta ganhe força e passe a existir na sociedade - ainda que esta já seja ampla e difundidamente existente, mesmo sem a força estatística que

usufruem as formas binárias masculina e feminina. É esse medo de que a proposta também dissidente de linguagem não sexista/inclusiva faz surgir, é o medo de que se crie um campo propício na língua para que as pessoas socialmente oprimidas se vejam representadas nela e por ela, este é o *antecedente linguístico* que a coerção aspira evitar e extinguir.

É mais que tardia a compreensão de que as pessoas não apenas possuem capacidade de análise linguística de seu "[...] tesouro depositado" (SAUSSURE, 2012, p. 45) em suas cabeças, mas que também podem utilizar a língua e suas formas tanto para exercerem e materializarem seus projetos de coerção e quanto seus projetos ligados à promoção da justiça social.

Ao final, de maneira conectada ao título atribuído ao seu texto, Freitas (2017, n. p.) indica a leitura de outros materiais que também abordam a temática, o *Manual para o uso não sexista da linguagem*⁷⁷, promovido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e o vídeo *Quinquilharia*⁷⁸ - *Gênero na escrita*, do canal *Anis - Instituto de Bioética* da plataforma e rede social Youtube. Ao propor esses outros materiais consultivos e instrucionais, além de reforçar o título de seu texto, se aproxima também da pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista, não obstante, convida as pessoas ao estudo da língua, mostra uma metodologia linguístico-popular para o estudo e análise da língua, um estudo que toma a materialidade sobre a língua sem fazer distinção de sua origem, de sua autoria e de sua autorização de qualquer entidade ou pessoa que se coloca como única e possível autoridade a poder falar e estudar a língua.

O segundo texto de divulgação científica foi publicado em 2018, por Guilherme Teixeira, com o título *A Linguística e o gênero neutro*, recebeu mil e duzentos (1.200) *claps* - uma espécie de reação que demonstra aprovação de pessoas da comunidade e que ajuda na promoção do texto publicado, além de três (3) comentários.

Ao passo que o título de Freitas (2017) indica que seu texto se tratará de *um ponto de vista da linguística sobre gênero neutro*, Teixeira (2018, n. p.) constrói o título com um sentido de unanimidade, o qual se manifesta pela escolha do artigo definido *a* em *A Linguística e o gênero neutro*. O uso do nome de sua área de estudos em letra maiúscula, *Linguística*, reforça a ideia de que não é somente uma única visão, mas uma visão científica, portanto, advinda da autoridade máxima no que tange às questões sobre a língua. Consequentemente, outro efeito de sua escolha de título é a delimitação de sua visão científica, sendo *Linguística* somente aquela que está em consonância com a visão trazida por

⁷⁷ Disponível em: <<http://portalsemear.org.br/publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem/>>. Data de acesso: 03 de mai. de 2022.

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pwivk5wZ2D0>>. Data de acesso: 03 de mai. de 2022.

ele⁷⁹ em seu texto - assim, qualquer outra forma de observar, estudar e caracterizar os fenômenos de neutralidade que se difere do que Teixeira (2018) propôs acaba sendo lida não como uma análise linguística, mas outra coisa.

Dá início ao seu texto apresentando as diferenças entre *gênero biológico*, *gênero social*, *sexo*, *orientação sexual* e *identidade de gênero*. Acerca da definição escolhida para *gênero biológico*, Teixeira (2018, n. p.) coloca-o como "determinado socialmente", ao passo que *gênero social* como "construído socialmente". Apresenta-nos essas duas concepções para pontuar o que chamou de "três parâmetros pelos quais o ser humano percorre na construção de seu sexo: a definição de sexo, a definição de orientação sexual e a de identidade de gênero." (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Assim, a discussão final para Teixeira (2018, n. p.) se trata da trajetória das pessoas para delimitarem seu *sexo*. Apesar de apresentar esses conceitos e nos indicar que "os três não devem ser confundidos entre si, embora estejam relacionados" (TEIXEIRA, 2018, n. p.), os conceitos se relacionam a partir da necessidade de definição de *sexo*.

O conceito de *sexo* é colocado como uma questão fisiológica, uma vez que atua como definidor de "qual órgão reprodutor será desenvolvido durante a gestação" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Dessa maneira, conforme apresentamos ao final do parágrafo anterior, se esses *parâmetros* são utilizados para a delimitação de *sexo*, e *sexo*, por sua vez, é apresentado como uma questão biológica, a discussão estaria ainda ligada à biologia e tomaria a biologia como ponto de partida e fim.

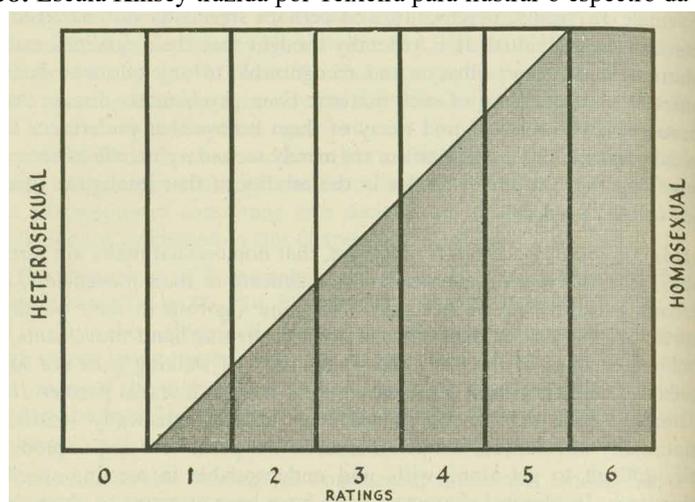
Sua definição de *orientação sexual* é colocada como um "*spectrum*", no qual, "em uma extremidade estão os heterossexuais e, na outra, os homossexuais; na intersecção estão os bissexuais" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Além disso, Teixeira (2017, n. p.) define esse "*spectrum*" como constituído de um "*continuum* existente inerente a essa definição", assim, ainda que tomados enquanto elementos norteadores desse "*spectrum*", haveria outras orientações sexuais. Ao citar essas três orientações sexuais, as toma como exemplos das partes que constituem esse todo, mas também reforça aquela tida como padrão, a heterossexualidade, e sua extremidade oposta, a homossexualidade. Portanto, ressalta-se o discurso de que a relação entre essas duas realidades se dá por meio da oposição, já que ocupam posições diferentes e extremas.

Já a bissexualidade é apresentada como "intersecção", conseqüentemente, como um ponto comum do conjunto heterossexual e homossexual, contudo, ser bissexual não se trata de

⁷⁹ Seguimos aqui também a marcação da identidade de gênero com base nos textos e formas como essa pessoa autora se refere.

possuir características heterossexuais e homossexuais, mas de encontrar em si sua própria definição. Teixeira (2018, n. p.) parte de uma relação de dependência dessas partes, consequentemente, orientando à compreensão que toma uma das partes enquanto ponto de partida, a heterossexualidade, já a homossexualidade como ponto final e a bissexualidade como dependente dessas duas formas. Para embasar sua argumentação, Teixeira (2018, n. p.) apresenta também a *Escala Kinsey* (Imagem 38). A *Escala Kinsey* é resultado dos primeiros estudos de Alfred Kinsey, pautados em dados estatísticos acerca da homossexualidade, desenvolvidos em 1948.

Imagem 38: Escala Kinsey trazida por Teixeira para ilustrar o espectro da sexualidade



Fonte: Retirada de Teixeira (2018, n. p.).

Essa escolha argumentativa não é ocasional e aleatória e nos permite inferir e compreender algumas orientações: ao passo que possui também a (1) finalidade de ilustrar o tema abordado, (2) reforça sua intenção de atribuir não apenas à linguística um caráter científico, o qual é tomado a partir de estudos estatísticos, mas também de (3) atribuir ao seu texto um caráter científico e, portanto, indiscutível e invariável. Essas orientações nos mostram, mais uma vez, que o discurso está "longe de ser esse elemento transparente [...]" (FOUCAULT, 2012, p. 9).

Em relação ao seu conceito de ciência, Teixeira (2018, n. p.) determina ciência como aquela que se relaciona diretamente com os números, com a estatística e matemática, o que, consequentemente, afasta de seu conceito de ciência as ciências que não são denominadas como parte da grande área *Ciências Exatas e da Terra* (CAPES, 2014)⁸⁰. Essa concepção seria não apenas contraditória por se tratar de um texto que divulga um saber especializado da

⁸⁰ A sigla CAPES corresponde à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

linguística e ela, no que lhe concerne, no Brasil, ser alocada comumente como parte da grande área chamada *Linguística, Letras e Artes*, mas também acaba por orientar como *ciência* apenas as subáreas da linguística que frequentemente possuem pesquisas e teorias definidas pela relação com as metodologias utilizadas pelas *Ciências Exatas e da Terra*, como as subáreas *Teoria e Análise Lingüística* e *Sociolingüística e Dialectologia*, por exemplo.

Ademais, ao trazer a concepção de *ciência* acima descrita como o tom norteador de sua argumentação, reconstrói e reafirma também o sentido de separação da ciência com o saber popular, já que a ciência se baseia (ou deveria se basear) em pesquisas e deduções comprovadas por meio de teorias científicas, nas palavras de Teixeira (2018, n. p.), "na ciência, é comum que os resultados das pesquisas e deduções a partir de teorias bem fundamentadas sejam contraintuitivos". Dessa maneira, ao determinar os "resultados das pesquisas" e as "deduções" pautadas em "teorias bem fundamentadas" como "contraintuitivas", também reforça o discurso saussuriano acerca da (suposta) *inconsciência* das pessoas em relação aos assuntos de língua, já que elas, "[...] em larga medida, não têm consciência das leis da língua" (SAUSSURE, 2012, p. 113).

Reforça, portanto, que as análises que tomam a língua e suas partes como objeto de estudo devem ser realizadas apenas por quem tem autoridade para tal tarefa, já que "são tarefas primais do linguista" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Por sua vez, as pessoas autorizadas a este fazer são aquelas que possuem formação e amplo conhecimento das teorias linguísticas. Essa argumentação aparece, logo, como uma estratégia de *interdição* dos discursos sobre a língua que são promovidos na sociedade brasileira no contexto digital, mas não somente (FOUCAULT, 2014).

No que tange à identidade de gênero, Teixeira (2018, .n p.) opta por também colocá-la como um *spectrum*, "representada de forma gradual", em que, de um lado do gradiente, estariam as pessoas cisgêneras e, na ponta oposta, estariam as pessoas transgêneras. A forma linguística escolhida para definir a transsexualidade é pela negativa, pela forma "não-cissexuais", orientando a uma visão de oposição entre essas duas realidades. Essa forma se apresenta como uma estratégia de totalização das pessoas que não se enquadram como cisgêneras. A argumentação matemática de Teixeira (2018, n. p.) é retomada quando classifica as pessoas transsexuais como "[...] contidas no subconjunto dos transgêneros", novamente, esta estratégia reforça sua ideia de objetividade, já que a linguagem matemática é tida como invariável e exata, e, talvez, como uma forma de exemplificar em seu texto o (suposto) cuidado em tratar de um tema sensível.

Para fechar sua explicação da identidade de gênero, retoma a argumentação por citação, de modo dar valor ao que traz como definição. Para tanto, cita o guia *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos - guia técnico sobre pessoas transsexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*, de Jaqueline Gomes de Jesus, o qual define "pessoas não-cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans"⁸¹.

Posteriormente, apresenta a questão que será respondida, "analisando mais a fundo o funcionamento gramatical dos gêneros do Português, será que essa concepção de fato se mostra verdadeira?". Ao passo que contextualiza a questão dizendo que existe em nossa sociedade, principalmente na parcela conservadora, um desejo de "negar-lhes o direito à existência", pudemos inferir que sua posição seria contrária às propostas de neutralidade de gênero no português, uma vez que utiliza o verbo *parece* para tratar das propostas que visam maior representação linguística, ao que diz que "essa falta de representatividade parece se estender até mesmo à língua por nós compartilhada" (TEIXEIRA, 2018, n. p).

No trecho em que aborda a diferença da identidade de gênero e a questão gramatical, chamado de *Gênero social versus gênero gramatical*, Teixeira (2018, n. p.) renomeia a identidade de gênero como "gênero social", como uma forma que visa reforçar ser uma questão presente na sociedade e também como uma estratégia de colocar esses dois assuntos como diferentes, não apenas ao nível conceitual, mas diferentes como assuntos que não encontram representação em um mesmo ponto linguístico - no caso, as formas da Língua Portuguesa exprimir o gênero. Essa diferenciação também ocorre pelo uso da preposição *versus*, geralmente utilizada em contextos em que duas ou mais partes concorrem e disputam entre si, o que também reforça a orientação de que seu texto será contrário, portanto, à proposta de que a língua pode e deve ser repensada para expressar, além do aspecto gramatical, o aspecto social das identidades de gênero.

Retoma a concepção saussuriana (CLG, 2012) de língua ao apresentar o que chama de "aparente falta de representatividade na língua[...]", caracterizando-a, assim, como um desconhecimento "[d]o funcionamento dos gêneros sob o ponto de vista interno da linguagem" (TEIXEIRA, 2018. n. p.). O uso da palavra *desconhecimento* retoma discursivamente a ideia saussuriana de que as pessoas não poderiam e não teriam capacidade para refletir sobre sua língua, uma vez que, "[...] em larga medida, não têm consciência das

⁸¹ Optamos por manter a forma exata como Teixeira (2018, n. p.) recupera linguisticamente a citação trazida para embasar o assunto em seu texto.

leis da língua" (SAUSSURE, 2012, p. 113) e que, portanto, não poderiam conhecer a língua e seu sistema de modo a alterá-lo.

Ao apontar esse "desconhecimento" como característica das pessoas que pretendem propor formas de neutralidade de gênero no Português, Teixeira (2018) as caracteriza como sem consciência do funcionamento da língua, já que, como vimos em Saussure (2012), a língua se constitui como um sistema de regras internas, ideia retomada por Teixeira (2018, n. p.) ao dizer que as pessoas "talvez desconheçam o funcionamento dos gêneros sob o ponto de vista interno da linguagem".

Seu posicionamento contrário às propostas populares de neutralidade de gênero e sua aproximação à concepção de língua saussuriana se apresentam evidentes ao dizer que "é necessário que seja definido o gênero linguístico-gramatical como completamente distinto de quaisquer acepções exteriores à linguagem, sejam elas de cunho biológico ou de cunho social." (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Além disso, apresenta "as ciências da Linguagem" como formada a partir de 3 (três) "ramos principais: o som, estrutura e significado" - justamente, partes tidas pela linguística como "estruturais". Nos estudos linguísticos, Teixeira (2018, n. p) aloca esses ramos, respectivamente, na fonologia, morfologia e sintaxe, semântica e pragmática. Como observamos, no início, seu ponto de partida para o que considera como "ciência", aqui, é a linguística, a qual é caracterizada como "ciência da linguagem" apenas considerando os estudos fonético-fonológico, morfológico-sintático e semântico-pragmático, ficando de lado as demais áreas.

Retoma a questão da mudança na língua para embasar sua oposição às propostas dissidentes partindo da diferença entre "língua falada *versus* língua escrita", nas quais, para Teixeira (2018, n. p.), "não são verificadas relações de interface, de modo que o estudo de uma não influencia necessariamente o estudo de outra". É interessante observar o uso da palavra "interface" para ilustrar que as propriedades de uma delas não influenciam logicamente as propriedades e funcionamento da outra.

Esse uso se apresenta também como uma forma de olhar a língua sempre a partir de um funcionamento que faça sentido apenas se for previsto internamente no "sistema linguístico". Conclui, portanto, que "a própria língua oferece diferentes ferramentas para que se possa concluir que mudanças linguísticas não acompanham mudanças sociais a ponto de serem por elas determinadas", assim, seu ponto de vista considera apenas as transformações linguísticas previstas pelo "sistema linguístico", uma vez que a língua, em relação aos "acordos políticos", é "autônoma" (TEIXEIRA, 2018, n. p.).

Tem sido comum a estratégia de colocar a língua à parte das questões sociais partindo de exemplos que não refletem as desigualdades na língua, mas desigualdades de outras formas sociais de opressão, como a "Turquia, cuja língua é completamente neutra em relação ao gênero dos substantivos, não necessariamente refletem essa neutralidade no que diz respeito aos direitos das mulheres e das minorias" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Ao valer-se do exemplo do Turco e do contexto social das pessoas turcas, corrobora com sua argumentação seguinte, a de que, "do ponto de vista da gramática, portanto, é possível afirmar que os gêneros na língua portuguesa serem entendidos como uma oposição entre masculino e feminino não é um reflexo dos avanços ou retrocessos sociais sobre o tema" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Contudo, conforme observamos em nosso primeiro nível de análise, as gramáticas (COUTINHO, 1938; LIMA, 2011; NEVES, 2018) apresentam e trazem, ainda que de maneira relutante, observações sobre a relação de certas categorias gramaticais com a questão do sexo das pessoas - ainda que sem falarem de identidade de gênero, já que é um termo à frente de suas publicações e corpus analisados.

Para mostrar e validar sua argumentação de que a questão gramatical de gênero nada tem e/ou deveria possuir de relação com as pessoas não binárias, Teixeira (2018, n. p.) se vale de uma estratégia comparativa, comparando as línguas Yorubá, Gurr-Goni e o Latim:

A língua Yorubá é completamente gender neutral em relação a homens e mulheres; a língua Gurr-Goni, falada em Arnhem Land (norte australiano), tem como critério de distinção de gênero a oposição comestível/não comestível; o Latim, como muitas outras línguas, possuía gênero masculino, feminino e neutro (TEIXEIRA, 2018, n. p.).

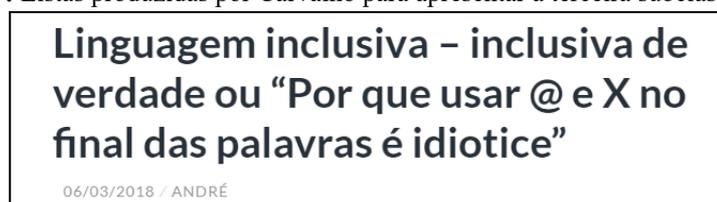
Dessa forma, ao comparar a Língua Portuguesa a uma língua "[...] completamente *gender neutral* [...]", à outra que possui como regra a "[...] distinção de gênero a oposição comestível/não comestível [...]" e, ainda, a uma língua que "[...] possuía gênero masculino, feminino e neutro", pretende direcionar as pessoas leitoras/estudiosas/consultoras/analistas de seu texto a um padrão comum a todas as línguas e a deixarem de lado a relação - existente, porém posta como inválida - das identidades de gênero e o gênero na língua.

Tomando como aspecto comprovante de sua argumentação, apresenta a mudança linguística como algo ainda a ser determinado e explicado por linguistas - claro, já que analisar e descrever a língua "[...] são as tarefas primais do linguista" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Essa constante determinação se apresenta na pergunta: "a ciência da linguagem ainda busca uma resposta [...] por que as línguas mudam?" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). É importante notarmos que, ao passo que coloca esta questão como ainda alvo de linguistas, ou seja, de pessoas que se debruçam a estudar a língua a partir de teorias e métodos científicos, orienta

também ao que podemos inferir noutra pergunta "se nem mesmo cientistas são capazes de entender a mudança na língua, quem são as pessoas não binárias para provocarem mudança na língua?" - essa incapacidade das pessoas é ponto de partida, como já mostramos, para a linguística moderna saussuriana, a qual se apresenta fortemente embasando a argumentação e visão de língua e ciência de Teixeira (2018, n. p.).

Num ponto de encontro com o que observamos em Freitas (2017), as propostas dissidentes de neutralidade de gênero -@ e -x foram abordadas por Teixeira (2018, n. p) e definidas, partindo tanto da língua falada quanto da língua escrita, como impossíveis de serem aplicadas "[...] no cotidiano das duas modalidades", já que "[...] são simplesmente impronunciáveis" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Para trazer ainda mais o tom de que este assunto - e qualquer outro assunto condizente à língua - é e deve ser apenas abordado por cientistas e de responsabilidade de cientistas, Teixeira (2018, n. p.) cita outra pessoa que concorda com seu posicionamento ao dizer que "pessoas mais competentes do que eu, como a Bárbara Rocha, explicaram como e por que ambos "@" e "x" não funcionam nem na teoria nem na prática". É importante notar que o nome "Bárbara Rocha" possui, no texto escrito, um *hiperlink* que nos leva a outro texto, de outra página. Contudo, ao acessarmos o conteúdo e, apesar dele falar da mesma temática, como vemos em seu título, *Linguagem inclusiva – inclusiva de verdade ou "Por que usar @ e X no final das palavras é idiotice*, o texto aparece assinado com nome diferente do trazido por Teixeira (2018, n. p.) (Imagem 39).

Imagem 39: Listas produzidas por Carvalho para apresentar a terceira subclasse dos nomes



Fonte: Retirada do site *Ceticismo, Ciência e Tecnologia*⁸².

Após apresentar, pautado na concepção sistêmica de língua (CLG, 2012), as propostas -@ e -x como formas que não "influencia[m] morfológicamente o sistema do PB" (TEIXEIRA, 2018, n. p.), nos apresenta "o uso do "e" como tentativa de neutralização de gênero no português", já apresentando, por meio do substantivo "tentativa", sua visão contrária também a esta forma. Cita o texto de Freitas (2017), por nós analisado, como um argumento de autoridade - afinal, Freitas (2017) seria uma pessoa cuja permissão para falar do

⁸² Disponível em:

<<https://ceticismo.net/2018/03/06/linguagem-inclusiva-inclusiva-de-verdade-ou-porque-usar-e-x-nas-palavras-e-idiotice/>>. Data de acesso: 06 de maio de 2022.

assunto advém de sua formação linguística. Portanto, Teixeira (2018) concorda com Freitas (2017, n. p.) no que diz ser "[...] um processo espinhoso, pois depende da alteração de não apenas um item gramatical, mas sim da total adaptação dos sintagmas nominais".

Trazer para seu texto de divulgação científica outro texto de divulgação científica que concorda com seu ponto de vista implica um eco discursivo destes textos que vai além da prática científica de dizer a quem pertence as frases e citações, justamente porque aspira fazer essa visão circular por entre os textos divulgadores e, concomitantemente, ecoar nos conhecimentos da pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista que chega até seu texto. Talvez, apenas após a leitura de textos produzidos por pessoas autorizadas pela ciência é que as pessoas poderiam passar a falar da língua, mas tendo sempre como referência este texto e os outros, ou seja, autoriza-se a falar apenas dizendo que alguém, uma pessoa da ciência, disse.

Ainda numa prática comparatista e ligada à concepção de língua do *Curso* (SAUSSURE, 2012), Teixeira (2018, n. p.) apresenta explicações para a impossibilidade do uso da forma *-e*, já que,

diacronicamente os comportamentos fonético, morfológico e sintático dos NPs (Noun Phrases) desde o Latim Vulgar, passando pelo Português Arcaico, até o Português Moderno, obtemos explicações sobre por que, para o sistema linguístico, tal alternativa não se mostra verdadeiramente eficaz (TEIXEIRA, 2017, n. p.).

Apesar de discursivamente se pautar na concepção de língua do *CLG* (SAUSSURE, 2012), afasta-se ao priorizar a mudança linguística a partir da história - ponto preterido por Saussure (2012), já que defendia os estudos sincrônicos como importantes para os estudos linguísticos. Ademais, ao apresentar *-e* como uma forma inválida pelos estudos da língua ao longo do tempo, cria uma estratégia argumentativa cronológica, na qual o próprio tempo não permite ao "sistema" incorporação dessa proposta - novamente, desassociando-se de Saussure (2012).

Recuperar os conceitos importantes para a linguística saussuriana se apresenta como uma estratégia mais objetiva e neutra para tratar da língua - efeito pretendido por Saussure (2012) para o efeito de ciência à linguística, mas também como uma estratégia de como a língua deve ser vista tanto pela linguística como pelas pessoas, uma vez que cabe, em sua visão, apenas às pessoas com acesso ao conhecimento acadêmico e formal da linguística estudar a língua e às pessoas não binárias caberia apenas a leitura Teixeira (2018) (enquanto cientista da língua) e não a proposição de mudanças assistemáticas.

Conjuntamente, Teixeira (2018, n. p.) argumenta que "[...] a língua portuguesa possui apenas um gênero, o feminino, quando morfemicamente marcado, pois adjetivos dispõem-se na mesma forma para concordarem com substantivos não marcados e para não concordarem

com nada". Ao que exemplifica com a comparação das frases no singular e plural na Imagem 40 - retirada do texto de Teixeira (2018, n. p.).

Imagem 40 - Frases utilizadas por Teixeira (2018) para defender sua tese de que a única forma a marcar gênero na Língua Portuguesa seria a feminina

- (2)
- a. "Olá, menino." (Sentença direcionada exclusivamente a alguém do sexo masculino.)
 - b. "Olá, menina." (Sentença direcionada exclusivamente a alguém do sexo feminino.)
 - c. "Olá, meninos." (Sentença direcionada a um conjunto que pode conter indivíduos de ambos os sexos.)
 - d. "Olá, meninas." (Sentença direcionada exclusivamente a um conjunto de indivíduos do sexo feminino.)

Fonte: Retirada de Teixeira (2018, n. p. 122).

Teixeira (2018, n. p.) se aproxima do que apresentou Freitas (2017) sobre a sumidura do gênero neutro latino ao citar Monaretto e Pires (2012, apud TEIXEIRA, 2018), pessoas as quais defendem que a mudança se deu

pela confusão com o gênero masculino dos casos nominativo, vocativo e acusativo, que possuíam terminações idênticas para ambos os gêneros. Além da confusão morfológica, também se presenciou (...) uma confusão fonética pela queda, no latim vulgar, do -s e do -m nas palavras".

Consequentemente, também se afasta da explicação dada por Coutinho (1938) ao trazer essa citação. Assim, ao passo que Monaretto e Pires (2012, apud TEIXEIRA, 2018) destacam o desaparecimento nos casos nominativo, vocativo e acusativo, Coutinho (1938, p. 213) diz que a perda do neutro se deu pela confusão "[...] com o masculino nos outros casos que não sejam o nominativo, vocativo e acusativo".

Sua filiação à teoria saussuriana apresentada no *Curso de Linguística Geral* (2012) permanece como norteadora para trabalhar, ao final, a questão dos *substantivos não animados* na Língua Portuguesa, como o substantivo "sangue". Aborda esse exemplo comparando que, na Língua Portuguesa, o substantivo "sangue" é tido como masculino, contudo, na Língua Espanhola, o mesmo substantivo "sangre" é considerado feminino. Realiza essa comparação a partir da concepção de que é "uma característica de línguas como o Português é a arbitrariedade". Saussure (2012) define a arbitrariedade do *signo linguístico* como uma convenção social pautada numa escolha imotivada, ou seja, uma comunidade decidiu sem

considerar qualquer explicação lógica, eliminando qualquer ideia de que havia algo de intrínseco na língua.

Para dar um efeito cronológico à sua argumentação, Teixeira (2018, n. p.) cita o artigo científico *Substantivos portugueses não flexionam em gênero*, de Oto Araújo Vale, de 2004. Teixeira (2018, n. p.) conclui, a partir do artigo, que "[...] apenas um terço dos substantivos flexionam em gênero", uma vez que "as formas que permitem flexão em gênero seriam exceções" (VALE, 2004, apud TEIXEIRA, 2018).

Em sua conclusão, Teixeira (2018, n. p.) apresenta estratégias argumentativas mais explícitas em relação a sua contrariedade às propostas dissidentes, mas essas estratégias também reforçam a ideia saussuriana de que as pessoas não poderiam (tanto são desautorizadas quanto sem capacidade) e nem deveriam falar sobre a língua, como podemos observar no trecho a seguir:

o erro principal cometido pelos que defendem uma língua mais inclusiva como pauta social não são as soluções gramaticalmente ineficazes ou por vezes absurdas; seu maior erro é, de saída, cometer um básico equívoco lógico conhecido como Falácia do Espantalho, no qual um lado A defende um argumento X, enquanto um lado B, por sua vez, decide atacar um argumento fictício Y (que não foi dado por A) (TEIXEIRA, 2018, n. p.).

Podemos perceber uma diferença entre as escolhas linguísticas realizadas pelos artigos científicos - até mesmo em comparação com o artigo de divulgação científica de Freitas (2017) - e por Teixeira (2018). Em seu texto de divulgação, ele expõe sua visão de maneira mais subjetiva, o que se nota nas construções "soluções gramaticalmente ineficazes", "por vezes absurdas", ainda que ao longo do texto tenha passado a imagem de que seguiria as formas mais prototípicas da ciência a qual defende, por meio de análises apenas objetivas. Assim, vemos que pode ser uma tendência de linguistas colocarem suas visões mais subjetivas de maneira mais explícita em artigos de divulgação científica, ainda que pautadas em análises linguísticas para embasar sua argumentação.

É possível notarmos que, ainda que artigos de divulgação científica permitam uma conversa mais próxima das pessoas por meio de escolhas linguísticas mais pessoais, Teixeira (2018, n. p.) se afasta de um dos preceitos linguísticos, o de não caracterizar acontecimentos na, da e sobre língua como erros, escolha feita ao dizer "seu maior erro". Ao trazer esse sintagma, Teixeira (2018, n. p.) não apenas permite que a visão de erro seja replicada pelas pessoas no tratamento das propostas de neutralidade, mas se insere, discursivamente, nas falas de pessoas puristas, principalmente àquelas utilizadas para rechaçar movimentos sociais como incapazes e/ou à parte da sociedade.

Além disso, apesar de Teixeira (2018) ter abordado a questão da linguagem neutra ou linguagem não binária, ao final, dedica um espaço para falar da linguagem inclusiva, a qual é definida como "ingenu[a], senão desonest[a], propor soluções para uma língua machista quando essa língua não é machista" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Podemos observar que a língua se coloca para Teixeira (2018) como uma entidade que poucas pessoas devem acessar e falar sobre, percebemos um certo preciosismo de sua parte para com a língua.

Observamos como igualdade na tarefa de linguistas na promoção da ciência:

- 1) a contextualização do fato abordado;
- 2) o uso de citações e estudos para embasar sua argumentação;
- 3) a comparação da Língua Portuguesa com outras línguas para a explanação de seu funcionamento e estado.

Já em relação às diferenças entre os textos de Freitas (2017) e Teixeira (2018), notamos que Freitas (2017) se vale de formas menos subjetivas e que não atacam a capacidade de análise linguística de linguistas populares, permanecendo em conexão com a máxima científica de realização de descrições linguísticas sem considerar os conhecimentos sobre a língua enquanto "erros". Pensando, ainda em sua argumentação, a explanação de Freitas (2017) se apresenta de forma muito mais didática e compreensível ao público não especializado - objetivo central de artigos científicos, ainda que publicados em blogs pessoais ou coletivos. Teixeira (2018), pautando-se nos pressupostos saussurianos, se vale de formas que direcionam ofensas à capacidade de abstração de linguistas populares, além disso, sua forma de tratamento dos dados linguísticos expostos não considera a acessibilidade e a possibilidade de pessoas não especialistas, principalmente de pessoas que não possuem qualquer relação com a ciência de uma forma geral, lerem seu texto.

3.4 Nível 4: O que dizem as diferentes mídias sobre o *gênero neutro*?

O primeiro texto de nosso quarto nível de análise foi publicado no *Médium* de Flávia Mello, em 15 de setembro de 2020. O texto, apesar de ter sido publicado por Flávia Mello, é de autoria de Vivian Mansano, apresentada como professora de Língua Portuguesa. Esse texto recebeu duzentos e seis (206) *claps*, além de dois (2) comentários.

O texto se inicia como uma espécie de convite por parte de Mansano ([s.d] apud Mello, 2020, n. p.), o qual é direcionado às pessoas leitoras/estudiosas/consultoras/analistas: "vamos conversar com a tia. Não sou homofóbica, transfóbica, gordofóbica, nãobinariofóbica

e o caramba a 4 que queiram inventar de fobias aí. Eu sou professora de português". O que seria uma espécie de convite, acaba se tornando uma estratégia irônica da pessoa autora, em um tom que deseja colocar "um fim a esta história", o que podemos perceber pela escolha do título, "Refutando o Pronome Neutro". Conforme observamos em nosso levantamento através do *Google Trends*, chamar as propostas de neutralidade de gênero de "pronome neutro" é uma das formas correntes na pesquisa e divulgação de opiniões e visões acerca do tema - ainda que as propostas de neutralidade não recaem somente sobre a classe dos pronomes.

Esse convite é seguido de construções linguísticas comumente utilizadas em início de discursos que, supostamente, querem se afastar de qualquer intenção discriminatória, mas, que, não tão ao fundo, acabam por demonstrar linguisticamente justamente o contrário, a discriminação e o preconceito: "não sou homofóbica, transfóbica, gordofóbica, nãobinariofóbica e o caramba a 4 que queiram inventar de fobias aí" (MANSANO, [s.d.] apud MELLO, 2020, n. p.).

A inversão da intenção acontece também pelo uso da expressão "e o caramba a 4", que remonta sua origem na interjeição em Língua Espanhola *carajo*, um palavrão tido como eufemismo em Língua Portuguesa, cuja função é abrandar o termo original. Além disso, essa expressão é utilizada como condensadora de todas as demais intolerâncias que "[...] queiram inventar de fobias aí", nas palavras de Mansano ([s.d.] apud MELLO, 2020, n. p.).

Ainda, ao colocar sua posição de "professora de português", Mansano ([s.d.] apud MELLO, 2020, n. p.) utiliza de sua profissão como um argumento que demonstra sua capacidade e autorização para falar do assunto, ou seja, da língua. Discursivamente, assim como no texto de Teixeira (2018), a utilização da profissão é apresentada como pressuposto para demonstrar que se fala de algo que foi estudado, para impedir que outras pessoas passem não apenas a falar de maneira contrária ao seu texto, mas que não falem também do assunto - afinal, como observamos no título, trata-se de uma refutação construída por uma pessoa especialista na área.

Conforme observamos em nossas análises, a definição de gênero na Língua Portuguesa pode ser diferente a depender do ponto de partida: partindo de uma análise histórica, como a de Coutinho (1938), o gênero no português é entendido como uma mudança que foi gerada por uma "confusão" fonético-fonológica e explicada por meio do processo de analogia; pode ser compreendido como uma concepção unicamente gramatical, considerando as partes (determinantes e adjetivos) que um substantivo se junta, como na concepção de Lima (2011) e Neves (2018); ainda, a ser definido a partir das relações sintagmáticas, como vimos em Carvalho (1989); pode ser vista como uma característica do sistema linguístico,

como fruto da arbitrariedade, conforme observamos em Silveira (2011); ademais, numa visão múltipla, a partir do estudo histórico, em comparação com outras línguas e também como um traço inerente da língua, como em Freitas (2017) e Teixeira (2018).

Já para Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.), o gênero "é definido pelo artigo que acompanha a palavra", assim, conseqüentemente, "[...] não faz diferença nenhuma mudar a vogal temática de substantivos e adjetivos pra ser "neutre"", assim, sua concepção se mostra ligada à ideia gramatical presente em Lima (2011) e Neves (2018), justamente por utilizar a gramática no ambiente escolar como base de funcionamento da língua, conseqüentemente, como a língua deve ser utilizada.

Para exemplificar sua concepção, parte de duas classes gramaticais, os substantivos e os adjetivos. Acerca dos substantivos, aponta que, em "o motorista", o substantivo *motorista* tem o final *-a*, mas é masculino, gênero definido pelo artigo definido *-o*. Já em "a ação", "a depressão", "a impressão" e em "a ficção", os substantivos terminam em *-o*, mas, a partir do uso preposto de *-a*, seriam femininos. Na classe dos adjetivos, utiliza adjetivos que podem assumir as duas formas de gênero, masculino e feminino, como *-feliz*, *-triste*, *-alerta*, *-inteligente*, *-emocionante*, *-livre*, *-doente*, *-especial*, *-sedutor* e *-agradável*.

Também para ilustrar o porquê da proposta de neutralidade a partir da partícula *-e* não faria sentido na língua, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) utiliza *O alface* e *O elefante*, exemplos em que os substantivos possuem a forma final *-e*. Contudo, quando observamos as propostas dissidentes, o uso da partícula *-e* não toma como precedente qualquer forma já existente na língua, como as trazidas e sugeridas por Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.).

Assim, partindo da concepção de que o gênero é uma característica intrínseca dos artigos, que determina substantivos e adjetivos, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) defende que, "se vocês querem uma língua neutra, precisam criar um artigo neutro, não encher um texto de X, @ e E". Apesar de poder parecer uma dica ou uma saída, partindo de sua concepção, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) não deseja que a língua receba uma alteração por parte da comunidade não binária, já que, ao ser ver, as pessoas da comunidade "[...] teriam que mudar um idioma inteiro para combater o "preconceito"". Ao aspear a palavra *preconceito*, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) deixa claro que, em sua visão, o gênero na língua não seria utilizado para discriminação de pessoas não binárias.

Apesar de se aproximar da concepção de que gênero é um produto social, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) utiliza essa invenção com sentido de fantasia e falaciosa, conseqüentemente, instaura o *sexo* como fator importante a ser considerado - isso porque

muitas gramáticas, como as analisadas, abordam a possibilidade e existência de substantivos e adjetivos se relacionarem com o *sexo* dos referenciados, ainda que resistentemente. Podemos notar essas leituras no que chamou de "conselho": "ao invés de insistir tanto na coisa do gênero, entendam de uma vez por todas que gênero não existe, é uma coisa socialmente construída. O que existe é sexo" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.).

Como estratégia argumentativa que visa tornar as propostas dissidentes como absurdos, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) aborda outros usos para a palavra *gênero*, como "[...] gênero linguístico, gênero literário, gênero musical" formas que "são coisas totalmente diferentes de "gênero"". Essa argumentação visa concluir, portanto, que "não faz absolutamente diferença nenhuma mudar gêneros de palavras" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.).

Ao seu ver, as propostas de *gênero neutro* "não torna[m] o mundo mais acolhedor" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) - apesar de serem, justamente, propostas que visam tornar a língua mais inclusiva em relação à existência das pessoas não binárias. Além disso, é importante destacar que as propostas neutras na língua não excluem outras lutas e mudanças presentes nas demais estruturas da sociedade, muito menos pretendem tomar o primeiro lugar na agenda da comunidade LGBTQIAPN+. Para esta comunidade, já não basta e nem deve bastar lutar apenas por certas mudanças ou por mudanças que as demais pessoas julgam como válidas ou únicas possíveis. Para essas pessoas dissidentes, o maquinário da binariedade deve ser alterado como um todo, em conjunto e de forma concomitante.

Além de apresentar as propostas linguísticas dissidentes enquanto *erros*, concepção próxima da de Teixeira (2018), Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) se vale de outra forma a ridicularizar e de tornar absurda essas propostas, chamando-as de "abobrinha" - forma comumente utilizada em Língua Portuguesa para definir assuntos, por exemplo, que não fazem sentido e deveriam ser ignorados, já que essas pessoas, ao seu ver, "podiam tirar o dedo da tela e parar de falar abobrinha, e se engajar em algo que realmente fizesse a diferença ao invés de ficar arrumando pano pra manga pra discutir coisas sem sentido" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.).

Sua suposta dica final para as pessoas não binárias, mas também que se direciona às demais pessoas LGBTQIAPN+, se configura, na verdade, como uma ordem que se vale de uma alfinetada, é "tenham atitude! (Palavra que termina em E e é feminina). E parem de ficar militando no sofá. (Palavra que termina em A e é masculina)" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.). Contudo, expande a suposta dica por se tornar uma forma de cercear e

delimitar até onde poderiam e poderão ir as propostas dissidentes - com toda certeza, não até à língua.

Demonstra contradição com o que diz sobre a impossibilidade das propostas neutras serem adotadas na Língua Portuguesa, segundo Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.), "o português não aceita gênero neutro", mas, na despedida de seu texto, utiliza o pronome demonstrativo *isso* no sintagma "Enfim, é isso" junto ao comentário entre parênteses "(Isso é uma palavra neutra, sabiam?)" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.).

Após a reprodução do texto de Vivian Mansano, Flávia Mello apresenta um comentário de sua autoria que corrobora com o que analisamos em Freitas (2017), baseando a visão de grande parte das pessoas opostas às propostas dissidentes, o receio de que a língua cria, ela revisita, em seu discurso, o mito fundador da linguagem:

Muita gente deve achar que isto é apenas mais uma besteira, sem perceber que dominando a linguagem, domina-se tudo. É a mesmíssima tática do politicamente correto na sobreposição de termos como "interrupção da gravidez", por exemplo. É, na verdade, a subversão da realidade das coisas. Há método (MELLO, 2020, n. p.).

Logo, vemos que não se trata de "proteger a língua" ou, verdadeiramente, de um preciosismo linguístico, trata-se da necessidade de controlar as pessoas que são dissidentes das estruturas brancas, heteronormativas, cisnormativas, machistas, ou seja, das pessoas que não se encaixam nas possibilidades impostas pela parcela fascista da sociedade.

Partindo para o segundo texto analisado, ele foi publicado pelo site de notícias *Gazeta do Povo*, em 01 de janeiro de 2018 e foi escrito por Andressa Muniz. O título do texto é *Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino* cujo subtítulo é *De acordo com a linguística, substituir masculino e feminino por um gênero neutro não funciona*. No título, podemos observar uma oposição em relação às propostas dissidentes na resposta que seguem a questão efetuada na pergunta "Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino". Assim como optado por Teixeira (2018), o texto trazido por Muniz (2018, n. p.) toma a visão apresentada em seu texto como unânime na visão científica ao utilizar o sintagma presente no subtítulo da reportagem "De acordo com a linguística".

É comum que as notícias estejam acompanhadas de imagens, como uma forma de tornar a notícia mais dinâmica, como uma forma de expressão do que é noticiado e, em muitos casos, com a função de complementar a notícia, de modo a trazer maior impacto ao que é noticiado. No caso do texto jornalístico aqui analisado, há a imagem de uma lousa com o seguinte escrito em giz em caixa-alta "GRAMÁTICA" (Imagem 41). Discursivamente, ao trazer a imagem abaixo, a notícia parte do conceito de língua gramatical no ambiente escolar

representado pelo uso da lousa e do giz. Além disso, ao trazer em caixa-alta a palavra "GRAMÁTICA", expõe seu conceito norteador de língua a partir da gramática normativa/prescritiva e reforça o poder institucional que a gramática, principalmente a normativa, possui em nossa sociedade acerca da língua.

Imagem 41: Imagem anexada à reportagem de Andressa Muniz na Gazeta do Povo



Fonte: Retirada de Gazeta do Povo.

Muniz (2018, n. p.) contextualiza as propostas de neutralidade que visam a inclusão das formas *-x* e *-@*, como uma "tentativa de eliminar preconceitos [que] se reflete também em uma tentativa de mudar a língua portuguesa". Ao apresentar como "tentativa", Muniz (2018, n. p.) mostra que se trata de propostas ainda em movimento, que ainda estão em vias de se tornar variantes linguísticas que coexistam com as variantes binárias. Apresenta sua leitura acerca do conceito de "neutro" como "[...] uma marcação de gênero neutro que substitui a terminação *-o* por *-x* ou *-@* (MUNIZ, 2018, n. p.). Contudo, as propostas dissidentes não visam a substituição da marcação de gênero masculina e/ou feminina, respectivamente, expressas em *-o* e *-a*, mas a inclusão de uma terceira proposta, de modo que a língua passe a representar a existência de pessoas não binárias.

Na linha discursiva saussuriana de língua, o texto de Muniz (2018, n. p.) se inscreve na concepção de sistema ao trazer o verbo "funciona" em "de acordo com a linguística: substituir masculino e feminino por um gênero neutro não é algo que funciona na língua portuguesa". Dessa forma, toma a língua enquanto um sistema cujo o funcionamento se dá por

meio de leis internas da língua, e essas leis, por sua vez, são determinadoras do que é possível ser alterado ou não na língua - permanecendo, portanto, as propostas de neutralidade externas às leis e, conseqüentemente, inviáveis.

Em relação às *Origens*, Muniz (2018, n. p.) explica rapidamente que as origens da Língua Portuguesa são do Latim, o qual "lançou as bases da língua portuguesa e de outras línguas latinas, como o francês e o espanhol". No *corpus* até aqui analisado, tem sido comum a recuperação da origem latina para exemplificar o motivo de as construções neutras dissidentes não se encaixarem na língua, forma que podemos ver também uma presença saussuriana, uma vez que o funcionamento do sistema linguístico, ainda que possa variar, varia conforme as possibilidades internas desse sistema (SAUSSURE, 2012).

Além disso, essa recuperação constrói a ideia de que não faria sentido criar uma forma de gênero neutra uma vez que sua existência foi incorporada no gênero masculino na Língua Portuguesa. É importante salientar que (1) as propostas atuais não possuem relação com a forma neutra do Latim, (2) não tentam reconstruí-la ou (3) tomá-la como ponto de partida. As propostas de neutralidade seguem os mesmos princípios das formas binárias, ou seja, as propõem a variante neutra nas mesmas palavras e classes de palavras que, gramaticalmente, por exemplo, variam/flexionam em gênero. Assim, são propostas de variantes novas, as quais quebram com a barreira do dito masculino genérico.

Muniz (2018, n. p.) apresenta, primeiro, a conclusão do que viria no parágrafo posterior em que cita Joaquim Mattoso Câmara Jr. - linguista frequentemente citado para embasar textos diversos contrários às propostas de neutralidade e também à proposta de linguagem inclusiva, justamente por seu trabalho de descrição, principalmente, estruturalista da Língua Portuguesa. Assim, nos mostra que o gênero masculino na Língua Portuguesa seria "[...] um gênero neutro, não há prevalência do masculino nos discursos" (MUNIZ, 2018, n. p.).

Contudo, aponta novamente uma das propostas dissidentes como uma "substituição de "o" por "x"" (MUNIZ, 2018, n. p.), entretanto, como já apresentamos anteriormente, as propostas neutras não visam a substituição das formas binárias, mas outra marcação na língua que vai além de *-o* e *-a*, formas utilizadas também para marcar na língua o sexo, a orientação sexual e identidade de gênero. Sua forma de ver como uma "substituição" está pautada em sua leitura do artigo *Considerações sobre o gênero em português*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr.; neste artigo, Mattoso considerou "[...] que o gênero feminino é, em português, uma particularização do masculino. Essa particularização é feita pela terminação "a", que é diferente da terminação neutra "o"" (MUNIZ, 2018, n. p.).

Outra pessoa influente no meio científico citada por Muniz (2018) é Sírio Possenti. Ao citar Possenti, o site apresenta um *hiperlink* que não nos direcionou para um endereço na internet com qualquer conteúdo. Apesar disso, Muniz (2018, n. p.) traz algumas citações diretas, ou seja, falas retiradas do texto que deveria ser apresentado pelo *hiperlink*. A primeira citação retrata a visão científica acerca da marcação de gênero na Língua Portuguesa suportada por Sírio Possenti, de que a única marcação existente de gênero seria a feminina, as demais formas seriam, portanto, desprovidas de gênero:

os nomes [substantivos] com marca de gênero, em português, coincidem exatamente com os que estamos acostumados a considerar femininos. Os outros casos, todos, seriam considerados sem gênero (inclusive os nomes considerados masculinos)" (POSSENTI, [s.d.], apud MUNIZ, 2018, n. p.).

Contrapondo essa citação ao título escolhido por Muniz (2018), o qual diz *Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino*, apresenta-se diante de nós uma contradição: ao trazer o texto de Sírio Possenti, defende a ideia de que há apenas uma marcação de gênero, a forma feminina, em Língua Portuguesa, por que seu título apresentaria a existência de duas formas, "[...] *apenas masculino e feminino*"? A resposta se dá pelo que afirma anteriormente, para invalidar as propostas de *gênero neutro* - demonstrando, portanto, uma preocupação em rechaçar as propostas dissidentes, não de importar-se, verdadeiramente, com a visão da ciência. Assim, vemos em seu discurso a manipulação do saber científico, retirando as propostas científicas de seus sentidos e ideias iniciais para embasar sua visão ideológica.

Para defender a ideia de que o sistema da língua não aprovaria novas formas neutras, Muniz (2018, n. p.) aproveita do exemplo trazido por Possenti - conforme explicitamos, não conseguimos acessar o texto citado para conferirmos o contexto e a fidelidade dos trechos retomados e trazidos por Muniz (2018):

É por isso que dizemos ‘o circo tem dez leões’ mesmo que tenha cinco leões e cinco leoas, mas não dizemos, no mesmo caso, que tem dez leoas. Também é por isso que se pode dizer que ‘todos nascem iguais em direitos...’, o que inclui as mulheres, mas não se incluiriam os homens se a forma fosse ‘todas nascem iguais em direitos...’.”.

O exemplo trazido por Muniz (2018), de acordo com seu texto, retirado do texto de Sírio Possenti, apresenta tanto o caso em que discute a questão da marcação do sexo de animais, de leões e leoas, mas também aborda a questão dos direitos das pessoas, "todos nascem iguais em direito", de modo a mostrar que todas as pessoas seriam consideradas igualmente, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero. Ao falar de gênero na língua, passou a ser importante explicitar a questão do sexo e identidade de gênero justamente devido ao fato

de que os movimentos sociais dissidentes, principalmente, o movimento feminista e LGBTQIAPN+, passaram a olhar para essa característica da língua e, como observamos ao longo desta dissertação, passaram também a propor formas mais igualitárias e inclusivas.

Sobre o direito à igualdade, discursivamente, falas conservadoras visam a exterminação das diferenças e ainda que a ideia de ver as pessoas como iguais em seus direitos e deveres pareça justa, na realidade, acaba reafirmando um senso de igualdade que considera apenas a realidade ocidental, branca, hétero, cisgenera e de classe abastada. Conseqüentemente, todas as lutas e reivindicações sociais que destoam dessa falsa igualdade são vistas e apresentadas (1) como “mimimi”⁸³, (2) como exageros, (3) como segregadoras e (4) desnecessárias.

Na esteira da explicação da Língua Latina, porém de maneira mais simplificada da que encontramos em Coutinho (1938), Muniz (2018, n. p.) retoma a característica do Latim em conter três formas de gênero e que, "na transição do latim para o português, a semelhança entre masculino e neutro fez com que ambas as categorias fossem resumidas em uma só, que hoje entendemos como masculino". Por se tratar de uma reportagem, obviamente, o intuito não é dar conta de descrever todos os aspectos de maneira minuciosa - caso contrário, já não seria mais o mesmo gênero.

Ao passo que o texto de Freitas (2017), presente em nosso terceiro nível de análise, parta, logo no início, de um contexto mundial para mostrar uma espécie de histórico e precedentes linguísticos acerca do tema, Muniz (2018, n. p.) aponta propostas dissidentes em outros contextos sociais e geográficos apenas ao final de seu texto - talvez, esta seja uma estratégia argumentativa que visa orientar as pessoas leitoras/estudiosas/consultoras/analistas a um posicionamento de contrariedade primeiro em sua língua, no caso, a Língua Portuguesa, sem serem influenciadas pelo contexto externo. Assim, se as propostas dissidentes em Língua Portuguesa forem apresentadas e tomadas como não operantes e absurdas, conseqüentemente, a tentativa de usar os contextos estrangeiros como precedentes seria invalidada.

No contexto francês, Muniz (2018, n. p.) apresenta o movimento social *Écriture Inclusive*⁸⁴, o qual "[...] defende que a língua francesa é intrinsecamente machista e reivindica a adoção de gênero neutro como uma tentativa de combater o suposto preconceito" (MUNIZ, 2018, n. p.). Ao acessarmos a página da principal agência que embasa o movimento no

⁸³ O termo surgiu em 2000, na animação *Fudêncio*, do antigo canal televisivo *MTV*. O termo, originalmente, era utilizado por uma das personagens como uma forma de provocação direcionada a outra personagem da animação. Contudo, presentemente, o termo é utilizado para inferiorizar demandas sociais importantes, como as da comunidade LGBTQIAPN+, feminista e negra, por exemplo.

⁸⁴ Numa tradução livre, em Língua Portuguesa, *Escrita Inclusiva*.

contexto francês, a *Mot-Clés*, sua definição acerca de *escrita inclusiva* diz ser um "[...] conjunto de atenções gráficas e sintáticas para garantir a representação igualitária entre mulheres e homens"⁸⁵.

Algumas interpretações podem ser feitas a partir da comparação entre a leitura realizada por Muniz (2018, n. p.) e aquela apresentada pela organização *Mot-Clés*. Muniz (2018, .n p.), ao trazer em sua leitura e em suas palavras que a organização francesa apresenta a Língua Francesa como "intrinsecamente machista", acaba por coorientar a leitura das pessoas que acessam seu texto - grande parte, contrária à promoção de formas neutras na Língua Portuguesa - a serem também contrárias àquela(s) em contexto francês, principalmente pela escolha da palavra "machista", a qual, em contexto brasileiro, é tida como polêmica, uma vez que a parcela conservadora acredita que o "machismo" não existe e a parcela mais progressista vê como uma realidade fundadora da sociedade.

Outro ponto importante é que, em nossa visita à página principal da organização *Mot-Clés*, não encontramos o uso da palavra *machiste* - forma em língua francesa comumente utilizada para *machista*. Na página da agência, a concepção de *escrita inclusiva* é de um "[...] conjunto de atenções gráficas e sintáticas para garantir a representação igualitária entre mulheres e homens"⁸⁶ - talvez, também em contexto francês, a palavra *machiste* passou a ser evitada pela agência por conta da polêmica em torno do termo, de modo também a frisar mais a necessidade de inclusão.

Apesar de fundar sua argumentação em linguistas e, repetidamente, afirmar que as formas dissidentes não possuem um "apoio científico", Muniz (2018) não cita que o movimento francês e a organização *Mot-Clés* possuem equipe de linguistas profissionais pesquisando e embasando seus materiais instrucionais, uma vez que se trata de uma "agência editorial e de comunicação de influência"⁸⁷.

Assim, Muniz (2018) apresenta uma argumentação pautada em especialistas de maneira tendenciosa, reforçando a ideia que visa induzir em seu texto, de uma suposta ausência de apoio da ciência nos movimentos dissidentes, tanto no contexto brasileiro quanto no contexto francês. Desse modo, se a ciência, instância de saber e poder que ocupa socialmente o grau máximo de conhecimento sobre a língua, não concorda com movimentos dissidentes, a pergunta que parece querer que as pessoas, que chegam até seu texto, se façam,

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.motscles.net/ecriture-inclusive>>. Data de acesso: 08 de mai. de 2022.

⁸⁶ Excerto conforme original em Língua Francesa: "[...] ensemble d'attentions graphiques et syntaxiques permettant d'assurer une égalité des représentations entre les femmes et les hommes". Disponível em: <<https://www.motscles.net/ecriture-inclusive>>. Data de acesso: 08 de mai. de 2022.

⁸⁷ Excerto conforme original em Língua Francesa: "Mots-Clés, agence de communication éditoriale et d'influence". Disponível em: <<https://www.motscles.net/qui-sommes-nous>>. Data de acesso: 08 de mai, de 2022.

em consequência dessa omissão, é "por que nós, eu e as demais pessoas, deveríamos nos importar, concordar e acreditar fazer sentido as propostas de *gênero neutro* se nem mesmo a ciência concorda?".

Cria-se também o reforço de que o saber popular, ainda que organizado e proposto por grupos de pessoas, não possui a mesma autoridade para falar de língua que linguistas profissionais. Expande essa concepção, conseqüentemente, ao grupo de linguistas que atuam em consonância às formas dissidentes, por exemplo, no contexto francês, na agência *Mot-Clès*, já que, em resumo, não basta ser uma pessoa especialista sobre a língua para ser citado, é preciso ser uma pessoa especialista da língua que se coloca contrária às propostas populares - caso contrário, não haverá ou não deverá haver notas explicativas acerca da existência de especialistas embasando essas propostas dissidentes.

Apesar de não fazer menção à equipe de linguistas presentes na base do movimento *Écriture Inclusive* e na agência *Mot-Clés*, Muniz (2018, n. p.) se vale de uma declaração emitida pela *L'Académie française*, em Língua Portuguesa, *A Academia francesa*⁸⁸, na qual a instituição se coloca não somente contrária ao movimento *Écriture Inclusive*, mas diz que "[...] a língua francesa está agora em perigo mortal"⁸⁹. Esse argumento alarmante em relação à Língua Francesa é um argumento frequentemente utilizado pelas pessoas contrárias às propostas populares.

Em nossas análises, esse mesmo argumento apareceu também em Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.). Há, comumente, uma (suposta) preocupação com a língua, não apenas popular, mas também das tradicionais instituições sociais que visam legislar sobre a língua. Essa declaração também se relaciona com a visão presente na sociedade, há muito tempo, de que a língua está em constante degradação (DEUTSCHER, 2005) - quando pensamos nas propostas de *gênero neutro*, essa visão é ainda mais acentuada, visto que é resultado da organização de uma parcela da população que não deveria falar sobre a língua, nem lutar por direitos, muito menos, em sua pior forma, existir.

Ademais, ao trazer essa declaração da *L'Académie française*, reforça-se a argumentação de Muniz (2018, n. p.) que, inicialmente, notamos logo em seu título - e que foi ampliada à

⁸⁸ A *L'Académie française* é uma instituição francesa criada em 1634 que, em território brasileiro, seria equivalente à Academia Brasileira de Letras (ABL). Assim, enquanto a função da ABL seria proteger e promover a cultura da Língua Portuguesa no Brasil, a função da *L'Académie française* seria a de proteger e promover a cultura da Língua Francesa. Para mais informações, acesse: <<https://www.academie-francaise.fr/linstitution/apercu-historique>>.

⁸⁹ Excerto conforme original em Língua Francesa: "[...] la langue française se trouve désormais en péril mortel". Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/actualites/declaration-de-lacademie-francaise-sur-lecriture-dite-inclusive>>. Data de acesso: 08 de mai. de 2022.

medida que o texto foi construído - *Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino*. Ao final, dedica um parágrafo inteiro para outro trecho da declaração da *L'Académie française*, o qual reforça, ainda mais, a necessidade da suposta preocupação das pessoas brasileiras com sua língua:

Já é difícil aprender um idioma, como será se o uso acrescentar formas secundárias e alteradas? Como as gerações futuras crescerão com intimidade com nossa herança escrita? Quanto às promessas de um mundo francófono, elas serão destruídas se a língua francesa se enfraquecer com este aumento de complexidade, beneficiando outras línguas que se aproveitarão para prevalecer no planeta (L'ACADEMIE FRANÇAISE, 2017, apud MUNIZ, 2018, n. p.)⁹⁰.

Assim, ao passo que existe uma presença frequente do mito fundador da linguagem, como vimos em Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.), existe também um mito destruidor da linguagem, o qual se faz presente na visão de Muniz (2018), na declaração da *L'Académie française* (2017, apud MUNIZ, 2018, n. p.) e em tantos outros discursos contrários às propostas populares. Nesta visão, ao passo que as propostas de neutralidade e de inclusão são pensadas e criadas, coloca-se em cheque a aprendizagem da língua, diminui-se a ligação afetiva das sociedades futuras com sua língua e se coloca por água abaixo o sonho de uma supremacia linguística, abrindo, portanto, uma suposta e fantasiosa vantagem para outras línguas triunfarem sobre a face da Terra.

Vemos, aqui, portanto, a herança colonialista, a presente vontade de invasão e dominação linguística, de dominação não apenas territorial, mas também na língua e pela língua. Vemos também um discurso que orienta para uma suposta e imaginosa visão antinacionalista por parte pessoas que organizam movimentos dissidentes na língua, já que, ao trazerem uma proposta mais inclusiva de gênero, acabam, supostamente, por dificultarem a aprendizagem da língua materna e a identidade francesa com a Língua Francesa, além de que colocam um futuro incerto às pessoas francesas frente às disputas entre países e entre línguas. Em resumo, as pessoas que propõem e/ou suportam propostas de língua mais inclusiva acabam sendo configuradas como traidoras da pátria e deveriam, junto as suas ideias, serem caladas, silenciadas e exterminadas - é quase uma caça às bruxas da linguagem.

⁹⁰ Excerto conforme original em Língua Francesa: "Il est déjà difficile d'acquérir une langue, qu'en sera-t-il si l'usage y ajoute des formes secondes et altérées ? Comment les générations à venir pourront-elles grandir en intimité avec notre patrimoine écrit ? Quant aux promesses de la francophonie, elles seront anéanties si la langue française s'empêche elle-même par ce redoublement de complexité, au bénéfice d'autres langues qui en tireront profit pour prévaloir sur la planète". Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/actualites/declaration-de-lacademie-francaise-sur-lecriture-dite-inclusive>>. Data de acesso: 08 de mai. de 2022.

3.5 Nível 5: O que dizem as pessoas dissidentes? Como formulam as propostas de neutralidade na Língua Portuguesa?

O primeiro texto analisado neste último nível é o designado *Carrefour Comete o Erro Clássico ao Tentar Usar a Linguagem Neutra de Gênero*, de Maira Reis, publicado em 29 de outubro de 2019. Maira Reis é jornalista, com vasta experiência na criação de conteúdo para o público LGBTQIAPN+. O texto analisado foi publicado em seu blog pessoal, o qual se configura enquanto "[...] um espaço de curadoria das informações sobre diversidade LGBTQ+ dentro das empresas e levá-las a você de forma facilitada e descomplicada, é também um braço educativo do camaleao.co" (REIS, 2019, n. p.). A imagem que acompanha o texto em seu início foi retirada de uma das placas que uma rede de supermercados brasileira promoveu em 2019. Na placa, Imagem 42, a palavra "Todxs" está com uma das marcas neutras, com a partícula -x, e, ao fundo, temos as cores da bandeira LGBTQIAPN+.

Imagem 42 - Foto tirada de uma das placas da rede de supermercados com uso de uma das propostas de neutralidade de gênero



Fonte: Retirada de Reis (2019, n. p.).

No início de seu texto, Reis (2019, n. p.) define o "erro" cometido pela empresa fazendo uma diferenciação entre a questão gramatical de "erro" e o "erro" diante da linguagem neutra, em suas palavras: "bonita e atrativa até pode ser, porém ela tem um gravíssimo erro. E não é um erro gramatical, mas sim um erro de linguagem neutra de gênero". Assim, aqui, Reis (2018) retoma a concepção gramatical de língua apenas para demonstrar que o "erro" a ser abordado em seu texto não parte dessa visão prescritivista, mas também, provavelmente por sua formação jornalística, demonstra uma filiação discursiva de língua pela gramática.

Após seu breve contexto explanatório, Reis (2019, n. p.) passa a explicar *O que é Linguagem Neutra de Gênero?* - pergunta norteadora para a seção em que aborda e delimita

sua concepção. Assim, em sua visão "a linguagem neutra de gênero é a sugestão de boas práticas para você romper o sexismo que há na linguagem, principalmente na gramática portuguesa" (REIS, 2019, n. p.). É importante notarmos que, apesar das pessoas contrárias criticarem as propostas de neutralidade e dizerem, em resumo, que as pessoas LGBTQIAPN+ (sem especificar que se trata de propostas levantadas, principalmente, por pessoas não binárias, não da comunidade na totalidade) desejam impor essas propostas, obrigando, assim, todas as pessoas à adoção dessas formas, vemos em Reis (2019, n. p.) que não se trata de uma obrigação, mas de uma "[...] sugestão de boas práticas".

Ao romper com a visão prévia e assumida, como percebemos, por essa parcela da contrária de forma superficial, vemos que as pessoas que se põem como contrárias às propostas dissidentes seguem numa linha discursiva que assume o que dizem outras pessoas que também discordam, sem verdadeiramente se debruçar sobre as propostas - prática que também é praticada por linguistas, como notamos em Teixeira (2018).

Ao apresentar como "sugestão", Reis (2019, n. p.) ressalta a importância norteadora entre a comunidade não binária: não se trata de obrigar e exigir determinada forma ou outra, trata-se de uma decisão a ser tomada em prol do respeito às pessoas que não se enquadram, não apenas nos demais padrões socialmente estabelecidos, mas também aquele ligado à flexão de gênero na Língua Portuguesa. Em outras palavras, à época, o que estava em pauta era a discussão das formas, mas, acima de tudo, para reforçar a importância e uso de formas neutras. Dessa forma, essa sugestão caminha lado a lado com outras demandas sociais por igualdade e respeito que visam "romper [com] o sexismo" (REIS, 2019, n. p.).

Para abordar a questão do gênero do ponto de vista gramatical, Reis (2019, n. p.) parafraseia a obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, dizendo que o "feminino é local e o masculino é global" - concepção próxima da que foi apresentada por Muniz (2019) ao recuperar o texto de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Sírio Possenti. A leitura de Reis (2019, n. p.) acerca dessa concepção é o que baseia sua concepção de *sexismo na linguagem*, "podemos ver que quando vamos falar de uma forma mais abrangente, a mulher (ou, no caso, o feminino) é colocado "dentro" do homem (no masculino)".

Reis (2019) quebra com a visão saussuriana (CLG, 2012) de que as pessoas não perceberiam as leis internas da língua, ou seja, seu funcionamento, e, portanto, não poderiam alterar aspectos da língua ao trazer exemplos da língua que corroboram com sua concepção de "seximos na linguagem". Na sentença *Precisa-se de médico*, Reis (2019, n. p.) percebe que o gênero masculino no substantivo *médico* é utilizado como uma forma padrão, que é comum

"[...] colocar a linguagem no masculino" - mais uma vez, atendo-se à mesma percepção de linguistas como vemos em Muniz (2019), Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Sirio Possenti.

Ao trazer uma fala simulando um possível questionamento de uma pessoa contrapondo o seu ponto de vista, "Tá, Maira, mas o nosso português tem muitas palavras no masculino", apresenta capacidade de análise metalinguística e se vale de métodos comparatistas para tecer sua explicação acerca do ponto, ao que diz "Sim, não só o português como o espanhol". Dessa forma, demonstra esse funcionamento na Língua Portuguesa e na Língua Espanhola - ao trazer à sua explicação outra língua, vemos também sua similaridade com as descrições por meio de comparação de diferentes línguas, como encontramos tanto nas gramáticas analisadas, em Coutinho (1938) e Lima (2011), quanto nos textos de divulgação científica, em Freitas (2017) e Teixeira (2018) - ainda que orientando seu texto de maneira eufórica em relação às propostas dissidentes.

Ao contrário do que fizeram as pessoas linguistas em seus textos de divulgação científica aqui analisados, Freitas (2017) e Teixeira (2018), Reis (2019, n. p.) utiliza da metodologia comparatista para provar seu ponto de vista, para demonstrar que a estrutura *sexista na linguagem* vai além de sua própria língua materna. Dessa forma, traz uma pergunta de modo a fazer com que a pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista de seu texto acompanhe de perto sua abordagem. Assim, apresenta uma estratégia argumentativa lógico-analítica, mas de maneira a aproximar essa pessoa, evitando o emprego de termos metalinguísticos, o que poderia criar o efeito contrário, de dificuldade de compreensão e afastamento dessa pessoa - preocupação e atenção que não aparece no texto de divulgação científica de Teixeira (2018).

Valendo-se novamente de uma estratégia argumentativa que cria maior proximidade entre a pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista e seu texto, Reis (2019) traz uma sequência de perguntas com intuito de fazer com que essa pessoa reflita juntamente a si:

Mas isso é o correto?, Ou seja, só porque o português está no masculino não podemos usar de outras práticas em que englobam também o feminino e outras demandas de identificação das pessoas na linguagem? E sem que para isso tenhamos que sempre colocar todo mundo no masculino? Por que tudo tem que se voltar aos homens e as mulheres que se encaixam "dentro do padrão" deles?

Podemos perceber que essas perguntas apresentam sua proposta de linguagem neutra muito próxima da proposta inclusiva, contudo passa a expandir e a retornar à proposta de neutralidade quando lança a pergunta *E como fazemos com o universo das pessoas trans que não se identificam com essa binariedade de gênero – homem e mulher (seja transgênero ou cisgênero)?*.

Assim, percebemos que, ao ocupar essa posição de falante engajada e militante, Reis (2019, n. p.) demonstra preocupação e causa reflexão para ambas as propostas, concluindo que "colocar todo mundo em uma linguagem masculina acaba fazendo com que não só enfatizamos uma prática sexista como machista" (REIS, 2019, n. p.). Mostra, portanto, que sua preocupação e a preocupação das propostas dissidentes de gênero não se trata de apagar a existência de pessoas que se enquadram e se veem representadas na língua frente ao seu sexo e/ou identidade de gênero, assim, não se trata "[...] de não privilegiar uma pessoa em detrimento da outra, mas sim que elas estejam nos mesmo patamar reconhecendo as suas diversidades" (REIS, 2019, n. p.).

O texto de Reis (2019, n. p.) se preocupa também em responder questionamentos outros presentes na sociedade, como ao sintagma que trouxe marcando outro trecho "Mas é Tão Difícil Usar a Linguagem Neutra de Gênero no Dia a Dia". Seu texto apresenta formas de convite que também convidam as pessoas à realidade, como sua complementação ao título da seção, "claro que é, como tudo na vida que é novo, diferente e rompe padrões". Ao trazer essa afirmação, Reis (2019, n. p.) passa a mostrar também uma compreensão de que é possível que as propostas dissidentes sejam utilizadas no dia a dia, mas demonstra também que é uma tarefa diária, que levaria tempo. As propostas dissidentes se mostram capazes de compreender que alterações na língua requerem tempo e adaptações - diferentemente do que textos contrários fazem parecer, a comunidade não binária, ainda que deseja formas que as represente na língua, veem também como "sugestões de boas práticas" - afinal, além de sua válida exigência, cabe também às demais pessoas o respeito a esta demanda, uso.

Vale-se também de exemplos de mudanças que ocorreram em outros lugares do mundo (Imagem 43), de modo a mostrar que já existe um movimento coletivo que vem colocando essas propostas em prática, como no contexto alemão, no contexto inglês, no contexto sueco e no contexto estadunidense. Assim, mostra que é fácil pensarmos em estratégias mais inclusivas nos momentos em que utilizarmos nossa língua.

Imagem 43 - Contextos trazidos por Reis (2019) para mostrar a facilidade e possibilidades de inserção de marcação de gênero para além do binarismo masculino e feminino

- ◇ Em 2019, a Alemanha reconheceu a pessoa intersexo, também possibilita que uma criança possa escolher a própria identidade de gênero. Dessa forma, o país reconhece 3 gêneros: homem, mulher e não-binário.
- ◇ Em 2017, o metrô de Londres alterou a locução "Bom dia senhora, bom dia senhor" para "Bom dia a todos", de modo a incluir a todas as pessoas que utilizam seu sistema de transporte.
- ◇ Em 2015, o Dicionário da Academia Sueca incluiu o pronome de gênero neutro "hen" em seus materiais oficiais.
- ◇ Na língua inglesa, grande parte das palavras são consideradas neutras. Mesmo assim, em 2015, o Dicionário Oxford registrou "Mx." (pronuncia-se "mux" ou "mix") que é o neutro de "Mr." (senhor) e "Mrs." (senhora), embora não seja uma tradução oficial.
- ◇ Nos Estados Unidos, a Escola de Artes e Ciências da Universidade de Harvard autoriza os estudantes a se identificarem nos registros acadêmicos como homem, mulher ou transgênero, e também a escolha do pronome que desejam ser reconhecidos diante da instituição.
- ◇ Em Harvard, é comum o uso dos pronomes "they" ("eles") e "ze" (sem tradução para o português), como opções de um pronome de linguagem neutra.
- ◇ É importante lembrar que, em 2015, a American Dialect Society, entidade que estuda e analisa a língua inglesa nos Estados Unidos, definiu "they", no singular, como a palavra do ano.

Fonte: Retirada de Reis (2019, n. p.).

Seu texto não se ocupa apenas em apontar o "Erro Clássico ao Tentar Usar a Linguagem Neutra de Gênero", mas funciona também como um material instrucional que visa, portanto, expandir os conhecimentos das pessoas em relação ao assunto, bem como de desmistificar discursos acerca dessas propostas - o que aparece de forma mais intensa no seguimento de seu texto chamado *Como Usar a Linguagem Neutra de Gênero no Dia a Dia*.

Primeiro, argumenta na direção de "[...] que a linguagem neutra de gênero pode e deve ser usada por todo mundo, ou seja, não tem restrição de gênero, idade, profissão e bagagem cultural" (REIS, 2019, n. p.), dessa forma, ao passo que essas propostas podem ser aprendidas facilmente, se postas em prática diariamente, elas podem ser aprendidas e utilizadas por todas as pessoas, independentemente de suas diferenças e particularidades.

Ciente de que pessoas possam encontrar dificuldades em utilizar essas propostas, ainda como possibilidade de uso por parte de toda e qualquer pessoa, Reis (2019, n. p.) reforça que não traz um tom de obrigatoriedade ou de mudança na língua, como defendeu Muniz (2018, n. p.) ao dizer que se trata de "[...] uma tentativa de mudar a língua portuguesa". Ao contrário, "as pessoas são livres para utilizarem (ou não) a alteração na linguagem oral e/ou escrita até porque, como dito anteriormente, é uma sugestão de boas práticas", defende Reis (2019, n. p.).

Essa atitude alarmista que pessoas contrárias à comunidade LGBTQIAPN+ e às propostas de *gênero neutro* se valem demonstra uma tentativa de colocar o discurso progressista dessa comunidade como extremo, como algo que visa extinguir as particularidades das pessoas. Mas, como podemos observar em Reis (2019), de maneira reiterada, trata-se da inclusão na língua de pessoas que são socialmente marginalizadas na vida em sociedade, além de ser "ferramenta educacional e de conscientização sobre a diversidade e formas de se estar representado / representada / representade no mundo" (REIS, 2019, n. p.).

Posteriormente, Reis (2019, n. p.) apresenta propostas a serem adotadas pelas pessoas em seu dia a dia. A primeira proposta é colocada como uma recomendação de uso de "palavras que abrangem o coletivo" (REIS, 2019, n. p.). Para exemplificar, retoma o sintagma "precisa-se de médico", propondo a substituição de "médicos" por "pessoas que se formaram em medicina" - num sintagma, "precisa-se de pessoas que se formaram em medicina". Além disso, como forma de prevenção, Reis (2019, n. p.) apresenta um contraponto em formato de pergunta: "Ok, você deve me perguntar: Mas, pera... Pessoas não é feminino?" Ao que explica dizendo "Sim, mas ela também é um falso cognato que dá a ideia de coletivo".

Comumentemente, a noção de *falso cognato* se aplica no contexto de aprendizagem de uma segunda língua no momento em que uma pessoa se depara com palavras dessa segunda língua que são muito parecidas, seja na escrita ou no som, a outras palavras de sua língua materna. Já na forma como é tomada por Reis (2019, n. p.), a noção de *falso cognato* passa a ser utilizada como um uso diferente do que o que se faz normalmente, ou seja, ainda que o substantivo "pessoa" seja uma palavra de gênero feminino, ela pode ser usada de modo a "abranger o coletivo".

Vemos aqui a produtividade da capacidade metalinguística de Reis (2019), ou seja, sua capacidade em reconhecer formas que explicam a língua e a aplicá-las na explicitação de sua proposta. Ainda que fora do contexto correntemente utilizado, podemos compreender como reaplicou em seu texto. Dessa forma, a língua não se trata apenas de um recurso simplesmente aplicado na cabeça das pessoas, mas que circula e que é replicado em contextos explicativos diferentes.

Além de fornecer explicações metalinguísticas, Reis (2019, n. p.) também externaliza sua visão pessoal acerca da língua de modo que pudéssemos compreender ainda mais o que baseia sua visão e proposta, assim, diz que prefere "[...] usar palavras que são femininas e quebram padrão do que usar palavras masculinas e ficar no mais com o mesmo de sempre". Essa argumentação pessoal ressalta sua atitude dissidente, coloca-se como impossibilitada

diante da continuidade de uma injustiça linguística observada por ela; demonstra, assim, em sua particularidade, ser o *eu* necessário para a mudança do maquinário da injustiça que faz a categoria de gênero funcionar - é por isso, portanto, que se coloca como uma falante engajada e militante na língua.

Aproximando-se do final de seu texto, Reis (2019, n. p.) apresenta sua crítica à placa criada e utilizada pela rede de supermercados. Assim como os textos de divulgação científica que analisamos, Reis (2019, n. p.) coloca sua visão acerca da partícula -x, a qual configura o "erro clássico" que aborda ao longo de seu texto, já que a imagem mostra um erro "[...] quem não sabe usar a linguagem neutra de gênero de forma correta". Aqui, a noção de erro se apresenta por uma escolha de uso de uma proposta que não se torna produtiva e possível em Língua Portuguesa, o que defende com os seguintes argumentos: "'X' não é acessível para as plataformas de leituras para pessoas com deficiência; 'X' não é didático e de fácil compreensão, seja para leitura e/ou fala; 'X' não é pronunciável; 'X' não altera a linguagem para não-binária" (REIS, 2019, n. p.).

É importante notarmos que as propostas -x e -@ são propostas que configuraram como propostas iniciais por esta comunidade, iniciadas por volta de meados de 2016 e início de 2018 - podendo ter sido iniciada, inclusive, anos antes. Assim, enquanto propostas, visam levantar a questão da representatividade na língua e propor ideias. Em Reis (2018), podemos observar que, principalmente, a proposta -x não é um consenso entre a parcela não binária da comunidade LGBTQIAPN+. Esse não consenso, como podemos notar nas justificativas acima, se dá justamente por uma análise metalinguística por parte dessa comunidade, a qual, a partir de seu conhecimento da Língua Portuguesa, reconhece a dificuldade de softwares que auxiliam as pessoas com deficiência em seu processo linguístico. Reconhece, a partir de seu conhecimento sociolinguístico, que, em certas parcelas da população, pessoas poderiam encontrar dificuldades de entender o uso, seja por meio da pronúncia ou de como marcar na língua, nas classes de palavras, essa possibilidade. Como último ponto, conclui que esta marca, portanto, não configura uma forma não binária.

Sugere, portanto, a troca da partícula "[...] X por E" (REIS, 2019, n. p.), proposta que reconhece ser "mais fácil para ler e entender, não é? E mais fácil de pronunciar". Ao trazer este ponto, apesar de não se valer dos termos linguísticos, Reis (2019, n. p.) demonstra um conhecimento fonético-fonológico acurado, uma vez que reconhece que o uso da vogal -/e/ é algo que já acontece na Língua Portuguesa e, portanto, seria de fácil leitura, compreensão e pronúncia por parte das pessoas brasileiras. Isso corrobora ainda mais para a realidade de que as pessoas, especificamente nesta dissertação, da comunidade não binária e LGBTQIAPN+

como um todo, possuem sim capacidade analítica e conseguem, então, pensar, em termos chomskianos (conforme vimos em Carvalho (1989)) , no que é gramatical ou agramatical em sua língua.

Dando maior embasamento para o norte das propostas de gênero, no caso, a partir do uso de *-e*, Reis (2019, n. p.) demonstra novamente a intenção de a comunidade não binária de incluir e não de segregar, aborda que, no uso da proposta que não defende, *-x*, "[...] infelizmente, pessoas com deficiência seriam excluídas só pelo uso do X". Percebemos, portanto, que, apesar das falas contrárias afirmarem que essas propostas "[...] são coisas sem sentido" (MANSANO, [s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) ou, ainda, que são propostas que configuram um "risco mortal" (L'ACADEMIE FRANÇAIS, 2017, apud MUNIZ, 2018, n. p.) para a língua, na verdade, elas se pautam em conhecimentos linguísticos, inclusive, reconhecidos e suportados pela comunidade científica, além disso, não se apresentam como um risco porque se pautam, justamente, em seu conhecimento de língua, do funcionamento de sua língua, para suas propostas⁹¹.

Dessa forma, Reis (2019, n. p.) passa a defender o uso de uma "linguagem inclusiva ao invés de uma linguagem neutra" sendo que esta, ao seu ver, "[...] pode ser difícil para algumas pessoas". Contudo, apresenta, às pessoas leitoras/estudiosas/consultoras/analistas, uma opção neutra "[...] sem fazer o uso dos sistemas de neo-linguagem (*ILE*, *ILU*, etc) e nem colocando o E, @ e X no final das palavras" (REIS, 2018, n. p.). Contudo, essa proposta é apresentada como um produto a ser comprado por um valor simbólico de R\$77,00.

Em consonância a sua visão popular integracionista, próxima do que é proposto por Paveau (2018), Reis (2019, n. p.) propõe às pessoas leitoras/estudiosas/consultoras/analistas a leitura e estudo de outras "[...] boas práticas de linguagem neutra de gênero", o que se apresenta como uma abertura e convite à discussão do assunto de maneira pensada, coletiva e integrada. É integrada porque não toma as pessoas como incapazes ou insuficientes no pensar a língua, mas as vê como partes importantes para o todo e para a qualidade de vida da comunidade não binária. Em resumo, seu texto é mais que um manual e análise, é um chamado e convite à prática dissidente popular e linguística.

É importante destacarmos também que a comunidade não binária se põe aberta ao diálogo em relação às suas propostas, inclusive, nas propostas dissidentes de gênero, contudo, reivindicam a necessidade e uso dessas formas neutras. É mais do claro a tentativa de

⁹¹ É importante salientarmos que, para a Linguística Popular, o conhecimento de linguistas populares não são importantes ou devam ser integrados à análise científica apenas se tiverem pontos de confluência com a ciência. Como já destacamos, não se trata, para essa integração, de uma visão de "verdade" ou "inverdade", mas de compreensão do funcionamento e da estruturação desses saberes populares.

apresentar as demandas da comunidade não binária como absurdas, perigosas e egoístas, de modo a reunir um exército de pessoas contrárias não apenas às propostas de neutralidade de gênero, mas, também, em relação a sua própria existência e vida. Esses discursos infundados, e que não conhecem as propostas, acabam por mostrar a própria vontade das pessoas que tentam dominar esse campo acerca da língua: não basta cercear as pessoas LGBTQIAPN+, é preciso silenciá-las e proibi-las de falar sobre sua língua. Demonstrem, portanto, um projeto ideológico que não pretende, imaginariamente, defender a língua, mas ferir e extinguir com as pessoas não binárias e as demais da comunidade LGBTQIAPN+.

Infelizmente, linguistas e suas falas têm sido utilizadas para embasar esse projeto político-ideológico de extermínio da população LGBTQIAPN+, em alguns casos, usadas de maneira a subverter seus escritos, estudos e conceitos, mas, infelizmente, também de maneira conjunta, como observamos, deixando de lado, em sua maioria, a real análise das propostas, pautando-se no que ouviram falar, em frases prontas e distantes de serem análises reais, fundamentadas e fidedignas às propostas realizadas por essa comunidade. Parece que a analogia com a pessoa bióloga acaba por se reservar apenas ao discurso purista, quando poderia ser utilizada para ir além, para a luta por igualdade e respeito na língua e pela língua.

Analisamos também o texto *Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero*, escrito por Juno. O texto foi publicado originalmente no domínio <<https://naobinario.wordpress.com/2014/11/01/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-d-e-genero/>>, contudo, foi repostado pelo *Partido Pirata* em 31 de março de 2016. Não tivemos acesso ao sítio original, pois o mesmo encontra-se, até o momento desta análise, indisponível.

Como podemos notar pelo título, o texto orienta à noção e proposta de neutralidade que não apresenta como saída neutra a marcação por meio da partícula -x. Contudo, cita outra forma que circulou de maneira mais restrita pela comunidade não binária, circulando muito pouco ou nem um pouco na mídia, como o uso da marca -* (asterisco).

O texto dissidente de Juno (2016, n. p.) já apontava para um dos pontos por nós aqui identificados: o uso da gramática normativa enquanto argumento base contrário às propostas de neutralidade - como observamos em Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020), Muniz (2018) e, em certa medida, em Teixeira (2018). Em sua experiência, relata que, desde o primeiro momento em que escreveu esse texto,

[...] o que faz um bocado de tempo, muitas pessoas reagiram de diversas formas. Uma boa parte, muito apegada à gramática, não gostou nenhum pouco da proposta porque ela realmente propõe alterações que brincam com o que hoje se considera "certo" ou a maneira "adequada" de falar. (JUNO, 2016. n. p.).

Percebemos aqui um grau de abstração metalinguístico e crítico em relação à atuação do poder discursivo e institucional da gramática normativa. A gramática normativa, em sua origem e história, foi construída para além do intuito de ensinar uma forma prestigiada de língua, mas como uma forma de dominação linguística. Atualmente, frente às propostas de *gênero neutro* - mas não somente - essa instituição continua a encontrar terreno fértil para se disseminar. Como esperado, o saber gramatical é tomado como princípio norteador para a língua escrita e para a língua falada - ainda que não passe de sonho e desejo, não significa que sua face discriminatória não se faça presente.

E é justamente sobre essa capacidade analítico-linguística que Juno se vale - não podemos saber ao certo se esta pessoa possui formação na área linguística, contudo, esta informação é irrelevante se comparada à importância que seu texto possui para a comunidade à qual pertence. É justamente importante a atitude dissidente que passa a assumir e a transpor em seu texto, toma para si, colocando-se enquanto esse *eu indelegável*, a responsabilidade de não dar continuidade à injustiça social que está representada na atual marcação de gênero binária suportada por comunidades de poder, "[...] ao propor novas formas de fazer linguagem uma pessoa estará rompendo com uma determinada norma. Nunca foi minha intenção trabalhar dentro dos limites da gramática normativa" (JUNO, 2016, n. p.).

É essa atitude linguístico-popular dissidente, em sua atividade linguística popular de pessoa falante engajada, que Juno (2016, n. p.) realiza um chamado para que as demais pessoas não sejam "[...] uma simples dobra, uma ondulação do mar dóxico, e [se] opor[em] à covardia o eu insubstituível" (GROS, 2018, p. 163), e este chamado é feito de maneira pessoal, como um convite direcionado exatamente à cada pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista de seu texto, de modo a entenderem juntas

que muitas pessoas simplesmente não querem se dar ao trabalho. Este é um caso para ser julgado entre os indivíduos. Se você não gostaria de fazer um esforço por outra pessoa, é uma questão ética entre você e o restante da sociedade. Muitas vezes na vida tomamos a decisão de não nos importarmos. Uma pessoa possui certas questões da construção da identidade dela, da forma como ela está tentando se entender, que requerem esforço da parte dos outros. Quando esta solidariedade é suprimida, resta a marginalização daquela pessoa na direção de ter de se guetificar junto com as outras que são como elas, que é o que costuma acontecer com as pessoas trans no geral, seja por não quererem lhes tratar de forma neutra ou por insistirem em dizer ele onde seria ela ou ela onde seria ele (JUNO, 2016, n. p.).

Assim, o que vemos é uma reflexão filosófica popular e prática acerca das propostas neutras, um convite a pensar e refletir, sempre de maneira conjunta, de maneira clara, usando-a sabendo o porquê e como. Portanto, usar as propostas de neutralidade se trata de uma atitude humana, solidária, mas que demanda um exercício individual, mas não individualista.

É justamente nessa inflexão que mora a necessidade moral de as propostas de *gênero neutro* serem tomadas enquanto dissidências linguísticas, não mais partindo de uma visão que extraia das pessoas sua capacidade metalinguística e que as toma como passivas ao *sistema linguístico* (SAUSSURE, 2012). Essa inflexão não se apresenta como obrigatória, é necessário, primeiro, ter consciência e, como bem descreve Juno (2016, n. p.), é preciso que essa consciência venha acompanhada de uma compreensão a partir de "[...] um exercício calmo, paciente". Dessa forma, esta moral dissidente não se trata de uma obrigação, mas uma escolha pensada, ela mora na escolha. Na visão de Juno (2019, n. p.),

a linguagem neutra é uma ferramenta para universalizar a possibilidade de superar esta questão de forma que resolva a questão, ela não é uma imposição moral. A imposição moral está nas demandas que fazemos enquanto um povo, e existe hoje a demanda para que as pessoas trans sejam respeitadas e consideradas sujeitos de sua própria liberdade, autonomia e identidade.

Juno (2016, n. p.) apresenta a linguagem neutra como um convite, antes mesmo de tomá-la enquanto algo acabado, a demanda primeira que se apresenta à pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista é a disponibilidade em tentar. Como resultado dessa disponibilidade, Juno (2016, n. p.) descreve a proposta neutra enquanto uma característica linguística do diário, do dia a dia, "[...] Ela é um conjunto curto e muito rápido de entender, basta desenvolver a prática, o costume".

Entretanto, aponta que, ao passo que aprender se torna possível quando se coloca à disposição, as chances de não mais executar se tornam significativas, em outras palavras, "[...] o processo de tentar acompanhar um certo desprezo, um certo desdém pela proposta. Nesse sentido, a grande maioria das pessoas desistem de serem tratadas de forma neutra. Assim, cria-se o conceito da "fase"" (JUNO, 2016, n. p.).

O que chama de "fase" não se trata de alinhar-se aos discursos lgbtqiapn+fóbicos, que retratam as diferentes identidades de gênero como uma "moda passageira" ou "indecisão" e "rebeldia", "[...] mas [significa] que foi insuportável tentar, e que foi mais fácil desistir. Nós constantemente desistimos daquilo que queríamos por causa das dificuldades" (JUNO, 2016, n. p.). Aqui, Juno (2016, n. p.) aborda um contexto real que vivem as pessoas que buscam por igualdade social e também linguística, uma vez que, ao final das contas, a luta pela igualdade, através da neutralidade de gênero - mas não somente - acaba se tornando uma luta solitária.

Essa solidão é fruto justamente da "[...] ordem de manter as bases do nosso mundo, assim como nós o conhecemos, exatamente como estão" (JUNO, 2016, n. p.), cujo resultado é a sensação de desconforto, "[...] um sentimento constante de alienação em relação ao gênero e

todas as suas categorias" (JUNO, 2016, n. p.). E é também por isso que é uma escolha individual e que exige um descontentamento geral.

É justamente esse maquinário presente em nossa sociedade que faz com que as pessoas nas mais diferentes posições e atividades linguísticas acabem por optar por simplesmente serem uma "dobra" (GROS, 2018, p. 163) desse maquinário - ainda que existam aquelas que, num engodo ideológico, se fazem presente na e para a manutenção dessa desigualdade sócio-linguística, visando, dessa maneira, a castração do potencial desta comunidade (JUNO, 2016. n. p.).

Ao passo que nos leva à criação de uma consciência linguístico-social de coletividade, Juno (2016, n. p.), a partir de seu relato pessoal, adverte uma característica consequente dessa tomada de decisão individual e coletiva. Para tanto, direciona suas palavras diretamente à pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista, numa argumentação intimista, em que diz tratar-se de um "processo [que] você estará decidindo se afastar de um determinado grupo de pessoas, e que estas pessoas estão extremamente isoladas devido à decisão constante da maioria de fazer isso" (JUNO, 2016, n. p.).

Este convite filosófico-reflexivo de Juno (2016, n. p.) se encerra com a indicação de que essa dificuldade, essa *fase*, se dá por se tratar de uma estratégia, de um plano "[...] como a cultura e a opressão exercida pelas elites se atravessa e molda nossa visão de mundo". O remédio e o remendo para essa luta é, para Juno (2016, n. p.), a solidariedade, "quanto mais solidariedade, maior será o poder do povo".

Outro tema abordado por Juno (2016, n. p.) são as "Peculiaridades das pessoas não-binárias". Esse tema se faz presente em seu texto, pois, além de discutir a questão linguística, essa reflexão deve ser acompanhada por outras tantas. A forma como as pessoas veem pessoas não binárias acaba resvalando na concepção confusa que observamos, por exemplo, em Teixeira (2018), ao tratar do espectro da sexualidade sempre em comparação, como quando toma a bissexualidade como interseccionalidade, sempre como uma ausência ou presença de traços e características da heterossexualidade ou homossexualidade. Essa visão que faz com que uma ou outra(s) parte(s) do espectro acabe(m) sendo utilizada(s) como ponto de partida, quando, na realidade, cada parte do espectro é um inteiro por si só.

Ademais, Juno (2016, n. p.) aponta três (3) considerações acerca da realidade das pessoas não binárias. A primeira delas diz respeito ao conceito de *passabilidade*, em que, diante da visão da sociedade, determinada pessoa passa a ser lida enquanto homem ou mulher, por exemplo, por possuir traços e características socialmente esperadas para esses papéis - o que não é uma realidade para as pessoas trans não binárias. De acordo com Juno (2016, n. p.),

não existe uma passabilidade para pessoas não-binárias. Nunca aparentam-se não-binárias porque ninguém jamais presumirá, ao olhar para como se vestem, falam, isto é, "como são" que não são "nenhum dos dois". Sempre será presumido que uma pessoa é homem ou mulher. Desta forma, é virtualmente impossível que alguém "acerte" estas marcações, exceto nas raras vezes que o fizerem não porque percebem serem pessoas não-binárias, mas porque não conseguem decidir se as encaixam como homens ou como mulheres. Dessa forma, estarão sempre à margem das soluções que indicam às pessoas que simplesmente "chutem" de acordo com como a pessoa se apresenta.

Essa discussão trazida por Juno (2016, n. p.) aparece no *Dictionnaire Littré* (2016, n. p.) ao caracterizar o *gênero neutro*. Segundo o dicionário, o *gênero neutro* é "[...] aquele que não pertence nem ao macho, nem à fêmea". A questão da passabilidade, ao passo que é uma discussão social, acaba também, sem contato inicial, apresentada pelo dicionário francês, uma vez que a binaridade instaura características que a(s) outra(s) pessoa(s) reconhece(m) como sendo *femino* ou *masculino* - tanto em gênero linguístico-gramatical, quanto na acepção social de gênero, ligada à biologia - e cria-se uma passabilidade, inclusive, para as pessoas trans homens e mulheres. Contudo, às pessoas trans não binárias, recai a comparação, a falta, a ausência do que é *masculino* e do que é *feminino*, não são vistas como pessoas com características próprias, com formas próprias e, conseqüentemente, sem formas linguísticas próprias - como o *gênero neutro*.

Nesse fio do (des)reconhecimento da pessoa não binária, Juno (2019, n. p.) apresenta outra dificuldade: não há apenas uma questão de adversidade frente à sociedade, mas há também na dianteira do reconhecimento institucional, perante às organizações sociais ligadas ao mercado de trabalho, aos estudos e tantas outras áreas da vida humana. Nomear a existência das pessoas não binárias se torna importante, portanto, para além de um reconhecimento diante das demais pessoas, mas que possam ser reconhecidas em seus próprios direitos e deveres, em geral, em sua vida cidadã:

não existe nenhum país no mundo onde pessoas não-binárias possam efetivamente, de forma regulamentada, serem reconhecidas em seus documentos. É muito mais complicado que uma pessoa não-binária consiga ser reconhecida nas burocracias do Estado, das instituições, de universidades, empregos, etc como completamente fora das opções do que como uma delas, ainda que essa posição seja contestada. Frequentemente o caso é não o de quem é expulso de uma categoria, mas o de quem não possui uma categoria (JUNO, 2016, n. p.).

Juno (2016, n. p.) aborda a questão da não binariedade como uma identidade trans - afinal, uma pessoa trans é aquela que não se identifica com o gênero/papel de gênero que lhe foi atribuído ao nascer, dessa forma, todas as identidades que divergem, inclui-se aqui, a não binariedade, se agrupam enquanto transsexualidade.

Parte dessa resistência ideológico-linguística de não reconhecimento e de se ver externa a qualquer categoria se encontra na constante obrigação de se ver reconhecida a partir

de outra pessoa - o que não acontece, por exemplo, com as pessoas trans masculinas e femininas que, ainda com todo estigma e preconceito social, acabam, ao menos, encontrando uma categoria em que são, ainda que não de maneira desejada, descritas e reconhecidas. À pessoa não binária, reserva-se a estranheza ou, ainda, o parecer de outra pessoa, ao que Juno (2016, n. p.) diz não ser "[...] satisfatório".

O terceiro empecilho enfrentado pelas pessoas trans não binárias é a caracterização das próprias não binárias para as demais pessoas. Isso acontece devido ao pensamento binário existente, segundo o qual nós, pessoas, podemos ser ou uma ou outra, ou somos homens ou somos mulheres,

de forma que "não ser", "ser nenhum dos dois", ou ser qualquer um deles de forma não-normativa (bigênera, multigênera, pangênera, etc) será algo encarado como uma invenção, uma tolice, etc, porque estas experiências são apagadas, e estão sempre na margem. É certamente mais complicado explicar a alguém que você não é nem homem, nem mulher do que explicar que você é homem ou mulher, apesar de não assim terem te designado no nascimento. (JUNO, 2016, n. p.)

Juno (2016, n. p.) nos mostra sua leitura de um mundo tomado a partir e delimitado pela existência de duas formas, mas não de nenhuma ou de não ser. Marcar a neutralidade na língua é importante, portanto, para um reconhecimento das pessoas não binárias, seja esse reconhecimento pessoal, social ou diante das instituições que organizam a vida em sociedade. É, por conseguinte, dissidência justamente porque luta pelo que é certo.

Como vimos, seu texto não possui apenas o papel importante de caracterização, mas de aproximação, de acolhimento. Isso se materializa em sua fala direta, nessa conversa entre Juno (2016) e a pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista, nesse convite amigo, pessoal e dissidente a partir da sensibilidade e proximidade. O que vemos aqui, portanto, é um chamamento por uma dissidência linguística da sensibilidade.

Reserva um trecho de seu texto para tratar de quatro (4) pontos bases para sua defesa pelo abandono da partícula -x. As mesmas explicações linguístico-sociais que encontramos em linguistas como Freitas (2017) e em Teixeira (2018) são fornecidas por Juno (2016), linguista popular dissidente: o aspecto relacionado à acessibilidade de pessoas com deficiência que necessitam de ferramentas computacionais para a realização de suas tarefas diárias; o aspecto relacionado à aprendizagem linguística e metalinguística das pessoas que têm a Língua Portuguesa como língua materna ou as que aprendem enquanto segunda língua; o aspecto fonético-fonológico do fonema /f/ não ser realizável enquanto sufixo. O último aspecto trazido por Juno (2016, n. p.) se relaciona, portanto, com a impossibilidade de alteração da língua, já que, como vimos nos pontos abordados, se tornam inviáveis.

Reconhece, portanto, que essa proposta não altera a língua falada e escrita (JUNO, 2016, n. p.).

Para esta atividade metalinguística popular de Juno (2016), foi necessário mais do que o uso diário da língua, o que nos leva, portanto, à superação do senso de que as pessoas desconhecem o funcionamento de sua língua, como vemos em Saussure (2012), e à superação de que esta é uma atividade restrita e exclusivamente de linguistas profissionais, como em Teixeira (2018).

Ao sair em defesa de formas neutras mais próximas da realidade da nossa língua, Juno (2016, n. p.) ressalta mais uma vez a abertura que a comunidade LGBTQIAPN+, como um todo, possui frente às suas propostas e lutas. Permanece, assim, distante da concepção de que se trata de uma imposição generalizada, de uma obrigação, ou, ainda, de um plano maquiavélico para o extermínio das singularidades e particularidades de outros grupos sociais. Para tanto, Juno (2016, n. p.) dispõe de dicas para que as pessoas saibam "como falar de forma neutra sem o uso do X".

A primeira dica é "Tenha calma e aprenda no processo":

não pense que você vai ler o que está descrito abaixo e pegar o jeito de uma hora para a outra. Conforme você se pegar no meio das frases, conversar com a pessoa, se você e ela se ajudarem, a linguagem neutra vai se tornando hábito. Pense nos exemplos abaixo como formas de começar e de elaborar, e construa a linguagem neutra de forma natural.

Junto com a outra pessoa, vá falando de forma neutra, se deixe corrigir sem estresse quando necessário, e aos poucos aprenderá a falar de forma neutra. É uma questão de prática (JUNO, 2016, n. p.)

Assim, seu convite para a compreensão de sua proposta de neutralidade parte da necessidade de familiaridade com a proposta - atitude necessária para a aprendizagem de qualquer língua e mudanças linguísticas.

O segundo conselho de Juno (2016, n. p.) é: "utilize generosamente termos neutros como "pessoa", "indivíduo", etc. para retirar o gênero marcado diretamente. Coloquialmente, qualquer palavra serve" - exemplificativamente: (1) *Ela partiu* > *A pessoa partiu / essa pessoa partiu*, (2) *A casa dela* > *A casa da pessoa*, (3) *Boa tarde a todas* > *Boa tarde a todas as pessoas / boa tarde a vocês / boa tarde*. A proposta de Juno (2016) acerca da neutralidade se funde à outra proposta dissidente, à de linguagem inclusiva, ou seja, sua ideia de neutralidade é que utilizemos recursos da língua já existentes, em suas palavras, trata-se de "sugerir a desgenerificação" (JUNO, 2016, n. p.). Desta maneira, nem toda proposta popular de neutralidade expõe uma saída por meio de um sufixo, conforme esperávamos; acontece de a linguagem inclusiva ser vista também como uma proposta não binária.

Aqui, vemos, portanto, a importância de linguistas profissionais tomarem os aspectos sobre a língua, conhecimento e propostas linguísticas populares não como produtos acabados ou como sendo sempre iguais. Por isso, devemos, enquanto cientistas, nos debruçar sobre essas propostas de modo a entendermos, integrarmos e explicarmos seu funcionamento, caso contrário, seremos tomadas por uma prática de análise que considera apenas aquilo que chega até nós, mas não os acontecimentos em si.

Como terceira sugestão, "Ao invés de usar um pronome, repita o nome ou suprima o pronome (melhor)". Um dos pontos de sua proposta de neutralidade é a repetição do nome de determinada pessoa ao invés de usar um pronome pessoal reto como um pronome anafórico, como no exemplo trazido: (1) *Ariel estava aqui ontem e desde então ela foi embora* > *Ariel estava aqui ontem e deste então Ariel foi embora / e desde então foi embora*. Podemos analisar este ponto proposto tomando algumas lentes. Quando observamos o princípio de economia linguística atrelado ao uso dos pronomes pessoais de maneira anafórica, talvez não seja uma saída que vá de encontro com a economia. Contudo, não geraria problemas de compreensão e interpretação, por exemplo, mantendo o intuito linguístico de se fazer entender.

Já suas propostas de supressão dos "artigos e pronomes desnecessários" permanecem ligadas ao princípio da economia, como uma não marcação de gênero nas palavras e classes que se referem às pessoas, seres a quem a identidade de gênero é fator importante e decisivo na sociedade. Para ilustrar, os seguintes exemplos: (1) *A Ariel* > *Ariel*, (2) *com a Ariel* > *com Ariel* e (3) *Ela partiu* > *Ariel partiu*. Como descrito por Juno (2016, n. p.), não se trata de uma decisão aleatória e não pensada, ao contrário, requer esforço, requer dedicação, portanto, não se trata de ser uma proposta agramatical, em seu sentido mais amplo.

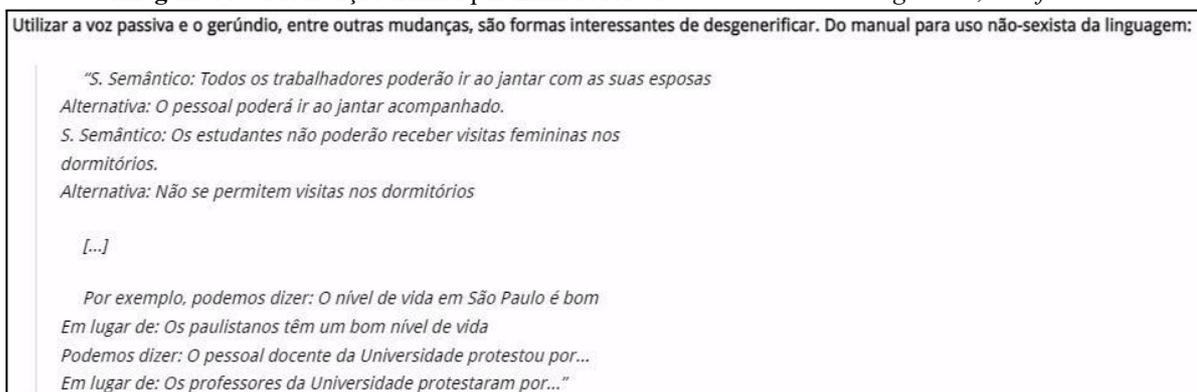
Ainda na linha de uma proposta dissidente de gênero que se funde com a proposta de neutralidade, Juno (2016, n. p.) propõe o uso da preposição *-de* para substituir aquelas que variam em gênero, *-da* e *-do*. Outra vez, vemos aqui como proposta uma dissidência linguística que não rompe apenas com formas linguísticas consolidadas, mas há uma dissidência da reciclagem e reaproveitamento da língua, uma nova utilização para partes da língua - exemplificando: (1) *da Ariel* > *de Ariel*, (2) *Essa carteira é da Ariel* > *Essa carteira é de Ariel*.

Em relação à fundamentação de sua argumentação, Juno (2016) também se vale de outros materiais para embasar sua explicação e sua proposta. Um dos materiais citados é o

*Manual para uso não sexista da linguagem*⁹². Enquanto na ciência a citação é uma forma, predominantemente, de embasamento teórico-metodológico, aqui, neste texto dissidente, sua principal função se divide em duas partes: (1) para haver um alinhamento entre as propostas e (2) para haver uma circulação de pessoas entre esses textos e materiais. Dessa forma, sua argumentação acaba por ressaltar sua proposta de união e convite ao conhecimento das propostas de maneira pensada e plural.

Apesar de chamar essa seção de "Utilizar a voz passiva e o gerúndio, entre outras mudanças, são formas interessantes de desgenerificar. Do manual para uso não-sexista da linguagem", seus exemplos cobrem apenas os casos de voz passiva - deixando, portanto, por conta da pessoa leitora/estudiosa/consultora/analista a busca por essas informações - como vemos nos exemplos trazidos por Juno (2016, n. p.) (Imagem 44).

Imagem 44 - Observação trazida por Lima sobre os *substantivos de dois gêneros, sem flexão*



Fonte: Retirada de Juno (2016, n. p.).

Sua última sugestão propõe que se *Mude a estrutura dos verbos na frase*. Para tanto, observamos quatro (4) alterações: (1) substituição do verbo flexionado em gênero no presente do indicativo pela forma passada: *Você está cansada?* > *Você se cansou?*; (2) a troca do gentílico pelo nome da cidade, estado, país de origem, como em: *Você é baiana?* > *Você é da Bahia?*; (3) o uso da palavra *pessoa* como unificadora de gênero, ou seja, como inclusiva: *Você está linda* > *Você está uma pessoa linda*; (4) mudando-se o sujeito, altera-se o verbo: *Você está registrada* > *Eu te registrei / seu registro está feito*.

⁹² O site onde o *Manual* estava hospedado foi retirado do ar - era o mesmo site em que este texto de Juno (2016) foi originalmente publicado na internet.

CONCLUSÃO

Analisando o Google Trends, observamos que a primeira aparição de interesse de busca pelo termo *gênero neutro* surgiu em 2006, em um contexto diferente do mais recente, 2020 - 2021. Como esperávamos, o primeiro cenário significativo de tendência do termo surgiu devido, principalmente, aos estudos e delimitação da Língua Portuguesa, os quais discutiam as possibilidades de gênero na língua. Além disso, haviam estudos ligados também à descrição histórica do Latim, língua que continha três formas de gênero: masculina, feminina e neutra.

Em 2006, os meses de maior tendência foram abril e maio, nos quais o termo *gênero neutro* estava ligado à categoria de busca Livros e Literatura. Através da busca dos materiais disponibilizados pelo buscador Google, chegamos a um total de vinte e dois (22) materiais, sendo seis (6) relacionados à linguística, três (3) da área da teologia, dois (2) da área de estudos de gênero, um (1) da psicanálise, um (1) da área de literatura, um (1) material da área de ciências sociais e políticas, um (1) outro ligado à área da música, um (1) outro ligado às áreas de história, geografia e antropologia, além de um (1) ligado apenas à área de Antropologia e um (1) exemplar relacionado ao direito.

Dentre os materiais analisados, percebemos que em Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006) o contexto que trazia *gênero neutro* era o de disputa entre os gêneros binários masculino e feminino, não abordava, portanto, a questão da neutralidade de gênero na língua propriamente. Em Ladraria (2005), obra ligada à teologia, encontramos uma discussão acerca da identidade de gênero de Deus, a qual, segundo sua obra, é agênera. Dessa forma, apesar de usar o gênero masculino na língua, usa a partir da concepção de que este gênero marca também uma espécie de generalização neutra de gênero - assim, quando a bíblia se vale de formas masculinas, como o pronome "Ele" para se referir a Deus, não o refere enquanto ser masculino, mas enquanto um ser não binário. Além disso, a ageneridade é apresentada como um dos fatores que faz de Deus um ser superior em relação às pessoas humanas. A mesma percepção da ageneridade divina foi explicada e trazida por Casalegno (2005).

Na obra *Noites Brancas*, de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, ao descrever a identidade de gênero de "sonhador" (personagem da obra), cria-se um sentido de que se trata de uma pessoa "esquisita", uma vez que não se pode chamá-la de homem ou mulher, mas de alguém cujo o gênero é neutro. Assim, *gênero neutro* funciona como uma descrição para alguém que não pode ser vista e encaixada pela lente binária. Há também obras onde o termo

apareceu apenas para explicitar as escolhas de tradução, como observamos na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume I*, de Freud.

Já outras, para abordar a variação e mudança do Latim à Língua Portuguesa em relação à flexão de gênero. Como vimos em Fulan (2006), o gênero neutro na Língua Latina é delimitado como não sendo masculino ou feminino, ou seja, caracteriza a neutralidade por meio da negativa, além de mostrar que existe relação entre sexo e gênero na língua. Também descreve as formas de flexão de gênero que mudaram e originaram palavras que flexionam em masculino. As palavras que flexionavam, no Latim, em masculino e feminino, mantiveram sua forma na passagem para a Língua Portuguesa. O buscador não disponibilizou o trecho da obra de Carlos Alberto Faraco, chamada *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*, onde o termo era utilizado, contudo, mostrou abordar, também, apenas a mudança linguística entre as opções de gênero na língua do Latim à Língua Portuguesa.

O mesmo pudemos observar em Fávero & Molina (2006), há uma construção histórica e descritiva do processo de mudança linguística entre as três (3) formas de flexão de gênero do Latim (masculino, feminino e neutro) para as duas (2) formas no Português (masculino e feminina). Nesta mesma proposta, o texto *Língua portuguesa, Volume 1, Exemplar 14* (sem autoria identificada) realiza a explicação em comparação à outra língua, o Italiano.

A obra de Marie-Victoire Louis realizou um levantamento dos usos de gênero que pessoas autoras em sua área promoviam. Ao todo, encontrou vinte e três (23) acepções para este termo. Em relação ao uso do composto *gênero neutro*, os cenários foram: no primeiro momento, ela aborda a relação existente entre o gênero masculino com o fato de não ser neutro, ou seja, não está isento de relações sociais e históricas; aborda, em uma nota à acepção anterior, também o uso das três possibilidades (masculina, feminina e neutra) de gênero na língua a partir do dicionário francês *Dictionnaire Littré*, sendo *gênero neutro* caracterizado como "[...] aquele que não pertence nem ao macho, nem à fêmea" (DICTIONNAIRE LITTRÉ, n. p.).

Encontramos na obra *A língua portuguesa na Revista Brasileira*, de Ana Maria Barbosa e João Luiz Lisboa Pacheco, dois usos de *gênero neutro*: o primeiro, como uma expressão linguística que marca a existência de animais, o segundo, na mesma colocação do *Dictionnaire Littré*, como uso marcador do que não é homem ou mulher.

Nos artigos *Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado*, de Carla Giovana Cabral, e *Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?*, escrito por Juliana Schwartz, Lindamir Salette Casagrande, Sonia Ana Charchut Leszczynski, Marília Gomes de

Carvalho, a questão do *gênero neutro* foi abordada a partir da crítica social entre os gêneros masculinos e femininos. Em Cabral (2005), o termo *gênero neutro* aparece enquanto um pensamento a orientar o fazer científico, de modo a reforçar a suposta objetividade da ciência, já que questões científicas estão inseridas na lógica excludente e machista da sociedade. Esse pensamento também aparece em Schwartz, Casagrande, Leszczynski e Carvalho (2006), apesar de mostrar que o fazer científico feminino é diferente na prática e a partir da percepção das pessoas binárias da ciência, por diversos motivos.

As obras de Sonia Albano Lima (2006) e de Eliana Yunes e Luiz Cavaliere Bazilio também apontam rapidamente a passagem das formas de flexão de gênero latinas para as portuguesas. Apesar de comumente a forma de flexão masculina ser entendida também como neutra, o texto de Carlota Carvalho, Adalberto Franklin e João Renôr Ferreira de Carvalho (2006) aponta que não existe a neutralidade. Já na obra *Madrugada da Modernidade*, o termo foi utilizado para descrever a vivência das pessoas artistas.

Também num caminho apenas explicativo, a obra *Jesus, Messias e vivificador do mundo* apenas menciona uma diferença linguística entre os pronomes demonstrativos *-toûto* (forma grega neutra) e *-ram* (Siríaco). Ainda num contexto religioso, a obra de Francisco Venceslau dos Santos coloca o *gênero neutro* como uma forma de referência e característica de seres divinos - ainda que, no contexto da obra, seja para referir-se às divindades de "[...] categoria inferior e pouco personalizadas" (SILVA, 2005, p. 13).

As obras *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil* (2006), *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis* (2005) e *Direitos de personalidade e sua tutela* (2005) não tiveram os trechos em que *gênero neutro* aparece, acarretando a impossibilidade de compreensão da ocorrência do trecho a partir do buscador.

Nos anos 2020 e 2021, observamos que a influência da popularidade do termo *gênero neutro* no buscador era também influenciada pelas redes sociais - vistas aqui, enquanto espaço de produção e compartilhamento de informações. Essa capacidade se expande à medida que o uso das hashtags são incorporadas nas publicações, criando, assim, um espaço de referências. Nas palavras de Paveau (2021, p. 223), a hashtag é uma "[...] associação [que] transforma o segmento numa tag clicável, inserida manualmente num tuíte, que permite acessar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a hashtag".

Analisamos as duas redes sociais cujos aplicativos foram os mais baixados no mundo em 2021 (PASSARO, 2022), o Tiktok e o Instagram. No Tiktok, encontramos uma enorme variedade de vídeos que continham a hashtag #generoneutro. Nos vídeos da plataforma, as pessoas podem curtir e comentar, além de compartilhar facilmente o conteúdo, o que torna

ainda mais fácil a divulgação de informações. Em relação às hashtags, encontramos na rede social variantes, desde uso de forma corrente em Português brasileiro, como #gêneroneutro e #generoneutro, forma corrente em Português escrito em Portugal, #géneroneutro, e, no contexto anglófono, #genderneutral.

Além dessas, encontramos formas relacionadas a uma marca de produtos de beleza e de cuidados com a pele, #neutrogena_partner e #neutrogenapartner, a qual contém nosso termo de maneira diferente "neutro" e "gena". Nosso termo também recuperou uma hashtag relacionada ao gênero musical *regaton*, #generoreguetonero. Encontrou também, no contexto educacional, #generoneutronareddação, um caso que repercutiu na mídia em 2020 e 2021, sobre a notícia falsa de que oitenta e sete mil (87.000) redações teriam sido anuladas por conta da presença do uso de marcação de *gênero neutro*. Em relação à rede social Instagram, a pesquisa mostrou a presença de três mil e vinte e duas (3.022) publicações que utilizaram a #generoneutro, duzentos e cinquenta e três (253) utilizaram a #gêneroneutro e cento e sessenta e três (163) com o uso da #géneroneutro.

Outro acontecimento ligado às propostas dissidentes foram os Projetos de Leis (PL) criados por pessoas deputadas estaduais nos anos de 2020, 2021 e 2022. Observamos que, ao passo que as propostas dissidentes de neutralidade alcançaram um volume de popularidade superior a cinquenta por cento (50%), a partir de setembro de 2020, os Projetos de Leis contrários a estas propostas também começaram a ser criados. Com essas propostas polêmicas, conseqüentemente, houve tanto movimentação popular quanto por parte da mídia em divulgar a existência desses projetos e, conseqüentemente, gerou-se o aumento do volume de buscas do termo *gênero neutro* neste período.

Analisando os Projetos de Leis, os estados que com maior número de Projetos por pessoas deputadas estaduais foram São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro, cada um com cinco (5) propostas. Além desses, o Estado do Mato Grosso, com quatro (4) propostas, seguido das Assembleias dos Estados do Pernambuco, da Paraíba, de Minas Gerais e do Distrito Federal, com três (3) propostas cada, duas (2) propostas nos Estados do Ceará, Paraná e Rio Grande do Sul. Com um (1) Projeto cada, as Assembleias dos Estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte e Rondônia - as Assembleias dos Estados do Acre, Amapá, Pará, Piauí, Roraima, Sergipe, Tocantins e Goiás não apresentaram em nossa pesquisa Projetos de Leis.

Dos partidos políticos envolvidos nesses Projetos, noventa e um por cento (91%) são de partidos com alinhamento político de direita: desseis (16) propostos pelo PSL, cinco (5) por cada um dos seguintes partidos PTB, PL e Republicanos, seguidos de quatro (4) Projetos

pelo PSC, com três (3) do PP, dois (2) por cada um dos partidos PSB e Patriota, além de um (1) Projeto por cada um dos partidos MDB, Pros e o PCdoB, partido tido como de esquerda, foi o único que apresentou um Projeto de Lei ligado à temática, contudo, versando positivamente acerca da necessidade de uso da *linguagem inclusiva de gênero* nos espaços públicos estaduais de Santa Catarina.

A partir da visualização de Interesse por sub-região do Google Trends, observamos que, no período da pesquisa, os Estados brasileiros com VBR do termo *gênero neutro* foram: Rio de Janeiro e São Paulo, ambos com VBR de cem (100), ainda na Região Sudeste, seguidos de Minas Gerais, com noventa (90), na Região Sul, o Paraná com noventa e oito (98) e quarenta e um (41) em Santa Catarina. Na Região Nordeste, a Bahia com VBR de oitenta e oito (88).

Examinamos também que os assuntos relacionados a *gênero neutro* em ascensão possuem algumas relações discursivas: a visão gramatical, com o assunto *gênero gramatical*, aparecia como o segundo assunto mais pesquisado em relação a *gênero neutro*. Uma das consequências do poder institucional da gramática se reflete em termos relacionados à questão da identidade de gênero - assunto importante e presente nas propostas populares de neutralidade de gênero - uma vez que, como pudemos notar em nossas análises, evitam abordar, ainda que o fazem, a relação existente entre o gênero na língua e a identidade de gênero, ainda que apenas relacionando a sexo.

Ainda, o conhecimento gramatical acaba por servir de base para discursos religiosos intolerantes, já que a gramática, principalmente a normativa, possui um estatuto de prestígio em relação à variante que prescreve. Notamos também que existe a presença de variação linguística em relação aos nomes de assuntos relacionados ao assunto *gênero neutro*, podendo este assunto ser também chamado de *gênero não binário*, *neutralidade de gênero* e *linguagem de gêneros gramaticais*.

Observamos que o fenômeno da variação linguística se estende também aos termos utilizados em pesquisas relacionadas ao termo *gênero neutro*. O próprio termo utilizado nesta pesquisa aparece como o mais popular, seguido do termo *pronome neutro*, nome comumente dado às propostas dissidentes devido às discussões de uso de pronomes para referenciar na língua as pessoas que não se enquadram como masculinas ou femininas. Contudo, pudemos notar que, discursivamente, alguns termos de pesquisa relacionados a *gênero neutro* iam para além da questão de gênero na língua, tratavam também da disponibilização e uso de banheiros (termo *banheiro gênero neutro*) voltados às pessoas que não são masculinas nem femininas (as quais possuem, comumente, banheiros com indicações próprias).

Em nosso primeiro nível de análise, observamos três (3) diferentes gramáticas: uma histórica, *Pontos de Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, de 1938, uma normativa, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, de 2011, e, por último, uma gramática descritiva, *A Gramática do Português revelada em textos*, de Maria Helena de Moura Neves, de 2018. A gramática histórica analisada abordou em três momentos a questão da neutralidade, contudo, como esperado, para mostrar a mudança das três formas de gênero que havia no Latim e como o processo de variação e mudança trouxe à Língua Portuguesa apenas duas das três formas - a masculina, a qual integrou as formas latinas masculina e neutra, e a forma feminina, a qual também integrou algumas formas neutras do Latim.

Além disso, Coutinho (1938) aborda também a flexão de gênero de duas categorias gramaticais, os substantivos e os adjetivos. Coutinho (1938) opta por descrições que orientam à existência da ligação do gênero na língua com a questão do sexo. Para explicar a mudança, cita duas justificativas: a primeira, provinda da confusão das pessoas que escreviam e confundiam as formas neutras e masculinas; a segunda, uma mudança fonética, ou seja, por meio da língua falada, gerou-se a mudança.

Para Coutinho (1938, p. 214), a Língua Portuguesa não exterminou formas neutras completamente e nem todas foram absorvidas pelos gêneros masculino e feminino: (1) sendo os pronomes *-tudo*, *-isto*, *-isso*, *-aquilo*, *-o*, *-al* e *-algo* tidos como formas neutras, (2) são também neutros os qualificativos latinos substantivados na forma singular, como *-útil* e *-necessário* e (3) em alguns adjetivos, como *-doce* e *-honroso*.

Ao caracterizar o gênero, Coutinho (1938, p. 215) mostra a correlação existente entre o gênero na língua e sexo (o que poderíamos, atualmente, considerar também as identidades de gênero). Assim, o gênero seria uma "[...] propriedade que tem o nome de indicar o sexo [...]". Contudo, Coutinho (1938, p. 215) reitera a posição que tenta esquivar do gênero na língua qualquer relação com sexo, para isso, cita Darmesteter (1927, apud COUTINHO, 1938, p. 215)

[...] de quadros em que a língua distribui a totalidade de seus substantivos, deixando-se guiar mais ou menos obscuramente por analogias exteriores, terminações, sufixos, e algumas razões vagas e contraditórias. Em limitados números de casos, para o nomes de pessoas e algumas vezes de animais, o gênero é determinado pela idéia de sexo, e isso mesmo com desprezo da etimologia.

Enquanto a gramática histórica observou o gênero na língua nas classes gramaticais dos substantivos e adjetivos, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* abordou o gênero na língua também na classe dos artigos. Lima (2011) também apresentou sua visão de gênero

desconsiderando qualquer ligação com a questão do sexo, também utilizando o recurso discursivo de citação direta, a partir da obra *Gramática castellana*, de Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña (apud LIMA, 2011, p. 115), em que o "gênero é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante".

Assim com observamos na gramática histórica de Coutinho (1938), Lima (2011) acaba mostrando, ainda que dispense mais energia para o contrário, na classe dos substantivos, a relação do gênero na língua com o sexo, ao que reconhece a existência de "substantivos que apresentam um só gênero gramatical para designar pessoas de um e outro sexo" (LIMA, 2011, p. 116). Lima (2011, p. 117) também conclui que o gênero de um substantivo será determinado não em si, mas por meio do gênero do artigo que o precede e na terminação do determinativo (adjetivos, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos, artigos, numerais e locuções equivalentes) que se conectam ao substantivo.

Notamos também em Lima (2011), na sequência que objetiva evitar relacionar o gênero na língua com sexo, uma preferência por ver substantivos que mudam de gênero a partir do uso. Historicamente, gramáticas normativas tendem a desconsiderar a variação e mudança, contudo, no caso de Lima (2011), optou-se por essa descrição a ligar esses substantivos de dois gêneros com sexo.

Já *A Gramática do Português revelada em textos*, de Maria Helena de Moura Neves, de 2018, inicia sua classificação de gênero a partir de sua explicação acerca do que é um morfema, partes que

[...] indicam número, indicam gênero, indicam tempo etc. Os morfemas de flexão (número, gênero, tempo etc.), que em português são sempre colocados no final da palavra, recebem o nome de desinências: -s é de desinência de plural (de algumas classes), -a é desinência de feminino (de algumas palavras), -rá é desinência de tempo e modo (futuro do indicativo), etc" (NEVES, 2018, p. 60).

Assim, considera apenas a forma feminina, -a, como marcadora de gênero, por conseguinte, a forma masculina acaba sendo inferida como uma forma inicial de certas palavras - o que se difere das escolhas efetuadas por Coutinho (1938) e Lima (2011), por exemplo.

Neves (2018) se inscreve também na linha argumentativa que retira da língua qualquer conexão com o sexo biológico. Na página 63 de sua gramática, apresenta uma tabela (a qual reproduzimos nesta dissertação na página 133) que apresenta o gênero enquanto uma unidade puramente morfológica, quase como uma operação matemática, em que se retira uma parte e soma-se outra para obter um resultado (palavra) diferente.

Ainda que se trate de uma gramática descritiva com apreço por uma descrição que junta a tradição gramatical e a descrição linguística, Neves (2018), assim como observamos em Coutinho (1938), considera certos fatores externos à língua como influentes em sua configuração e formação, como a variação linguística, mas apaga qualquer ligação entre o gênero na língua com o sexo e/ou identidade de gênero. Embora utilize exemplos que consideram o gênero da pessoa para a situação enunciativa, Neves (2011) evita essa referência, como podemos notar no exemplo "levantou-se meia tonta, e caminhou até a sala de estar, a tempo de ver Eduardo sendo arrastado, enquanto outros chegavam às pressas com seringas preparadas" (VDM-R, apud NEVES, 2018, p. 351).

Assim como as demais gramáticas, há um momento em que Neves (2011) reconhece a ligação entre o gênero gramatical e sexo, ao trazer o texto Macho e Fêmea, de Murilo Mendes (1970, apud NEVES, 2018, p. 1197). Na visão de Neves (2018, p. 1197),

esse texto brinca com a oposição entre masculino e feminino. Embora nem todos os substantivos da série sejam do tipo animado (pessoas ou animais), o poema traz o título "Macho & fêmea", fazendo, pois, uma correspondência entre sexo e gênero: correspondência de macho (sexo) com masculino (gênero gramatical) e de fêmea (sexo) com feminino (gênero gramatical). Sabemos que, para falar de indivíduos sexuados, de fato a linguagem faz essa correspondência, mas, mesmo não se referindo, na sua maioria, a indivíduos sexuados, os substantivos têm gênero gramatical. Em português os gêneros são dois: masculino ou feminino.

Contudo, ainda que fale dessa relação, além de ligar o gênero gramatical apenas com a visão de sexo, opta por reforçar a diferenciação de gênero na língua e sexo (por extensão, identidade de gênero).

Em nosso segundo nível de análise, contamos com duas formas científicas diferentes de olharmos para o gênero linguístico. Em Carvalho (1989), há a proposta de abandono da visão de gênero na língua que parta de uma concepção (1) semântico-sexual, como fazem, em sua visão, as gramáticas, bem como o abandono da visão (2) puramente morfológica. Em suma, propõe que o gênero na língua seja estabelecido nas relações sintagmáticas, como uma "[...] categoria sintático-semântica que se associa ao valor substantivo do sintagma nominal e do nome[...]" (CARVALHO, 1989, p. 55). Assim, ao passo que a relação sintagmática define o gênero, cada uma das partes do sintagma tem seu gênero definido automaticamente (CARVALHO, 1989, p. 89).

Menciona a relação do gênero na língua com o sexo biológico (também sem mencionar a questão atual das identidades de gênero), a partir do que chama de "valor semântico substantivo MACHO/FÊMEA" (CARVALHO, 1989, p. 61). Carvalho (1989) também mantém-se filiado à concepção de que o gênero é uma questão puramente linguística. Essa visão é reforçada, por exemplo, quando propõe o teste negativo - coloca-se um

determinante ou artigo antes de um nome e, a partir da intuição da pessoa falante, chega-se à forma mais aceita e, conseqüentemente, tida como gramatical (prototípica).

O segundo artigo científico analisado, chamado *Masculino e feminino? A categoria gramatical de gênero e a teoria do valor*, foi publicado em 2011, por Jane Ramos da Silveira. Este artigo parte diretamente de uma visão saussuriana de língua - a partir da concepção de valor (SAUSSURE, 2012). Silveira (2011) mostra também sua visão de gênero na língua enquanto uma propriedade da própria língua, indicando, portanto, como uma característica interna da língua, de seu sistema, significando de "classe" ou "tipo".

Assim, na visão de Silveira (2011), a partir da teoria do valor (SAUSSURE, 2012), o gênero masculino seria aquilo que o gênero feminino não é, parte-se, assim, da relação de negatividade, interna ao próprio sistema linguístico. Conseqüentemente, seria correto afirmar que a visão de Silveira (2011) de gênero parte duma concepção totalmente estruturalista.

Ao passo que as gramáticas e os artigos científicos selecionados abordaram aspectos já consolidados e anteriores às propostas dissidentes de neutralidade, os textos dos níveis três (3), quatro (4) e cinco (5) abordaram especificamente a questão dissidente. As gramáticas histórica e normativa datam de antes do surgimento das propostas de *gênero neutro* das pessoas não binárias da comunidade LGBTQIAPN+ - a gramática descritiva escolhida, apesar de ter sido publicada em 2018, considerou textos anteriores às propostas populares, por isso também configurou uma análise que mostrou e descreveu a forma atual da visão binária de gênero na língua.

Apesar disso, foram importantes para compreendermos como diferentes gramáticas, com diferentes objetivos e metodologia, acabam ainda seguindo formas parecidas e extinguindo da categoria gramatical de gênero qualquer relação com sexo (biológico) - ainda que a explicitação dessa relação ocorra.

Os artigos científicos selecionados, por sua vez, também não tratam das propostas populares, isso porque, até o momento da busca de textos para o corpus desta dissertação, não encontramos, em revistas de classificação A1, artigos sobre a temática. Isso nos revela que existe uma tendência na linguística, enquanto ciência, em tratar aspectos populares e de grupos marginalizados, como a comunidade LGBTQIAPN+, de maneira tardia - isso não implica que todas as áreas da linguística sejam assim ou que não haja estudos voltados ao tratamento dos aspectos linguísticos desses grupos. Mas revela que ainda há uma diferença temporal entre o surgimento do fenômeno ligado à comunidade LGBTQIAPN+ e a descrição linguística desses acontecimentos no meio científico. Contudo, os artigos de divulgação

científica se mostram mais sincronizados aos acontecimentos populares - ainda que de maneira excludente e numa visão estruturalista.

Freitas (2017), primeiro artigo de divulgação científico analisado, ao tratar da questão das propostas de neutralidade, apresenta um contexto histórico-social sobre propostas em outros países, como a Suécia e os Estados Unidos da América. Faz esse apanhado contextual de modo a embasar sua visão e o conhecimento que divulga em contexto brasileiro. Ao seu ver, as propostas dissidentes são mais facilmente aceitas quando são simples em relação à forma, não exigindo, portanto, novas organizações ou propostas elaboradas na língua, assim, consequentemente, serão facilmente incorporadas pelas pessoas em seus diversos usos.

Para Freitas (2017) as propostas dissidentes em Língua Portuguesa seriam mais "custosas" porque o gênero parte da flexão morfológica, processo que atinge os artigos, substantivos e adjetivos, por exemplo. Freitas (2017) comenta três (3) propostas dissidentes: a que propõe o uso de -@, outra que propõe o uso de -x e o uso de -e. Em relação às duas primeiras, ela as apresenta como "espinhosas" devido à dificuldade de realização fonético-fonológica. Outro empecilho abordado por ela seria a dificuldade que pessoas com deficiência, que contam com ferramentas computacionais para a realização de tarefas, poderiam enfrentar.

Em relação à terceira proposta, conclui que, apesar de realizável do ponto de vista fonético-fonológico, seria inviável do ponto de vista sintagmático - uma vez que todos os componentes de um sintagma que variam gênero teriam de se adaptar com o final -e. Outra justificativa para a impossibilidade dessas formas é, de acordo com Freitas (2017, n. p.), o próprio processo de mudança linguística, "as alterações mais profundas de suas características estruturais se dão de acordo com as transformações histórico-sociais, por meio de um processo longo e contínuo".

O segundo texto de divulgação científica foi escrito por Teixeira (2018), chamado *A Linguística e o gênero neutro*. De modo a contextualizar seu texto, Teixeira (2018, n. p.) apresenta definições sobre gênero biológico, gênero social, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Contudo, apesar do esforço em diferenciar, suas escolhas acabam por retornar à ideia que toma o sexo biológico como central e delimitador a estas outras questões, já que, segundo ele, existem "três parâmetros pelos quais o ser humano percorre na construção de seu sexo: a definição de sexo, a definição de orientação sexual e a de identidade de gênero." (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Assim, todos os conceitos coexistem ainda e para a construção de sexo.

Ainda que observamos em Freitas (2017) um texto de divulgação científica que se coloca também como um gênero textual dissidente, o texto de Teixeira (2018) se apresenta ainda pautado na hierarquia científica, tanto em sua linguagem, pouco acessível, bem como em relação a sua extensão, por ser um texto relativamente longo, e sua posição discursiva. Essas características acabam sendo partes de artigos científicos, por exemplo, os quais possuem como objetivo principal a circulação entre pares, contudo, Teixeira (2019) traz essa configuração para seu texto de divulgação científica. Também, Teixeira (2018) acaba por reforçar a hierarquia científica que afasta as pessoas da ciência ao colocar como papel único e exclusivo de linguistas profissionais o tratamento de aspectos e descrições linguísticas, sendo, portanto, "tarefas primais do linguista" (TEIXEIRA, 2018, n. p.) - aproximando-se da concepção de língua estruturalista, a qual também se faz atual.

Enquanto Freitas (2017) não apresenta uma argumentação que orienta sua oposição ou de, necessariamente, apreciação às propostas dissidentes de gênero e à falta de representatividade na língua, Teixeira (2018) se coloca clara e totalmente contra essas propostas ao dizer que partem de uma "aparente falta de representatividade na língua[...]" (TEIXEIRA, 2018, n. p.). Ademais, caracteriza as propostas dissidentes como um desconhecimento "[d]o funcionamento dos gêneros sob o ponto de vista interno da linguagem" (TEIXEIRA, 2018, n. p.) - retomando, discursivamente, a concepção saussuriana de que as pessoas, "[...] em larga medida, não têm consciência das leis da língua" (SAUSSURE, 2012, p. 113).

Teixeira (2018, n. p.) se diferencia de Freitas (2017) também em sua concepção de que as mudanças sociais não interferem nas mudanças linguísticas, "a própria língua oferece diferentes ferramentas para que se possa concluir que mudanças linguísticas não acompanham mudanças sociais a ponto de serem por elas determinadas". Contudo, essa observação faz crer que a língua varia apenas quando seu próprio sistema e funcionamento permite e, ainda, quando quer, quase como se tivesse vida própria, como se não variasse e mudasse por meio do uso que as pessoas fazem de sua língua.

Próxima à leitura de Freitas (2017), Teixeira (2018) coloca as propostas dissidentes -@ e -x tanto como impronunciáveis quanto impossíveis de serem absorvidas pela escrita. Teixeira (2018) coloca a proposta -e como uma impossibilidade, uma vez que

diacronicamente os comportamentos fonético, morfológico e sintático dos NPs (Noun Phrases) desde o Latim Vulgar, passando pelo Português Arcaico, até o Português Moderno, obtemos explicações sobre por que, para o sistema linguístico, tal alternativa não se mostra verdadeiramente eficaz (TEIXEIRA, 2017, n. p.).

Seu texto, portanto, se constrói em consonância à ideia saussuriana de língua - à parte da sociedade, cujo funcionamento é interno e sistêmico. Além disso, filia-se também à hierarquia dos saberes, colocando as propostas populares como um "erro". Ao seu ver,

o erro principal cometido pelos que defendem uma língua mais inclusiva como pauta social não são as soluções gramaticalmente ineficazes ou por vezes absurdas; seu maior erro é, de saída, cometer um básico equívoco lógico conhecido como Falácia do Espantalho, no qual um lado A defende um argumento X, enquanto um lado B, por sua vez, decide atacar um argumento fictício Y (que não foi dado por A) (TEIXEIRA, 2018, n. p.).

No quarto nível, analisamos o texto de Vivian Mansano, o qual foi repostado no *Médium* de Flávia Mello. O texto de Mansano ([s.d] apud Mello, 2020, n. p.) se utiliza, assim como em Teixeira (2018), de ofensas à capacidade das pessoas em pensarem e repensarem sua língua, afirma não ter a intenção de ser "homofóbica, transfóbica, gordofóbica, nãobinariofóbica", contudo, é justamente o que acaba tornando seu texto: discriminatório.

Assim como a argumentação no texto de Teixeira (2018), Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) utiliza o argumento de autoridade para dizer que possui competência para falar sobre a língua, uma vez que é "professora de português". Essa estratégia é utilizada justamente para silenciar as pessoas que propõem formas dissidentes e para evitar e coagir pessoas que discordam de sua posição de se manifestarem. Para Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.), o gênero "é definido pelo artigo que acompanha a palavra", o que orienta à visão que toma as propostas populares como desnecessárias.

Uma das propostas dissidentes que Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) aborda em seu texto é aquela que propõe a forma neutra *-e*, a qual, ao seu ver, não teria razão de existir já que existem substantivos terminados em *-e* que não variam em gênero por meio da flexão. Além da forma *-e*, Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.) critica também as formas *-@* e *-x*, já que, se as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ desejam propostas neutras, precisam "criar um artigo neutro, não encher um texto de X, @ e E".

O texto de Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.), sobre a dificuldade e impossibilidade de reformulação da língua em relação ao gênero, orienta para a mesma conclusão apresentada por Teixeira (2018): a de que demandaria uma mudança em "[...] um idioma inteiro para combater um "preconceito"". Assim como Teixeira (2018) apresentou as propostas dissidentes como "erros" e "absurdas", além de "ingenu[as], senão desonest[as]" (TEIXEIRA, 2018, n. p.), Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.), ao colocar a palavra preconceito entre aspas, ressalta sua visão de que não existiria, na língua e, por conseguinte, na sociedade qualquer discriminação.

O segundo texto do quarto nível de análise foi escrito por Andressa Muniz, sob o título *Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino*, cujo subtítulo é *De acordo com a linguística, substituir masculino e feminino por um gênero neutro não funciona*. Como observamos, esse texto parte tanto do princípio gramatical de gênero quanto de certas ideias linguísticas para afirmar que, "na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino" (MUNIZ, 2018, n. p.). Assim, as formas dissidentes que são alvo de críticas de Muniz (2018, n. p.) são -x e -@, lidas como "tentativa de eliminar preconceitos [que] se reflete também em uma tentativa de mudar a língua portuguesa".

Sua argumentação também encontra-se próxima da concepção estruturalista saussuriana de língua ao definir as propostas de neutralidade enquanto propostas que não "[...] funciona[m] na língua portuguesa". Somado a isso, utiliza da explicação da mudança que se deu do Latim à Língua Portuguesa de modo a argumentar contrariamente às propostas populares, visando colocá-las enquanto impossibilidades, já que a história da língua impossibilitaria tais propostas - ou seja, a própria língua não permitiria qualquer proposta.

Visando mostrar que seu texto possui base científica e, conseqüentemente, deveria ser tomado como verdadeiro e certo, traz citações e informações de textos de linguistas como Joaquim Mattoso Câmara Jr.. Cita este autor para mostrar que não seriam importantes e necessárias as propostas dissidentes, já que o gênero masculino "na verdade é um gênero neutro, não há prevalência do masculino nos discursos" (MUNIZ, 2018, n. p.). Outro nome importante da linguística apresentado por Muniz (2018, n. p.) é Sírio Possenti, o qual conclui que, na Língua Portuguesa, a única forma de gênero seria a feminina - ainda que, ao trazer um hiperlink do texto original de Possenti, o endereço eletrônico não encontra qualquer resultado ou site.

Muniz (2018) se aproxima da forma argumentativa que observamos nos dois textos do terceiro nível ao apresentar outras propostas de neutralidade. Nos apresenta o movimento social *Écriture Inclusive*, no contexto francês. Contudo, de modo a orientar e corroborar com sua visão sobre a Língua Portuguesa, Muniz (2018) cita uma nota da *L'Académie française*. Nesta nota, a *L'Académie française* se apresenta contrária ao movimento dissidente francês *Écriture Inclusive*, argumentando que "[...] a língua francesa está agora em perigo mortal". Contudo, Muniz (2018) apresenta argumentação de maneira tendenciosa ao trazer e citar linguistas que, supostamente, concordariam com sua visão, mas ocultando que por trás do movimento francês existem linguistas profissionais fornecendo suporte linguístico-teórico para o movimento dissidente.

Em nosso último nível de análise, observamos o texto da pessoa linguista popular dissidente Maira Reis, chamado *Carrefour Comete o Erro Clássico ao Tentar Usar a Linguagem Neutra de Gênero*. A pessoa linguista popular Maira Reis, que ocupa também uma posição de militante na/da língua, apresenta sua proposta de "erro" com base no uso de -x, uma vez que essa partícula "não é acessível para as plataformas de leituras para pessoas com deficiência; "X" não é didático e de fácil compreensão, seja para leitura e/ou fala; "X" não é pronunciável; "X" não altera a linguagem para não-binária" (REIS, 2019, n. p.).

Além de mostrar a presente e real preocupação da comunidade LGBTQIAPN+ em considerar diversas questões sociais tocadas por suas propostas, conforme destacamos anteriormente, Reis (2019, n. p.) nos mostra que, apesar da exigência dissidente por formas mais neutras na língua, as propostas dissidentes não se apresentam como uma imposição, mas se configuram e se apresentam como uma "[...] sugestão de boas práticas". Em outras palavras, ao propor essas formas como sugestões, Reis (2018, n. p.) apresenta a verdadeira intenção das pessoas não binárias com suas propostas: a de mostrar que, ao usar a(s) proposta(s) neutra(s), parte-se de uma decisão pautada na escolha individual pela manutenção do respeito. Assim, ao passo que se luta e visa formas mais inclusivas, as pessoas não binárias permanecem abertas à discussão das possibilidades de inclusão, abertas a procurar formas na língua para representarem sua existência.

O texto de Reis (2018) comprova que pessoas, linguistas populares, militantes da língua possuem competência e conhecimento de sua língua para, portanto, dela falar e confeccionar suas propostas igualitárias e inclusivas. Além disso, nos mostrou que a comunidade não binária, enquanto linguistas populares dissidentes, possuem conhecimentos alinhados aos preceitos, conhecimentos e descrições linguísticas por parte da ciência. Quebrando, mais uma vez, com a concepção, infelizmente, como encontramos em Teixeira (2018), de que as pessoas não teriam capacidade para descrever e abordar sua língua.

Reis (2019) nos mostra que as propostas dissidentes de gênero podem ser postas em prática por todas as pessoas, desde que postas em prática diariamente. Vemos a desmistificação que pessoas contrárias a essas propostas criam sobre a necessidade de rever todo o funcionamento da língua, como foi apresentada por Freitas (2017), Teixeira (2018), Muniz (2018) e Mansano ([s.d.] apud MELLO, 2020, n. p.).

Em resumo, a estratégia dissidente de Reis (2019) é apresentada com a incorporação e uso de formas já presentes em nossa língua, a partir do uso de "palavras que abrangem o coletivo" (REIS, 2019, n. p.) - como no exemplo trazido em seu texto: "Precisa-se de pessoas que se formaram em medicina" ao invés de "Precisa-se de médicos", por exemplo. Outra

proposta que Reis (2019) reconhece e indica é o uso de *-e*, justamente por ser também uma forma prevista na língua e que seria de fácil aplicação e uso - forma que se difere da visão de Freitas(2017), Teixeira (2017) e Mansano ([s.d] apud MELLO, 2020, n. p.). Aqui, vemos uma mescla da ideia cerne da neutralidade de gênero com a proposta de linguagem inclusiva. Esta mescla, por sua vez, nos mostra que ambas as propostas podem e caminham lado a lado, ambas em busca de uma língua que também materialize as múltiplas identidades.

O segundo texto dissidente aqui analisado foi *Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero*, escrito por Juno e repostado pelo blog *Partido Pirata*, em 2016. Logo no início do texto, por meio do título, Juno (2016) se coloca enquanto pessoa militante na língua, enquanto linguista popular dissidente, como uma pessoa contrária à proposta inicial de uso da partícula *-x*. Além disso, expande as propostas e mostra que houve, mais internamente à comunidade não binária, outra proposta dissidente, o uso de *-**.

Mostrando-se como uma pessoa detentora de saberes metalinguísticos, mas também de forma crítica acerca da língua, Juno (2016, n. p.) nos mostra sua capacidade crítica em relação ao poder discursivo e institucional que a gramática (normativa) possui no meio social ao escrever

[...] o que faz um bocado de tempo, muitas pessoas reagiram de diversas formas. Uma boa parte, muito apegada à gramática, não gostou nenhum pouco da proposta porque ela realmente propõe alterações que brincam com o que hoje se considera "certo" ou a maneira "adequada" de falar. (JUNO, 2016. n. p.).

Assim como observamos em Reis (2019), em Juno (2016), vemos também a disponibilização de um convite consciente, individual e pensado para que as demais pessoas utilizem a *linguagem neutra* de modo a comprometer o maquinário cis e heteronormativo que se impõe diante da sociedade também no gênero na língua - ou seja, Juno (2016) nos apresenta seu texto-convite para uma dissidência linguística. Não se trata, assim, duma imposição em relação às formas, é uma escolha que cada pessoa pode fazer - de acordo com as palavras de Juno (2016, n. p.)

a linguagem neutra é uma ferramenta para universalizar a possibilidade de superar esta questão de forma que resolva a questão, ela não é uma imposição moral. A imposição moral está nas demandas que fazemos enquanto um povo, e existe hoje a demanda para que as pessoas trans sejam respeitadas e consideradas sujeitos de sua própria liberdade, autonomia e identidade.

Para Juno (2016), a inexistência de uma forma gramatical de *gênero neutro* encontra-se relacionada a três outras peculiaridades das pessoas não binárias:

(a) a inexistência da passabilidade, ou seja, uma pessoa não binária não é lida pela sociedade enquanto não binária, não possui traços lidos como não binárias - como os traços existentes do que se caracteriza socialmente um homem ou mulher;

(b) não existe apenas um não reconhecimento por parte da sociedade, há também adversidade frente ao reconhecimento institucional, como o mercado de trabalho, a academia e outras instituições sociais, impactando diretamente a vida cidadã dessas pessoas, como, por exemplo, a identificação de gênero não binário em documentos como a Carteira de Identidade (RG);

(c) torna-se difícil também a tarefa de caracterizar-se enquanto uma pessoa não binária, as pessoas não conseguem conceber uma forma "não ser", "ser nenhum dos dois", ou ser qualquer um deles de forma não-normativa (bigênera, multigênera, pangênera, etc) (JUNO, 2016, n. p.). Infelizmente, a leitura que as pessoas irão efetuar, nessa tentativa de delimitação de si a elas, é de que se trata de "[...] uma invenção, uma tolice, etc [...]" (JUNO, 2016, n. p.). Dessa forma, a delimitação linguística de *gênero neutro* se apresenta como importante para o reconhecimento das pessoas não binárias tanto pessoal quanto socialmente, além de um reconhecimento social diante das instituições presentes em nossas vidas. É por isso que é dissidente, porque luta pelo que é certo e bom, porque luta contra a injustiça de forma consciente e sem promover injustiças sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAGOAS. **Projeto de Lei Ordinário nº 448, de 2020**. Dispõe acerca da garantia do direito dos estudantes do Estado de Alagoas, da rede pública e privada, ao ensino da Língua Portuguesa em conformidade com a norma culta, vedação às instituições de ensino e bancas examinadoras de seleções e concursos públicos a utilização em currículos escolares e editais, da denominada "Linguagem Neutra", em contrariedade às regras gramaticais vigentes. Alagoas: Assembléia Legislativa do Estado de Alagoas, 2020. Disponível em: <https://sapl.al.al.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2020/6728/protocolo_20201215_124533.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

ALBURY, Nathan John. **How folk linguistic methods can support critical sociolinguistics**. *Lingua*. Vol. 199, 2017, p. 36-49, ISSN 0024-3841, Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lingua.2017.07.008>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina: curso único e completo**. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. **A pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)**. 2 a. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

ARNOULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin Nikoláievitch. (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Ana Maria; PACHECO, João Luiz Lisboa. **A língua portuguesa na Revista Brasileira**. Brasil: Academia Brasileira de Letras, 2005.

BARONAS, Roberto; CONTI, Tamires. **Notas sobre a Possibilidade de um Trabalho no Carrefour Epistemológico entre a Linguística Popular e os Estudos do Discurso**. *Fórum Linguístico*. Vol. 16, Nº 04, 2019, p. 4285-4294.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37a. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BÍBLIA, Mateus. *IN: BÍBLIA.. Português. Bíblia Online*. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/12/31>>. Data de acesso: 24 fev. 2022.

BLASFÊMIA. In: Dicionário Google. 2022. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=bl%C3%A1sfemia&oq=bl%C3%A1sfemia&aqs=chrome..69i57j3800j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 24 fev. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. União Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais. **Apresentação.** Brasília, 2021. Disponível em: <<https://unale.org.br/apresentacao/>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.114, de 2021.** Esta lei veda expressamente o ensino da linguagem neutra em todas as instituições de ensino públicas e privadas de todo território nacional e aplica multa às instituições privadas que violarem a norma. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0mi9bxn4d2rh3cxdid6zppm0h4510606.node0?codteor=2036542&filename=Avulso+-PL+2114/2021>. Acesso em: 19 fev. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Estatísticas Eleitorais.** Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>>. Acesso em: 21 de mar. de 2022.

CABRAL, Carla Giovana. **Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 27, p. 63–97, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644759>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1970a.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1970b.

_____. Problemas de lingüística descritiva. 10a. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1981.

_____. História e estrutura da língua portuguesa. 4a. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CANABARRO, Ronaldo. 2013. **História e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania.** In.: Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional (2013) – ISSN 2318-6208,

CANDIOTTO, Cesar. **Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault.** Kriterion, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, p. 203-217, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100012>.

CAPES. **Áreas de Avaliação.** In: Sobre as áreas de avaliação. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoese-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 04 de maio de 2022.

- CARDOSO, Zelia de Almeida. **Iniciação ao latim**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CARVALHO, Nildemir Ferreira de. **A natureza do gênero em português**. ALFA: Revista de Linguística, v. 33, 1989. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107650>>.
- CASALEGNO, Alberto. **Ler os atos dos apóstolos: estudo da teologia lucana da missão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 13.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Estudos Feministas, 10 (1): 171-188. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- DE LIMA, Danielle Belarmino.; SIMÕES FELIPETO, Sonia Cristina. **A contribuição de Ferdinand de Saussure para a compreensão e análise de dados em aquisição da linguagem escrita**. Revista Odisseia, [S. l.], n. 10, p. p. 35 – 44, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10665>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- DEUTSCHER, Guy. **The Unfolding of Language**. London: Random House, 2005.
- DICIONÁRIO INFORMAL. **Início. 2022.** Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>, Acesso em: 16 fev. 2022.
- GENRE.** In: *DICTIONNAIRE LITTRÉ*. França, 2022. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/genre>>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- DISSIDÊNCIA.** In: Dicionário inFormal. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/dissid%C3%Aancia/>>. Acesso em: 04 dez. 2021.
- DISSIDÊNCIA.** In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021a. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Dissid%C3%Aancia&oldid=54946612>>. Acesso em: 04 dez. 2021.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Noites brancas**. Brasil: Editora 34, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FÁVERO, Leonor Lopese; MOLINA, Márcia Antonia Guedes. **As Concepções Linguísticas no Século XIX: A Gramática no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**. Vol. 1: La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Brasil, Editora Vozes, 2006.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Criatividade e gramática*. São Paulo: SE/CENP, 1991.

FREITAS, Monique Amaral de. **Brasileirxs e brasileiros: um ponto de vista da linguística sobre gênero neutro**. *Cientistas Feministas*, 10 de out. 2017. Disponível em: <<https://cientistasfeministas.wordpress.com/2017/10/10/brasileirxs-e-brasileiros-um-ponto-de-vista-da-linguistica-sobre-genero-neutro/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

FRY, Peter. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

GENRE. In: Dictionnaire Littré. Paris, 2021. Disponível em: <<https://www.littre.org/definition/genre>>. Data de acesso: 02 mar. 2022.

GOOGLE TRENDS. **Lesson 4: Understanding the data. How to interpret Trends results**. 2021. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/gweb-news-initiative-training.appspot.com/upload/GO802_NewsInitiativeLessons_Fundamentals-L04-GoogleTrends_1saYVCP.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GOMES, Robert Moura Sena. **A língua pela qual se fala e da qual se fala: uma análise de alguns sentidos de língua em postagens do LinkedIn**. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 2, p. 1-21, 1 maio 2022.

GORDON, Ann D.; BUHLE, Marie Jo.; DYE, Nancy Schrom. **The Problem of Women's History**. In CAROLL, Berenice (Ed.). *Liberating Women's History*. Urbana III., 1976

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

JUNO. **Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero.** Disponível em <<https://partidopirata.org/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero-por-juno/>>. Acesso em: 02 de abr. de 2021.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?** Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

LABOV, William. "**Qu'est-ce qu'un fait linguistique?**". Trad. Coletiva. In: Marges linguistiques, 1, 2001 [1975], p. 25-68. Disponível em www.revue-texto.net.

LADARIA, Luis Francisco. **O Deus verdadeiro.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. (1994). **Manual de morfologia do português.** Campinas: Pontes/UFJF.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 49a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOBO, Reinaldo. **Qual o seu sexo?. Ide (São Paulo),** São Paulo , v. 39, n. 63, p. 125-134, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2021.

LOUIS, Marie-Victoire. **Diga-me: o que significa gênero?** Trad. Nina Madson. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 3, p. 711-724, set.dez. 2006

LUFT, Celso Pedro. (1979). **Moderna gramática brasileira.** 3a. ed. Porto Alegre: Globo.

MACAMBIRA, José Rebouças. (1978). **A estrutura morfo-sintático do português: aplicação do estruturalismo lingüístico.** 3a. ed. São Paulo: Pioneira.

MALZONI, Cláudio Vianney. (2005). **Jesus, Messias e vivificador do mundo: Jo 4,1-42 na antiga tradição siríaca.** França: J. Gabalda.

MANSANO, Vivian. **Refutando o Pronome Neutro.** In: Médium de Flávia Mello. 15 de set. de 2020. Disponível em: <<https://flaviamsf.medium.com/refutando-o-pronome-neutro-adeb5d9732ab>>. Data de acesso: 02 de abr. de 2021.

MAZIÈRE, Francine. **O enunciado definidor: discurso e sintaxe.** In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) História e sentido na linguagem. Campinas: Pontes, 1989, p.47-59.

MELO, Gladistone Chaves de. (1980). **Gramática fundamental da língua portuguesa.** 3a. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A.

MILITÂNCIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/militancia/>>. Acesso em: 14/01/2021.

MOTT, Luiz. **A construção da cidadania homossexual no Brasil.** Revista Espaço Aberto. Democracia Viva, n. 25, p. 98–103, jan./fev. 2005. Disponível em:<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/ibasenet_0.pdf> . Acesso em: 3 abr. 2021.

MUNIZ, Andressa. **Elx, el@s, todxs? Na língua portuguesa, sem gênero neutro: apenas masculino e feminino: De acordo com a linguística, substituir masculino e feminino por um gênero neutro não funciona.** In: *Gazeta do Povo*, 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/elx-els-todxs-na-lingua-portuguesa-sem-genero-neutro-apenas-masculino-e-feminino-bm8jcy7i87jfe7geodpop4cbg/>>. Acesso em 02 de jan. de 2018.

MURILLO, Carla Victoria Jara. **Lingüística Popular: El Español De Costa Rica Según Los Ticos Y Algunos Centroamericanos Residentes En El País.** *Revista Internacional De Lingüística Iberoamericana* 6, no. 1 (11) (2008): 55-99. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41678324>>. Acesso em: 30 de abr. 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem.** São Paulo: Unesp, 2005. 278p.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática do Português revelada em textos.** São Paulo: Unesp, 2018.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. **O DICIONÁRIO INFORMAL E A RELAÇÃO DO FALANTE COM A LÍNGUA.** *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 1, n. 37, p. 262–272, 2014. DOI: 10.18309/anp.v1i37.784. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/784>. Acesso em: 4 dez. 2021.

PASSARO, Juliano. **Tiktok campeão: Veja os 10 apps mais baixados no mundo em 2021.** *IstoÉ Dinheiro*, 2022. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/tiktok-campeao-veja-os-10-apps-mais-baixados-no-mundo-em-2021/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PASSOS, J. A., VASCONCELLOS-SILVA, P. R., SANTOS, L. A. S. **Ciclos de atenção a dietas da moda e tendências de busca na internet pelo google trends.** *Cienc Saude Colet.* 2020; 25(7):2615-31. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/CsZrHQXHHzRGTMgYx8xKSpp/?lang=pt>>. Data de acesso: 19 fev. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Les normes perceptives de la linguistique populaire.** *Langage et société*, vol. 119, no. 1, 2007, pp. 93-109. Disponível em: <<https://www.cairn.info/journal-langage-et-societe-2007-1-page-93.htm#:~:text=une%20appr%20des%20faits%20langagiers,un%20troisi%C3%A8me%20terme%20%3A%20la%20perception.>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PAVEAU, Marie-Anne.; ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. **Não linguistas fazem linguística? uma abordagem antieliminativa das ideias populares.** *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias*, v. 3, n. 2, p. 21-45, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118328>>. Acesso em: 30 set. 2020.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas.** Campinas: Pontes, 2021.

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística.** In: FIORIN, José Luis (org.). **Introdução à linguística. I. Objetos teóricos.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PIOVEZANI, Carlos. **A voz do povo: uma longa história de discriminações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Platão, 428 ou 7-348 ou 7 A.C. **Defesa de Sócrates**/Platão. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates; Apologia de Sócrates/Xenofonte. As nuvens / Aristófanes; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Jaime Bruna, Libero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. — 4. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1987.

PRESTON, Dennis Richard. **The uses of folk linguistics**. *International Journal of Applied Linguistics*, 3(2), 1993, 181–259. doi:10.1111/j.1473-4192.1993.tb00049.x.

PRESTON, Dennis Richard. **Content-oriented discourse analysis and folk linguistics**. *Language Sciences*, 16(2), 1994, 285–331. doi:10.1016/0388-0001(94)90004-3.

PRIMO, Alex Fernando Teirxeira.; RECUERO, Raquel da da Cunha. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia**. *Revista FAMECOS*, v. 10, n. 22, p. 54-65, 12 abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3235>. Data de acesso: 04 dez. 2021.

REIS, Maira. **Carrefour Comete o Erro Clássico ao Tentar Usar a Linguagem Neutra de Gênero**. *In*: Maira Reis, 29 de out. de 2019.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Marlon Leal. (2004). **Flexão nominal: Problemas de gênero e grau, algumas considerações**. *Ave Palavra (UNEMAT)*, 52-70. Disponível em: <<https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/03/artigos/RODRIGUES.pdf>>. Data de acesso: 20 fev. 2022.

SANTOS, Francisco Vanceslau dos. **Sobre mulheres e suas representações**. Brasil: Editora Caetés., 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, V. E. dos; PIRES, L. V. .; ROCHA, V. de S. . **Search trend on nutrition during the COVID-19 pandemic in Brazil: Google trends results**. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 12, p. e507101220763, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i12.20763. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20763>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. **Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção**, 2013. Tese (Doutorado). – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17088>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVEIRA, Jane Ramos. **Masculino e feminino? A categoria gramatical de gênero e a teoria do valor**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 52, n. 1, p. 45–54, 2011. DOI: 10.20396/cel.v52i1.8637200. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637200>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012

SÃO PAULO. **Projeto de Lei nº 531, de 2021**. Veda à administração pública direta e indireta de qualquer dos poderes do estado de São Paulo, e também autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista, suas subsidiárias, e sociedades controladas, direta ou indiretamente, pelo poder público, o uso da chamada "linguagem neutra" em quaisquer comunicações oficiais ou extraoficiais, internas ou externas. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 2021a. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000382522&tipo=1&ano=2021>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SCOTT, Joan. "**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**". In: Revista de educação e Realidade, n. 2;v. 15. Porto Alegre (5-22), 1990.

SCHWARTZ, Juliana. **Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 27, p. 255–278, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644775>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001.

TEIXEIRA, Guilherme. **A Linguística e o gênero neutro no Português**. Medium de Guilherme Teixeira, 05 de abril de 2018. Disponível em: <<https://medium.com/linguistica/a-lingu%C3%ADstica-e-o-g%C3%AAnero-neutro-no-portugu%C3%AAs-2bbf9004b6c>>. Data de acesso: 02 abr. 2021

TERRA, Ernani. **Minidicionário da Língua Portuguesa Ernani Terra**. São Paulo: Rideel, 2011.

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Trad. José Geraldo Couto. 1.ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2012.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Estatísticas Eleitorais**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

WIKIPÉDIA. **Predefinição: Página principal/Apresentação**. 2021b. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Predefini%C3%A7%C3%A3o:P%C3%A1gina_principal/Apresent%C3%A7%C3%A3o#:~:text=A%20Wikip%C3%A9dia%20%C3%A9%20um%20projeto,todos%20possam%20editar%20e%20melhorar>. Data de acesso: 16 de fev. de 2022.

ANEXOS

ANEXO A - RESULTADO DA BUSCA DE MATERIAIS NA WEB SOBRE "GÊNERO NEUTRO"

Google "gênero neutro"

Todas Notícias Imagens Vídeos Livros Mais Ferramentas A Web Qualquer visualização

Qualquer documento 1 de jan. de 2005 – 31 de dez. de 2006 Limpar

books.google.com.br > books

Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos

Viviane Maria Heberle · 2006 · Visualização de trechos

Mais edições

books.google.com.br > books

Deus vivo e verdadeiro (O) - Página 365

2005

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 365

gênero neutro. Os Padres deram a esse fato grande importância, porque esse neutro elimina o perigo do sabelianismo, ou do patripassianismo (uma só coisa, mas não uma só pessoa). Mas essa unidade é das pessoas, e mani- festa-se sobretudo ...

Visualizar

books.google.com.br > books

Ler os Atos dos Apóstolos - Página 316

Alberto Casalegno · 2005

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 316

A frase de Paulo "o que adorais sem conhecer", referida a Deus e dirigida aos filósofos, no grego, está no **gênero neutro** e não no masculino, indicando genericamente a divindade, não um Deus pessoal. 48. J. DUPONT, O discurso diante do ...

Visualizar

books.google.com.br > books

Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas ...

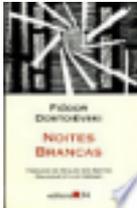
SIGMUND FREUD · 2006

ENCONTRADO NO TEXTO

A única maneira de decidir com exatidão a forma por extenso correspondente depende do fato de que os termos mais longos pertencem ao **gênero neutro**, ao passo que os mais curtos são femininos. Em geral, há um artigo ou adjetivo

que ...

Visualizar



books.google.com.br › books

Noites brancas - Página 85

Dostoiévski, Fiódor, Fiodor Mikhailovitch Dostoievski · 2005

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 85

Atentemos , por exemplo , para o narrador aí empregado : um sujeito que define a si mesmo como " um tipo " , " uma criatura de **gênero neutro** " , " um sonhador " . Esse narrador , que emerge das sombras do Romantismo , com seu discurso ...

https://www.google.com.br/search?q=gênero+neutro&num=100&hl=pt-BR&biw=1536&bih=754&tbs=cdr%3A1%2Ccd_min%3A2005%2Ccd_ma... 1/4

22/02/2022 22:54 "gênero neutro" - Pesquisa Google

gramática no Brasil

Leonor Lopes Fávero, Márcia Antonia Guedes Molina · 2006 ·

Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 182

Observamos que , para abordar o **gênero neutro** , diferentemente da maioria de seus contemporâneos que tomavam como modelo apenas o latim e o grego , o autor recorre também a uma língua moderna , o inglês . Quanto à discussão do gênero ...

Mais edições

books.google.com.br › books

Língua portuguesa - Volume 1, Edição 14 - Página

112 2005 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 112

O exemplo de quercus , lembraO italiano confetti já é plural de o **gênero neutro** , nosso idioma o trata como do por Leite de Vasconcelos (Lições de confetto ; o latinismo curriculum , neu- do gênero masculino .

Mais edições

books.google.com.br › books

Sociedade e estado: revista semestral do Departamento de ...

2006 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 726

O gênero masculino , o gênero feminino , o **gênero neutro** , aquele que não pertence nem ao macho , nem à fêmea . [...] . * Gênero comum , diz - se algumas vezes do gênero de palavras que possuem uma mesma terminação para o masculino e ...

Mais edições

books.google.com.br › books

Linguística histórica: uma introdução ao estudo da

Nenhuma imagem disponível

Visualizar Mais edições

books.google.com.br › books

Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa - Página 323

Oswaldo Antônio Furlan · 2006 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 323

Já os nomes de **gênero neutro** assumiram em geral o gênero masculino : cabo < caput ; corno < cornu , nome < nomen . O fato de que , nas formas de **gênero neutro** , a do nominativo se repete no acusativo e no vocativo e de que a desinência ...

books.google.com.br › books

As concepções lingüísticas no século XIX: a

Carlos Alberto Faraco · 2005 · Não há visualização

https://www.google.com.br/search?q="gênero+neutro"&num=100&hl=pt-BR&biw=1536&bih=754&tbs=cdr%3A1%2Ccd_min%3A2005%2Ccd_ma... 2/4
22/02/2022 22:54 "gênero neutro" - Pesquisa Google



A língua portuguesa na Revista Brasileira - Volume 1 - Página 691

Academia Brasileira de Letras · 2005 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 691

... não só porque o nelliro é o gênero gramatical que mais se emprega substantivamente , senão também porque , antes de tais vocábulos , se pode subentender a palavra animal , que , no idioma do Lácio , pertence para o **gênero neutro** .

Mais edições

books.google.com.br > books

Cadernos PAGU. - Edição 27 - Página 69

2006 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 69

Um mito para Keller , essa associação parte da idéia , presente dentro e fora dos círculos científicos , de que a ciência é de **gênero neutro** . Sete anos depois , o tema é retomado numa reunião de ensaios , em que Gender and Science ...

Mais edições



books.google.com.br > books

Faculdade de Música Carlos Gomes: retrospectiva acadêmica

Sonia Albano de Lima, Faculdade de Música Carlos Gomes · 2005 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 190

O autor cita como exemplo a suspensão no latim da distinção entre nominativo e acusativo no **gênero neutro** . Assim , o masculino nominativo servus se distingue do acusativo servum e o feminino nominativo rosa do acusativo rosam , mas o ...

Mais edições



books.google.com.br > books

A chaga da corrupção - Página 66

2005 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 66



15), quando deveria estar no **gênero neutro**, pois este é o de probata (ovelhas). Para esses autores, todos (pantas) no v. 15 está relacionado a ovelhas (probata) e bois (boas), sendo que as ovelhas, neste versículo ...



books.google.com.br › books

O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil - Página 85

Carlota Carvalho · 2006 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 85

O português não tem declinação de substantivos e adjetivos, não possui advérbios numerativos, participípios do futuro, **gênero neutro** e terminações correspondentes. O português tem regras de concordância peculiares e a construção é tão ...

Mais edições

https://www.google.com.br/search?q="gênero+neutro"&num=100&hl=pt-BR&biw=1536&bih=754&tbs=cdr%3A1%2Ccd_min%3A2005%2Ccd_ma... 3/4
22/02/2022 22:54 "gênero neutro" - Pesquisa Google

Mais edições

books.google.com.br › books

Jesus, Messias e vivificador do mundo: Jo 4,1-42 na antiga ...

Cláudio Vianney Malzoni · 2005 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO – PÁGINA 299

... esta oração apresenta as seguintes características: a) o tipo de abstração que o grego faz utilizando o pronome demonstrativo no **gênero neutro** (TOÛTO, isto), o siríaco faz usando a forma do feminino (ram, lit).

Nenhuma imagem disponível

books.google.com.br › books

Sobre mulheres e suas representações - Página

13 2005 · Visualização de trechos

Brasil
books.google.com.br › books

Madrugada

2006 · Visualização de trechos

ENCONTRADO NO TEXTO

A necessidade de espaços para a visibilidade e comercialização de obras de arte era atendida pela ação de alguns comerciantes que abriam seus estabelecimentos aos artistas. Assim é que, aquela que **gênero neutro** ...

books.google.com.br › books

Quinhentos anos de história lingüística do Brasil

Suzana Alice Cardoso, Jacyra Mota, Rosa Virgínia Mattos e Silva · 2006 · Visualização de trechos

Mais edições

books.google.com.br › books

[Toda feita: o corpo e o gênero das travestis](#) Marcos

Renato Benedetti · 2005 · Visualização de trechos

books.google.com.br › books

[Direitos de personalidade e sua tutela](#)

Elimar Szaniawski · 2005 · Não há visualização

[Mais edições](#)